

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino
Disciplina: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
Professora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

ADILSON PIRES
ANA PAULA BUDDE
KARINE SCHMIDT

RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

São José
Dezembro, 2011

ADILSON PIRES
ANA PAULA BUDDE
KARINE SCMIDT

RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

Relatório final do Estágio de Docência apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I do 9º período do curso de Licenciatura em Letras/Português sob a orientação da Professora Dra. Maria Izabel de Bortoli Hentz.

São José
Dezembro, 2011

SUMÁRIO

1	Introdução	1
2	A docência no Ensino Fundamental	3
2.1	A escola	3
2.2	Aulas observadas: Estagiário Adilson Pires	6
2.3	Análise crítica das aulas observadas: Estagiário Adilson Pires	9
2.4	Aulas observadas: Estagiária Ana Paula Budde	11
2.5	Análise crítica das aulas observadas: Estagiária Ana Paula Budde	15
2.6	Aulas observadas: Estagiária Karine Schmidt	18
2.7	Análise crítica das aulas observadas: Estagiária Karine Schmidt.....	22
2.8	Anexos	29
3	Projeto de docência: Interpretando a Mídia Impressa	39
3.1	Problematização	39
3.2	Justificativa	39
3.3	Objetivos	41
3.3.1	Objetivo geral	41
3.3.2	Objetivos específicos	41
3.4	Fundamentação teórica	42
3.5	Metodologia	47
3.6	Síntese dos planos de aula.....	48
3.7	Conteúdos trabalhados	48
3.8	Recursos materiais	49
3.9	Recursos bibliográficos	49
3.10	Avaliação	50
3.11	Planos de aula	52
4	Reflexão sobre a prática pedagógica.....	117
5	A docência no Projeto Extraclasse.....	127
5.1	Projeto I: Curso pré-vestibular Solidário.....	127
5.1.1	Problematização	127
5.2.2	Escolha do tema	127
5.1.3	Fundamentação teórica	128
5.1.4	Avaliação	133
5.1.5	Objetivo geral	134

5.1.6	Objetivos específicos	134
5.1.7	Conhecimentos trabalhados	135
5.1.8	Recursos necessários	135
5.1.9	Metodologia	136
5.1.10	Desenvolvimento das aulas	137
5.1.11	Reflexão sobre a prática pedagógica	188
5.2	Projeto II: Novo Acordo Ortográfico.....	194
5.2.1	Problematização	194
5.2.2	Escolha do tema	195
5.2.3	Justificativa	195
5.2.4	Fundamentação teórica	196
5.2.5	Objetivo	197
5.2.6	Conhecimentos trabalhados	197
5.2.7	Metodologia	197
5.2.8	Recursos necessários	198
5.2.9	Referências	198
5.2.10	Anexos	199
5.2.11	Reflexão sobre a prática pedagógica	212
6	Anexos gerais.....	213
7	Referências	216

1 INTRODUÇÃO

Nesse relatório iremos apresentar todo o desenvolvimento da disciplina de Estágio Supervisionado I, realizada no C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade. O Estágio Supervisionado faz parte do conjunto de disciplinas que compõem o currículo do curso de licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa. Essa disciplina tem grande importância para a formação dos futuros docentes, pois possibilita aos mesmos um primeiro contato com “o mundo escolar”, aproximando-os do dia-a-dia da escola, além de proporcionar a possibilidade de se colocar em prática o conhecimento adquirido em nossa graduação. Essa é uma ótima oportunidade para se vivenciar o funcionamento de uma escola, como são estabelecidas as relações professor/aluno, aluno/aluno, quais os recursos utilizados pelos professores, quais os métodos de avaliação, etc.

O processo, como será mostrado posteriormente, começou com uma visita à escola, para que pudéssemos conhecer os alunos, os funcionários, os professores e os coordenadores. Após esse encontro iniciou-se o período de observação, para que, a partir disso, pudéssemos construir o nosso projeto de docência. Findado esse período, optamos por realizar um projeto que contemplasse alguns gêneros da mídia impressa. Não abordamos todos os gêneros porque não haveria tempo hábil para tal, sendo assim, optamos pelos mais comuns como a notícia, a reportagem, a carta do leitor, a entrevista e a crônica. Consideramos que os demais gêneros que integram esse tipo de mídia lhes seriam apresentados no tempo oportuno tendo em vista tratar-se de uma turma de 6ª série do ensino fundamental.

Os planos de aula que deram conta desse projeto foram construídos levando-se em consideração as observações feitas pelos componentes do grupo em sala de aula. Valendo-se dessas observações, promovemos diversas atividades orais, dentre elas, uma mesa redonda em que foram convidadas duas especialistas nas áreas de educação física e nutrição respectivamente. Todos os trabalhos desenvolvidos, inclusive a mesa redonda, tinham como base a “Saúde e a Qualidade de Vida”, dois eixos temáticos propostos pela escola para o desenvolvimento das atividades do ensino fundamental ao longo do semestre. As aulas previstas em todos os planos foram ministradas sem percalços, pois adequamos os nossos planos ou dias de aula, de acordo com as necessidades da escola. Apresentamos aos alunos os gêneros já citados, de diversas maneiras, ou seja, tentamos fazer com que as aulas transcorressem de forma mais

dinâmica possível. Deixamos bem claro aos alunos, todas as características que compõem cada gênero, não deixando de lado os aspectos linguísticos inerentes a cada um deles. Participamos de todas as atividades que ocorreram na escola durante o período de estágio. Dentre essas atividades podemos destacar os conselhos de classe e os encontros para a formação continuada dos docentes. Além dessas atividades, concomitantes com a experiência de docência em sala de aula, desenvolvemos dois projetos extraclasse que também fazem parte da disciplina de estágio supervisionado.

O primeiro projeto foi desenvolvido pelas estagiárias Karine Schmidt, Ana Paula Budde e Lucia Izabel Telexa Rediss (de outro grupo), no *Curso pré-vestibular Solidário*, realizado no Centro Comunitário do Bairro Areias, em São José. Considerando a necessidade de propor novas metodologias para o ensino de Língua Portuguesa nos cursinhos pré-vestibulares - cujos professores, muitas vezes, utilizam “macetes” para que seus alunos memorizem as regras da gramática normativa –, optamos por promover uma reflexão e a análise linguística condizente com as reais necessidades dos alunos quanto a esse concurso e quanto ao uso da sua língua em diferentes situações. Referente às aulas de Literatura, tentamos proporcionar aos alunos aulas focadas na relação entre autor da obra, escolas literárias a que a obra se vincula, o gênero, o tema da obra e a estrutura narrativa.

O segundo projeto cujo tema foi *O Novo Acordo Ortográfico* foi desenvolvido pelo estagiário Adilson Pires e Stefany Miguel Bueno (de outro grupo). Nele, apresentamos as mudanças propostas pelos países lusófonos que têm a intenção de unificar a ortografia da língua portuguesa. Esse projeto foi baseado em um minicurso oferecido a todos os alunos do C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade, e ocorreu em um dia em que os professores participaram de um Encontro de Formação Continuada da EJA e, também em um sábado, para a comunidade circundante. Considerando o número de participantes (alunos/convidados) nas duas edições do minicurso, bem como, o envolvimento desses com as atividades, avaliamos como positivo o desenvolvimento desse projeto.

O estágio de docência nos mostrou a realidade escolar, o que é ser um professor e as dificuldades encontradas por este profissional no seu cotidiano. Vimos durante esse período, muitos alunos que realmente se esforçam para aprender, no entanto, também pudemos observar que muitos jovens não valorizam o precioso tempo em que estão dentro da sala de aula. Talvez isso esteja relacionado à imaturidade de alguns.

Esperamos que esse quadro mude, e estaremos sempre lutando para atingir a todos de modo que sintam prazer em estar dentro de uma sala de aula.

2 A DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

2.1 A escola

Para a execução desse projeto, escolhemos dentre outras instituições o Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (CEMIA), conhecido como Barreirão, Localizado no bairro Ipiranga, município de São José em SC. De acordo com Freire¹, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Por isso, faremos algumas reflexões sobre a instituição e sobre a prática de ensino de língua portuguesa, baseadas nos conhecimentos que adquirimos ao longo do curso.

O CEMIA foi inaugurado no dia 22 de Março de 2002. Esta unidade escolar atualmente conta com 72 turmas do ensino fundamental ao médio (destas, oito na modalidade de Educação de Jovens e Adultos), alocadas em 26 salas de aula. Aparentemente a estrutura física é boa. Além das salas de aula (bem ventiladas e iluminadas com as carteiras dispostas de maneira tradicional), a instituição conta com um ginásio de esportes, uma quadra polivalente, uma sala de informática, uma biblioteca, uma ampla área de recreação e um auditório muito bem equipado. Atividades extraclasse² também são oferecidas aos alunos, sendo esse um ponto importante da proposta pedagógica do CEMIA, pois a preocupação com a formação dos alunos como alunos, mas também como indivíduos é um dos pontos fortes da escola e está expressa em seu Projeto Político-Pedagógico³: “o ser humano que queremos em nossa Escola precisa ser atuante e consciente de seus deveres e direitos; autônomo, com posição crítica frente às desigualdades e injustiças”.

Segundo informações obtidas em reunião com o diretor geral, mesmo contando com tantos equipamentos pedagógicos, ainda faltam muitos ajustes a serem feitos, uma vez que os prédios escolares são pensados/concebidos “apenas” por engenheiros, ou seja, os aspectos relacionados às funções (ensino/aprendizagem) que são desempenhadas no prédio ficam em segundo plano.

¹ (FREIRE, 1996, p.39)

² Aulas de dança, de capoeira, judô, oficinas de teatro, prática de esportes coletivos, coral e fanfarra.

³ (PPP CEMIA, 2010, p. 9)

A arquitetura e a ocupação do espaço físico não são neutras. Desde a forma da construção até a localização dos espaços, tudo é delimitado formalmente, segundo princípios racionais, que expressam uma expectativa de comportamento dos seus usuários. Nesse sentido, a arquitetura escolar interfere na forma da circulação das pessoas, na definição das funções para cada local. Salas, corredores, cantina, pátio, sala dos professores, cada um destes locais tem uma função definida *a priori*. O espaço arquitetônico da escola expressa uma determinada concepção educativa.⁴

Preocupada com a melhoria das instalações e dos equipamentos pedagógicos, a administração traça a cada ano um plano de metas que tem se mostrado bastante eficiente. Para a resolução de problemas que estão ao alcance da equipe de gestão, a escola conta com recursos provenientes do PDDE⁵, do aluguel de seu ginásio de esportes, das contribuições espontâneas da APP e também de algumas festas.

Percebemos durante reunião com o diretor da escola que o mesmo tem uma visão moderna de ensino e aprendizagem e que está comprometido com os resultados desse processo. Um dos reflexos desse envolvimento com a educação é o fato de a escola ter um IDEB⁶ acima da média nacional. Vimos seu entusiasmo quando tratávamos de questões que envolviam o projeto pedagógico da escola e a edição dos cadernos I e II da *Série Pedagógica*.

Nessa instituição são oferecidos durante o período diurno, além do ensino regular, atividades extraclasse que envolvem os alunos e a comunidade circundante. Como podemos perceber, há uma grande movimentação na escola que visa, sobretudo, a formação geral do indivíduo.

Também não podemos deixar de citar neste relatório a preocupação com a formação continuada da equipe técnica e dos professores dessa escola. Para tal, além da assessoria pedagógica que o professor recebe regularmente, são organizados encontros mensais que contam com especialistas de diversas áreas da educação. Tivemos a oportunidade de participar de um desses encontros em que foram tratadas questões que envolvem a EJA e a multiculturalidade principalmente a cultura africana e suas contribuições para a cultura do povo brasileiro. Todo o empenho demonstrado pelos professores, pela equipe de gestão e de apoio pedagógico visa atingir o principal objetivo do PPP da escola que é “refletir, propor e executar uma educação que promova o domínio pleno do conhecimento, a capacidade de reflexão, favorecendo o

⁴ (DAYRELL, 2007)

⁵ Programa Dinheiro Direto na Escola do governo federal.

⁶ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

desenvolvimento de todos os educandos na escola”.

Quanto aos conteúdos de ensino, pela observação realizada nesta escola, os mesmos são organizados em torno de eixos temáticos. Para o segundo semestre de 2011, a escola adotou um livro didático para a EJA⁷ no qual os conteúdos específicos de todas as disciplinas estão articulados em dois grandes eixos, “*a preservação do meio ambiente*” e “*saúde e qualidade de vida*”. Desta forma os estudos são orientados conforme o que prevêem os PCNs e o PPP (2010) da escola que

Contempla a aprendizagem significativa dos conteúdos, sendo uma **oportunidade do educando analisar o mundo e suas implicações**. Para isso é necessário que o conteúdo dos diálogos seja extraído da realidade para a aprendizagem, conduzindo os educandos e educadores ao caminho do auto-conhecimento e desenvolvimento integral.⁸

O estágio de observação foi realizado em uma turma de 6ª série do ensino fundamental na modalidade EJA composta por 22 alunos. Os encontros ocorreram sempre nas terças e sextas feiras. Por se tratar de uma turma que estuda no período noturno não há uma uniformidade na idade dos alunos que varia de 16 anos a aproximadamente 35 anos, assim como em outras esferas da vida, uma vez que há, dentre eles, mães solteiras, mulheres casadas e jovens trabalhadores. Para favorecer os alunos trabalhadores, a escola optou por organizar os horários de modo que eles pudessem chegar a tempo para o início da primeira aula que começa às 18h50min. Durante as 10 aulas que pudemos observar, a média de alunos faltantes a cada dia chegava próximo a 40% (principalmente nas sextas-feiras) o que é um indicador não muito favorável para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o tempo para se concluir cada série é muito reduzido.

A grande maioria da turma, em relação ao estudo da língua portuguesa, mostra-se apática em alguns momentos e em outros participam efetivamente. Essa participação efetiva se deu justamente nos momentos em que havia uma maior interação oral entre a turma e a professora.

⁷Educação de Jovens e Adultos.

⁸ (PPP, 2010, grifos nossos)

2.2 Aulas observadas – Estagiário: Adilson Pires

Aula 1

16/08/2011 - das 19h29min às 20h08min

A professora, utilizando-se do quadro negro, fez uma exposição acerca dos significados dos vocábulos mal e mau, bem como de suas grafias, considerando as regras ortográficas vigentes. Alguns alunos participaram efetivamente dessa exposição, mas a maior parte da turma se manteve apática. Muitos estavam alheios à aula e desses alguns escutavam músicas no *head fone*. Por diversas vezes a professora chamou a atenção e, apesar de os mesmos demonstrarem certo respeito pela professora, e de não a retrucarem, também não a obedeciam continuando alheios à aula.

Após a primeira explanação, ela propôs que os alunos resolvessem os exercícios que seriam passados no quadro. Tratava-se de exercícios de preenchimento de lacunas usando os vocábulos em questão. Após a resolução desses exercícios, houve a correção e percebemos que muitos haviam completado a tarefa e, ao que parece, o objetivo desta aula havia sido alcançado.

Nesse primeiro dia de observação, pudemos perceber através das atitudes da professora o quanto ela é dedicada à sua tarefa. Ela responde a todos com muita paciência e faz atendimentos individuais com muita frequência, enfim, mantém um ótimo relacionamento com a turma. Percebemos também que na turma há uma aluna com necessidades especiais e que por lei deveria ser acompanhada por um especialista, o que nesse caso não ocorre, provocando prejuízos em seu processo de aprendizagem.

Nesta turma também há uma aluna que não é alfabetizada, esta se limita a copiar o que é escrito e nada mais. Questionamos a professora acerca desses dois casos e ela nos disse que era praticamente impossível atender a estas duas alunas da maneira como deveria sem prejuízo aos demais alunos, então a aula transcorria de maneira normal como se esses problemas não existissem.

Aula 2

16/08/2011 - das 21h41min às 22h20min

Após a leitura do texto de Clarice Bean (anexo 1) pela professora, e esclarecimentos quanto a sua interpretação, a classe foi organizada em duplas para que resolvessem questões propostas em um pequeno questionário (anexo 2). Alguns se concentraram na

tarefa proposta, no entanto, outros mostravam-se muito dispersos. Ao término da aula, a professora recolheu os exercícios, que não foram concluídos por grande parte da turma.

Aula 3

16/08/2011 - das 20h11min às 21h41min

Nesta aula a professora utilizou pela primeira vez (nesse semestre) o livro didático adotado pela escola. Trata-se de um livro multidisciplinar no qual os conteúdos de todas as disciplinas são tratados de maneira articulada em dois grandes eixos, “O meio ambiente” e “Saúde e qualidade de vida”.

A professora leu o primeiro texto que vinha acompanhado de uma ilustração (de Luca Novelli) (anexo 3) que, no formato charge, tratava da ecologia. Após a leitura e um breve debate, foi proposto aos alunos que resolvessem seis questões de interpretação do texto, bem como estabelecer relações entre o texto e a figura (ilustração que mostrava questões diretamente relacionadas ao texto).

Novamente percebemos a apatia de muitos alunos. Os que se propuseram a resolver as questões não se furtavam em chamar a professora diversas vezes e ela, com a prestatividade que já havíamos observado, atendia a todos com muita atenção. Em determinado momento, alguns daqueles alunos que se demonstravam alheios à aula nos pediram auxílio e com o consentimento da professora atendemos a todos os chamados, ajudando os mesmos na resolução dos exercícios estimulando-os a formular as respostas corretas.

Apesar de o texto ser relativamente pequeno e de o questionário ser composto por apenas seis questões, ninguém conseguiu cumprir a tarefa na sua totalidade. A professora recolheu os questionários para que os alunos continuassem essa tarefa na aula seguinte.

Aulas 4 e 5

19/08/2011 - das 19h29min às 20h08min e das 21h02min às 21h41min

Essas duas aulas foram reservadas à finalização da resolução do questionário da aula anterior. A professora devolveu os questionários aos alunos, alguns se agruparam para fazer a tarefa e outros mostravam claro desinteresse pela aula.

Embora estivéssemos ali apenas para observar o desenvolvimento das aulas, novamente alguns alunos nos pediram ajuda, o que obviamente não pudemos negar. O interessante é que, justamente aqueles que pareciam apáticos à aula foram os que mais

pediram ajuda além é claro das alunas que apresentam as necessidades citadas anteriormente. Excetuando-se as algazarras e as diversas intervenções da professora, as aulas transcorreram normalmente e, ao que parece, a maioria concluiu a tarefa.

Aulas 6 e 7

23/08/2011 - das 19h29min às 20h08min e das 21h41min às 22h20min

Nesta aula alguns alunos leram o texto *O Sal da Terra* do livro didático (em voz alta) com o acompanhamento da professora. Havia muita algazarra na sala e a leitura foi interrompida por diversas vezes. Após a leitura feita pelos alunos, a professora também leu o texto explicando o uso da linguagem conotativa em diversas passagens do texto.

Concluída a leitura, a professora fez vários questionamentos orais à classe e houve muita participação dos alunos. Após o debate, a proposição de atividades de interpretação textual por meio de um pequeno questionário. Novamente foi proposto aos alunos que relacionassem a ilustração com algumas passagens do texto. Alguns versos da canção foram colocados em destaque para que a turma os interpretasse.

As aulas transcorreram normalmente e, por fim, como os alunos não haviam conseguido completar as tarefas, a professora recolheu o que eles haviam realizado para posterior devolução.

Aulas 8, 9 e 10

26/08/2011 - das 18h50min às 19h29min, das 21h02min às 21h41min e das 21h41min às 22h20min

Dez minutos após ter dado o sinal para a entrada na sala, a professora pediu para que a turma ficasse em silêncio e prestasse atenção na música *O Sal da Terra*, que seria apresentada. Como observado em outras aulas, grande parte da turma mostrava-se apática. Devido à algazarra na sala, a professora rodou a música mais uma vez e agora sim, todos prestavam atenção.

Ao término da música, a professora pediu que os alunos lessem a letra da mesma que estava no livro didático e em seguida começou a fazer a interpretação dos versos da música. Enquanto fazia isso, questionava os alunos sobre o tema e sobre a letra, alguns participaram de forma efetiva. Ao final, os alunos terminaram de responder as questões propostas acerca da música *O Sal da Terra* (anexo 4).

Durante essa atividade a professora leu um pequeno texto que deixava mais claro para os alunos o que seria o sal da terra. Como em outras aulas, os alunos nos

pediram ajuda e com o consentimento da professora novamente auxiliamos alguns deles. Após a conclusão dessa tarefa, os alunos fizeram a leitura de um poema de Augusto dos Anjos para posterior interpretação. Ao término da leitura do poema a professora fez uma explanação sobre o mesmo e logo após iniciou a resolução das questões propostas no livro didático. Mais uma vez os alunos não conseguiram cumprir a tarefa que ficou para a próxima aula.

2.3 Análise crítica das aulas observadas – Estagiário: Adilson Pires

Para muitos professores o ensino de língua portuguesa se reduz à aplicação exaustiva de nomenclaturas e normas gramaticais, no entanto o que pudemos observar foi um exercício de mudança de perspectiva, algo que consideramos muito positivo para o processo de domínio da variedade padrão e dos diferentes usos sociais da escrita. Mesmo com essa mudança, pudemos perceber que, salvo algumas exceções, há um grande desinteresse pelo aprendizado desta disciplina e que urge a necessidade de se mudar ou incrementar alguns aspectos relativos à metodologia de seu ensino.

Há que se despertar um maior interesse por parte dos alunos para com essa disciplina, trazendo para a sala de aula atividades em que haja uma maior interação oral e cobrar efetivamente a resolução de todos os exercícios propostos. Deve-se deixar bem claro para o aluno o porquê de ele estar ali, aprendendo a língua portuguesa, a sua língua. Talvez, focar mais em coisas do cotidiano de cada um, para que vejam uma utilidade prática no aprendizado da língua, ou seja, encontrar formas de efetivar o PPP da escola que destaca:

É fundamental **antever o que é significativo para os alunos**, determinar objetivos aos conteúdos e usar metodologias que os motive a assimilá-los. Para que isso ocorra, os conteúdos devem ter compromisso social e político para a vida dos alunos; pois entendemos que o “conhecimento” se caracteriza pela inter-relação dos diferentes campos do saber, que irão tornar nossos educandos reflexivos e transformadores, aptos para mudar sua própria história de vida.⁹

A professora da turma é muito dedicada e paciente, características que, na qualidade de alunos, consideramos essenciais para um bom professor. A relação dela com os alunos é bastante amigável e ela deveria valer-se disso para dar uma “guinada” em suas aulas. Sabemos que para quem está do lado de fora da situação é muito fácil falar, sabemos também que o tempo para inovações na EJA é muito curto, no entanto,

⁹ (PPP, 2010, p.15, grifos meus)

em algum momento isso vai ter que acontecer. As aulas ministradas para jovens e adultos não podem ser iguais às ministradas para o ensino regular, pois se tratam de alunos com características muito diferentes.

Trabalhar com educação de jovens e adultos pressupõe, se quisermos um trabalho que contribua com essa população, saber que o acesso ao conhecimento escolar é uma questão de direito e requer uma ação pedagógica adequada, que não seja apenas a reprodução do que é oferecido no ensino regular, como se a EJA fosse apenas condensar em menos tempo o conhecimento trabalhado no ensino fundamental.

¹⁰

As experiências de vida dos alunos devem ser aproveitadas como ponto de partida, principalmente dos com idade mais avançada que, embora ainda não dominem os conteúdos curriculares, muito tem a ensinar aos mais jovens da classe.

[...] Os conhecimentos e experiências adquiridos são expressos oralmente, e isso proporciona, em termos de ação pedagógica, uma gama de possibilidades de exploração desse universo oral, repleto de saberes [...]. Além da diversidade que as salas de EJA apresentam (seja em termos etários, gênero, origem, etnia), há uma diversidade de saberes presentes nos alunos que não deve ser deixada de lado. Se além de acreditarmos que as pessoas constroem conhecimento, acreditamos igualmente que pela interação entre as pessoas ocorre o processo de aprendizagem, temos aqui uma possibilidade a ser explorada.¹¹

Dentre os professores que atuam nessa escola nenhum deles têm formação específica para a EJA, talvez o que acabamos de expor seja, em parte, reflexo desta realidade. Aqui conseguimos perceber o quão importante é a assessoria pedagógica constante e a formação continuada dos professores (uma grande preocupação da equipe de gestão da escola).

A educação de jovens e adultos é um grande desafio a ser encarado pelo professor, que tem que dar conta de uma turma heterogênea e com as necessidades e peculiaridades que já apresentamos.

O período de observação nos proporcionou uma maior aproximação com “o mundo escolar”. Pudemos perceber *in loco* como funciona uma escola e também o processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. Conseguimos alcançar os objetivos previamente traçados e tivemos a oportunidade de manter esse primeiro contato com alunos em uma sala de aula.

¹⁰ (São Paulo, p. 12, 2008)

¹¹ (São Paulo, p.12, 2008)

Durante as observações as dificuldades enfrentadas pelo professor em seu dia a dia foram se evidenciando, bem como as dificuldades de aprendizagem da língua materna demonstrada pelos alunos. Constatamos também o empenho dos professores e da equipe de apoio pedagógico para oferecer aos alunos um ambiente harmonioso e uma educação de qualidade.

Ficamos impressionados com a organização da escola, com os eventos extraclasse oferecidos aos alunos e à comunidade e com a disposição da equipe técnica. Ali pudemos perceber que a escola pública é bem diferente do que muitos pregam. Talvez grande parte dessa diferença esteja relacionada aos profissionais que a conduzem.

2.4 Aulas observadas – Estagiária: Ana Paula Budde

Aula 1

16/08/2011 - das 19h29min às 20h08min

Antes de iniciar sua aula – referente ao emprego das palavras *mal* e *mau* –, a professora lembrou a turma de que, nas aulas anteriores, havia-se trabalhado o uso dos vocábulos *mais x mas x más*. Pela introdução, nesta aula estar-se-ia dando continuidade a um trabalho gramatical já iniciado anteriormente.

Enquanto a professora escrevia os conceitos sobre o emprego de *mal* e *mau* no quadro negro, alguns alunos copiavam a matéria, outros conversavam, e havia os que ouviam música com seus fones de ouvido. A docente, atenta a estes comportamentos, chamava a atenção dos estudantes, que não retrucavam, mas também não atendiam à solicitação da professora.

Quando a maioria dos alunos havia terminado de copiar a matéria do quadro, a professora começou sua explicação atentando para o fato de que a pronúncia dos dois vocábulos é igual, exceto em regiões onde o fonema “l” não é produzido como “u” (ou seja, não sofre o processo de vocalização). Depois, ela propôs que a turma resolvesse os exercícios transcritos no quadro negro, que consistiam no preenchimento de lacunas, empregando os termos em questão. Resolvida a atividade, a turma e a professora corrigiram os exercícios. Muitos alunos participaram, indicando que o objetivo final desta aula foi alcançado.

Durante toda a aula, pôde-se perceber a preocupação da professora em atender

os alunos que manifestavam dúvidas, assim como o respeito e carinho que a turma tem para com ela, ainda que nem sempre os estudantes atendam seus apelos pela retirada dos fones de ouvido, por exemplo. Cabe destacar que há na turma duas alunas com necessidades especiais e que, no momento, estão sem o acompanhamento pedagógico previsto em lei para elas. A professora, durante o intervalo, relatou-nos a dificuldade em atender esses casos sem que isso interfira no aprendizado do restante da turma.

Aula 2

16/08/2011 - das 21h41min às 22h20min

Nesta aula, a professora sugeriu que os alunos sentassem em dupla, pois ela entregaria um texto para que eles lessem e interpretassem-no. Organizada a turma, foi realizada uma leitura, em voz alta, pela professora, do texto “Tipo assim, Clarice Bean” (anexo 1), que se trata de uma página de diário. Após essa primeira leitura, os alunos concentraram-se em realizar a atividade de interpretação que seguia o texto (anexo 2).

Porém, antes que os alunos começassem a responder as perguntas, a professora orientou-os a respeito dos significados que as palavras carregam, ou melhor, do significado que os autores dão a elas: segundo a docente, as palavras expressam o que um jornalista, por exemplo, sente e pensa, mesmo que ele tente ser neutro.

Findada essa reflexão, a maioria dos alunos concentrou-se em fazer os exercícios propostos. Alguns, mais dispersos, ouviam música ou falavam alto. Sobre esse fato, a professora chegou a relatar-nos, no final da aula, que muitas vezes alguns desses alunos sentam-se em locais opostos da sala para conversarem com um volume alto e chamarem a atenção para si. Ela também comentou que há alunos que não se preocupam com o uso das margens, a ocupação total das folhas (ou seja, com a apresentação do texto na folha) ou mesmo com o uso das letras maiúsculas, o que para ela é um problema.

Aula 3

19/08/2011- das 18h50min às 19h29min

Esta foi a primeira aula em que se utilizou o livro didático fornecido pela escola. Esse manual contém todas as disciplinas do curso, sendo que os conteúdos de todas elas estão organizados com base em dois grandes temas: preservação ambiental e qualidade de vida. Iniciada a aula, a professora mostrou aos alunos esta característica através da leitura do sumário.

Concluída a apresentação do livro, a turma leu o artigo III do estatuto do homem, presente no livro didático (anexo 3), e observou a ilustração que o acompanhava. Essa charge, de Lucas Novelli, convida a uma reflexão referente à situação atual do planeta: há pessoas passando fome, outras sofrem com a falta de água; sem falar nos sofrimentos causados pelos problemas relativos à questão ambiental. Neste ponto do debate, a professora comentou que, em outra escola, os alunos chegaram à conclusão de que não há mais como reverter essa situação, apenas frear esse processo através da reciclagem, por exemplo.

Embora alguns alunos tenham participado da discussão, muitos pareciam apáticos. Ainda assim, falou-se sobre a questão do desmatamento, da poluição, da distribuição de renda e da fome, do trânsito e do espaço (a população cresce e, para acomodá-la, muitas vezes é necessário desmatar). Findado o debate, os estudantes responderam às questões de interpretação da sessão “Pra começo de conversa”, referentes ao texto lido e discutido. A professora, sempre solícita, atendia a todos com muita atenção, estimulando os alunos a pensarem sobre as respostas na medida em que trazia novos questionamentos ao invés de apenas responder aquilo que o livro didático trazia como resposta. Por se tratar de um exercício de interpretação textual, ela entendia que várias são as respostas possíveis e estimulava essa multiplicidade de significados que um texto pode proporcionar.

Com o consentimento da professora, também atendemos os alunos que nos chamavam, ajudando-os na formulação de suas respostas. Apesar de o texto em questão ser pequeno e de serem apenas seis perguntas, praticamente nenhum aluno conseguiu terminar a tarefa. Considerando que a professora não considera interessante que eles levem tarefas para casa por serem estudantes trabalhadores, ela recolheu as atividades para que elas fossem terminadas na aula seguinte.

Aulas 4 e 5

19/08/2011 - das 21h02min às 22h20min

Estas duas horas-aula foram destinadas à continuidade da tarefa da aula anterior. A professora, ao chegar à sala, devolveu os trabalhos dos alunos para que eles terminassem de responder às questões de interpretação relativas ao texto – Artigo III do Estatuto do Homem. Alguns estudantes se agruparam para realizar esta atividade, já outros pareciam desinteressados e causaram certo “tumulto” na sala. Nesta aula,

inclusive os alunos que se mostraram apáticos em momentos anteriores, solicitaram-nos ajuda.

Em continuidade ao exercício proposto, a professora sugeriu que os alunos voltassem ao livro didático para a leitura da música *Sal da Terra* (anexo 4), de Beto Guedes. Os alunos demonstraram claro interesse e queriam que alguém, de preferência a professora, cantasse a música. A docente, alegando pouca afinação, não atendeu ao pedido, mas descontraiu a turma com esse comentário e disse que, na próxima aula, traria a música para que todos pudessem ouvi-la. Ao conversar conosco, eu disse que poderia providenciar o CD, e a professora agradeceu-nos pelo gesto.

Findado este momento de leitura e descontração, os alunos concentraram-se na resolução das questões referentes aos versos da música, atividade que se estendeu para a próxima aula.

Aulas 6 e 7

23/08/2011 - das 19h29min às 20h08min e das 21h41min às 22h20min

Nestas aulas, os alunos continuaram a resolução dos exercícios referentes aos versos da música *Sal da Terra* (anexo 4). Como prometido, a professora providenciou o aparelho de som, e nós, o CD com algumas versões da música. Nesse momento, a professora colocou o CD como “fundo musical”, ou seja, os alunos ouviram a música enquanto respondiam ao questionário.

Embora a professora tenha trabalhado aspectos importantes referentes à linguagem conotativa e ao “eu lírico” – afirmando que, na música, não existe um narrador, apenas esse “eu lírico” – o fato de os alunos não terem acompanhado a letra juntamente com a execução da música parece ter dispersado a turma. Houve bastante conversa e até alunos que preferiram ouvir outras coisas em seus fones de ouvido.

Devido à dispersão da turma nessa aula, muitos alunos não terminaram a atividade de interpretação, que ficou pendente para a próxima aula.

Aulas 8, 9 e 10

26/08/2011 - das 18h50min às 19h29min, das 21h02min às 21h41min, e das 21h41min às 22h20min

Durante o período da primeira aula, os alunos continuaram resolvendo os exercícios relativos à interpretação dos versos da música *Sal da Terra*. Novamente, a

música foi usada como “fundo musical” para a aula. O término desta atividade ocupou a aula inteira, sendo que a professora atendia principalmente aos alunos que tinham dúvidas referentes ao significado da letra da música.

Quanto à segunda aula deste dia, começou com a leitura da poesia “A árvore da terra” (anexo 5), de Augusto dos Anjos. Os alunos interagiram bastante com as perguntas feitas pela professora a respeito do poema e, em seguida, responderam o questionário referente a esse texto. A professora, ao responder uma das dúvidas de um dos alunos, trabalhou a questão da linguagem conotativa: em um dos versos da poesia, segundo ela, matar uma árvore é como matar um filho e o futuro dele.

Em seguida, a turma leu um texto, também do livro didático, referente ao sal de cozinha, seus benefícios e malefícios. Essa leitura foi feita em voz alta e, enquanto os alunos liam, a professora ia interrompendo para fazer comentários e ouvir a opinião da turma. Com base nessa troca entre professora e alunos, surgiu uma discussão sobre as superstições que envolvem o uso do sal, e muitos alunos puderam expressar o que sabiam sobre o assunto.

Findado o debate, os alunos responderam às questões de interpretação referentes ao texto lido. Quando todos haviam terminado o questionário, a professora entregou as narrativas produzidas pelos alunos em um período anterior ao da nossa observação. A proposta era a de reescrita textual, sendo que os alunos deveriam adequar seu texto de acordo com as alterações sugeridas pela professora em seus textos. Considerando que a aula estava se aproximando do fim, alguns alunos foram embora, outros preferiram não iniciar a atividade, mas houve os que fizeram a reescritura e solicitaram ajuda.

2.5 Análise crítica das aulas observadas – Estagiária: Ana Paula Budde

As observações – primeira etapa deste estágio de docência – foram realizadas em uma turma de 6ª série da modalidade EJA. Embora haja em torno de 31 alunos matriculados, a média de frequência da turma era de 14 alunos por aula. Trata-se de uma turma bastante heterogênea, em que os estudantes possuem, aproximadamente, entre 16 e 35 anos, havendo mães solteiras, jovens trabalhadores, mulheres casadas e duas alunas com necessidades especiais. Em virtude dessa clientela trabalhadora, o horário de início das aulas é às 18h50min, o que atende ao plano curricular da EJA, que prevê a adequação do espaço e do horário de aula às necessidades dos alunos.

Quanto ao ensino de língua portuguesa, a turma observada mostrou-se apática durante a realização de alguns exercícios referentes à interpretação textual. Porém, pôde-se perceber que, quando essas atividades eram estimuladas oralmente, os estudantes demonstravam maior interesse e participação nas aulas. Nesse sentido, ao trabalhar com a linguagem, entende-se que é preciso “considerar a forma de manifestação (oral, escrita), a diversidade de gêneros, a relação com o interlocutor e com a situação de uso, [...] de forma inter-relacionada e interdependente.”¹²

Em relação à atuação da professora, percebeu-se que ela se preocupa com as orientações propostas nos documentos oficiais para o trabalho com a Língua Portuguesa, estimulando, por exemplo, a oralidade, mas que ainda prioriza a escrita ao propor diversas atividades escritas relativas à interpretação textual. Nesse sentido, pode-se dizer que a docente, que já atua há alguns anos na rede pública, está passando por um processo de transição, abandonando aos poucos a concepção “tradicional” de ensino do português. Sobre isso, a Proposta Curricular de São José admite que as escolhas teóricas dos professores estão passando por uma transformação na medida em que as respostas deles – referentes às suas concepções de ensino – “expressam uma contradição teórico-prática, resultado do caminho que os professores vêm percorrendo no sentido de pensar e refazer sua prática pedagógica.”¹³

Pôde-se observar que há sim uma mudança de foco no ensino de língua, que não está mais se utilizando de fragmentos de textos para ensinar gramática normativa, o que é bastante promissor no que tange aos diferentes usos sociais da escrita. Ainda assim, há um claro desinteresse, por parte de alguns alunos, pelo aprendizado dessa disciplina, o que denuncia a necessidade de se continuar a busca por novas estratégias de ensino.

Percebe-se que é preciso valorizar a oralidade e o conhecimento que o aluno já possui sobre sua língua. Além disso, segundo Geraldi (1984), é necessário entender que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política. Assim, nenhuma escolha feita pelo professor é neutra, e precisa levar em consideração as questões (i) Para que ensinar? e (ii) Para que os alunos aprendem o que aprendem?

Ainda quanto à atuação da professora da turma observada, observou-se seu alto nível de dedicação e paciência para com a turma, atitude que parece conquistar os

¹² (Proposta Curricular de São José, 2000, p. 63).

¹³ (Proposta Curricular de São José, 2000, p.45).

alunos. A relação entre eles é de respeito e amizade, e ainda que haja chamadas de atenção, a professora sabe dosar a sua “autoridade” em sala de aula. Além disso, a docente preocupa-se com o fato de seus alunos trabalharem durante o dia, pois todas as atividades propostas por ela são feitas em sala de aula e entregues a ela no mesmo dia. A professora também parece entender as necessidades de cada aluno na medida em que respeita as diferentes personalidades e ritmos de aprendizado.

Uma das dificuldades relatadas pela professora diz respeito às alunas com necessidades especiais. Embora elas houvessem tido um acompanhamento pedagógico especializado até abril deste ano, a pessoa encarregada dessa tarefa não pôde continuar na escola e a prefeitura não providenciou alguém que a substituísse. Este é um caso delicado, já que essas estudantes pedem ajuda frequentemente e já que a Lei nº 9394/96 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) dispõe que a “rede regular de ensino deverá assegurar, entre outras coisas, professores especializados ou devidamente capacitados para atuar com qualquer pessoa especial em sala de aula.”¹⁴

Nesse sentido, baseando-se em tudo o que já foi relatado, pode-se dizer que lidar com a heterogeneidade dos alunos, embora seja um desafio, é também um processo bastante construtivo e previsto em lei. O professor, mesmo com todas as dificuldades que enfrenta, precisa estar sempre disposto a se atualizar e a aprender com as necessidades de cada turma. Da mesma forma, é preciso que a comunidade escolar se envolva com o ensino e também que o Estado cumpra sua obrigação enquanto tal e respeite as leis previstas nos documentos oficiais, pois só assim será possível trilhar o caminho que levará à melhora da educação no país.

Depois de estudar, durante a graduação, as concepções de linguagem e de ensino de Língua Portuguesa, o estágio de observação chegou para nos confirmar teorias e desmistificar paradigmas. A escola pública, tão questionada quanto à qualidade de seu ensino, no nosso caso surpreendeu-nos por sua organização e comprometimento não só com a educação, mas com a comunidade. Quanto às aulas de português, especificamente, pôde-se perceber que há sim uma preocupação, por parte da professora, em abandonar práticas tradicionais e trabalhar com um ensino de língua mais abrangente, que parta do texto e da necessidade dos alunos.

Quanto à nossa observação, foi bastante enriquecedora em muitos sentidos, especialmente no que tange ao contato que tivemos com os alunos da turma observada.

¹⁴ (LDB, artigo 58, capítulo V).

Durante as observações, também pudemos entender um pouco sobre a organização de uma escola, seus problemas estruturais e de relacionamento professor-aluno. Em relação ao ensino de Língua Portuguesa, especificamente, pudemos depreender algumas carências dos alunos e até da professora, que enfrenta diariamente o desafio de dar aula em três turnos, tanto no ensino regular quanto na EJA.

Porém, apesar desses contratemplos, ficamos felizes em perceber o quanto o Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade preocupase com a qualidade de ensino oferecida à sua comunidade. Da estrutura ao relacionamento entre a equipe e os alunos, a escola parece lutar contra o estereótipo de que a rede pública de ensino é uma rede fadada ao fracasso, fazendo-nos acreditar que é possível, sim, desmistificar conceitos e acreditar na educação.

2.6 Aulas observadas – Estagiária: Karine Schmidt

Aula 1

Dia: 16/08/2011 – das 19h29min às 20h08min

A aula iniciou com a escrita no quadro do conteúdo da aula “A diferença entre Mal e Mau” e com a indicação para que todos copiassem. Em seguida, foi passado um exercício de preenchimento de lacunas acerca do assunto. Alguns alunos participaram da resolução do exercício, outros, escutaram música com fone de ouvido, enquanto outros conversaram alto para chamarem a atenção. Foi ressaltado, pela professora, que o uso de “mal” como conjunção não seria explicado, pois era um assunto ainda não visto por eles. A aula foi interrompida para a entrega dos livros didáticos, cada aluno teve que assinar o termo de recebimento para poder levar o seu livro. Finalizada a entrega, a aula prosseguiu com a correção dos exercícios. Nessa aula, a professora atendia ao mesmo tempo as turmas da 6ª e da 5ª séries, pois como faltou o professor de outra disciplina, a aula de Língua Portuguesa da 5ª série foi adiantada.

Aula 2

Dia: 16/08/2011 – das 21h41min às 22h20min

A aula iniciou com a entrega de um texto impresso aos alunos e com a solicitação da professora para que sentassem em dupla, para que pudessem refletir juntos sobre o texto. Em seguida, foi solicitado que os alunos respondessem aos exercícios de interpretação propostos naquele material, com a ressalva de que as

respostas deveriam ser individuais e entregues à professora no final da aula. Primeiramente, foi lido sobre o que é um relato, que constava nesse mesmo material, e em seguida, o texto “Tipo assim, Clarice Bean” de Lauren Child (anexo 1), com fragmentos do diário de Clarice, que fala sobre o seu cotidiano e, principalmente, de suas aulas de natação. A professora pediu para que os alunos resolvessem os exercícios de interpretação do texto (anexo 2), mas logo em seguida, já começou a correção em voz alta. As questões propostas nessa aula referiam-se às habilidades de leitura como: localização de informações, compreensão, interpretação, identificação de ideias centrais e secundárias, identificação de pontos de vista, resolução de problemas, entre outras. Ao ser encaminhada a atividade, houve a indicação de que deveria ser entregue ao final da aula.

Aula 3

Dia: 19/08/2011 - das 18h50min às 19h29min

No começo da aula, a professora pediu para que os alunos pegassem o livro didático, era a primeira vez que o usariam. Esse material é multidisciplinar, sendo que a parte de Língua Portuguesa é dividida em quatro capítulos, dois deles têm seus textos focados no meio ambiente e os outros dois apresentam textos sobre saúde e qualidade de vida. O primeiro texto, chamado “Para começo de conversa” (anexo 3), que apontava reflexões sobre o meio ambiente, foi lido em voz alta pela professora. Logo em seguida, ela falou um pouco sobre o assunto tratado no texto e propôs a resolução das atividades de interpretação sobre o mesmo. Entre essas questões, havia uma que propunha o estabelecimento da relação entre o texto e a ilustração de Luca Novelli, que mostrava a dificuldade de se viver em um planeta que vem sofrendo tanto com as consequências de nosso descaso com a natureza. Os alunos pediam o auxílio da professora a todo o momento, foi então que perguntei se ela necessitava de ajuda, e ela aceitou. Fui auxiliar a aluna B., que permitiu minha ajuda com muito entusiasmo. Percebi que essa aluna tem sérios problemas de escrita e também de interpretação, porém, pareceu-me ser muito inteligente. Enquanto isso, a professora passou mais um exercício para os alunos que já tinham terminado a tarefa. Assim como eu, meus outros dois colegas, Ana e Adilson, também ajudaram alguns alunos. A professora, por sua vez, também tirou dúvidas e estava muito presente na aula, e por vezes, teve que chamar a atenção de alguns alunos que estavam atrapalhando o bom rendimento da turma. No final da aula, a docente recolheu os exercícios para que os alunos continuassem a tarefa na próxima aula.

Aula 4 e 5

Dia: 19/08/2011 - das 21h02min às 21h41min, 21h41min às 22h20min

A primeira aula foi quase toda reservada para a resolução das atividades entregues pela professora na aula anterior, sobre o texto “O encantamento e a natureza” (anexo 3). Os questionários foram devolvidos aos alunos para que pudessem discutir e resolver a tarefa em duplas, porém, foi ressaltado que as respostas deveriam ser entregues individualmente. Logo em seguida, no começo da última aula, os alunos acompanharam a leitura da canção *O Sal da Terra*, de Beto Guedes, feita pela professora em voz alta (anexo 4). Depois da leitura, alguns aspectos do texto foram destacados pela professora, principalmente a sua linguagem poética, provocando assim, uma reflexão entre os alunos. Em seguida, os alunos resolveram alguns exercícios de interpretação do livro. Essa, como as outras atividades realizadas até o momento, eram entregues no final das aulas, para que a professora pudesse corrigi-las e, a partir dessa correção, atribuir uma nota, pois ao final do semestre devem-se ter seis avaliações. No final da aula, a docente recolheu as tarefas dos alunos e disse que aqueles que não terminaram, poderiam continuar a resolução dos exercícios na próxima aula.

Aula 6

Dia: 26/08/2011 - das 18h50min às 19h29min

Nessa aula, foram devolvidos os questionários para que os alunos terminassem de fazer as tarefas referentes à canção *O Sal da Terra* (anexo 4). Percebi que dois alunos passaram a maior parte da aula escutando música com seus fones de ouvido. Nesse momento, a aluna B. questionou, em voz alta, o porquê de ter que estudar, dizendo que odeia estudar e só o faz porque a mãe a obriga. A professora, muito atenciosa, tentou conversar com B. dizendo que “ainda bem que a mãe faz isso por ela”, pois os estudos são de extrema importância na vida de uma pessoa. No decorrer da aula os alunos fizeram as atividades, e ao final, a professora as recolheu.

Aula 7 e 8

Dia: 26/08/2011 - das 21h02min às 21h41min, das 21h41min às 22h20min

A aula iniciou com a leitura de um texto informativo sobre o “sal” e do poema de Augusto dos Anjos, intitulado “A árvore da serra” (anexo 5), cada uma feita em voz alta por um dos alunos da turma, indicados pela professora. Com o término da leitura, a professora explicou sobre linguagem figurada presente no texto, exemplificando com a expressão “arrancar uma árvore”, que no texto significa “matar uma pessoa”. Os alunos

ajudaram na reflexão e estavam muito participativos. Depois disso, foram realizadas as atividades do livro sobre a interpretação do poema. Um dos alunos estava muito agitado e a professora teve que chamar sua atenção várias vezes, pois não parava quieto na cadeira e também não estava fazendo a atividade. A professora, aproveitando essa inquietação da turma, sugeriu que fizessem todos juntos a questão da seção “Hora de pesquisa” do livro, a qual perguntava “O que é o sal da terra” (anexo 6). Nesse momento, ela conseguiu fazer com que a turma participasse bastante da atividade, pois quase todos deram sua opinião, falaram sobre superstições e da diferença entre o texto informativo e o texto com linguagem mais poética. Quase no final da aula, a professora distribuiu narrativas que eles tinham feito em aulas anteriores para que pudessem reescrevê-las. Ela mostrou a cada um os pontos que deveriam melhorar. Passados alguns minutos, a docente recolheu novamente as narrativas e encerrou a aula.

Aula 9

Dia: 30/09/2011 - das 19h29min às 20h08min

A professora chegou à sala de aula e distribuiu as narrativas que estavam sendo reescritas pelos alunos na aula anterior. Esclareceu a todos que quem não tinha escrito nenhum texto poderia fazê-lo durante aquela aula. Alguns alunos não entenderam a atividade e começaram a indagar à professora, porém, todos ao mesmo tempo. K., pacientemente, explicou novamente o que era para ser feito, e acrescentou aos alunos que não tinham escrito a sua narrativa ainda que eles deveriam escrever um texto em que contassem algo, independente do que fosse. Deu as seguintes sugestões de tema: um assalto, um sequestro, um passeio. No entanto, pediu aos que já tiveram suas narrativas corrigidas, que atentassem para os seus comentários e para o que ela havia destacado no texto, e assim, as reescrevessem. Dito isso, a professora começou a atender um por um em suas classes, enquanto alguns alunos conversavam sem parar. Dentre os problemas apontados pela professora nas narrativas, a organização do texto em parágrafos se mostrou quase unânime, pois quando eles as entregavam, a docente comentava que não haviam feito parágrafo ou que não tinham escrito em toda a linha do caderno. Quando a professora chamou a atenção de B. quanto ao parágrafo, ela pediu para fazer outra narrativa, porém, K. disse que não teria sentido, pois se fizesse outra não perceberia os erros cometidos na primeira versão e os cometeria novamente no próximo texto. A turma estava um tanto quieta nessa aula, e alguns alunos reclamaram de cansaço, pois

trabalharam muito durante o dia. A professora recolheu as narrativas e os alunos foram liberados para o intervalo.

Aula 10

Dia: 30/09/2011 – das 20h23min às 21h02min

Para aqueles que terminaram suas narrativas, a professora pediu para que lessem a apostila da página 11 até a 15, nas quais se encontrava um trecho do romance “O meu pé de laranja-lima” de José Mauro de Vasconcelos (anexo 6). Enquanto alguns alunos liam, outros terminavam suas narrativas, e a docente, por sua vez, corrigia alguns dos textos que já haviam sido entregues. Por momentos, auxiliou alguns alunos que ainda escreviam suas narrativas, porém, eles começaram a conversar alto e a ficar dispersos. Diante disso, a professora pediu para que todos deixassem as narrativas de lado e acompanhassem a leitura do texto do livro. Começou a leitura e, logo em seguida, pediu para alguém continuar a ler. Mesmo assim a turma continuou conversando, o que a fez interromper a leitura da aluna para pedir silêncio, pois a colega estava lendo e eles deveriam respeitar isso. A turma ficou em silêncio. Quase no final da aula a professora pediu para que eles respondessem as questões do estudo do texto que estava no livro, porém, o sinal soou e a tarefa ficou para a próxima aula.

2.7 Análise crítica das aulas observadas: Estagiária: Karine Schmidt

O professor

Um professor, ao planejar ou ministrar uma aula, não pode pensar em uma turma homogênea e nem que todos os alunos aprendem do mesmo modo. Deve levar em conta a individualidade de cada educando, pois isso facilitará aprendizagem do conhecimento por um número maior de alunos. Numa sala de aula de Educação de Jovens e Adultos, a concepção de homogeneidade deve ser ainda mais combatida, pois a diversidade sociocultural, a origem social, as experiências vivenciadas e até mesmo a idade, são fatores que tornam essas turmas muito mais heterogêneas do que as demais. O grande desafio de um professor é, justamente, levar em conta todas essas diferenças e entender que seus alunos, na maioria dos casos, têm interesses e necessidades distintas.

Ao longo das observações feitas na sala de aula do 6º ano da EJA, a professora mostrou-se interessada não só no aprendizado de seus alunos, mas também, na individualidade de cada um, pois por momentos essa sua atitude ficou em evidência.

Quando a aluna B. gritou no meio da aula que “só estuda por que sua mãe a obriga”, por exemplo, K. foi até ela, tentou acalmá-la e convencê-la de que sua mãe está com toda a razão, porque uma pessoa não é nada sem estudos, mostrando-se assim, preocupada com o futuro dessa aluna. A atitude que a professora teve nesse momento, remete ao que propõe Jacques Delors, em seu artigo *Os Quatro Pilares da Educação*, em que diz que escola deve mostrar a seus alunos a importância de se adquirir conhecimento, sendo que um dos pilares da educação é exatamente, o *Aprender a Conhecer*:

“Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso lhe é necessário para viver dignamente, para desenvolver as suas capacidades profissionais, para comunicar.”¹⁵

Ou seja, nesses casos, é papel do professor mostrar aos alunos que os estudos podem proporcionar a eles oportunidades de trabalho, e conseqüentemente, um futuro melhor.

Nas aulas dessa professora, o respeito mútuo também foi bastante perceptível, pois no período de observação não foi presenciado nenhum tipo de conflito professor-aluno e nenhum conflito preocupante entre os próprios estudantes. Sua postura como professora, respeitando e garantindo respeito dos alunos, contribuiu para essa situação. Em seu Planejamento Semestral de Ensino de Língua Portuguesa - 6º ano da EJA, a docente diz, justamente, que o objetivo geral da disciplina para o semestre é “Trabalhar a interdisciplinaridade, focando como tema principal a identidade, crenças e valores, tornando nossos alunos protagonistas da conscientização do respeito mútuo perante a sociedade em que vive.”

A professora regente é formada no curso de Letras-Português, pela Universidade Federal de Santa Catarina e trabalha 60 horas/aula por semana, sendo que 20 delas, na EJA da escola em questão. Através dessa observação, quanto aos horários da professora, podemos nos perguntar: em que momento do seu dia ela pode dedicar-se às horas-atividade? A hora-atividade é um tempo reservado ao professor para que ele possa dedicar-se aos estudos, à avaliação de suas atividades e ao planejamento de suas aulas, e deve ser realizado, preferencialmente, de forma coletiva. Ou seja, há sim um direito do professor em ter esses momentos de estudo, porém a maioria deles não consegue cumprir esse horário. Isso por que quanto mais trabalharem, maior é a chance de

¹⁵ (DELORS, Jacques. Os Quatro Pilares da Educação. Disponível em: <http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm#EC> acesso 07/09/2011.)

melhorarem seus salários, que são vergonhosos.

A luta por um salário digno é outro ponto que os professores, principalmente da rede pública, têm debatido muito nos últimos anos. O baixo salário de um docente faz com que o mesmo fique desmotivado, o que pode refletir no bom andamento de suas aulas, pois a maioria dos profissionais, quando mal remunerados não conseguem exercer suas funções com empenho e dedicação. Muitos até desistem e vão trabalhar em outras áreas profissionais. Atualmente, os cursos de licenciatura nas universidades já refletem essa dificuldade, pois há áreas em que o número de professores formados já não dá conta da demanda, como é o caso da matemática, física e química. Sem falar que muitos desses novos formandos, ao compararem o salário de um professor e o de um concursado em algum órgão público, não terão dúvidas em escolher a futura profissão: se esforçarão ao máximo para passar em algum concurso público.

Em uma entrevista para o site da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) o professor Roberto Franklin Leão¹⁶ respondeu à pergunta “Se a greve dos professores de Minas Gerais, que durou 112 dias, foi justa?”, dizendo:

“Ninguém quer ser professor, porque eles ganham muito mal e não possuem perspectiva de carreira. O prejuízo da educação ocorre o ano inteiro pelo fato de vivermos a educação nestas condições nas quais se encontram. Prejuízo na educação é a hipocrisia de dar um diploma para um aluno que, durante um ano inteiro, não teve aula de matemática. Isso sim prejudica a educação.”¹⁷

Ou seja, uma melhor remuneração, a regularização da situação dos professores que são admitidos em caráter temporário, o investimento na infraestrutura das escolas, o plano de carreira, são alguns dos investimentos que o governo precisa priorizar, para que daqui a alguns anos, essa falta de professores não seja ainda maior.

As aulas

As dez aulas assistidas nesse Estágio de Observação nos deram um parâmetro de como uma escola funciona e de como é a prática docente, o que na universidade fica

¹⁶ Roberto Franklin Leão é formado em Educação Artística e atualmente leciona na Rede Oficial de Ensino de São Paulo. Foi vice-presidente do APEOESP-SP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de SP); secretário de formação da CUT de São Paulo e membro da direção executiva da CUT Nacional.

¹⁷ Disponível em: <http://www.cnte.org.br/index.php/clipping/cnte-na-midia/9118-educacao-brasileira-e-hora-de-um-levante-em-defesa-do-piso-nacional-para-professores> acesso em 12/10/11.

muito distante de nós, futuros professores. Por isso, é extremamente dificultoso para um graduando que nunca ministrou uma aula, analisar a docência de um professor já em exercício. Porém, com base nas teorias aprendidas ao longo do curso, é possível refletir sobre alguns aspectos.

O recurso didático mais utilizado pela professora durante a observação foi o livro didático entregue há pouco tempo pelo MEC, ou seja, suas aulas foram quase todas pautadas em textos e exercícios que constam nesse material. Dessa forma, os alunos podiam prever o que ia ser ensinado em cada aula, era só seguir o livro. Devido a isso, as aulas foram muito parecidas: leitura de um texto e em seguida, a resolução dos exercícios de interpretação, que deveriam ser entregues para avaliação. Essa atividade nos faz refletir sobre o que seria interpretar um texto? Seria ter a mesma visão que o professor ou outros críticos tiveram sobre ele? A resposta é não. A função do professor é justamente promover essa reflexão, e fazer com que o aluno tenha suas próprias ideias, o “seu olhar” sobre o que leu.

Um professor deve desenvolver estratégias que consigam envolver seu aluno na leitura de um texto. Para isso, antes de propor a leitura ele deve instigá-los, falando sobre o autor, ou sobre o assunto que será tratado, ou até mesmo, contar uma história, mesmo que fictícia, que crie “um clima” para a leitura. Ou seja, desenvolver atividades que proporcionem a interação do aluno com o texto, até porque “para elaboração de uma hipótese de leitura é necessário ativar o conhecimento prévio do leitor sobre o assunto” até que este se torne um “leitor experiente”, ou seja, até que sua leitura se torne uma atividade consciente, reflexiva e intencional.¹⁸

Outro ponto relevante para essa análise foi a reescritura de narrativas que tinham sido elaboradas em aulas anteriores a nossa observação. A professora colocou na primeira versão dos textos o que deveria ser mudado e pediu para que eles os reescrevessem, sempre prestando atenção em cada observação feita por ela. Uma reescritura de texto tem como objetivo a reflexão do aluno sobre o que foi escrito e de como ele pode transformá-lo em um novo texto. É uma prática em que o discente pode refletir e perceber elementos que podem ter prejudicado o entendimento do texto na primeira versão.

Nesse período de observação percebemos também, certo desinteresse dos alunos em sala de aula. Muitos deles passaram a aula toda escutando músicas em seus celulares

¹⁸ (KLEIMAN, 2001, p. 56)

e só largavam essa distração, quando a professora dizia que a atividade era para ser entregue para avaliação. Mas o que motiva esse desinteresse? Há uma série de fatores internos e externos à escola que facilitam a falta de atenção e de interesse em sala de aula. Um dos fatores internos parece ser resultado de décadas de práticas homogêneas e desgastantes de ensino que, como vimos anteriormente, resulta no fracasso escolar. Porém, fatores externos como as condições sociais, problemas familiares, excesso de trabalho e vários outros, também podem influenciar na falta de interesse do aluno. Nas aulas observadas isso era visível, pois muitos reclamavam do cansaço por terem trabalhado o dia todo e só faziam as tarefas porque a professora as avaliava.

A avaliação da aprendizagem, por sua vez, é um dos processos mais angustiantes para muitos professores, justamente por não saberem como transformar esse momento em um processo que seja significativo para o aluno. Em alguns casos pode ser utilizada como um recurso de repressão, ou seja, para garantir o interesse e a atenção dos alunos nas aulas. Além disso, muitos docentes fazem uso de avaliações voltadas para a memorização, sem uma análise ou explicação, sendo que, nessa perspectiva o aluno deve somente decorar o conteúdo e ir bem na prova. É o que chamamos de avaliação tradicional.

Nesta visão, que classificamos de *tradicional* por ainda ser, a nosso ver, a que domina o processo de ensino nos dias de hoje, a avaliação de aprendizagem é encarada como um processo de "toma-lá-dá-cá", em que o aluno deve devolver ao professor o que dele recebeu e *de preferência exatamente como recebeu*, o que Paulo Freire chamou "educação bancária".¹⁹

Nas aulas aqui relatadas, a professora mostrou-se adepta de avaliações na perspectiva *construtivista-sociointeracionista*, em que o aluno é o construtor do próprio conhecimento, porém essa construção acontece por meio da mediação do professor e de interações sociais. Ou seja, enquanto para o construtivismo a aprendizagem ocorre de forma individual, para *sociointeracionismo* todo o processo de aprendizagem está relacionado à interação do indivíduo com o meio externo. Então, podemos dizer que a construção do conhecimento é um processo interior do sujeito da aprendizagem, mas ocorre por meio de estímulos criados pelo professor e pelas interações sociais a que ele está sujeito.

Na grande maioria das aulas da professora regente, as avaliações foram focadas na reflexão/interpretação de textos, sendo que em todas elas se esforçou para cumprir o

¹⁹ MORETTO, 2001, p. 94

papel fundamental de estabelecer a mediação entre o conhecimento a ser ensinado e o conhecimento de mundo que o aluno já possuía. Já a concepção de linguagem que sustenta a prática da professora remete à visão da Linguística da Enunciação, em que a linguagem é vista como um lugar de interação humana. A maior parte de suas aulas foi voltada para discussões acerca do texto e nenhuma delas teve como objeto de estudo a gramática tradicional.

No ensino de língua, nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças.²⁰

Já o livro didático adotado pela professora, vai ao encontro da concepção de linguagem que assume em suas aulas, pois é baseado em estudos de Bakhtin, que diz que a função da linguagem não é de expressão de pensamentos, nem de instrumento de comunicação, mas sim, de interação entre os sujeitos.

Através desse relatório de Estágio de Observação pude refletir sobre questões importantes acerca da educação brasileira e também tive um parâmetro de como é estar em sala de aula como docente. Essa experiência foi extremamente importante para que eu tenha consciência das dificuldades e angústias pelas quais um professor passa ao lecionar totalmente sobrecarregado e com más condições para fazer seus planejamentos de aula. Diante dessas aulas observadas e da convivência na instituição escolar, compreendi que cabe a nós, futuros docentes, o papel decisivo de implementar certas mudanças no ensino, para assim, tentar torná-lo de qualidade. Devemos acreditar na capacidade de nossos alunos, batalhar para que os nossos direitos sejam respeitados e lutar por investimentos na educação que nos dê, no mínimo, subsídios para que possamos dar uma aula descentemente. Nunca parar de investir em nossa formação, pois assim, sempre teremos mais e mais conhecimento para passar aos nossos alunos. E acredito ser imprescindível, ensinar com amor, pelo que fazemos e por quem fazemos. Por isso cito um dos mais importantes teóricos da prática docente em nosso país, Paulo Freire:

Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob a pena de não fazê-lo bem. Desrespeitado como gente no desprezo a

²⁰ (GERALDI, 1982, p. 42)

que é relegada a prática pedagógica não tenho por que desamá-la e aos educandos. Não tenho por que exercê-la mal.²¹

Assim sendo, façamos nós, parte de um futuro mais promissor para a educação em nosso país.

²¹ (FREIRE, 1996, p.27)

2.8 Anexos

Anexo 1

Tipo assim, Clarice Bean

Lauren Child

Na **quinta-feira** eu tenho natação. Eu não gosto de ir – a água é meio fria. Só vou porque a gente ganha batata frita depois.

Não sou boa nadadora. Não consigo mergulhar de pijama e buscar um tijolo lá no fundo. A Betty consegue.

Mas também não sei por que a gente precisa aprender a salvar um tijolo do fundo da piscina, estando de pijama. Duvido que algum dia a gente esteja de pijama e precise salvar alguma coisa.

É uma emergência muito rara.

A Betty tem aqueles superóculos de natação e tudo mais, e pode até virar uma nadadora olímpica. Ela já ganhou uma medalha.

O Roberto-Sem-Alça só consegue nadar em estilo cachorrinho. Espirra água pra todo lado, e às vezes vai arrastando os pés no fundo da piscina.

Meu estilo de mergulho é me jogar com os braços bem esticados, mas funciona. O prof. Pedro disse que o nome técnico do meu estilo é "barrigada".

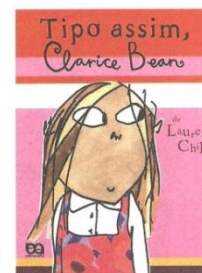
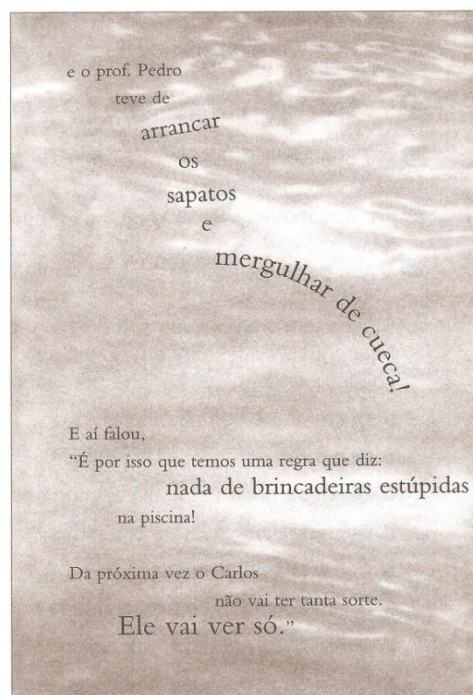
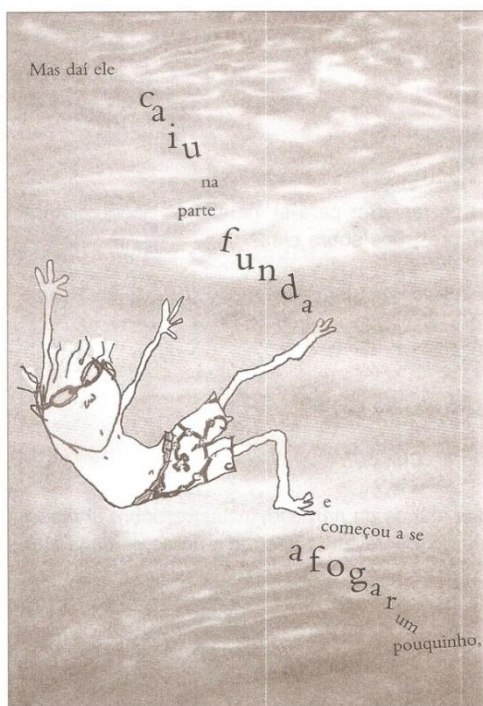
O prof. Pedro está meio chateado hoje porque

a Betty não veio no treino de natação, e ela é a esperança da nossa equipe.

Eu também estou um pouco chateada, porque sinto falta da Betty.

Não faço
a menor idéia
de onde ela está.

A única coisa interessante que aconteceu hoje é que o Carlinhos correu atrás do Tobias em volta da piscina, tentando abaixar o calção dele, de brincadeira.



CHILD, Lauren. *Tipo assim, Clarice Bean*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Ática, 2004. p. 67-71. Ilustr. da autora.

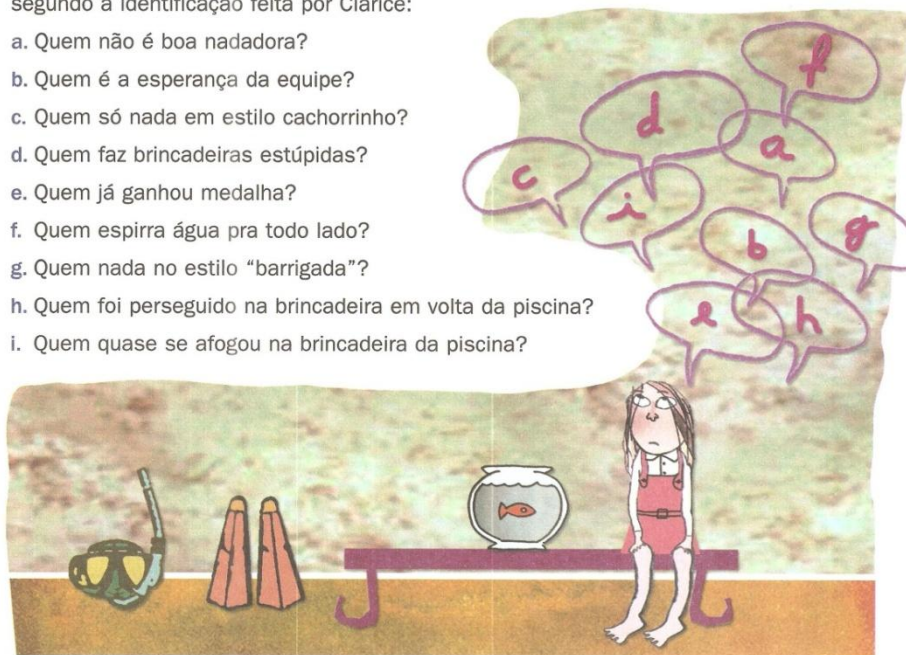
Anexo 2

Interpretação do textoCompreensão inicial

Atividade escrita

Num diário, quem escreve tem a **intenção** de registrar para si mesmo os acontecimentos de cada dia e o seu ponto de vista ou suas impressões sobre eles.

- 1 Qual foi o fato principal, da quinta-feira, relatado por Clarice?
- 2 Por que Clarice não gosta da aula de natação?
- 3 Por que motivo Clarice vai à aula de natação se não gosta?
- 4 Quem participa da mesma aula de natação de Clarice?
- 5 Clarice tem uma opinião sobre cada um dos alunos da natação, inclusive sobre si mesma. Responda às questões abaixo em seu caderno, escrevendo apenas o nome de cada aluno, segundo a identificação feita por Clarice:
 - a. Quem não é boa nadadora?
 - b. Quem é a esperança da equipe?
 - c. Quem só nada em estilo cachorrinho?
 - d. Quem faz brincadeiras estúpidas?
 - e. Quem já ganhou medalha?
 - f. Quem espirra água pra todo lado?
 - g. Quem nada no estilo "barrigada"?
 - h. Quem foi perseguido na brincadeira em volta da piscina?
 - i. Quem quase se afogou na brincadeira da piscina?



6 Releia o seguinte trecho do relato de Clarice:

“Mas também não sei por que a gente precisa aprender a salvar um tijolo do fundo da piscina, estando de pijama. Duvido que algum dia a gente esteja de pijama e precise salvar alguma coisa.

É uma emergência muito rara.”

Na sua opinião, por que o professor propôs esse exercício na aula de natação?



Um bom debate

O apelido

Clarice chama seu colega Roberto de “Roberto-Sem-Alça”.

- Na sua opinião, o que é ser uma pessoa “sem-alça”?
- Você concorda com a atitude de colocar apelido nas pessoas? Por quê?



Produção oral

Relato de experiência vivida

Clarice não entendia por que tinha de aprender a “salvar um tijolo do fundo da piscina, estando de pijama”.

Você também já teve de aprender alguma coisa sem saber a razão disso?

O quê?

Quando?

Descobriu depois ou continuou sem saber o motivo de ter de aprender?

Pense sobre essas questões e aguarde a sua vez de relatar aos colegas essa experiência. Seu/Sua professor/a vai organizar uma lista de tudo **o que vocês disseram ter aprendido sem saber o porquê.**








CAPÍTULO 1

UNIDADE 1 • MEIO AMBIENTE

O encantamento e a natureza

Educador, inicie o trabalho folheando o livro com seus alunos. Analise as seções e os seus subtítulos e explique a função dos ícones:

-  Registro escrito.
-  Expressão oral.
-  Trabalho em grupo.
-  Pesquisa.

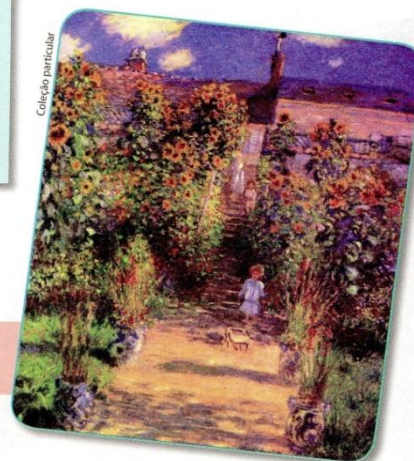
Pra começo de conversa

Educador, veja encaminhamento para trabalhar este capítulo no Manual específico.

Artigo III

Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

Pablo Neruda e Thiago de Mello. *Os estatutos do homem*. São Paulo: Vergara & Riba, 2001.



Claude Monet (1840-1926).
Jardim de Monet em Vetheuil, 1881.
Óleo sobre tela, 100 x 80 cm.

Imagine que você vive numa porção de terra que é a sua sobrevivência e a sua vida. Nela, estão a horta, o roçado, a dança, o rio, o curral, a alegria e o deslumbramento das crianças, o mato, o jardim, a saudade, a chuva, o café, o pensamento a divagar, a cidade a correr, o governo a arrecadar impostos, as notícias a se espalharem como relâmpago... Tudo com seu ritmo, mas de um jeito descuidado se perde o passo. Em todo lugar um **descompasso**... Na cidade ou no campo, "que sufoco!", e ninguém mais aguenta.

Está tudo desmatado, poluído e **desmantelado**. Furacão e maremoto, doenças se multiplicando, os bichos se acabando, água e comida escasseando, homem e terra se abandonando, vaidades e

ganância dando com os burros n'água. A escassez dos recursos vai sobrar pra todo mundo, pro senhor patrão, executivo, doutor, empresário ou pro seu Raimundo, o vizinho lá do fundo que nem terra ou casa tem, mas briga como um leão pelo sustento da mulher e dos filhos.

E agora, o que fazer? Tem concerto? É o fim de tudo, o fim do mundo? Ou o começo de uma nova atitude, um novo tempo? Adianta só lamentar, reclamar, só rezar pras coisas mudarem? Ou a gente encara esse nó com a cabeça e o coração?

E você? Vai ficar fora dessa, ou vai sair em busca do fio desse novelo emaranhado? Para começar a refletir, observe a imagem ao lado.



Luca Novelli. *Ecologia em quadrinhos*. Vol. 2. São Paulo: Brasiliense, 1997.

Agora, converse com seu educador e seus colegas sobre as questões a seguir.

1. Descreva objetivamente o que você vê na imagem.
A Terra está no centro da imagem. No segundo plano, temos o Universo. Do planeta saem balões com falas; essas falas vêm de diferentes pontos do planeta.
2. O que sugere a imagem que você acabou de descrever? Como você concluiu isso?
As falas presentes nos balões são de pessoas que habitam o planeta Terra. É possível chegar a essa conclusão porque as falas estão relacionadas a problemas ambientais.
3. É possível perceber os sentimentos expressos pelas falas dos balões? Quais são esses sentimentos? *Sim. As personagens aparentam estar incomodadas e indignadas.*
4. A imagem indica alguma ação concreta para a resolução dos problemas apresentados? Explique. *As personagens aparentam estar incomodadas, entretanto não apresentam nenhuma ação de interferência para melhorar a situação.*
5. Você já se percebeu tendo falas semelhantes às da imagem? Em que situações?
Resposta pessoal.
6. Para você, é importante discutir questões relacionadas ao meio ambiente? O que elas têm a ver com o que vivemos no cotidiano? *Resposta pessoal.*

Desvendando o tema

A partir daquilo que conversamos até aqui, que tal pensar um pouco mais sobre a noção que temos a respeito do lugar em que moramos, vivemos e sobre o que ele representa na nossa vida? E o que é o lar? O que é a nossa casa?

Pensar na casa como o espaço no qual vivemos com prazer é sempre algo possível? Você acha que a Terra precisa ser cuidada como se fosse a sua própria casa? Qual é o nosso papel diante dos cuidados com o meio ambiente?

Anexo 4

Leia a próxima canção para que, juntos, possamos construir essa reflexão.

Trabalhando texto com texto

Texto 1 Canção

O sal da Terra

Anda, quero te dizer nenhum segredo
 Falo nesse chão da nossa **casa**
 Vem que tá na hora de arrumar
 Tempo, quero viver mais duzentos anos
 Quero não ferir meu semelhante
 Nem por isso quero me ferir
 Vamos precisar de todo mundo
 Pra banir do **mundo** a opressão
 Para construir a vida nova
 Vamos precisar de muito amor
 A felicidade mora ao lado
 E quem não é tolo pode ver
 A paz na **Terra**, amor
 O pé na terra
 A paz na **Terra**, amor
 O sal da **Terra**
 És o mais bonito dos planetas
 Tão te maltratando por dinheiro
 Tu que és a nave nossa irmã
 Canta, leva tua vida em harmonia
 E nos alimenta com teus frutos
 Tu que és do homem a maçã
 Vamos precisar de todo mundo
 Um mais um é sempre mais que dois
 Pra melhor juntar as nossas forças
 É só repartir melhor o pão
 Recriar o paraíso agora
 Para merecer quem vem depois
 Deixa nascer o amor
 Deixa fluir o amor
 Deixa crescer o amor
 Deixa viver o amor
 (O sal da Terra)

Composição: Beto Guedes e Ronaldo Bastos. CD Série
 Retratos: Beto Guedes. EMI, 2004.

Por dentro dos textos

1. Leia o texto, prestando atenção às palavras em destaque e responda:

a) Elas têm alguma **relação** com a ilustração de Luca Novelli? Qual?

Sim. As palavras "mundo" e "Terra" se referem ao nosso planeta, que também aparece representado na ilustração de Luca Novelli e relacionado às problemáticas mencionadas nos balões de fala da ilustração.

b) Na canção, o que a palavra "casa", destacada em azul, tem a ver com as palavras sublinhadas?

Na canção, a palavra "casa" refere-se ao planeta Terra, lugar onde o ser humano habita.

2. Para construir a letra dessa canção, o autor emprega a **conotação**, ou seja, apresenta várias expressões com sentido figurado, falando a respeito do meio ambiente de uma maneira bastante original.

A fim de compreender melhor essa canção, junte-se a um colega para desvendar essa linguagem, de acordo com estas orientações:

- A seguir, estão alguns versos da canção. Voltem ao texto, **localizem** os versos e leiam-nos quantas vezes for necessário para entender o que querem dizer.
- Escrevam no quadro o que vocês compreenderam a respeito de cada um deles.

Versos da canção	Estes versos querem dizer...
a) "Falo nesse chão da nossa casa Vem que tá na hora de arrumar"	... que é necessário e ainda há tempo para preservar o lugar onde habitamos, o nosso planeta. Quem fala na canção faz um convite para que todos assumam essa responsabilidade.
b) "Tempo, quero viver mais duzentos anos"	... que quem fala na canção tem o desejo de viver muitos anos, ter uma vida longa.
c) "A felicidade mora ao lado e quem não é tolo pode ver"	... que a possibilidade de construir soluções para os problemas que nos afetam está próxima de nós, mas que precisamos estar atentos para enxergá-la.
d) "... Tu que és a nave nossa irmã"	... que existe uma relação fraternal entre nós e o Planeta... que a Terra, assim como uma nave, se move no espaço.

3. Escolham um dos trechos da atividade anterior e **relacionem**-no com a ilustração de Luca Novelli, a seguir. O que o trecho que vocês escolheram tem em comum com esta ilustração?

Resposta possível: a ilustração apresenta falas indignadas com a situação do planeta e os versos da canção também funcionam como uma espécie de denúncia. Um exemplo disso são os versos "Falo desse chão da nossa casa / Vem que tá na hora de arrumar".

Educador, esta é apenas uma possibilidade de relação entre os versos e a ilustração. Considere outras respostas que os alunos possam apresentar.



Luca Novelli. *Ecologia em quadrinhos*. Vol. 2. São Paulo: Brasiliense, 1997.

Anexo 5

UNIDADE 1 • MEIO AMBIENTE

4. Leiam os versos a seguir e **relacionem**-nos a uma das falas da ilustração reproduzida na atividade anterior:

“O sal da Terra
És o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro
Tu que és a nave nossa irmã”

Educador, os problemas apresentados nos balões de fala estão relacionados de alguma maneira à ganância do ser humano. Os alunos poderão apresentar essas relações de diferentes maneiras. É interessante acolhê-las e verificar se estão adequadas ao que a canção quis expressar.

5. Agora, resolva as questões-desafio a seguir.

a) Releia estes versos, retirados da canção “O sal da Terra”:

“Recriar o paraíso agora
Para merecer quem vem depois”

b) Leia o poema a seguir, escrito por Augusto dos Anjos. Nesse texto, há uma situação de conflito em que é revelado como as pessoas dependem da natureza, ao mesmo tempo em que atuam sobre ela.

A árvore da serra

– As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de **empecilho**...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!
– Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs almas nos **cedros**... no **junquilha**...
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma!...
– Disse – e ajoelhou-se, numa **rogativa**:
“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”
E quando a árvore, olhando a **pátria serra**,
Caiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra!

Erva de flores perfumadas.

Serra como o lugar em que as personagens vivem.

Augusto dos Anjos. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

c) Ao longo do poema “A árvore da serra”, são dados os significados de algumas palavras. Procure o significado das palavras destacadas em azul. Anote-as.

“Empecilho”: problema, obstáculo. “Cedros”: grandes árvores de grande utilidade e uso comercial. “Rogativa”: pedido, súplica.

d) Agora respondam: qual é a relação entre a história presente no poema “A árvore da serra” e os versos da canção “O sal da Terra”?

Educador, veja encaminhamento para esta atividade no Manual específico.

Anexo 6

Hora da pesquisa

O que será que o autor quis dizer com a expressão “O sal da Terra”?

Converse com algumas pessoas e procure descobrir por que o autor deu esse título à canção.

Depois, com seus colegas de classe, procurem responder à pergunta: cada ser humano pode ser “sal da Terra”? Por quê?

Educador, veja resposta para esta questão no Manual específico. Nesse Manual, há um texto que apresenta os diferentes sentidos atribuídos ao sal. É interessante fazer uma leitura em voz alta desse texto após a discussão com os alunos.

Aprofundando o tema

A seguir, você lerá um trecho do romance *O meu pé de laranja-lima*, escrito por José Mauro de Vasconcelos. A personagem principal dessa história é Zezé, um menino muito pobre, porém o seu universo simples não limita a sua imaginação... Pelo contrário, o menino cria um mundo de fantasia, atribuindo alma a animais e árvores.

Num dado momento da história, a família precisa mudar de casa, devido ao desemprego do pai. No trecho que você vai ler, Zezé encontra, nessa nova casa, um amigo especial. Venha descobrir esta história!

Trabalhando com texto

Texto - Trecho de romance

Mamãe quem teve a ideia.

- Hoje, todo mundo para ver a casa.

Totoca me chamou de lado e me avisou num sussurro:

- Se você contar que a gente já conhece a casa, eu te rebento.

Mas eu não tinha nem pensado nisso.

Foi aquele mundão de gente pela rua. Glória me dava a mão e tinha ordens para não me desgrudar um minuto. E eu segurava a mão de Luís.

- Quando é que a gente tem que mudar, Mamãe?

Mamãe respondeu para Glória com uma certa tristeza.

- Dois dias depois do Natal temos que começar a arrumar os cacarecos.

Ela falava com uma voz cansada, cansada. E eu estava com muita pena dela. Mamãe nasceu trabalhando. Desde os seis anos de idade quando fizeram a Fábrica que puseram ela trabalhando. Sentavam Mamãe bem em cima de uma mesa e ela tinha que ficar limpando e enxugando ferros. Era tão pequenininha que fazia molhado em cima da mesa porque não podia descer sozinha... Por isso ela nunca foi à Escola e nem aprendeu a ler. Quando eu escutei essa história dela fiquei tão triste que prometi que quando fosse poeta e sábio eu ia ler minhas poesias para ela...

E o Natal se anunciava pelas lojas e armazinhos. Já tinham desenhado Papai Noel em tudo que era vidro de porta. Tinha gente comprando cartão para que quando chegasse a hora não enchesse demais de gente tudo quanto era casa de comércio. Eu tinha uma esperança lá longe que dessa vez o Menino Deus fosse nascer. Ele mesmo para mim. Enfim quando eu ficasse da idade da razão, talvez eu melhorasse um pouco.

3 PROJETO DE DOCÊNCIA: INTERPRETANDO A MÍDIA IMPRESSA

3.1 Problematização

Com base nos subsídios recolhidos durante o estágio de observação, elaboramos e apresentamos este projeto de docência. Tendo observado uma maior participação dos alunos nas atividades orais, optamos por trabalhar com alguns gêneros que fazem parte da linguagem jornalística, justamente por tratar-se de textos que circulam no cotidiano desses alunos e podem possibilitar maior participação deles nas discussões propostas nas aulas.

Na seleção desses gêneros, observou-se também a relação possível entre eles e os eixos temáticos que norteiam as atividades de ensino, que são: “*saúde e qualidade de vida*”. Além deste vínculo, não deixamos de observar o *Projeto Político Pedagógico* (PPP) da escola, que tem como o objetivo geral “refletir, propor e executar uma educação que promova o domínio pleno do conhecimento, a capacidade de reflexão, favorecendo o desenvolvimento de todos os educandos na escola” (2010, p. 5). Por isso, na elaboração desse projeto tivemos a preocupação de que esses requisitos estivessem presentes em nossa docência.

Nas aulas previstas nesse projeto houve um esforço para que a análise linguística colaborasse para o ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Pensando nisso, as atividades de reflexão sobre a língua foram planejadas a partir de problemas e necessidades detectadas nos textos, tanto orais quanto escritos, dos alunos. Os aspectos relacionados à estrutura da língua foram estudados para melhor se entender o texto que, nesse caso, não se trata de fragmento descontextualizado.

Sobre isso, sabemos que a compreensão de uma frase ou de um texto depende da articulação/interrelação de elementos da língua e do contexto. É muito difícil interpretar um texto com base apenas nos seus elementos linguísticos ou apenas nos elementos contextuais. A interpretação implica a articulação entre elementos não explicitados na frase ou no texto, elementos linguísticos implícitos e explícitos, e elementos do contexto. Esse é o pressuposto que norteou nosso projeto.

3.2 Justificativa

Quando levamos o jornal para a sala de aula, levamos também tudo o que está ocorrendo na atualidade, nas interações sociais existentes na sociedade. Considerando que no Projeto Político-Pedagógico do Centro Educacional Professora Maria Iracema

Martins de Andrade assume-se que é “necessário interpretar as relações sociais, as quais perpassam por diversas dimensões”, optamos por aproximar o estudo da língua portuguesa com a realidade da comunidade e dos alunos. Isso nos possibilitará mostrar, na prática, alguns dos usos sociais da modalidade escrita da língua. Segundo a concepção de ser humano que fundamenta o PPP da escola (2010, p.9), os cidadãos precisam ser atuantes e conscientes de seus deveres e direitos, precisam ser autônomos e ter posição crítica frente às desigualdades e injustiças da sociedade. Assim, no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, para o indivíduo estar inserido em uma sociedade letrada, de maneira autônoma, não basta apenas ser alfabetizado, ele precisa também reconhecer os gêneros de discurso que circulam socialmente (em todos os seus aspectos), bem como saber fazer uso deles em diferentes situações de interação. É importante ressaltar que não pretendíamos, com esse projeto, esgotar o tema proposto, tampouco fazer com que os alunos dominassem todos os usos sociais da escrita. Porém, consideramos esta prática de docência uma contribuição na construção do conhecimento desses alunos que ainda têm um longo caminho de aprendizagem pela frente.

A turma na qual foi desenvolvido o projeto é uma turma da 6ª série do ensino fundamental, da modalidade EJA. Na maior parte das teorias sobre essa modalidade de ensino, observa-se significativa heterogeneidade em relação à idade, já que há nessa turma, alunos com 16 e com 30 anos, aproximadamente. Essa clientela é composta de jovens trabalhadores, mães de família e desempregados, que não se adaptaram à escola regular ou que não conseguiram ou não tiveram a oportunidade de cursar o ensino regular no tempo apropriado. Por nos propormos a trabalhar com uma turma em que a maioria dos alunos é adulta, pretendíamos que as atividades fossem desenvolvidas com bastante fluidez. Podemos supor, baseados na sua faixa etária e no seu cotidiano, que muitos têm, de alguma forma, contato com a mídia impressa. Assim, dentre os objetivos para este projeto, destaca-se a possibilidade de uma aproximação sistemática dos alunos com esse tipo de mídia, já que ela se baseia em assuntos do cotidiano, do interesse do aluno.

Considerando essa escolha, entendemos que seria possível provocar nos estudantes um maior interesse pela leitura. Além disso, através das análises propostas, eles também teriam a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos acerca do funcionamento da linguagem, pois cada gênero tem suas particularidades no que se referem à função social, aos espaços de circulação, à forma de composição, ao estilo e às marcas linguísticas. Já, com a leitura dos textos, pretendíamos fornecer subsídios aos alunos

para que eles saibam que interpretar significa mais do que simplesmente decodificar as palavras que compõem um texto. Para perceber se há ironia, duplo sentido e intenções outras, que nem sempre aparecem explícitas no texto, é preciso levar em conta todo um conjunto de informações que auxiliam na compreensão do que se está lendo. Sobre isso, a Proposta Curricular do Município de São José – SC (2010, p.52) define que um dos objetivos do professor de Língua Portuguesa é fazer com que o aluno amplie “a capacidade de compreensão de diferentes gêneros textuais, interpretando-os e identificando sua função social e suas especificidades”. Dessa forma, podemos dizer que a leitura de um texto é resultante da consideração e integração de fatores linguísticos e contextuais, relacionados à situação de interação. Uma mesma frase pode ter sentidos diversos, dependendo do contexto em que está inserida. O contexto nem sempre aparece explícito, isto é, expresso com palavras, mas o “bom leitor” deve ser capaz de percebê-lo mesmo quando subentendido na situação em que o texto foi produzido.

3.3 Objetivos

3.3.1 Objetivo Geral

- Assumir uma atitude responsiva ativa na leitura e interpretação de textos da esfera jornalística a ser expressa por meio da escrita de cartas ao leitor.

3.3.2 Objetivos específicos

- Ler e interpretar crônicas, notícias, entrevistas, reportagens e cartas de leitor, reconhecendo as especificidades de cada gênero.
- Refletir sobre o tema *Qualidade de Vida e Saúde* com base na leitura e interpretação de crônicas, notícias, entrevistas, reportagens e cartas de leitor.
- Identificar os objetivos, a linguagem e a estrutura dos gêneros: crônica, notícia, entrevista, reportagem e carta de leitor.
- Realizar entrevistas adequando a linguagem oral à situação comunicativa.
- Redigir uma carta do leitor, como forma de assumir uma atitude responsiva ativa na leitura e interpretação de textos.

3.4 Fundamentação teórica

A disciplina de Língua Portuguesa visa preparar o aluno para lidar com a linguagem em suas diversas situações de uso, sejam elas escritas ou orais, pois o domínio da língua materna revela-se fundamental à inserção do indivíduo em uma sociedade letrada e ao acesso às demais áreas do conhecimento. Nesse sentido, considerando-se os usos que o falante faz da língua, é importante considerar a concepção de língua assumida por pensadores da área da linguagem, como a do filósofo Mikhail Bakhtin. Para ele, a língua deve ser compreendida como manifestação social.

Assim, para que o sujeito esteja inserido em uma sociedade letrada, de maneira autônoma, não basta apenas ser alfabetizado, ele precisa refletir sobre a língua que usa em seu cotidiano e reconhecer as variedades textuais em todas as suas manifestações, bem como saber aplicá-las em diferentes contextos. Para tal, como consta na Proposta Curricular de São José – SC (2000, p.48), o indivíduo precisa ser ativo e responsivo no uso que faz da linguagem, características fundamentais do sujeito *bakhtiniano*. Nesse sentido, o interlocutor sempre toma uma postura de resposta em relação ao enunciado do outro, gerando assim a cadeia discursiva.

Para Bakhtin, os enunciados são únicos, particulares e individuais. Porém, há *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais são denominados gêneros do discurso. Os gêneros do discurso são marcados sócio-historicamente e estão diretamente relacionados às diferentes situações de interação e às relações sociais que nelas se estabelecem: “é cada uma dessas situações que determina, pois, um gênero, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias” (KOCH, 2003, 54).

O emprego da língua se dá em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.²²

Logo, ensinar os alunos a fazer uso da língua nas mais diferentes situações de interação é ensiná-los dominar gêneros do discurso, o que significa dar-lhes poder de atuação autônoma sobre a linguagem escrita e oral, podendo adaptar-se a qualquer situação comunicativa particular. O processo de aprendizagem do saber linguístico implica, assim, leitura

²²(BAKHTIN, 2003, p.261)

compreensiva e crítica de textos exemplares de diversos gêneros do discurso; produção escrita de textos em diferentes gêneros da variedade padrão; análise e manipulação da organização estrutural da língua e percepção de diferentes linguagens (literária, visual, etc.), todas vistas como formas de compreensão do mundo. Com base nesses pressupostos, entende-se que as habilidades a serem trabalhadas no ensino da Língua Portuguesa envolvem, além das práticas orais (fala e escuta), as de leitura e escrita.

Sei que muita gente acaba escolhendo a pedagogia tradicional do certo e do errado porque não tem formação adequada para trabalhar com os novos conceitos de educação linguística (letramento, variação, discurso, pragmática etc.). Além disso, os livros didáticos mais escolhidos pelos professores ainda são, infelizmente, os de perfil mais gramatiquero. No entanto, já está provado que não tem cabimento nenhum despejar em sala de aula a doutrina gramatical tradicional em vez de ocupar o precioso tempo da escola com o que realmente interessa: ler e escrever.²³

A gramática, segundo Perini (2002), é considerada uma disciplina de difícil entendimento e tem um alto índice de rejeição. Alguns professores, pais e alunos querem a extinção do ensino gramatical; outros advogam pela permanência de tal ensino. As controvérsias sobre o ato de suprimir ou não a gramática do ensino, o fato de se concluir o ensino médio sem entendê-la e a falta de interesse dos jovens por cursos que os tornariam professores de língua são sintomas do fracasso associado a essa disciplina curricular. Segundo esse autor, três defeitos inutilizam a gramática como disciplina: objetivos mal colocados, metodologia inadequada e falta de organização lógica.

Essas reflexões sugerem que a língua portuguesa, como disciplina curricular, deve passar por uma reformulação para que seja estudada com o mesmo entusiasmo com que se estudam outras matérias, considerando a língua em seu uso, como ela é, não como deveria ser. É preciso assumir novas e melhores metodologias, mais coerentes, preocupadas com as descrições da língua, que façam sentido e cujas definições sejam compreensíveis, despertando, assim, um maior interesse pela apropriação dessas regras tão importantes para o domínio da variedade padrão. Importa

[...] fazer com que o ensino de português deixe de ser visto como a transmissão de conteúdos prontos, e passe a ser uma tarefa de construção de conhecimentos por parte dos alunos, uma tarefa em que o professor deixa de ser a única fonte autorizada de informações,

²³ (BAGNO, 2011, p.32)

motivações e sanções. O ensino deveria subordinar-se à aprendizagem.²⁴

A confusão estabelecida entre o que seja saber uma língua e saber sua gramática é o que dificulta, em grande medida, o ensino do português nas escolas. O motivo para que tal fato ocorra parece ser a falta de uma revolução no ensino de gramática nas escolas, rompendo com o método tradicional de ensino. Acredita-se que um dos grandes problemas do ensino de língua portuguesa fundamenta-se na falta de acesso aos Parâmetros Curriculares por parte de muitos professores, assim como das teorias que o fundamentam. Embora a Proposta Curricular de São José – SC (2000, p.42) relate que 86% dos professores lêem frequentemente artigos e livros que auxiliam sua prática profissional, 34% deles não sabem referenciar essas leituras ou citam títulos que não são referentes à área da educação.

Sobre isso, é importante ressaltar a importância do acesso aos documentos oficiais e a outras publicações referentes ao ensino, já que são eles que estabelecem diretrizes para o trabalho do professor em sala de aula. No caso do Centro Educacional Municipal Maria Iracema Martins de Andrade, os parâmetros que norteiam a atividade docente são aqueles elaborados por um conjunto de professores e que estão registrados no já citado documento do município de São José – SC. Baseado em uma concepção *vigotskyana* e *bakhtiniana*, essa proposta – assim como aquela contida nos PCNs – sugere que o trabalho em sala de aula leve em conta a interação social, os valores que circulam na sociedade (2000, p. 51). Assim, o conteúdo da aula de Língua Portuguesa deve estar relacionado não à memorização de normas, mas à própria língua, isto é, à fala, à escuta, à leitura e à escrita.

Possenti (1996), por exemplo, problematiza essa questão, entendendo que o estudo da gramática e o domínio ativo da língua são realidades distintas. Os vários tipos de gramáticas escolares tradicionais confirmam essa diferença. Para muitas pessoas, ensinar a língua é o mesmo que ensinar gramática, sendo que o ensino da gramática é entendido como a soma de duas atividades: o estudo de regras de construção de estruturas e a análise de determinadas construções. Essas duas atividades podem não estar relacionadas; a primeira pode ser usada sem o auxílio da segunda e vice-versa. A finalidade do primeiro tipo de atividades visa consolidar o uso de uma variedade mais

²⁴ (POSSENTI, 1996, p.95)

prestigiada e por isso é mais importante do que o segundo, que é justificado por critérios independentes do ensino da língua.

Sob a ótica de Possenti (1996), os conceitos de gramática, assim como os conceitos de regra, de língua, e de erro não são unívocos. As regras são concebidas em dois sentidos: um deles fundamenta-se na ideia de obrigação, deve ser obedecido sob pena de alguma sanção. O outro carrega o sentido de regularidade e constância, próximo à noção de lei, no sentido de “lei da natureza”. Tais regras se aproximam das regras de etiqueta.

A língua, segundo a gramática normativa, em Possenti (1996), é representada pelas formas de expressão observadas, produzidas por pessoas eruditas. Essas formas, além de variarem com o tempo, variam também com fatores como faixa etária, classe social, idade, etc. Pesquisas referidas pelo autor mostram que, com o passar do tempo, pessoas escolarizadas começam a usar formas que antes eram consideradas erradas, sendo que essas variações acabam sendo incluídas no rol de formas “corretas”.

Como a variedade padrão é uma das variações de uma língua, as gramáticas normativas dão conta de um subconjunto de fatos inerentes a essa variedade, ignorando outras variantes que são consideradas linguisticamente inferiores, erradas e incapazes de expressar o pensamento. Para a gramática normativa, é considerado erro tudo aquilo que foge à variedade que foi eleita como exemplo de boa linguagem. Duas considerações são importantes para esclarecer esse fato: a primeira é que os exemplos de boa linguagem têm como base os escritores do passado; a segunda é que há mudanças de padrão através da história.

Possenti (1996) afirma que saber uma língua é dominar um conjunto de regras que são acionadas conforme as circunstâncias. Alguns falantes interiorizam e acionam hipóteses equivocadas no que se refere à forma e à significação das palavras, cometendo equívocos no que concerne à variedade ideal para determinado contexto. Talvez isso seja reflexo do trabalho realizado na escola, onde os professores perdem muito tempo com erros de ortografia decorrentes da falta de correspondência entre sons e letras.

Para Possenti (1996), ensinar gramática pode continuar sendo um objetivo válido, sendo que o aluno pode e deve ter acesso às regras da gramática normativa. Porém, o papel da escola é abrir os horizontes do aluno para as variedades ainda não conhecidas e, sendo a linguagem do aluno extremamente complexa, a escola deve

considerar o capital lingüístico que ele traz, não desperdiçando esse material tão relevante.

Nesse sentido, uma metodologia bem sucedida para o aprendizado de qualquer língua ou variedade requer a exposição do aluno ao maior número possível de experiências linguísticas, tanto na variedade que dominam em seu cotidiano quanto na padrão. Para este trabalho, é preciso priorizar a leitura, a escrita e a narrativa oral, e excluir as lições de nomenclatura de análise sintática e de morfologia.

É importante ressaltar que essa metodologia não trata de suprimir das tarefas da escola a reflexão sobre a linguagem, mas sim de estabelecer prioridades. Pelo que foi exposto, seria incoerente concordar com formas de ensino que reduzam a língua a uma única variedade; o ensino deve dar prioridade à língua como conhecimento interiorizado. A reflexão sobre valores sociais e situações das variantes lingüísticas deveria receber preferência sobre a análise da estrutura. Ensinar a gramática é ensinar a língua em toda sua plenitude, bem como suas regras e o domínio efetivo delas. É o conhecimento da leitura que faz com que compreendamos aquilo que os compêndios gramaticais dizem a seu respeito, e a falta de domínio de algumas estruturas faz com que os alunos apresentem dificuldades durante a escrita e análise linguística.

Esses problemas de aprendizado, relacionados pelo senso comum ao fracasso escolar, nada mais são do que reflexos de um trabalho equivocado no que se refere ao ensino de leitura e escrita em sala de aula. Muitas vezes, segundo Soares (2001), os alunos são convidados a produzirem textos cujo único interlocutor é o professor, que neste caso é visto como um revisor, um apontador de “erros”. Além disso, bastantes alunos têm dificuldades para escrever por “não terem o que dizer”, o que ocasiona o uso de chavões e até de incoerências. Sobre isso, é importante questionar: será mesmo que a dificuldade desses estudantes está na falta de conteúdo gramatical? Em geral, não.

Sabe-se que, frequentemente, o texto produzido pelo aluno é visto apenas como mais um objeto de avaliação. Em muitos casos, solicita-se que a turma escreva um texto baseando-se em um modelo formal, sendo que as reflexões sobre o tema proposto aparecem, muitas vezes, fragmentadas e desarticuladas. Nesse tipo de proposta, não se parte das experiências vividas pelos estudantes, das situações reais em que eles podem se manifestar oralmente e envolverem-se na temática. Sobre isso, é necessário que, segundo Geraldi (2010, p. 97-98), se pense o ensino “não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos, que resultam, de modo geral, de

novas articulações entre conhecimentos disponíveis”. Assim, a produção textual precisa ser entendida como um trabalho de escrita que não segue regras predeterminadas: “A escrita se caracteriza pela singularidade de seus gestos. A esta singularidade corresponde outra singularidade, a da leitura enquanto construção de sentidos.”²⁵

Assim, para que um indivíduo escreva, ele precisa ter o que dizer, ter razões para dizer e saber para quem ele está escrevendo. Muitos alunos escrevem aquilo que eles acham que seu mestre gostaria de ler. Para evitar esse problema, é preciso que o docente desenvolva com sua turma estratégias de dizer, que dependem do interlocutor, do assunto e dos motivos que levam alguém a escrever. Além disso, é necessário, também, que o professor seja um “co-enunciador, um leitor privilegiado e atento, um colaborador capaz de encorajar o outro a continuar buscando a melhor forma de dizer o que quer dizer para quem está dizendo pelas razões que o levam a dizer o que diz.”²⁶ Depois, lendo os textos produzidos por seus alunos, o docente pode, por exemplo, detectar quais são os problemas mais frequentes da turma e promover uma atividade de análise e reflexão linguística. Nesse sentido, pode-se sugerir que os estudantes pensem na lógica de determinadas construções, como é o caso do uso do “x” e do “ch” em determinadas palavras. Através do processo de observação, formulação de hipóteses, o aluno demonstrará uma compreensão intuitiva de um processo gramatical, chegando a conhecimentos já sistematizados da ortografia de sua língua, neste caso.

Dessa forma, pode-se dizer que o trabalho com a Língua Portuguesa, seja com a gramática ou com a leitura e a escrita, precisa passar por um processo em que cada sujeito reflita sobre as suas experiências (de vida e de falante do português), escrevendo textos, estabelecendo novas relações com o já produzido e refletindo sobre as regularidades de uma língua que ele já conhece e domina em sua oralidade. Afinal, só assim cada sujeito poderá ser, de fato, um autor que tem consciência daquilo que escreve.

3.5 Metodologia

Os conhecimentos relativos à disciplina de Língua Portuguesa foram abordados em 24 aulas, cada uma com 40 minutos de duração, entre os dias 04 de Outubro e 04 de Novembro de 2011. Por meio de debates, aulas expositivo-dialogadas mesa redonda e

²⁵ (GERALDI, 2010, p. 98)

²⁶ (GERALDI, 2010, p. 98-99)

produção textual foram trabalhadas a função social e os aspectos discursivos e linguísticos dos gêneros crônica, notícia, entrevista, reportagem e carta.

3.6 Síntese dos planos de aula.

Aula (s)	Data	Tema
1 e 2	04/10/11	Leitura- fruição de crônicas
3, 4 e 5	07/10/11	Leitura-estudo de crônicas
6	14/10/11	As crônicas em outros meios de comunicação
7 e 8	14/10/11	Textos e textos: crônica, notícia e entrevista
9 e 10	18/10/11	Conhecendo o gênero Notícia Mesa redonda
11	21/10/11	Elaborando a entrevista
12 e 13	25/10/11	Mesa Redonda
14 e 15	01/11/11	Vídeo e textos: conhecendo o gênero reportagem
16	04/11/11	Explorando o gênero Reportagem
17	04/11/11	Debate sobre as reportagens lidas
18	04/11/11	O gênero carta do leitor
19	11/11/11	Elementos fundamentais de uma carta do leitor
20 e 21	11/11/11	Elaborando a carta do leitor
22	18/11/11	Análise linguística
23	18/11/11	Reescrita textual
24 e 25	22/11/11	Interpretando a mídia impressa

3.7 Conteúdos trabalhados:

- Gêneros: crônica, notícia, entrevista, reportagem e carta do leitor;
- Leitura e interpretação de textos de diferentes gêneros;
- Figuras de linguagem como recursos expressivos de diferentes crônicas;

- Sentido conotativo como recurso expressivo de diferentes crônicas;
- Articuladores textuais e argumentativos em cartas de leitor;
- Pontuação.

3.8 Recursos Materiais

- Sala de vídeo;
- Aparelho de DVD ou projetor multimídia;
- Vídeo do debate sobre educação no trânsito;
- Vídeos de crônicas;
- Dois recipientes que serão utilizados para depositar as questões a serem sorteadas;
- Quatro cones feitos de cartolina;
- Jornais e revistas diversos;
- Cópias dos textos serem lidos/analizados (crônicas, notícias, reportagens e carta ao leitor);
- Quadro negro e Giz.

3.9 Recursos bibliográficos

- A escrita é outra – Crônica de Fernando Sabino;
- A ciência de comer bem - Reportagem publicada na Revista Super Interessante;
- A comida que emagrece - Reportagem veiculada na revista Isto é;
- A notícia de jornal – Crônica de Fernando Sabino;
- A vitória da carne vermelha – Notícia Publicada no jornal Diário Catarinense;
- Cartas do leitor publicadas na revista Isto é;
- Corre, corre... Santa Catarina - Reportagem publicada no jornal Diário Catarinense;
- Exigências da vida Moderna- Crônica de Luis Fernando Veríssimo.
- Entrevista na TV – Crônica de João Ubaldo Ribeiro;
- Grande qualidade de vida – crônica de João Ubaldo Ribeiro.
- Guarda Chuva – Crônica de Mário Prata;
- Mesa Farta Para Todos – Crônica de João Ubaldo Ribeiro;
- O cardápio certo para ganhar energia. Reportagem publicada na revista Isto é;
- O Hipocondríaco – Crônica de Frei Betto.

3.10 Avaliação

A avaliação escolar é parte integrante do processo de ensino-aprendizagem. Ela deve estar associada aos objetivos, conteúdos e metodologia constantes do planejamento de ensino desenvolvidos no decorrer das aulas. Os objetivos referem-se a conhecimentos, atitudes e habilidades a serem objeto do trabalho pedagógico, através de estratégias metodológicas adequadas, as quais devem manifestar-se em resultados comprovados por algum processo de avaliação. A avaliação possibilita ao professor perceber em que medida os objetivos foram alcançados, fornecendo-lhe elementos para a revisão do plano de ensino.

De acordo com Libâneo (2008), as atividades de avaliação ajudam no desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos, além de identificar em que medida a escola e os professores estão contribuindo para que isso ocorra. “O objetivo do processo de ensino e de educação é que todos os alunos desenvolvam suas capacidades físicas e intelectuais, seu pensamento independente e criativo, tendo em vista tarefas teóricas e práticas, de modo que se preparem positivamente para a vida social”.²⁷ Por isso, a avaliação deve ajudar todos a crescerem, independente de serem ativos ou apáticos, espertos ou lentos, interessados ou não. Sabemos que os alunos são diferentes uns dos outros e a avaliação nos possibilitará identificar essas diferenças, dando-nos bases para melhor elaborar as atividades de ensino aprendizagem.

Consideramos que uma das melhores ferramentas de avaliação é a observação diária de caráter diagnóstico, contudo, não podemos deixar de lado as avaliações pontuais como provas escritas, produções textuais e outros instrumentos de avaliação. De acordo com o PPP do CEMIA (2010, p.15), o educador deve desenvolver “situações de aprendizagens diferenciadas na construção do conhecimento, onde o educando é o centro do processo de aquisição do saber”. Nesse sentido, optamos por realizar, além da observação diagnóstica, mais duas atividades de avaliação.

A avaliação será baseada na participação efetiva nos debates promovidos ao longo do desenvolvimento do projeto, na resolução das atividades propostas e na produção textual de uma “carta ao leitor”. Nessa produção, será observada, principalmente, a capacidade dos alunos em posicionarem-se frente uma questão-problema, neste caso, a questão da qualidade de vida. Também serão consideradas a

²⁷ (LIBÂNEO, 2008, p. 102)

participação nos debates realizados sobre o referido tema e os aspectos discursivos e textuais das cartas produzidas

3.11 Planos de aula

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Adilson Pires
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aulas 1 e 2 (04/10/11 – terça-feira – 2ª e 3ª aulas– 2h/a):

Leitura- fruição de crônicas

Objetivo geral:

- Ler crônicas de diferentes autores, como forma de possibilitar a experiência da fruição de um texto, contribuindo para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Objetivos específicos:

- Reconhecer a função social, o espaço de circulação e os recursos expressivos e linguísticos do gênero crônica;
- Identificar semelhanças e diferenças entre crônicas de diferentes autores, com base na análise dos recursos expressivos de cada uma delas;
- Comparar diferentes crônicas quanto ao tema abordado.

Conhecimentos abordados:

- Leitura-fruição do gênero crônica;
- O gênero crônica: função social, espaço de circulação e linguagem.

Metodologia:

- Exposição do projeto de ensino proposto para a turma e apresentação dos acadêmicos participantes;
- Leitura em voz alta, pelo professor, da crônica *Exigências da vida Moderna* de Luis Fernando Veríssimo.
- Discussão acerca do texto, considerando para tal, a função social do mesmo, o espaço/esfera de circulação, a linguagem utilizada, a forma como o assunto é abordado e as particularidades que conferem a esse texto o tom leve e descontraído.
- Organização da turma em quatro grupos;
- Entrega de uma crônica diferente a cada grupo para que façam uma leitura silenciosa;
- Breve socialização dos textos lidos.

Recursos necessários:

- Cópias dos textos (ver anexo): *Grande qualidade de Vida, Exigências da Vida Moderna, Mesa Farta Para Todos, O Hipocondríaco e Guarda Chuva*
- Quadro negro;
- Giz.

Avaliação:

- Durante a leitura do texto pelo professor, os alunos serão avaliados pela sua atitude de escuta;
- Durante a leitura silenciosa e individual dos textos, os alunos estarão sendo observados quanto ao seu empenho nessa atividade, e também pela compreensão do texto expressa na manifestação das idéias centrais.

Referências bibliográficas:

BETTO, Frei. **O Hipocondríaco**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Exigências da Vida Moderna**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

PRATA, Mário. **Guarda Chuva**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

RIBEIRO João Ubaldo. **Mesa Farta Para Todos**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Grande Qualidade de Vida**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

Anexo

EXIGÊNCIAS DA VIDA MODERNA

Luis Fernando Veríssimo

Dizem que todos os dias você deve comer uma maçã por causa do ferro. E uma banana pelo potássio. E também uma laranja pela vitamina C. Uma xícara de chá verde sem açúcar para prevenir a diabetes. Todos os dias deve-se tomar ao menos dois litros de água. E uriná-los, o que consome o dobro do tempo.

Todos os dias deve-se tomar um Yakult pelos lactobacilos (que ninguém sabe bem o que é, mas que aos bilhões, ajudam a digestão). Cada dia uma Aspirina, previne infarto. Uma taça de vinho tinto também. Uma de vinho branco estabiliza o sistema nervoso. Um copo de cerveja, para... não lembro bem para o que, mas faz bem. O benefício (ironia) adicional é que se você tomar tudo isso ao mesmo tempo e tiver um derrame, nem vai perceber.

Todos os dias deve-se comer fibra. Muita, muitíssima fibra. Fibra suficiente para fazer um pulôver hipérbole). Você deve fazer entre quatro e seis refeições leves diariamente. E nunca se esqueça de mastigar pelo menos cem vezes cada garfada. Só para comer, serão cerca de cinco horas do dia...E não esqueça de escovar os dentes depois de comer. Ou seja, você tem que escovar os dentes depois da maçã, da banana, da laranja, das seis refeições e enquanto tiver dentes, (ironia) passar fio dental, massagear a gengiva, escovar a língua e bochechar com Plax. Melhor, inclusive, ampliar o banheiro e aproveitar para colocar um equipamento de som, porque entre a água, a fibra e os dentes, você vai passar ali várias horas por dia.

Há que se dormir oito horas por noite e trabalhar outras oito por dia, mais as cinco comendo são vinte e uma. Sobram três, desde que você não pegue trânsito. As estatísticas comprovam que assistimos três horas de TV por dia. Menos você, porque todos os dias você vai caminhar ao menos meia hora (por experiência própria, após quinze minutos dê meia volta e comece a voltar, ou a meia hora vira uma). E você deve cuidar das amizades, porque são como uma planta: devem ser regadas (metáfora) diariamente, o que me faz pensar em quem vai cuidar delas quando eu estiver viajando. Deve-se estar bem informado também, lendo dois ou três jornais por dia para comparar as informações.

Ah! E o sexo! Todos os dias, tomando o cuidado de não se cair na rotina. Há que ser criativo, inovador para renovar a sedução. Isso leva tempo - e nem estou falando de sexo tântrico. Também precisa sobrar tempo para varrer, passar, lavar roupa, pratos e espero que você não tenha um bichinho de estimação. Na minha conta são 29 horas por dia. A única solução que me ocorre é fazer várias dessas coisas ao mesmo tempo! Por exemplo, tomar banho frio com a boca aberta, assim você toma água e escova os dentes. Chame os amigos junto com os seus pais. Beba o vinho, coma a maçã e a banana junto com a sua mulher... na sua cama. Ainda bem que somos crescidinhos, senão ainda teria um Danoninho e se sobrares 5 minutos, uma colherada de leite de magnésio. Agora tenho que ir. É o meio do dia, e depois da cerveja, do vinho e da maçã, tenho que ir ao banheiro.

Viva a vida com bom humor!!

O HIPOCONDRIACO

Frei Beto

Em tempo de remédios falsificados e laboratórios incompetentes, vale lembrar deste consumidor compulsivo que faz da bula Bíblia (metáfora): o hipocondríaco. Ele padece do mal de ter mania de doenças e adora tomar remédios. Ao passar à porta da farmácia não resiste e pergunta: "O que tem de novidade?" Nada mais ofensivo ao hipocondríaco do que erguer um brinde e desejar-lhe "saúde!". Ele só frequenta coquetel de vitaminas. Encara sempre o interlocutor com aquele olhar de quem diz: "ando sentindo coisas que você nem imagina". No telefone, faz voz de vítima. Cara a cara, suplica, silente, a compaixão alheia. Está sempre entrando ou saindo de uma gripe; já tomou todas as vacinas; sofre da coluna; padece de insônia; e trata médico como faz com motorista de táxi: "Tá livre?" O hipocondríaco entra na Justiça exigindo mandado de prisão contra os radicais livres e duvida que alguém possa imaginar o tamanho da enxaqueca que teve ontem. Enquanto outros fazem shopping, o prazer do hipocondríaco é visitar drogarias de vitaminas importadas. Ingere pela manhã o abecedário (metáfora) em drágeas e nunca se deita sem antes tomar um chá de ervas. Hipocondríaco não tem plano de saúde; prefere cota de cemitério. Gosta de se separar da família para morrer (metáfora) de saudades. E fica doente (metáfora) de raiva quando alguém diz que ele aparenta boa saúde. O autêntico hipocondríaco carrega (metáfora) sempre uma dorzinha de lado, uma unha encravada, uma afta na boca, uma irritação na garganta, uma dor na coluna e umas tonturas estranhas. Para o hipocondríaco, esposa ideal é a que banca a enfermeira; cadeira confortável é a de rodas; e cama macia, a de hospital (ironia). O hipocondríaco é a única pessoa que, pelo som, distingue sirene de ambulância da de viatura de polícia e de bombeiro. O guru do hipocondríaco é Hipócrates, e sua filosofia se resume nesta questão metafísica: "Se a gente nasce deitado e morre deitado, por que não viver deitado?" O hipocondríaco morre (metáfora) de medo da vida saudável. Está convencido de que a diferença entre o médico e ele é que o primeiro conhece a teoria e, o segundo, a prática. Nunca pergunte a ele: "Vai bem?" É preferível: "Melhorou?" O hipocondríaco só assina revistas médicas e, nos jornais, lê primeiro o obituário. Mas, ao contrário do que se pensa, o hipocondríaco não quer morrer — isto o curaria de sua loucura. Nunca convide um hipocondríaco a matricular-se numa academia de ginástica. Ofereça-lhe um check-up. Os únicos exames que ele aceita fazer são os clínicos e adora ser reprovado. Se faz cooper, a perna dói; se pratica natação, fica resfriado; se flexiona o abdome, sente dor nas cadeiras. O hipocondríaco escuta o médico com a mesma atenção que o bêbado ouve os conselhos do abstinente. (comparação) A turma do hipocondríaco se reúne em porta de farmácia e tira férias em clínicas de repouso. O hipocondríaco é o único paciente que consegue decifrar letra de médico. Ele não se recolhe para dormir, e sim para repousar. Nunca deseje "bom-dia" a um hipocondríaco; pergunte: "Levantou melhor?" Aliás, ele não se levanta; tem alta. No aniversário, dê a ele um vidro de remédios. Todo hipocondríaco é viciado em aspirina, vitamina C e melatonina. O hipocondríaco sabe dar nó nas tripas (metáfora) e acredita que o melhor lazer é curtir (ironia) uma diverticulite. Considera incompetente todo médico que diz que ele não tem nada. O hipocondríaco acredita em tudo que a mídia fala sobre cuidados com a saúde. Quando viaja, não se hospeda; se interna. No bolso de dentro do paletó ele não carrega caneta, mas termômetro. E é a única pessoa capaz de enxergar vírus e bactérias em talheres de restaurantes. Sonho de hipocondríaco é ser socorrido por um daqueles helicópteros UTI que aparecem na TV. E sempre reclama de que já existem telessexo, telepizza, telessorteio, só falta o teledoença: você liga, descreve os sintomas e, do outro lado da linha, uma voz de médico prescreve a medicação. Deve ter sido um

hipocondríaco quem deu ao remédio que combate infecções o nome de antibiótico — que significa "contra a vida". O hipocondríaco não tem remédio. Ele só se cura quando morre e, paradoxalmente, a morte é o sintoma mais óbvio de que ele tinha razão. Pena que não possa levantar-se do caixão e enfiar o dedo na cara (metáfora) de quem o tratava pejorativamente como hipocondríaco. De qualquer modo, repare como ele, defunto, traz um sorrisinho de vitória nos lábios.

MESA FARTA PARA TODOS

João Ubaldo Ribeiro

Leio no Guinness que o francês Michel Lotito, nascido em 1950, come metal e vidro desde os 9 anos de idade. Um quilo por dia, quando está disposto. Informa-se ainda que, de 1966 para cá, ele já comeu dez bicicletas, um carrinho de supermercado, sete aparelhos de televisão, seis candelabros e um avião Cesna leve — este ingerido em Caracas, embora o livro não revele por quê. Sim, e comeu um caixão de defunto, com alça e tudo, a fim de garantir um lugar na História como o primeiro homem a ter um caixão de defunto por dentro, e não por fora. Se é chute, não sei, mas não deve ser, levando em conta o rigor do Guinness. E esse tipo de coisa é menos raro do que se pensa.

Nunca participei de comilanças de cacos de telha ou de torrões de barro, mas muitos amigos meus, na infância; às vezes traçavam (metáfora) até um tijolinho. E um outro amigo, poeta etíope que conheci nos Estados Unidos, me contou que, na tribo dele, os Galinas, todas as famílias tinham pelo menos um maluco, de quem se orgulhavam muitíssimo, porque maluco é visto como uma pessoa superior. Na sua própria família, havia diversos, embora um primo fosse favorito, pelo seu alto nível. — Qual é a maluquice dele? — Ah, ele come qualquer coisa. Você bota um troço na frente dele, ele pergunta se é para comer, você diz que é e ele come. Ele come comida normal também, mas se, depois de ele esvaziar o prato, você diz que pode comer o prato, ele come o prato. Come pneu, chifre, couro, madeira, qualquer coisa, nunca decepcionou. Um certo Dr. Buckland, inglês do século XIX, ficou, digamos, famoso por sua determinação em comer amostras de todo o reino animal. Morava perto do zoológico de Londres e, quando um animal adoecia, entrava em prontidão. Se o bicho morria, ele comia e dizem que, certa feita, durante uma ausência dele, um leopardo morreu e ele, ao regressar, não vacilou: desenterrou o leopardo e comeu um filezinho. Afirmava que o pior sabor era o da toupeira, mas depois mudou de idéia, porque achou a mosca-varejeira pior. Em algum lugar do mundo ou outro (geralmente a China não há quem tenha ido à China e não traga uma história culinária provocante), são itens do passadio, ou finas iguarias, lagartas, larvas, sangue fresco, banha derretida, gafanhotos, ovos de cobra com cobrinhas dentro, caça em decomposição, fígado de foca cru, baba de andorinha, ovo podre e assim por diante. Para não falar nos esforços de cientistas mais ou menos renomados, que se bateram (metáfora) seriamente contra os tabus alimentares. Mero preconceito, manter excelentes fontes de proteína escandalosamente ignoradas, a exemplo de ratos, baratas e gente morta de causas não contagiosas, como propôs outro inglês, cujo nome agora esqueci.

Na Bahia, não faz muito tempo, apareceu um japonês com amostras de vinho de — como direi? —, é isso mesmo, vinho de cocô. Segundo ele, era coisa da melhor qualidade, da mesma forma que bife de cocô, cuja tecnologia ele já dominava. Depois

de higienizado e processado, o bife, garantia ele, era mais nutritivo e gostoso do que muita picanha aí. Besteira desperdiçar tanta comida boa por causa de uma ojeriza sem fundamento científico. Por aí vocês vêem as dificuldades que o povo causa. Se fôssemos um povo de mente mais aberta, (metáfora) não existiria o problema da fome, que tantos embaraços traz aos nossos governantes em conferências internacionais. Temos ratos, baratas, piolhos, capim (outro japonês sugeriu capim, que também dá um bife de truz), temos tudo em abundância, notadamente a matéria-prima daquele vinho. Meu único receio é que, se der certo, tabelem o rato, a barata e o capim, cobrem IPI e ICM de todo mundo que for ao banheiro e regulamentem a captura de moscas com fins alimentícios. Mas vamos ter fé nos homens. Talvez eles livrem a cara do pequeno produtor, o que já é um grande passo e mostra sensibilidade para com os problemas da maioria do bravo povo brasileiro. Agora, sem boa vontade para colaborar e aceitar alguns pequenos sacrifícios, não se resolve nada.

GUARDA-CHUVA

Mário Prata

Armação de varetas móveis, coberta de pano ou outro material, usada para resguardar as pessoas da chuva ou do sol. "Tá no mestre Aurélio (metonímia). Estamos quase no século 21. Nos últimos anos a informática mudou o mundo. Todas as ciências, todas as profissões, toda a sociedade foram beneficiadas por ela. O mundo evoluiu. Já conseguimos pousar até em Marte. Tudo é moderno. Mas, se você observar bem, vai perceber que um único objeto jamais se modernizou. É o mesmo desde que foi inventado. O guarda-chuva. O guarda-chuva. Existe coisa mais antiga que o guarda-chuva? Desde que foi inventado é igual. Talvez nem tenha sido o homo sapiens quem tenha tido esta idéia primária. Talvez, antes, algum macaco, um dia, com a macaca, pegou umas folhas de palmeira, umas varetinhas, espetou um galho e foram namorar cantando na chuva. Com o mesmo guarda-chuva que Gene Kelly cantaria milhões e milhões de anos depois.

Observe a sua cidade num dia de chuva. Não parece que estamos nos anos 50? Ou menos? Não é satisfatório imaginar que este objeto que você abre quando chove foi usado um igualzinho pela Cleópatra, pelo Caim, pelo Matusalém, pelo D. Pedro I, pelo Maquiavel, pelo Tiradentes, pelo Einstein? Isso nos iguala ao resto da humanidade. E daqui a milhões de anos, estarão usando o mesmo guarda-chuva? Estive na semana passada em Brasília. Choveu. Os brasilienses abriram seus guarda-chuvas. A cidade perdia o seu encanto de modernidade e ficava parecendo com a Rua Direita de qualquer cidade do mundo. De uns tempos para cá inventaram uns que se dobram uma, duas vezes, coloca-se uma capinha, cabe na bolsa de qualquer um. Mas, quando se abre, fica igual ao usado por qualquer russo do século passado. Tem de pano, de plástico, de couro. Tem varetas de alumínio, de madeira, de silicone, até. Mudam o cabo. Fazem cabos retos, tortos, com bolotas na ponta. Mas são todos iguais. Tem preto, branco, colorido, tem até o do Banco Nacional. Tudo igual. E o pior é que a gente sempre se molha. Ou seja, é um objeto que não deu certo, definitivamente. E mais, entra-se com ele na casa dos outros, nos restaurantes nos cinemas e vamos logo molhando o chão alheio. E depois, onde colocar aquela coisa flácida, molhada, respinguenta? O incômodo está instalado. E o pior é que a chuva passa, você vai embora e esquece o guarda-chuva em algum lugar. Sempre. Será que a ciência, tão adiantada para várias direções, nunca vai dar um jeito de inventar alguma coisa moderna, um líquido, por exemplo, que a

gente daria uma espreizada e ficaria imune das gotas de água? Será que nunca poderemos dançar na chuva sem precisar de um guarda-chuva? Sem falar no nome do objeto, que está errado. Porque, decididamente, ele não guarda chuva nenhuma. Talvez em espanhol tenha um nome melhor: paráguas. Sem contar nos motivos de riso que, às vezes, tal objeto nos oferece. Lembro-me do enterro de um velho tio no interior. A viúva, já velhinha, foi de peruca para o sepultamento do marido. Quando o caixão estava descendo para a cova definitiva, caiu a maior tempestade. Um parente, ao lado da desconsolada, logo abriu o guarda-chuva para proteger a velhinha, que já estava toda molhada de sinceras lágrimas. E não é que a varetinha do velho objeto arrancou a peruca da velha? E nem o parente e nem a abalada viúva perceberam o incidente? A peruca ficou lá em cima, pendurada na varetinha, exposta à chuva torrencial. Mas as pessoas que estavam do outro lado da tumba não só viram o inusitado espetáculo como trocaram o choro sentido por gargalhadas ruidosas. Até o padre engasgou o seu latim. E a coitada da minha tia lá, toda molhada. E careca.

GRANDE QUALIDADE DE VIDA

João Ubaldo Ribeiro

Antigamente, não havia qualidade de vida. Quer dizer, não se falava em qualidade de vida. Agora só se fala em qualidade de vida e, em matéria de qualidade de vida, sou um dos sujeitos mais ameaçados que conheço. Na verdade, me dizem que venho experimentando uma considerável melhora de qualidade de vida, mas tenho algumas dúvidas. Minha qualidade de vida, na minha modesta opinião pessoal, não tem melhorado essas coisas todas, com as providências que me fazem tomar e as violências que sou obrigado a cometer contra mim mesmo. Geralmente suporto bem conversas sobre qualidade de vida, mas tendo cada vez mais a retirar-me do círculo ou recinto onde me encontro, quando começam a falar nela.

A comida mesmo me faz estar considerando, no momento, comprar uma balança de precisão e um computador de bolso com um programa alimentar especial. Antes eu comia do que gostava. Fui criado, por exemplo, com comida frita na banha de porco ou, mais tarde, na gordura de coco. Meus avós, todos mortos depois dos noventa (com exceção do que só comia o saudabilíssimo azeite de oliva — e ele morreu de AVC) comiam banha de porco e torresmo regularmente, mas, claro, ainda não tinha sido informados de que se tratava de prática mortal (metáfora). Aliás, comida saudável, que se ensinava nos manuais até para crianças, era composta de leite integral, ovos, pão (com manteiga), carne vermelha ou peixe — frito, então, era uma maravilha para estômagos delicados — frutas e legumes à vontade.

Depois disso, até atingirmos a atual qualidade de vida, fulminaram (metáfora) o leite. Alimento completo, passou a ser encarado com desconfiança, e hoje não sei de ninguém que beba leite integral, a não ser, talvez, algum gorila do Zoológico. O ovo sofreu ataque violentíssimo (metáfora), assim como o açúcar, a ponto de, tenho certeza, várias receitas tradicionais de doces serem hoje achados arqueológicos, e as poucas que restam constituam uma imitação desenxabida das que empregavam ingredientes normais e não essas massas e líquidos insossos que vivem distribuindo, como leite, manteiga etc. Claro, mudaram de idéia a respeito do ovo recentemente, mas a mudança de idéias deles só pode ser vista com desconfiança.

Não houve o tempo, e não é preciso ser nenhum Matusalém (metáfora) para lembrar, em que para substituir a manteiga era exigida margarina, alimento saudabilíssimo, que não fazia nenhuma das monstruosidades (metáfora) operadas pela

manteiga? O negócio era margarina e durou bastante, até que descobriram que margarina pode ser até pior do que manteiga. Melhor, na verdade, abolir (metáfora) manteiga inteiramente. E margarina, claro, nem pensar. Carne vermelha é uma abominação (metáfora). Carne de porco é um terror. Vísceras de qualquer tipo devem ser evitadas como o diabo foge da cruz. (metáfora) Açúcar, meu Deus! Sorvete? Só para crianças, e crianças de pais irresponsáveis. Aliás, é um bom desafio achar algo unanimemente aprovado pelos nutricionistas, a não ser, tudo indica, capim.

Mas ninguém pode viver de capim, de maneira que, relutantemente, deixam a gente comer uma coisinha qualquer, contanto que não ultrapassemos o limite de calorias e não ingiramos o proibido e, mesmo assim, com restrições. Peixe cozido ou grelhado, por exemplo, geralmente pode, mas paira sobre seu infeliz consumidor a ameaça de que não esteja fresco ou esteja contaminado por metais pesados e pelo lixo que jogam em rios e mares. Peito de frango (e eu que sou homem de coxas e antecoxas) também assusta, por causa dos hormônios que dão às galinhas e as neuroses que elas desenvolvem, nascendo sem mãe e sendo criadas em cubículos em que mal podem se mexer, a ponto de terem de ser debicadas, para não se autodevorarem histericamente. Ou seja, mesmo comendo um peito de galinha sem uma gota de qualquer gordura e acompanhado somente por matos e alguns legumes (cuidado com a contaminação de tomates, cenouras e alfaces!), o infeliz se arrisca.

Mas vou usar o computador para calcular as calorias, as gorduras e outras características de cada refeição, porque, agora que minha qualidade de vida está melhorando a cada dia, preciso ser coerente. Fumar, não mais, nem uma pitadinha depois do café (que ninguém sabe direito se faz bem ou faz mal, temperado com adoçante, que também ninguém sabe se faz bem ou faz mal). Beber, esqueça, vai deixar você demente aos 60, além de dar cirrose e hepatite. O famoso copinho de vinho, além de ser uma porção ridícula, também está sendo questionado no momento. Parece que não é bem assim, e uma autoridade no assunto disse outro dia no jornal que o melhor é tomar suco de uva — não industrializado, é claro, por causa dos aditivos.

Restam também os exercícios. Fico felicíssimo, quando, suando e bufando no calçadão, sinto o ar fresco invadir os meus pulmões (preferia logo uma tenda de oxigênio), as pernas doendo e a certeza de que minha qualidade de vida vai cada vez melhor. Até minha pressão arterial (13 a 14 por 8), que era considerada boa para minha idade, agora já é alta e o pessoal dos 12 por 8 já começa a entrar na faixa de risco. Enfim, é duro manter esta boa qualidade de vida, ainda mais agora que me anunciam que caminhadas somente não bastam, tem de malhar também. Ou seja, temos que nos dedicar o tempo todo a manter nossa qualidade de vida. Mas, aqui entre nós, se vocês no futuro virem um gordão tomando caldinho de feijão com torresmo no boteco, depois de um chopinho, e o acharem vagamente parecido comigo, talvez seja eu mesmo, sofrendo de uma pavorosa qualidade de vida. A diferença é grande. Tanto eu quanto vocês vamos morrer do mesmo jeito, mas vocês, depois da excelente qualidade de vida que estão desfrutando aí com sua rúcula com suco de brócolis, vão ter uma ótima qualidade de morte, falecendo em perfeita saúde e eu lá, no meu velório, com um sorriso obeso e contente no rosto dissoluto.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Adilson Pires
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aulas 3, 4 e 5 (07/10/11 – sexta-feira – 1ª, 4ª e 5ª aulas – 3h/a):

Leitura-estudo de crônicas

Objetivo geral:

- Analisar as estratégias discursivas e os recursos expressivos de crônicas de diferentes autores.

Objetivos específicos:

- Reconhecer o tema central da crônica;
- Inferir o sentido de uma palavra ou expressão a partir do contexto imediato;
- Identificar os objetivos e a linguagem da crônica lida;
- Cooperar com os colegas da equipe, nas atividades de leitura do gênero em estudo.

Conhecimentos abordados:

- O gênero crônica: função social e recursos de linguagem;
- Figuras de linguagem e palavras ou expressões com sentido conotativo.

Metodologia:

- Divisão da classe em quatro grupos (os mesmos da aula do dia 4/10);
- Retomada das crônicas lidas na aula anterior;
- Análise dos objetivos e da linguagem dos textos do gênero em estudo, com base em roteiro previamente elaborado pelo professor;
- Socialização dos resultados da análise;
- Exposição sobre o uso de palavras ou expressões que conferem à crônica, sentidos de efeito como as figuras de linguagem e o uso do sentido conotativo das palavras;
- Cada grupo deverá proceder à busca pelas figuras de linguagem e pelas palavras ou expressões com sentido conotativo presentes em seus textos;
- Exposição oral (por grupo) das palavras ou expressões selecionadas.

Recursos necessários:

- Cópias dos textos: *Grande qualidade de Vida*, *A crônica*, *Mesa Farta Para Todos*, *O Hipocondríaco* e *Guarda Chuva*;
- Roteiro de leitura (ver anexo).

Avaliação:

- Os alunos serão avaliados quanto ao seu empenho nas atividades propostas e quanto à sua colaboração com o grupo;
- Nas atividades orais específicas de análise, serão consideradas a pertinência e adequação das respostas às questões do roteiro e a identificação das figuras de linguagem e das palavras ou expressões com sentido conotativo.

Referências bibliográficas:

BETTO, Frei. **O Hipocondríaco**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Exigências da Vida Moderna**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

PRATA, Mário. **Guarda Chuva**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Grande Qualidade de Vida**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

RIBEIRO João Ubaldo. **Mesa Farta Para Todos**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

Anexo**ROTEIRO DE ANÁLISE**

Leia o texto com atenção e preencha o quadro abaixo.

TÍTULO: _____

AUTOR: _____

ASSUNTO	LINGUAGEM	FUNÇÃO SOCIAL	SPECTOS GRAMATICAIS
O autor tratou de um assunto do cotidiano? Qual?	O texto é engraçado ou não? O que o faz engraçado?	Qual é a função d esse tipo de texto? Onde Podemos encontrá-lo?	Relacione algumas palavras ou expressões que estão sendo utilizadas com o sentido conotativo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Adilson Pires
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aula 6 (14/10/11 – sexta-feira – 1ª aula – 1h/a):

As crônicas em outros meios de comunicação

Objetivo geral:

- Compreender/interpretar a fala do outro pela escuta de crônicas de autores consagrados gravadas em vídeo.

Objetivos específicos:

- Assistir vídeos de crônicas de autores consagrados;
- Reconhecer a função de outras linguagens (visual, gestual...) na construção de sentido de crônicas gravadas em mídia televisiva.

Conhecimentos abordados:

- A escuta da crônica;
- As diferentes possibilidades de se tratar de assuntos do cotidiano;
- As diferentes linguagens na construção do sentido do texto.

Metodologia:

- Deslocamento da turma até a sala de vídeo para assistir a algumas crônicas de autores consagrados;
- Discussão/debate sobre os vídeos assistidos.

Recursos necessários:

- Sala de vídeo;
- Aparelho de DVD ou projetor multimídia.

Avaliação:

- Observação diagnóstica. Os alunos estarão sendo avaliados quanto a sua colaboração para o bom andamento da aula, e com relação à participação na discussão das crônicas.

Referências bibliográficas:

Trecho do programa "De ponto em ponto se faz um conto" da série Palavra Puxa Palavra da MultiRio. A estrutura e características da crônica. Educopédia - SME/RJ. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=rjHJT2WwVtg>. Acesso em 29/09/2011.

Crônica de Arnaldo Jabor. **O Aquecimento Global**. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=6WOpQv_ZaA8&feature=related. Acesso em 29/09/2011.

Crônica de Arnaldo Jabor. **Os Problemas na Educação Brasileira.** Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=FmHTrvAPos4&feature=related>. Acesso em 29/09/2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiária responsável pela aula: Karine Schmidt
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aulas 7 e 8 (14/10/11 – sexta-feira – 4ª e 5ª aulas – 2h/a):

Textos e textos: crônica, notícia e entrevista

Objetivo geral:

- Estabelecer a relação entre textos de diferentes gêneros, tais como crônica, notícia e entrevista, com base na análise das especificidades de cada um.

Objetivos Específicos:

- Perceber a intencionalidade de diferentes textos/autores, com base na análise dos recursos expressivos e das marcas linguísticas de cada um.
- Distinguir os objetivos do leitor na leitura de uma crônica e de uma notícia.

Conhecimentos abordados:

- Intertextualidade e interdiscursividade.
- Interrelação entre os gêneros crônica, notícia e entrevista.

Metodologia:

- Leitura silenciosa da notícia *Homem morre de fome no centro da cidade* e da crônica *A notícia de Jornal*, de Fernando Sabino.
- Debate e discussão acerca dos dois textos lidos, com base em questionamentos elaborados pelo professor.
 - Atividade pautada na reflexão sobre qual é o objetivo de um leitor ao ler uma crônica ou uma notícia de jornal?
- Leitura em voz alta, por parte da professora, da crônica *Entrevista da TV*, de João Ubaldo Ribeiro.
- Reflexão sobre como os gêneros crônica, notícia e entrevista podem ser relacionados.
- Fixação da crônica *A Notícia de Jornal* no jornal/mural existente no corredor da escola.

Recursos necessários:

- Cópias (ver anexo) da notícia *Homem morre de fome no centro da cidade*, da crônica *A notícia de Jornal* e da atividade de reflexão sobre os textos.

Avaliação:

- Serão avaliados o envolvimento e a participação dos alunos nas atividades propostas pela pertinência de suas respostas aos questionamentos propostos.

Referências Bibliográficas:

RIBEIRO, J. U. **Entrevista na TV**. O Estado de S. Paulo, ano 20, n. 1047, p. 19 nov. 2000. Cultura, caderno 2.

SABINO, Fernando. **A notícia de jornal**. As melhores crônicas. Rio de Janeiro: Record, 1986, p. 47-48.

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2002.

Anexo

Imaginem uma notícia como esta:

HOMEM MORRE DE FOME NO CENTRO DA CIDADE

Um homem de cor branca, 30 anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome ontem, no centro da cidade, depois de ter permanecido por setenta e duas horas deitado na calçada. Uma ambulância do Pronto-Socorro e uma radiopatrulha, chamadas insistentemente por comerciantes instalados nas proximidades, nada fizeram, alegando que o caso fugia às suas atribuições, era da alçada da Delegacia de Mendicância. O corpo foi recolhido ao Instituto Médico Legal, onde aguarda identificação.

Agora leiam a crônica abaixo:

Notícia de Jornal

Fernando Sabino

Leio no jornal a notícia de que um homem morreu de fome. Um homem de cor branca, 30 anos presumíveis, pobremente vestido, morreu de fome, sem socorros, em pleno centro da cidade, permanecendo deitado na calçada durante 72 horas, para finalmente morrer de fome.

Morreu de fome. Depois de insistentes pedidos e comentários, uma ambulância do Pronto Socorro e uma radiopatrulha foram ao local, mas regressaram sem prestar auxílio ao homem, que acabou morrendo de fome. Um homem que morreu de fome. O comissário de plantão (um homem) afirmou que o caso (morrer de fome) era da alçada da Delegacia de Mendicância, especialista em homens que morrem de fome. E o homem morreu de fome.

O corpo do homem que morreu de fome foi recolhido ao Instituto Anatômico sem ser identificado. Nada se sabe dele, senão que morreu de fome.

Um homem morre de fome em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa - não é um homem. E os outros homens cumprem seu destino de passantes, que é o de passar. Durante setenta e duas horas todos passam, ao lado do homem que morre de fome, com um olhar de nojo, desdém, inquietação e até mesmo piedade, ou sem olhar nenhum. Passam, e o homem continua morrendo de fome, sozinho, isolado, perdido entre os homens, sem socorro e sem perdão.

Não é da alçada do comissário, nem do hospital, nem da radiopatrulha, por que haveria de ser daminha alçada? Que é que eu tenho com isso? Deixa o homem morrer de fome.

E o homem morre de fome. De trinta anos presumíveis. Pobremente vestido. Morreu de fome, diz o jornal. Louve-se a insistência dos comerciantes, que jamais morrerão de fome, pedindo providências às autoridades. As autoridades nada mais puderam fazer senão remover o corpo do homem. Deviam deixar que apodrecesse, para escarmento dos outros homens. Nada mais puderam fazer senão esperar que morresse de fome.

E ontem, depois de setenta e duas horas de inanição, tombado em plena rua, no centro mais movimentado da cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, um homem morreu de fome.

Morreu de fome.

(SOARES, 2002, p. 88)

Atividade:

1. Imaginem as seguintes situações e coloquem-se no lugar de um leitor de jornal:

- a) Lendo um jornal, o leitor se sente atraído pela notícia **HOMEM MORRE DE FOME NO CENTRO DA CIDADE**, e decide lê-la.
- O que o leitor busca na notícia?
- b) Lendo o jornal, o leitor encontra uma crônica com o título **NOTÍCIA DE JORNAL**, do escritor Fernando Sabino, e decide lê-la.
- O que o leitor busca na crônica?

A Entrevista de TV

João Ubaldino Ribeiro

- Você me desculpe, eu sei que estamos um pouco atrasados.
- Pouca coisa, só mais ou menos duas horas.
- É, desculpe, foi...
- O trânsito na Lagoa.
- Isso mesmo, já lhe disseram que o trânsito na Lagoa hoje está impossível?
- Não, mas é o que sempre dizem, já estou acostumado.
- Bem, não vamos tomar seu tempo, é uma coisa curtinha.
- Ô Regina, não dá para ele tirar os óculos, não? Tá dando reflexo.
- Dá para você tirar os óculos?
- Dá, se vocês chamarem alguém do Instituto Benjamin Constant para me assessorar. Eu não enxergo nada sem óculos e, além de tudo, nunca fico sem óculos a não ser para tomar banho. È pra me filmar tomando banho?
- Então pode deixar, nós nos viramos. Você baixa os óculos um pouco, assim. Mais um pouquinho. Assim...
- Eu nunca uso os óculos desse jeito, na ponta do nariz.
- Mas dá até um charme, é só um momentinho.
- Ô Regina, dá pra você pedir a ele para ver se troca para uma camisa que não seja quadriculada? Essa tá dando uns efeitos meio chatos aqui na imagem, fica tudo vazando de um lado para o outro.
- Dá para trocar a camisa? Qualquer camisa lisa serve.
- Pronto, já troquei a camisa. Esta ficou bem?
- Perfeito.
- Regina, então tudo bem. Só que ele está numa posição meio... Não dá para ele virar assim, inclinar o pescoço para a frente, virar para o lado de cá e botar os braços assim?
- Dá?
- Dá, se vocês trouxeram um fisioterapeuta na equipe. Eu nunca fiquei nesta posição na minha vida. Aliás, só vi alguém nesta posição quando assisti ao Homem de Borracha num circo.
- Ha-ha, não perde o bom humor, não é?
- Perco, sim, eu não estou de bom humor.
- Até parece que é verdade, com esse seu ar bonachão que todo mundo conhece. Bem, acho que podemos começar.

- Regina, não dá para mudar o computador dele de posição? Vira assim, encosta aqui... Ih! Que foi que houve?
- Nada, você desligou o computador na marra e desfez uma configuração que eu tinha levado horas para conseguir. E, além disso, a senhora sua mãe...
- Desculpe, isso se ajeita. Eu pego ele e...
- Não, pelo amor de Deus, não pegue em nada. Só vai me levar o resto da noite para restaurar tudo, pode deixar.
- Então, vamos lá, Regina. Pego os dois ou fecho nele?
- Não sei, eu estou bem assim, de perfil? Esse meu perfil direito nunca fica muito bem.
- Não, está ótimo, perfeito. Pode mandar brasa.
- Bem, então vamos lá? Deixa ver se esta abertura está boa: “Em seu gabinete de trabalho, o escritor José Ubaldo Ribeiro, um dos mais conhecidos em nosso país...”
- Desculpe, não é José, é João. Não que eu me incomode em ser José, sou amigo de vários Josés, não tenho nada contra, mas lamentavelmente é João.
- Oh, meu Deus, que loucura, claro, que bobagem a minha. “O escritor João Ubaldo Ribeiro...” É, está bom, assim acho que está bom, só vou fazer uma aberturazinha e depois não mais do que duas ou três perguntas.
- Pára, pára! Não tem outra tomada aqui não? Essa luz não ficou boa, onde é que tem outra tomada?
- Aqui tem outra e ali também.
- Já olhei, não servem. Espere aí, que eu vou lá no carro, buscar uma extensão.
- Não se preocupe com a tomada, João. Esse é o famoso Saraiva, mais de 30 anos fazendo iluminação, ele quebra qualquer galho.
- Pronto, já está aqui a extensão. Quatro saídas, dá perfeitamente.
- Ô Saraiva, não é por mal, não, mas você acha que essa fiação velha vai agüentar a carga?
- Agüenta, não é tanta coisa assim. Isso só parece, mas não puxa tanta luz assim. Liga aqui, liga aqui, liga aqui... Epa! Que foi que houve?
- Não posso garantir porque já não estou vendo nada com estes óculos na ponta do nariz, mas minha impressão é de que as luzes se apagaram.
- Eu dou um jeito, onde é que fica o disjuntor?
- Lá embaixo.
- Pronto, já dei um jeito. É essa saída daqui que estava dando sobrecarga. E o ar-condicionado, tem que deixar o ar-condicionado desligado, você se incomoda? São somente uns instantinhos.
- Não, houve até um tempo em que eu gostava de sauna.
- E é melhor mesmo, porque o ar-condicionado estava dando interferência aqui no som. Tudo em cima, Regina, pode começar.
- Ótimo. Em seu gabinete de trabalho, o escritor José Ubaldo Ribeiro...
- João.
- Mas que coisa incrível, de onde é que saiu esse José? Claro, João. Mas não tem importância, depois eu gravo esta introdução com fundo neutro, lá no estúdio. Depois a gente talvez até tire tudo na edição. Pronto para a primeira pergunta? A primeira é só para satisfazer a curiosidade dos espectadores, depois nós vamos em frente.

— Pode falar.

— O senhor é escritor e mora aqui no Rio de Janeiro, não é verdade?

— Não, sou bailarino e moro aqui em Ibiza.

— Ha-ha, que bom humor! Mas é uma novidade ótima! Quer dizer que o senhor é bailarino e tem uma casa em Ibiza?

— Eu...



Bruna

ATIVIDADE

É muito def

a) pode ser algo que pode ser grave
 enquanto não vai para sua a polícia
 estar fingendo o traficante!!! Para ser
 um fumaçada
 b)

Não é somente a ideia
 de contar histórias
 que acontece
 com o leitor

Relatos, metáforas, imagens e acontecimentos
 em geral, informações

O autor busca numa crônica uma metáfora
 que acontece de verdade e interpreta num
 modo de ironia, alegria e outros o mais
 divertimento, críticos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiária responsável pela aula: Karine Schmidt
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aula 9 (18/10/2011 – terça-feira – 2ª aula – 1h/a):

Conhecendo o gênero Notícia

Objetivo geral:

- Reconhecer a notícia como um gênero do discurso da esfera jornalística, com base na análise de aspectos discursivos e linguísticos que constituem o gênero notícia.

Objetivos específicos:

- Identificar as condições de produção e a finalidade do texto do gênero notícia.
- Reconhecer aspectos relativos à forma de composição (manchete, lead, texto da notícia propriamente dito) do gênero notícia.
- Diferenciar o gênero notícia de outros gêneros que circulam na mídia impressa.
- Ler e interpretar a notícia *A vitória da carne vermelha*.
- Localizar as informações principais de uma notícia.
- Identificar os usos da linguagem no gênero notícia.

Conhecimentos abordados:

- O gênero notícia (condições de produção, função social, forma de composição, marcas linguísticas e discursivas)
- Leitura-busca de informações de textos do gênero notícia

Metodologia:

- Distribuição da notícia *A vitória da carne vermelha* a todos os alunos, sem a manchete.
 - Leitura, por parte da professora, do texto.
 - Discussão acerca das condições de produção e da função social do gênero notícia.
- Qual sua função social?
 - Qual seu espaço/esfera de circulação?
 - Há um fato/acidente que é indicado/informado nesse texto?
 - Há pessoas diretamente envolvidas com o fato/acidente informado no texto? E, indiretamente, afeta a quem? Vocês entendem que o fato/acidente tem relação com a sua vida? Como?
 - Há depoimentos na notícia? Como identificam? De quem são? Qual a importância desses depoimentos para a notícia?

- Debate sobre quais seriam as possíveis manchetes da notícia entregue a eles anteriormente.
- Apresentação da manchete da notícia empregada pelo jornal em que foi publicada.
- Fixação da notícia *A vitória da carne vermelha* no jornal/mural da turma, em que sua composição (manchete, lead, texto da notícia) estará identificada.

Recursos necessários:

- Cópias da notícia *A vitória da carne vermelha* (ver anexo).

Avaliação:

- Serão avaliados o envolvimento dos alunos na leitura da notícia, a participação dos alunos nas discussões acerca do gênero notícia e do assunto da notícia e a pertinência de suas respostas quanto aos questionamentos propostos.

Referências Bibliográficas:

Notícia **A vitória da carne vermelha** – Publicada em 01/10/11, no Jornal Diário Catarinense (caderno Vida e Saúde)

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2002.

Anexo

Cardiologistas defendem que o consumo moderado faz bem à saúde

Para terror de médicos e nutricionistas que defendem o quase banimento deste alimento do cardápio, uma pesquisa chamou a atenção durante o 66º Congresso Brasileiro de Cardiologia. No dia 17 foi divulgado um levantamento apontando que o hábito de comer carne não aumenta o risco cardíaco. Desde, é claro, que ela não seja gordurosa como os apetitosos cortes de costela.

O levantamento acompanhou dois grupos de 70 voluntários que ingeriram todos os dias, por cinco semanas, 125 gramas de carne vermelha sem gordura e não tiveram qualquer alteração significativa nos seus níveis de colesterol, de pressão arterial e mesmo do temido LDL, o "mau colesterol". A pesquisa confirma recentes estudos da Ásia, dos Estados Unidos e da Escandinávia, foi explicada por seu coordenador, o cardiologista Iran Castro.

– A carne magra, isto é, aquela da qual se retira a gordura visível, as tirinhas brancas, como o contrafilé, por exemplo, não aumenta o risco cardíaco – explica Iran.

O conselho é que não é preciso limitar o consumo do filé, da picanha ou mesmo do lombo de porco. Em compensação, fica praticamente vedado o consumo dos embutidos, salsichas, linguiças e mortadela, que, pelo excesso de sal, aumentam sensivelmente a hipertensão, prejudiciais à saúde. Esse trabalho científico, a mesa-redonda sobre correlação entre a carne vermelha e as doenças cardiovasculares e mais as colocações de Kevin Croce, de Harvard, que falou no congresso sobre as Verdades e Mitos sobre a Carne Vermelha, levam a um reposicionamento dos cardiologistas, que têm recomendado a redução drástica da carne vermelha e a sua substituição por carnes brancas e de peixe.

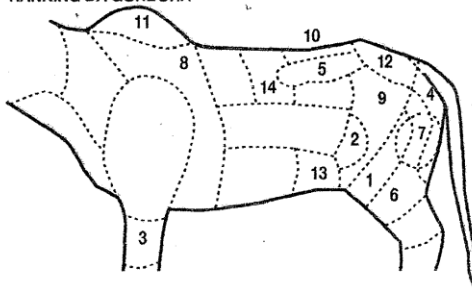


O churrasco do domingo não está com os dias contados: basta escolher um corte bem "magrinho"

Carne brasileira é mais saudável

O colesterol preocupa desde 1838, quando foi descrito pela primeira vez. Desde 2005, as sociedades de Cardiologia dos EUA recomendam a redução do consumo de carne vermelha. Mas elas não são todas iguais: um estudo asiático, que reviu 54 pesquisas, mostrou que a carne magra, com baixa concentração de gordura saturada, não aumenta o colesterol. A característica é típica da carne bovina brasileira, onde a gordura fica fora do bife e pode ser facilmente eliminada. Já o gado americano – carne com filetes de gordura internos, teria que ser banido do cardápio. Nutricionistas são enfáticos ao afirmar que o tempo da dieta baseada no filé de frango já era. O fator-chave é escolher os cortes mais saudáveis.

RANKING DA GORDURA*



- | | |
|--------------------------|--------------------------------------|
| 1 Patinho – 7 gramas | 8 Acém – 11 gramas |
| 2 Maminha – 7 gramas | 9 Acatra – 12 gramas |
| 3 Músculo – 7 gramas | 10 Contrafilé – 13 gramas de costela |
| 4 Lagarto – 9 gramas | 11 Cupim – 13 gramas |
| 5 Filé mignon – 9 gramas | 12 Picanha – 20 gramas |
| 6 Coxão duro – 9 gramas | 13 Fraidinha – 26 gramas |
| 7 Coxão mole – 9 gramas | 14 Costela – 28 gramas |

* Valores de gordura saturada para cada tipo de corte (100 gramas)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiária responsável pela aula: Karine Schmidt
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aula 10 (18/10/11 – terça-feira – 3ª aula – 1h/a):

Sobre mesa redonda

Objetivo geral:

- Reconhecer a mesa redonda como um gênero do discurso que se caracteriza fundamentalmente pela apresentação e discussão de diferentes pontos de vista sobre um mesmo tema.

Objetivos específicos:

- Identificar as condições de produção e a finalidade do gênero discursivo mesa redonda.
- Reconhecer aspectos relativos à forma de composição (local da entrevista, apresentação das pessoas participantes, nome do entrevistado, o tema abordado) de uma mesa redonda.
- Diferenciar o gênero discursivo mesa redonda de outros gêneros que circulam na mídia.

Conhecimentos abordados:

- O gênero discursivo mesa redonda: condições de produção, finalidade e forma de composição.

Metodologia:

- Exibição de um vídeo de um debate sobre educação no trânsito, com Alexandre Garcia.
- Questionamento acerca do gênero discursivo mesa redonda e da discussão do vídeo visto anteriormente;
 - Qual sua função social?
 - Quem são os participantes da mesa redonda?
 - Quem é o entrevistador?
 - Que assunto é abordado nessa discussão?
- Discussão acerca do gênero entrevista.

Obs.: Avisar os alunos que na próxima semana (25/09/11) haverá uma entrevista/mesa redonda com uma nutricionista, um professor de Educação Física e uma psicóloga, e que eles podem ir pensando em perguntas que teriam vontade de fazer a esses profissionais.

Recursos necessários:

- Projetor multimídia.

Avaliação:

- Será avaliada a participação dos alunos nas discussões e análises propostas, considerando a pertinência e adequação das respostas.

Referências Bibliográficas:

Acervo Com Sensoweb - Eduardo Amorim debate educação no trânsito em programa da GloboNews. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Vo0iwr70-18> acesso em: 29/09/2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiária responsável pela aula: Karine Schmidt
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aula 11 (25/10/11 - terça-feira –1ª aula – 1h/a):

Elaborando a entrevista

Objetivo geral:

- Elaborar questões a profissionais de diferentes áreas acerca do tema qualidade de vida, tendo em vista a participação em uma mesa redonda.

Objetivos Específicos:

- Exercitar a capacidade de trabalhar em grupo.
- Fazer uso da escrita como recurso para organizar a fala, tendo em vista a participação em uma mesa redonda.
- Elaborar perguntas adequando a linguagem oral à situação comunicativa implicada na participação em uma mesa redonda.

Conhecimentos abordados:

- Linguagem formal e informal
- Diferenças entre o oral e o escrito
- Produção escrita de questões sobre o tema qualidade de vida

Metodologia

- Organização da turma em quatro grupos.
- Exposição breve sobre a atividade profissional de cada convidado.
- Elaboração de perguntas para a entrevista/mesa redonda, sendo que cada grupo ficará responsável por fazer três perguntas para cada convidado.
- Socialização das perguntas elaboradas pelos grupos e organização da entrevista.
 - Quais perguntas serão feitas?
 - Qual a ordem de perguntas será seguida nessa entrevista?
 - Quem serão os entrevistadores?
- A organização será anotada no quadro negro.

Obs.: Avisá-los que no dia da mesa redonda todos os alunos deverão fazer o registro escrito das respostas dos convidados referentes às perguntas elaborada por seus grupos.

Recursos necessários:

- Caderno, quadro, giz.

Avaliação:

- Serão avaliados o envolvimento e a participação do aluno na atividade, a atitude colaborativa no trabalho nos pequenos grupos e no grande grupo quando da organização da entrevista, assim como a adequação e a pertinência das questões elaboradas e apresentadas ao grande grupo.

Referência bibliográfica:

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2002.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiária responsável pela aula: Karine Schmidt
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aulas 12 e 13 (25/10/11 – terça-feira – 2ª e 3ª aulas – 2h/a):

A mesa redonda

Objetivo geral:

- Conhecer diferentes pontos de vista sobre o tema qualidade de vida a serem apresentados por profissionais de diferentes áreas em uma mesa redonda organizada para ampliar as discussões desenvolvidas ao longo das aulas.

Objetivos Específicos:

- Fazer uso da linguagem oral em situações formais de interação, tendo em vista a proposição de questionamentos aos membros da mesa redonda.
- Fazer uso da escrita como recurso para organizar a própria fala, assim como para registrar a fala do outro.
- Compreender o significado da fala do outro pela participação ativa na mesa redonda sobre o tema qualidade de vida.

Conhecimentos abordados:

- O gênero discursivo mesa-redonda
- O uso formal da linguagem em situações orais de interação
- A escrita como recurso de registro do oral

Metodologia:

- Organização da sala, de forma que todas as carteiras formem um círculo.
- Entrega de cópias das perguntas para cada entrevistador.
- Aviso quanto à atividade de avaliação.
 - Pedir aos alunos que façam o registro escrito das respostas dos convidados referente às perguntas elaboradas por seu grupo na aula anterior.
- Apresentação dos convidados.
- Mesa redonda com os convidados: exposição do tema pelos convidados e questionamentos aos convidados pelos participantes.
- Agradecimento à participação dos convidados.

Recursos necessários:

- Cópias das perguntas a serem feitas.
- Caderno.

Avaliação:

- Serão avaliados o envolvimento e a participação dos alunos na atividade proposta (ver anexo), pela escuta ativa da fala do outro, pela proposição de questionamentos aos membros da mesa e pela consistência do registro escrito da fala dos convidados.

Referência Bibliográfica:

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento**. 1. Ed. São Paulo: Moderna, 2002.

Anexo

São José 04 de novembro 2011

S	T	Q	Q	S	S	D
M	T	W	T	F	S	S

Josiane Gazaniga de Campos
Turma-609

nutricionista

① Qual a diferença entre bom e mau colesterol?

R- O bom colesterol é benéfico para o organismo, pois o HDL retira o colesterol das células e facilita sua eliminação do organismo. O mau colesterol LDL ajuda e auxilia a entrar nas células, fazendo com que o excesso seja acumulado nas artérias sob a forma de placa de gordura.

ótimo!

Comer Devagar ajuda a emagrecer?

R- Sim, Comer devagar, com porções menores em cada garfada e com uma mastigação adequada pode reduzir a ingestão de calorias e, obviamente, ajuda na perda de peso, pois este hábito acaba por fazer com que as pessoas se sintam satisfeitas muito mais rapidamente e, consequentemente, comendo menos.

ok!

Educação física.

① podemos beber água durante o exercício?

R- É importante que ela esteja 100% hidratada. Se não beber água antes do exercício, é importante que, durante o

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Ana Paula Budde
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aulas 14 e 15 (01/11/11 – terça-feira – 2ª e 3ª aulas– 2h/a):

Vídeo e textos: conhecendo o gênero reportagem

Objetivo geral:

- Estabelecer diferenças entre o gênero notícia e reportagem, promovendo um debate sobre o meio social em que circulam estes textos.

Objetivos específicos:

- Reconhecer a função social, o espaço de circulação e os recursos expressivos e linguísticos do gênero reportagem;
- Identificar semelhanças e diferenças entre a notícia e a reportagem;
- Reconhecer, no texto, os recursos discursivos que caracterizam uma reportagem.

Conhecimentos abordados:

- Intertextualidade e interdiscursividade;
- Interrelação entre os gêneros notícia e reportagem.
- O gênero reportagem: função social, o espaço de circulação e os recursos expressivos e linguísticos.

Metodologia:

- Apresentação aos alunos, através do projetor multimídia, do vídeo sobre *Qualidade de Vida*, elaborado pelo Globo Repórter (disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=I5TmkW6ur80>);
- Após a veiculação do vídeo, incitação de um debate relativo a este gênero: para que ele serve (informar, divertir)? Em que esferas sociais circula? Quem o escreve, como é feita a abordagem e quem é seu interlocutor? Qual sua função social? Há outros tipos de textos que possuam essa mesma função?
- Findada a discussão anterior, primeira aproximação com o gênero reportagem: quais diferenças que ele apresenta em relação à notícia? O que havia na reportagem além das informações sobre qualidade de vida? (depoimentos de pessoas que mudaram os hábitos alimentares, especialistas no assunto, posicionamento do jornalista em relação ao tema).

- Ao término da atividade oral, leitura da reportagem “A ciência de comer bem”, publicada na Revista Super Interessante, retomando a crônica levantada pelo colega Adilson (as pesquisas contraditórias relativas à qualidade de vida e publicadas pela ciência: chocolate faz bem ou não? Quais alimentos, de fato, são unânimes entre diferentes áreas da ciência quanto à sua eficácia para a qualidade de vida?).
- Identificação/reconhecimento, no texto, das características do gênero em questão: depoimentos de pessoas que mudaram os hábitos alimentares, depoimentos de profissionais da área, posicionamento do jornalista em relação ao tema.

Recursos necessários:

- Projetor Multimídia e computador, com acesso à internet, para exibição do vídeo veiculado no programa televisivo “Globo Repórter”;
- Cópias da reportagem “A ciência de comer bem”, publicada na Revista Super Interessante.

Avaliação:

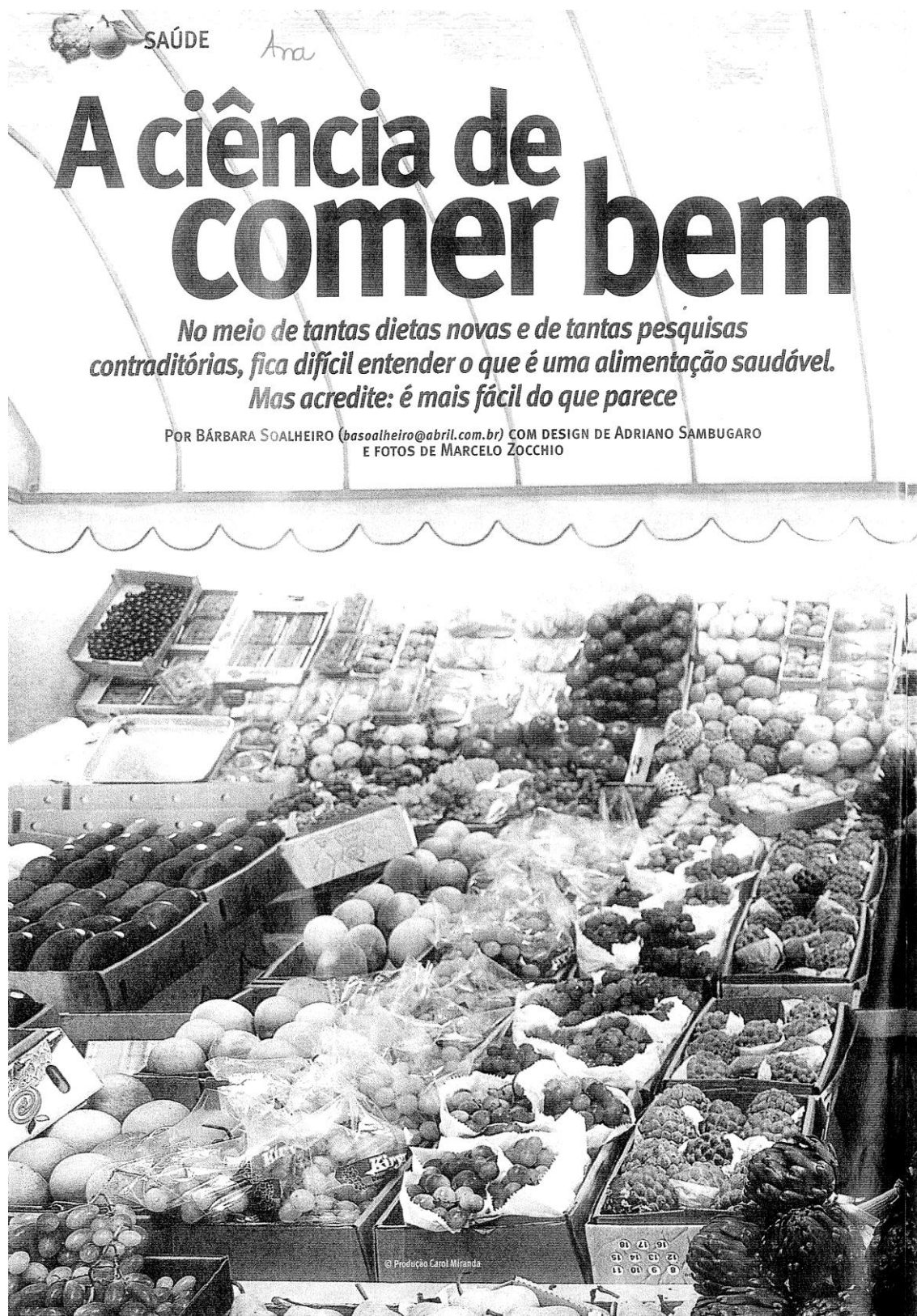
- Serão avaliados o envolvimento e a participação dos alunos nas atividades propostas, considerando as diferentes formas de manifestações dos alunos (seja por meio de falas ou de escuta atenta) e a pertinência dos comentários feitos.

Referências bibliográficas:

SOALHEIRO, Bárbara. **A ciência de comer bem**. Super Interessante. São Paulo, edição 204, p. 56-65, set/2004.

<http://www.youtube.com/watch?v=I5TmkW6ur80>

Anexo – Reportagem “A ciência de comer bem”



Nada é mais importante do que comida: 80% das doenças de coração, 90% dos casos de diabetes e 70% dos casos de alguns tipos de câncer podem ter uma ligação estreita com hábitos de vida e alimentação. Dieta inadequada é uma das duas maiores causas de morte no mundo, junto com o tabaco. E uma dieta saudável tem influência positiva em todos os aspectos da vida. Comer bem é fundamental. Mas... o que é comer bem?

Informações sobre nutrição estão em toda parte. Hoje, quase toda embalagem no supermercado contém

uma tabela cheia de números pequenos, além de letras grandes anunciando "50% menos disso", "50% mais daquilo". Novidades médicas sobre alimentação são alardeadas nas revistas e nos jornais com a mesma frequência com que você almoça, e o prazo de validade delas é quase sempre menor que o de uma caixa de leite. Dietas novas surgem como relâmpagos, sempre desmentindo o que a anterior dizia - e impulsionando a venda de uma porção de livros.

É claro que o acesso às informações é uma vantagem. Mas a confiança que depositamos em cada novo estudo é desproporcional. Faz só

meio século que os cientistas começaram a investigar os efeitos da dieta em humanos e a maioria das pesquisas divulgadas com barulho não comprova a eficiência de uma dieta ou um alimento. No máximo, demarcam um ponto de partida para pesquisas mais aprofundadas. A dura realidade é que os cientistas provavelmente têm mais dúvidas que certezas quando o assunto é dieta.

E o pior é que muitos de nós nos aproveitamos dessa bagunça para comer errado. "Enquanto pudermos culpar um estado de confusão geral, não temos que nos responsabilizar pelo tamanho de nossas cinturas",

Adilson (dia/h) e em que acreditar





escreveu a jornalista americana Christine Gorman na revista americana *Time*. É como se tudo fosse culpa dos cientistas, que não chegam a um acordo.

Temos então duas notícias para você – e, como de costume, uma é boa e outra é ruim. A boa: apesar de discordarem, cientistas sabem o suficiente para que você consiga comer de maneira saudável. Grãos integrais e vegetais variados fazem bem. Achar que não existe refeição sem bife faz mal. Comer pelo menos três vezes por dia faz bem. Basear a dieta em arroz branco e açúcar faz mal. Fazer da refeição um ritual tranquilo e prazeroso faz bem. E, definitivamente, comer demais faz mal.

A notícia ruim é que você pode esquecer a desculpa de que você come errado por causa da confusão que cerca o assunto. Ela não cola. Você é o maior responsável por sua dieta e certamente vai arcar sozinho com as consequências dela, mais cedo ou mais tarde. Melhor então saber o que está fazendo. E então, vai comer o quê?

E VAI COMER QUANTO?

Rodízio ou *à la carte*? Quando uma das perguntas mais fundamentais da vida moderna pega você sentado à mesa de um restaurante japonês, não há dúvida. Quase ninguém é capaz de trocar o coma-o-quanto-quiser pelas modestas porções de seis rolinhos, mesmo sabendo que, no rodízio, os sushis são preparados de forma tão mecânica que fariam corar o oriental mais amarelo. Tudo bem, ninguém se importa com detalhes quando pode comer por quanto tempo o estômago agüentar.

Quando a refeição termina, você devorou algo perto de 350 gramas de carboidratos, 40 gramas de proteína, 30 gramas de gordura e 1 800 calorias. Um jantar que daria para nada mais nada menos que quatro pessoas. “O principal problema hoje é que estamos comendo demais”, diz o médico americano James Hill, diretor do Centro de Nutrição Humana, da Universidade de Colorado, nos Estados Unidos.

Moderação é a palavra-chave quando o assunto é alimentação. O problema é que moderação pode significar coisas muito diferentes para pessoas diferentes. E, por isso, o único jeito eficiente de controlar o quanto comemos continua sendo prestar atenção nas famigeradas calorias – do mesmo modo que o único jeito de economizar na conta de luz é controlar o consumo de energia elétrica ao longo do mês. Caloria é o nome dado à unidade de medida de energia térmica. Para saber o quanto as calorias influem no nosso peso, a conta é simples. Pegue o quanto de energia você põe para dentro (X) e o quanto de energia você gasta (Y). Se X é maior que Y, você engorda. Se X é menor que Y, você emagrece. Se X é igual a Y, você se mantém no peso.

É verdade que alguns fatores podem interferir no processo. Os genes, por exemplo. Além disso, o corpo pode ajustar a variável Y em algumas situações e gastar menos energia do que o normal. Se você passa um longo período comendo pouco (X baixo), seu corpo entende que está numa época de escassez e reduz o ritmo do metabolismo para gastar menos energia (tornar Y tão baixo quanto X). Assim, se você comer de repente algo mais calórico, como um chocolate, tende a engordar mais facilmente. Ou seja, dietas radicais e repentinas podem aumentar a tendência a engordar.

O problema dessa equação é que, nos dias de hoje, as pessoas simplesmente não são capazes de se exercitar com a mesma compulsão com que comem. X fica sempre maior que Y. É provável que essa nossa compulsão por comida seja genética – nossos ancestrais aprenderam a comer tudo o que estivesse disponível, para criar reservas e suportar as épocas de escassez. A diferença é que comida disponível era coisa rara há milhares de anos e é uma constante hoje.

A oferta, além de incessante, é cada vez mais democrática. Se, até poucos anos atrás, você tinha que resistir apenas aos biscoitos de morango ou chocolate, agora há os de capuccino, baunilha, frutas vermelhas, chocolate alpino, frutas cítricas... Sempre haverá al-

go engordativo que se encaixe no seu gosto. Os tamanhos das porções também acompanham nosso instinto ancestral por fartura – e nosso instinto, bem atual, por barganhas.

Nas lanchonetes ou supermercados, você pode levar o dobro de refrigerante por apenas 20% a mais do preço. E a lógica do rodízio faz com que porções *à la carte* se tornem um péssimo negócio. Enquanto investimos em pechinchas, nossas artérias e corações pagam a conta. Para você ter uma idéia, estamos comendo 230 calorias por dia a mais do que comíamos na década de 70. Para não ganhar peso, teríamos que aumentar proporcionalmente o gasto de energia. E o que fizemos? Fomos ficando cada vez mais sedentários.

Isso significa que é preciso levar a sério a instrução “coma menos” – mesmo que você esteja satisfeito com o ponteiro da balança. À medida que envelhecemos nosso corpo precisa de menos comida para realizar as mesmas atividades. E, ao que parece, engordar quando adulto é um problema. Dois estudos de longo prazo realizados pela Escola de Medicina de Harvard mostraram que homens e mulheres que engordaram de 5 a 10 quilos depois dos 20 anos têm três vezes mais chance de desenvolver doenças cardíacas, hipertensão e diabetes do que aqueles que engordaram 2 quilos ou menos.

Uma boa dica para evitar que você coma em excesso é restringir as opções. “Quanto mais variedade temos, mais comemos. Isso funciona para qualquer espécie testada”, diz Susan Roberts, professora de nutrição da Universidade Tufts, em Boston. Se você come em restaurantes self-service, sabe do que Susan está falando. É quase impossível escolher apenas uma opção quando há pizza, nhoque *à bolonhesa* e lasanha vegetariana. Nessas horas, lembre-se: você tem que fazer algum esforço.

Para controlar a ingestão de calorias, determine – com a ajuda de um médico – uma média que você deve consumir por dia. A Anvisa, agência do governo brasileiro que cuida da vigilância sanitária, recomenda 2 500, uma quantidade considerada alta por muitos nutricio- ▶



3 nistas. A Pirâmide de Alimentação, criada em 1992 pelo Departamento de Agricultura americano e que se tornou referência mundial, recomenda 2 800 por dia para homens e adolescentes ativos e 2 200 para mulheres ativas e homens inativos. Mulheres inativas não precisam de mais que 1 600 calorias.

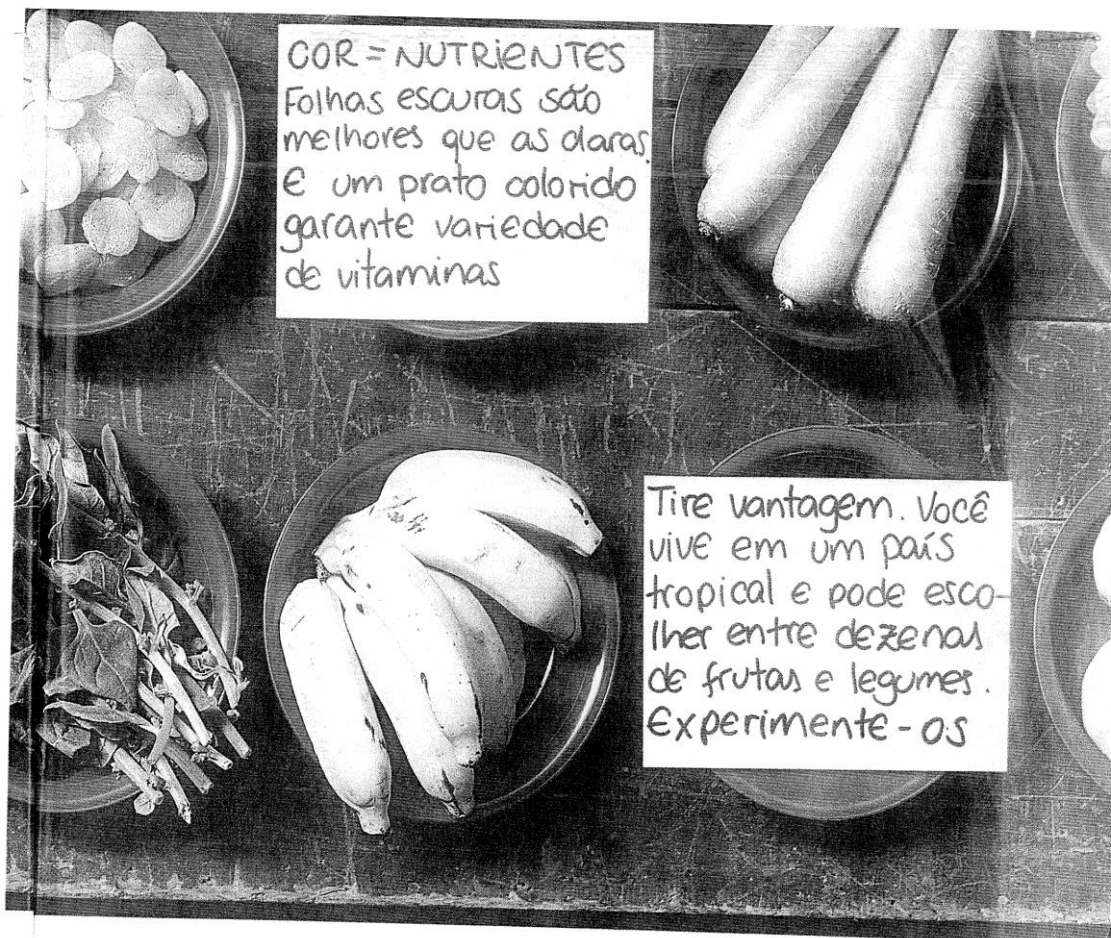
Alguns truques podem ajudar a reduzir quantidades – e, assim, as calorias ingeridas. Use um prato menor. “Ele vai ficar cheio mais rápido e obrigá-lo a parar de comer”, diz o médico Walter Willett, que coordena o Departamento de Nutrição da Escola de Saúde Pública de Harvard. Evite se servir mais de uma vez e comece com saladas. Ao contrário do que sua mãe falava, “estrague” seu apetite antes das refeições. Coma pequenos lanches ao longo do dia – frutas ou castanhas. Outra boa sugestão é começar o almoço

ou jantar com uma tigela de sopa (sem creme de leite). Estudos recentes sugerem que a textura e a consistência da sopa mantêm o apetite controlado enquanto outros líquidos, como sucos, não ajudam nessa tarefa. O médico Willett dá outra dica preciosa: “Não precisa cortar a sobremesa. Basta dividi-la. A quantidade de gordura e caloria em uma fatia de torta doce é suficiente para a uma família inteira”.

E preste atenção nos rótulos. Geralmente, os números que aparecem nas embalagens se referem a porções bem menores do que as que imaginamos à primeira vista. Por exemplo, o rótulo de um chocolate pode indicar que uma porção do alimento tem 230 calorias. Se você ler com atenção, vai ver que uma porção são 15 gramas, e não as 30 da barrinha. Ou seja, no chocolate todo há nada menos que 460 calorias.

POUCO, MAS COM PRAZER

Equações, variáveis X e Y, meia porção, contar calorias... Agora que você entendeu tudo, esqueça. Se você se tornar compulsivamente preocupado, não vai conseguir manter uma dieta saudável. “Calorias contam, mas você não precisa contar cada uma delas”, diz Willett, autor de *Coma, Beba e Seja Saudável*, livro que se tornou uma bíblia da alimentação saudável nos Estados Unidos. Se comer virar um suplício recheado de números e cálculos, é bem capaz que você passe a odiar as refeições. E aí vai bastar aparecer um problema na sua vida para você descontar tudo em si mesmo – comendo sem controle. Isso é exatamente o contrário do que os médicos querem.



Desde muito jovens aprendemos que quem nos ama nos dá comida. E, se nos ama muito, nos dá muita comida. Está aí um dos motivos pelos quais não conseguimos nos manter por muito tempo em dietas. Dieta é a privação do prazer, daquilo que amamos mais.

Portanto não adianta ser radical. Nas duas próximas semanas, descubra a quantidade de calorias das porções que você consome com frequência. Duas colheres de sopa de arroz branco, por exemplo, têm 105 calorias; um bife de frango pequeno grelhado, 160. (Confira outros exemplos na página 65. O Ministério da Saúde está investindo na elaboração de uma tabela completa. A partir do dia 24 de setembro, ela vai estar disponível no endereço www.unicamp.br/nepa/taco) Ajuste-as para que se encaixem na sua média de ingestão diária. Essas duas semanas de trei-

no vão ajudar você a entender a lógica das calorias. A partir da terceira semana, use apenas o bom senso.

Um estudo americano chamado Registro Nacional de Controle de Peso, que investiga os hábitos de 3 mil pessoas bem-sucedidas nas dietas que fazem, descobriu que três dos quatro pontos em comum entre elas estão diretamente ligados ao estilo de vida: todas monitoram com frequência seu peso e o consumo de comida, todas se exercitam por mais de uma hora todos os dias e nenhuma pula a primeira refeição do dia, o café da manhã. "Não é que o café da manhã emagreça. Mas, em geral, quem toma café da manhã tem uma alimentação mais equilibrada ao longo do dia. É isso que faz a diferença", diz a endocrinologista Annete Abdo, integrante do Projeto de Atendimento ao Obeso, ligado à USP.

Cuidar da alimentação precisa ser algo prazeroso. E isso significa que o sabor não deve ser sacrificado. "É impossível se alimentar só de coisas que você acha horrível", escreveu o médico Andrew Weil no livro *Alimentação Ideal para uma Saúde Perfeita*. Weil acredita que o ditado "tudo o que é bom engorda" não poderia estar mais longe da verdade. E você vai ver que ele tem razão se decidir se divertir enquanto se alimenta. Procure explorar novos sabores, usar temperos diferentes, experimentar frutas ou folhas que você nunca comeu antes. Use sua inclinação para barganhas quando tiver que escolher entre uma refeição feita em casa ou uma comprada de uma lanchonete ou restaurante: comer em casa é muito mais barato. E você pode controlar os ingredientes usados, além de descobrir um passatempo relaxante e saudável.



Nozes, amêndoas,
avelãs, macadâmias...
elas têm bastante
proteína, mantêm a
fome saciada e são
deliciosas

década 60

▶ GORDURAS X CARBOIDRATOS

Quarto ponto em comum entre os 3 mil “dieteiros” bem-sucedidos: todos limitam a ingestão de gordura. E é aqui que mora o maior dilema nutricional da atualidade: qual é o vilão da dieta moderna? Gorduras ou carboidratos?

Desde 1950, médicos de todo o mundo tentam encontrar diretrizes confiáveis para conter a expansão de barrigas e cinturas. Nos anos 60, pesquisas indicaram que a gordura aumenta a taxa de colesterol e facilita a obstrução das veias. Assim, ela se tornou o inimigo número 1. Bacon e manteiga, nozes e azeite de oliva foram banidos do cardápio ideal. Milhões de pessoas em todo o mundo seguiram as recomendações e os fabricantes de alimentos estamparam “sem colesterol” ou “50% menos gordura” nos mais diversos produtos. Para matar a fome, muita gente aumentou o consumo de carboidratos.

E o que aconteceu? As cinturas continuaram crescendo. Nos Estados Unidos, segundo o Centro Nacional de Estatística de Saúde, a taxa de obesidade pulou de 13% (nos anos 60) para 22% (em 80). E países que consomem muita gordura, como França e Grécia, têm taxas de obesidade e de ataques cardíacos menores que os americanos.

Em 1972, um médico americano lançou uma dieta que soava como heresia criminosa. Ela limitava o consumo de frutas e pães, os alimentos mais recomendados pelos caçadores de gordura, e liberava a ingestão de gorduras e carnes. Robert Atkins vendeu mais de 15 milhões de livros no mundo e ganhou fama de picareta. Ele acreditava que o açúcar (e o nível de insulina provocado por ele) era o verdadeiro responsável pelo aumento de peso e doenças entre seus conterrâneos. As gorduras, ele dizia, estão longe de ser vilãs.

E ele tinha razão. Pelo menos em parte. Os avanços da endocrinologia permitiram que os estudos acompanhassem a reação do corpo aos diferentes tipos de alimento e provassem que as gorduras não fazem só mal. Elas realmente elevam o colesterol ruim

(conhecido como LDL), mas algumas elevam também o colesterol bom (conhecido como HDL). O HDL faz bem ao coração. Além disso, está ficando claro que comer um pouco de gordura sacia a fome. Assim, quando ingerimos gorduras de menos, acabamos comendo açúcar demais.

A questão é que nem toda gordura é igual – há muitos tipos delas, cada uma com uma estrutura molecular diferente e, conseqüentemente, com um efeito distinto sobre o corpo. Para resumir, gorduras sólidas são piores que as líquidas. As sólidas são de dois tipos: saturadas (como a manteiga) e trans – também chamadas de gorduras vegetais hidrogenadas (como a maior parte das margarinas). Já as gorduras líquidas são insaturadas, como azeite e óleos presentes em castanhas. Essas são melhores porque aumentam o HDL. As gorduras líquidas também são divididas em dois grupos: monoinsaturadas (abacate, nozes, azeite) e poliinsaturadas (peixe, óleo de soja). As gorduras poliinsaturadas são as únicas que o corpo não produz sozinho, e elas também vêm em dois tipos: ômega-3 e ômega-6. A ômega-6, que está no óleo de soja, nas carnes e nos laticínios, é muito abundante nos alimentos, e portanto você não precisa se preocupar em consumi-la. Mas a ômega-3 é rara, daí a importância de comer peixe, frutos do mar e óleos de canola e linhaça.

Por muito tempo, a gordura saturada foi vista como a pior. Mas hoje se sabe que ela, ao mesmo tempo em que aumenta o LDL, aumenta também o HDL – ou seja, não faz só mal. Hoje é na gordura trans que a etiqueta “Livre-se disso!” se dependura. O processo de hidrogenização – que consiste em adicionar hidrogênio à gordura vegetal – permite que o produto dure mais tempo na prateleira do supermercado, mas eleva muito o LDL no sangue. Um ótimo negócio para os fabricantes, um péssimo negócio para você. Seu corpo vai agradecer se sorvete, batata frita de saquinho e margarina forem trocados por sorbet, brócolis e azeite. Além disso, é bom ficar atento aos rótulos e evitar produtos que têm “gordura vegetal hidrogenada” na lista de ingredientes. ▶

→ sorvete feito à base de água





FAZENDO AS CONTAS

Conheça as calorias de alguns pratos do dia-a-dia

ALIMENTO	QUANTIDADE	CALORIAS
Almondégas	1 unidade	54
Empadão de frango	1 fatia	359
Estrogonofe	1 concha	332
Feijoada	1 concha	273
Lombo de porco	1 fatia	362
Moqueca de peixe	1 concha	325
Picanha	1 bife médio	156
Puré de batata	1 colher de sopa	28
Salmão grelhado	1 filé	220
Salpicão de frango	1 colher de sopa	104
Sardinha em conserva	3 unidades	173
Sobrecoxa assada	unidade	229
Sopa de abóbora	1 prato	263

Fonte: NIS/Unicamp

A reabilitação das gorduras fez emergirem acusações contra outro grupo de alimentos: os carboidratos. A idéia de emagrecer comendo bacon no café da manhã convenceu muita gente cansada de privações na tentativa de perder peso. Hoje, milhões de pessoas (26 milhões só nos Estados Unidos) seguem dietas que limitam a ingestão de carboidratos. Muitos nutricionistas estão esperneando, afinal não há estudos que garantam que tanta proteína e gordura não tenha efeitos negativos a longo prazo. Para atender à nova demanda, a indústria de alimentos estampou “sem carboidratos” ou “baixo índice glicêmico” nas embalagens.

“Índice glicêmico” é a medida do nível de glicose que o alimento gera no sangue. Carboidratos como grãos integrais e frutas têm índice glicêmico baixo – eles são ricos em fibras, que retardam a absorção de açúcar. Outros, como pão e arroz brancos, batata e açúcar têm índices altíssimos. Eles elevam rapidamente a taxa de glicose no sangue e forçam o corpo a armazenar o excesso dentro das células. Quem faz o trabalho de armazenamento é a insulina. Quando comemos alimentos de alto índice glicêmico, produzimos muita insulina de uma só vez. O excesso do hormônio diminui o nível de glicose no sangue e a queda faz o corpo pedir mais, gerando a sensação de fome. Ou

seja, consumir muita comida com alto índice glicêmico pode aumentar a compulsão alimentar. E não é só isso: está ficando mais claro que esses altos e baixos na produção de insulina podem levar a diabetes tipo 2, uma doença séria, cuja incidência está explodindo.


A má notícia é que isso significa abrir mão de comer arroz branco e batata todo dia. Além de índice glicêmico altíssimo, eles têm poucos nutrientes comparados a substitutos como brócolis ou ervilhas. E, se você acha impossível substituir arroz, passe em uma loja de produtos naturais. Amaranço, cevada, e quinoa são só alguns dos grãos que você deixa de lado ao optar pela monotonia alva do arroz nosso de cada dia.

Para resumir: não há heróis ou vilões. Gorduras e carboidratos devem estar presentes nas dietas. Entre as gorduras, prefira as dos peixes, nozes e azeite de oliva. E, entre os carboidratos, escolha aqueles presentes em grãos integrais, frutas e verduras. Arrume substitutos para manteiga, margarina, carne vermelha, arroz branco, batata... Substituir alimentos pode ser mais importante do que cortá-los. Experimente trocar a alface-americana da sua salada por espinafre, que tem diversos nutrientes e fibra. E alterne bifes com soja, frango ou peixes. Há muitos indícios de que carne vermelha tenha relação com diversos tipos de câncer.

CONTA CORRENTE

Lembre-se de que todo grupo de alimentos tem uma função importante. “Os carboidratos são nossa conta corrente. Possibilitam os esforços físicos diários, como subir uma escada. Já a gordura forma nossa caderneta de poupança. O corpo só usa gordura para esforços mais longos, como exercícios físicos prolongados”, diz Anete Abdo. Nesse cenário, proteínas seriam nossa credibilidade. Formam a estrutura que nos permite abrir a conta no banco – ou seja, são a massa corporal. Sem elas, não há conta corrente nem caderneta de poupança.

A metáfora é valiosa em tempos em que a economia fala tão alto. Se você tira todo seu dinheiro da conta corrente (consome poucos carboidratos), vai usar o dinheiro da caderneta de poupança (gordura). O gerente do banco vai achar estranho que você esteja gastando suas reservas e vai cortar seus benefícios (para se proteger da escassez, o corpo reduz o metabolismo). Sem investimentos você perde credibilidade (a massa corporal) e se você precisar de um empréstimo (comer algo mais calórico) seu banco vai cobrar juros altíssimos (você engorda muito mais rápido). É por isso que o único jeito eficiente de mexer em investimentos sem conseqüências desastrosas é ganhar credibilidade. Comer com moderação e fazer exercícios físicos regularmente, que aumentam a massa corporal e dão agilidade ao metabolismo.

Evite ações de alto risco (dietas muito radicais), diversifique investimentos (não coma apenas um grupo de alimentos: variedade é o outro mantra da alimentação). E, lembre-se, muito lucro pode sair caro. Nossa obstinação por barganhas pode se reverter em alguns anos de vida a menos. 

PARA SABER MAIS

NA LIVRARIA:
Alimentação Ideal para uma Saúde Perfeita
Andrew Weil, Rocco, 2001

Coma, Beba e Seja Saudável
Walter C. Willett, Campus, 2004

Comida – Uma História
Felipe Fernández-Armesto, Record, 2004

Eat More, Weigh Less
Dean Ornish, Harper Collins, EUA, 2001

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Ana Paula Budde
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aula 16 (04/11/2011 – sexta-feira – 1ª aula – 1h/a):

Explorando o gênero Reportagem

Objetivo geral:

- Reconhecer a reportagem através da leitura e mapeamento de suas características linguísticas e discursivas.

Objetivos específicos:

- Promover o contato, através da leitura, com o gênero reportagem;
- Identificar, no texto, os aspectos textuais da reportagem (aspectos relativos à forma de composição: título, texto da reportagem propriamente dito, depoimentos de especialistas e pessoas que mudaram seus hábitos);
- Localizar as informações principais contidas na reportagem e refletir sobre elas, posicionando-se frente à leitura realizada.

Conhecimentos abordados:

- O gênero reportagem (forma de composição, marcas linguísticas e discursivas)
- Leitura-busca de informações.
- O gênero reportagem: função social, o espaço de circulação e os recursos expressivos e linguísticos.

Metodologia:

- Divisão da turma em seis grupos, sendo que cada equipe ficará responsável por um texto (A comida que emagrece – Revista Isto É; O cardápio certo para ganhar energia – Revista Isto É; Corre, corre... – Diário Catarinense). Como haverá três reportagens, dois grupos se responsabilizarão pelo mesmo texto, o que enriquecerá o debate;
- Leitura silenciosa, em busca de informações. Para tal atividade, será entregue um roteiro que norteará essa pesquisa. Durante a leitura da reportagem, os grupos deverão listar as informações levantadas e discutir questões sobre a reportagem lida: Há informações interessantes na reportagem? Você concorda com as informações publicadas ou entende que as pesquisas sobre alimentação e exercícios físicos sejam contraditórias?

Recursos necessários:

- Cópias das reportagens **A comida que emagrece** – Revista Isto É; **O cardápio certo para ganhar energia** – Revista Isto É; **Corre, corre...** – Diário Catarinense.
- Cadernos para registrar as informações localizadas nos textos;

Avaliação:

- Serão avaliados o envolvimento dos alunos durante a leitura da reportagem, assim como a forma como interagem com seu grupo.

Referências:

CASTIEL, Marcos. **Corre, corre... Santa Catarina**. Diário Catarinense. Florianópolis, 27 ago., 2011, Reportagem Especial, p. 4-5. Rio de Janeiro, 4 set., 1994. Caderno B, p. 7.

COSTA, Rachel. **O cardápio certo para ganhar energia**. Isto é. São Paulo, n. 2152, p. 76-82, ano 35, 9 fev/2011.

TARANTINO, Monica. **A comida que emagrece**. Isto é. São Paulo, n. 2178, p. 90-96, ano 35, ago/2011.

Reportagem Especial

Corre, corre...

Santa Catarina

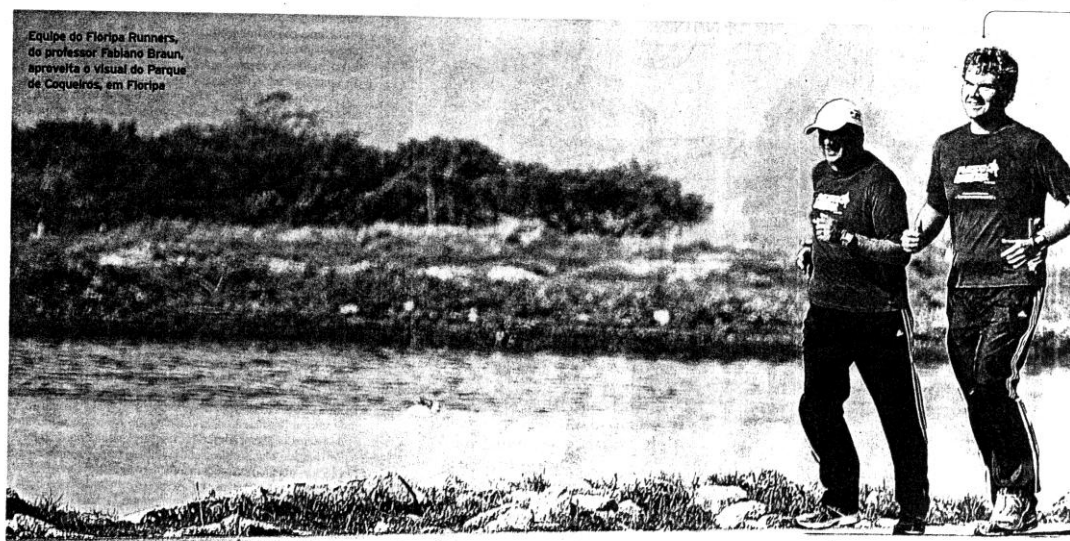
MARCOS CASTIEL

marcos.castiel@diano.com.br

Um dos esportes mais democráticos e intuitivos na sua prática virou boom no mundo. Em SC não é diferente. Parques, ruas, estradas, praias, provas e competições espalhadas pelos quatro cantos e multidões por todos os lados. Correr virou mania. Seja na hora do rush, seja cedinho pela manhã, à noite, de madrugada, sempre há alguém correndo nas ruas. O porquê? Alto rendimento, prazer ou saúde são as principais respostas.

Por ser um esporte barato e por depender da força de vontade do praticante (o mais caro no investimento ainda é o tênis), não existe restrição

aos praticantes: todas as classe sociais, raças e faixas etárias podem começar do zero a qualquer instante. Em meio à adesão em progressão geométrica, duas constatações: é possível atingir ótimos resultados sozinho, mas é mais eficaz progredir com orientação de um profissional. A única questão que não é excluyente: ninguém deve começar sem, antes, fazer um check-up médico. O DC passeou pelo Estado e descobriu vários casos em que a simples decisão de começar a correr mudou, para melhor, a rotina de vida, curou doentes e/ou transformou cidadãos comuns em antes improváveis superatletas.



Equipe do Floripa Runners, do professor Fabiano Braun, aproveita o visual do Parque de Coqueiros, em Floripa

Combate ao tabagismo

LUCAS BALDUINO

A corrida de rua é um esporte em ascensão em Joinville. Todos os dias, dezenas de corredores – entre amadores e profissionais – escolhem seu percurso para praticar o esporte. Entre os destinos mais escolhidos estão a calçada do 62º Batalhão de Infantaria, que mede 1,4 quilômetros, ou a Avenida Beira-Rio, no Centro da cidade.

Somente nas duas assessorias esportivas que existem em Joinville são mais de 300 alunos matriculados, com idades que variam entre 13 e 55 anos. A preparação é voltada tanto para os iniciantes, que escolhem o esporte como uma forma de manter

a saúde em dia, quanto aqueles que desejam começar a praticar corridas de média distância ou até maratonas.

Incentivada pelo boom, a bancária Eliane de Souza (foto), 52 anos, escolheu o esporte por um motivo diferente do habitual. Ao invés de desejar perder peso, como a maioria, a procura foi como uma alternativa para fugir do tabagismo.

Diariamente, ela fuma uma média de 10 cigarros. O primeiro objetivo é diminuir a cota para seis e depois, gradativamente, ir eliminando o vício.

– Vou me inscrever para algumas competições. Com isso, espero me motivar para largar o cigarro.



Xô, hipertensão!

Ele olhava para o Parque de Coqueiros, na Capital, e via as pessoas correndo. E ficava ali, sentado, em sua empresa, vendo as finanças prosperarem, mas a saúde ruir. Eduardo Bielek tem 39 anos, três filhos, cultiva um estilo de vida – bebia até quatro litros de Coca Cola por dia – que lhe rendeu hipertensão, cálculos renais e sobrepeso. Uma visita ao médico serviu de alerta:

– O doutor me perguntou: você tem carro? Disse, tenho; indagou: você tem casa? respondi que sim; e arrematou: e filhos? Disse que tinha três; aí ele sentenciou: pre-

para o testamento.

Foi então que ele mudou a alimentação e procurou orientação física para correr, perdeu 14 quilos, controlou a pressão arterial de 16 por 14 para o tradicional 12 por 8 e, em menos de um ano, já corre 8 quilômetros antes impensáveis e participa de provas.

– Treino até com chuva – revela Eduardo, que melhorou seu humor e aprendeu a lidar com o estresse do dia a dia na gestão de sua empresa, na área de telefonia, um dos setores mais competitivos no país. (M.C.)

Florianópolis

Insônia já era

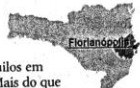
Helmuth Wise Júnior, 35 anos, administrador de empresas. Do alto de seus 1m93cm, este blumenauense, que treina em Florianópolis desde setembro do ano passado, com o pessoal do Floripa Runners, baixou dos 127 quilos para 104 quilos. Pulverizou 23 quilos em menos de um ano. Mais do que isso: interrompeu um processo de insônia que tornava insuportável a estressante vida em meio às atividades de comércio exterior.

— Correr me levou a conviver com alto-astral, felicidade, dispo-

sição e a procurar uma reeducação alimentar. Os resultados são muito rápidos, mas é importantíssimo o acompanhamento de um profissional, que vai delimitar seu treino e evitar lesões, além de acelerar os resultados — avisa.

A meta? Seguir o exemplo do pai no quesito longevidade:

— Ele sofreu um infarto há 25 anos, mas está lá, firme e forte, aos 90 anos, e o segredo é o estilo de vida e a alimentação regrada — revela. (MC)



Sedentarismo, o vilão

Blumenau

EVERTON SIEMANN

Blumenau e corrida bem que poderiam ser considerados sinônimos. Basta olhar pelas ruas e parques para perceber que muitos blumenauenses são adeptos dessa prática esportiva. A cada dia que passa, o número de praticantes cresce bastante na cidade.

Além dos atletas profissionais e amadores, que treinam para as respectivas competições, tem quem corre por recomendação médica, para perder os quilinhos a mais, para manter a forma ou até para melhorar

a qualidade de vida.

O pintor automotivo Gian Carlos Morlo (foto), 32 anos, é um dos novos adeptos. Por recomendação médica, ele começou a correr para auxiliar em um tratamento de saúde e para fugir da vida sedentária. Há três semanas, diariamente, vai ao Parque Ramiro Ruediger assim que deixa o trabalho. Alterna a corrida com a caminhada, num período de uma hora.

— Custei a começar, mas, agora, virou um verdadeiro vício — afirmou, planejando participar de alguma prova no ano que vem.



Passear pelo mundo

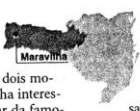
DARCI DEBONA

Como sugere o próprio nome da cidade, correr é maravilhoso. Foi o que descobriram dois moradores de Maravilha interessados em participar da famosa prova de São Silvestre, em São Paulo, em 2007. Anseio que deu início a um grupo de corredores do município.

— No segundo ano já tínhamos 15 integrantes — comemorou o professor de educação física e dono de uma academia na cidade, Egon Bude. Eles já participaram da Mountain Do, em Florianópolis, e corridas na Capital, Rio de Janeiro, Porto Alegre e até da Meia-Maratona de Paris, em março deste ano.

— Nós vamos passear e correr e não correr

Maravilha



e passear — afirmou a administradora Magda Marcolin, que há três anos está no grupo.

— Mas a gente leva o treinamento bastante a sério — afirma a advogada Ana Paula Hübner. Formado por profissionais de diferentes áreas, como dentistas, empresários, contadores e comerciantes, o grupo treina de três a quatro vezes por semana, em diferentes horários.

Confraternizar e curtir

MARCELO BECKER

A vitória não é o objetivo principal. Competir é quase um item secundário num "pacote" que inclui o passeio, turismo, muita saúde e, acima de tudo, uma boa confraternização.

É a atividade em grupo o principal foco, desde 2008, de dezenas de atletas amadores de Criciúma, que fazem parte de uma equipe, a Pró Runner, e participam de várias competições. O coordenador da equipe e professor de educação física Santiago Mendonça, diz que a proposta prioritária é se divertir.

— Quando algum atleta está muito focado apenas em vencer uma competição e tenta passar esta meta ao nosso grupo eu o chamo

Criciúma



para conversar e explicar que nosso negócio é um pouco diferente, mas de vez em quando a gente até ganha alguma coisa — comenta, com bom humor, o coordenador.

O grupo, que hoje conta com 70 corredores, treina em média três vezes por semana, no Bairro Pio Corrêa, e o aumento da procura para se associar tem sido grande.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Ana Paula Budde
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aula 17 (04/11/11 – sexta-feira – 4ª aula – 1h/a):

Debate sobre as reportagens lidas

Objetivo geral:

- Assumir uma atitude de resposta pela manifestação e expressão de seu posicionamento quanto às informações que recebem da mídia;

Objetivos específicos:

- Socializar as informações apreendidas durante a leitura de reportagens;
- Expressar oralmente, com clareza, coerência e consistência argumentativa, a posição do grupo quanto às informações da reportagem lida e analisada.

Conhecimentos abordados:

- Expressão oral (clareza, organização das ideias, consistência da argumentação);
- Compreensão de texto (identificação das informações);
- Uso da escrita como estratégia para organizar a fala.

Metodologia:

- Organização da turma em círculo para apresentação das informações contidas nas reportagens lidas e discussão sobre o que leram e os questionamentos que surgiram.

Recursos necessários:

- Cópias das reportagens A comida que emagrece – Revista Isto É; O cardápio certo para ganhar energia – Revista Isto É; Corre, corre... – Diário Catarinense.
- Caderno para registro de pontos importantes do debate.

Avaliação:

- Será avaliada a participação e o posicionamento dos alunos durante o debate, considerando-se também a pertinência e a identificação das informações contidas nas reportagens lidas. Outro aspecto a ser considerado é a atitude de escuta dos alunos em relação à fala do outro.

Referências bibliográficas:

CASTIEL, Marcos. **Corre, corre... Santa Catarina.** Diário Catarinense. Florianópolis, 27 ago., 2011, Reportagem Especial, p. 4-5. Rio de Janeiro, 4 set., 1994. Caderno B, p. 7.

COSTA, Rachel. **O cardápio certo para ganhar energia.** Isto é. São Paulo, n. 2152, p. 76-82, ano 35, 9 fev/2011.

TARANTINO, Monica. **A comida que emagrece.** Isto é. São Paulo, n. 2178, p. 90-96, ano 35, ago/2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Ana Paula Budde
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aula 18 (04/11/11 - sexta-feira –5ª aula – 1h/a):

O gênero carta do leitor

Objetivo geral:

- Reconhecer a carta de leitor como um gênero do discurso da esfera jornalística, com base na leitura e interpretação de textos desse gênero.

Objetivos Específicos:

- Promover o contato com o gênero carta do leitor através da exposição de material xerocado de revistas e jornais;
- Incitar um debate referente a este gênero discursivo: qual sua função social? Em que esfera/espaço ele circula? Em que os leitores se baseiam para escrevê-lo?
- Identificar a função social e o espaço/esfera de circulação do gênero carta de leitor;
- Ler e interpretar diferentes cartas de leitor.

Conhecimentos abordados:

- O gênero carta do leitor;
- Intertextualidade e interdiscursividade;
- Interrelação entre os gêneros reportagem e carta do leitor.

Metodologia:

- Findado o debate sobre o gênero reportagem, mostrar as críticas que esse tipo de texto pode receber dos leitores. Nesse momento, apresentar-se-á aos alunos o gênero carta do leitor, através de material xerocado de revista e jornal. Quando todos os alunos estiverem com suas cópias em mãos, promover um debate referente a este gênero discursivo: qual sua função social? Em que esfera/espaço ele circula? Promover uma reflexão em torno das seguintes questões:
 - Em que essas pessoas se embasaram para escrever a carta?
 - Qual a linguagem usada por esses leitores-escritores?
 - A carta é publicada na íntegra?

Recursos necessários:

- Cópias de cartas do leitor publicadas na Revista Isto é e no Jornal Diário Catarinense.

Avaliação:

- Serão avaliados, além da atividade de leitura feita pelos alunos, o nível de interesse e de participação deles durante a exposição e os questionamentos feitos sobre o gênero carta do leitor.

Referências bibliográficas:

Jornal Diário Catarinense. Florianópolis, 27 ago., 2011, **Cartas do leitor**, p. 4-5.

Revista Isto é. São Paulo, n. 2152, Seção **Carta do leitor**, ano 35, 9 fev/2011.

Diário do leitor

Assistente: Anderson Nunes - (48)3216-3560

Escreva para diariodoleitor@diario.com.br

Quarta ponte

Os governos estadual e municipal estão perdendo uma grande oportunidade de criar mais uma atração turística para Florianópolis, que seria um túnel subaquático, para solucionar a travessia Ilha-Continente. Quer que seja a ponte projetada, por mais impressionante que possa parecer seu projeto, ainda assim as belezas naturais e a vista do nosso mar seriam ofuscadas pelo monstro que seria construído. A tecnologia para implantação de túneis submarinos existe, projetistas competentes temos, empresas construtoras de túneis especializadas existem, falta decisão política inteligente para a definição dos projetos. Acordem, senhores do poder e sejam ousados em suas decisões.

Norberto Krüger - Engenheiro civil
Por e-mail

A nova ponte ligando a Ilha ao Continente levará mais de 150 anos para a sua conclusão. Acha exagero? Cadê as passarelas de pedestres da Colombo Salles e da Pedro Ivo? E a restauração da Hercílio Luz? A BR-101 já está pronta? Beira-Mar Continental?

Alvaro Pereira
Florianópolis

Amenizar o tabaco?

Este projeto de amenizar a lei de combate ao tabaco, com a participação do ministro da Saúde, que é médico, é um retrato de como o ser humano se vende, coloca seus princípios em uma fossa, em nome do poder! Para alguns políticos, pouco importa a saúde da população. O que querem é o poder, porque comprar medicação antitabaco é supérfluo. É melhor o câncer? Se o ministro da Saúde, que é médico, defende a indústria do tabaco, que dirá os secretários da Saúde que nada têm de compromisso com a saúde!

Luiz Eduardo Andrade - Médico
Por e-mail

DEBATE DC

■ A autorização para a venda de 49% das ações Casan reacendeu a polêmica sobre o controle de empresas em setores cruciais, como de energia e água. Você acha que estas devem continuar estatais ou ser privatizadas?

Envie sua opinião, com nome, cidade de origem, profissão, telefone e RG da carteira de identidade com o título "Debate" para diariodoleitor@diario.com.br

As cartas devem ser entregadas à seção Diário do Leitor com nome, profissão, endereço, número de identidade do remetente e telefone para contato. O texto não deverá ter mais do que 660 caracteres. O Diário Catarinense reserva-se o direito de selecionar e resumir as para publicação. Publicadas ou não, as cartas não serão devolvidas. E-mail: diariodoleitor@diario.com.br Fax (48) 3216-3515

“

O cantor Bono Vox exagerou quando disse: 'Tudo melhorou no Brasil...'. Será que este homem não conhece o comportamento e a fama dos políticos brasileiros?

Walter Lemos Filho - Consultor motivacional
Florianópolis

”

SOBRE O DC



Com referência ao Artigo Impunidade do Delegado Luiz Carlos Korff (DC, 23/09), é a justiça tolerante amparada por leis benevolentes que inutiliza o esforço policial e estimula a impunidade dos crimes no Brasil. Leis existem, mas não são aplicadas com severidade e em tempo hábil contra aqueles que detêm poder e influência.

Jorge Bengochea
Por e-mail

Marinas

Com a chegada da primavera, o tempo tende a melhorar, e a saída para um passeio de barco pode tornar-se um problema, pois não são todas as marinas que ligam os motores das embarcações em períodos de chuva. Sorte de quem faz o resgate, pois cobram uma fortuna.

Eduardo Valle
Por e-mail

Japão que salva

A vida regride em SC quando não se tem saneamento básico e as enchentes continuam ferindo almas. Com o governo, fui a Tóquio/Jica, há cinco anos, e além de ter estudado por lá de 1989 a 1991, senti na pele o futuro do projeto de saneamento básico para o Estado. Agora, os irmãos japoneses elaboraram um projeto para eliminar as enchentes. SC deve, assim, receber o sol deles de presente, desde que Raimundo Colombo vá em direção ao brilho deste sol curador e salvador.

Dorvalino Furtado Filho - Médico veterinário
Florianópolis

Sobrou até pra ele...

Só falta a Câmara e o Senado, em Brasília, com seus marajás deputados e senadores, com o apoio óbvio da presidente, criar um projeto de lei, que será transformado em lei imediatamente. Isso tal como acontece com a criação de novos impostos e aumento de seus salários. Ou seja, sempre aprovado por unanimidade. Então será enviado a São Pedro, intimando-o a fechar imediatamente as comportas das barragens do Céu e fazer chover nas áreas secas. Se não cumprir, será aberta uma CPI contra ele, senão os pobres coitados ficarão sem eleitores!

Ademar Bodemüller
Trombudo Central

Epagri

A Epagri diz em seu Art. 112 § 1º da Lei Complementar 381/2007 que as pesquisas de que trata o inciso I deste artigo abrangem, entre outras áreas, a de zootecnia. Mas nela tem somente uma zootecnista. Depois, o médico veterinário Luiz Ademir Hessmann, presidente, vem homenagear a sua classe (Editoriais, 09/09) e dizer que realizam a bovinocultura de leite, extensão rural, produção de leite à base de pasto, com sustentabilidade econômica, e o Microbacias 3. Por isso, os zootecnistas reiteram que contrate-os com mais qualificação, inclusive para desenvolver aquelas atividades, e com um número que venha a ser realmente compatível com a sua realidade.

Francisco de Assis Nunes - Presidente do Sindicato dos Zootecnistas/SC
Por e-mail

ASSINANTES

Os textos abaixo são opiniões, críticas e sugestões dos assinantes do jornal colhidas pela equipe do call center

■ **Marialice Faletti**, de São José, comenta gostar da página de opinião do Diário do Leitor e de não gostar do colunista Anselmo Gois.

■ **Orival Velho**, de Tubarão, sugere ao Diário Catarinense mais matérias sobre política e reportagens da sua região.

■ **Juliana Valentim**, de Sombrio, diz que o Diário Catarinense fala pouco da região Sul.

■ **Fernando Carioni**, de Florianópolis, gostaria de ver mais matérias sobre caridade, e destaca como leitura preferida o colunista Cacau Menezes.

■ **Hercílio Lentz**, de Florianópolis, afirma ter gostado da matéria sobre a revisão das aposentadorias da Assembleia, pois foi imparcial e muito informativa.

> Fotos curiosas de paisagens ou flagrantes do cotidiano podem ser enviadas pelo e-mail diariodoleitor@diario.com.br

FOTO DO LEITOR



O leitor André Luiz da Silva registrou este belo e encantador pôr do sol na Praia de Canasvieiras, em Florianópolis.



EDITOR E DIRETOR RESPONSÁVEL
DOMINGO ALZUGARAY
EDITORA
Cátia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Carlos Alzugaray

ISTOÉ

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETOR EDITORIAL-ADJUNTO
Luiz Fernando Sá

DIRETOR DE NÚCLEO
Mário Simas Filho

EDITORES EXECUTIVOS: Antonio Carlos Prado, Daniela Mendes e Delmo Moreira

EDITORES: Amauri Segalla, Cilene Pereira, Débora Crivellaro, Hélio Gomes, Ivan Claudio, Solange Azevedo e Yan Boechat
REPORTAGEM: Alan Rodrigues, André Julião, Bruna Cavalcanti, Claudia Jordão, Débora Rubin, Flávio Costa, João Loes, Laura Dauden, Luiza Villamea, Mariana Queiroz Barboza, Marcos Diego Nogueira, Mônica Tarantino, Monique Oliveira, Paula Rocha, Pedro Marcondes de Moura, Rachel Costa e Rodrigo Cardoso

COLUNISTAS E COLABORADORES: Endrigo Chiri, Gisele Vitória, Leonardo Attuch, Marcelo Tas, Marcos Sá Corbã, Márcia Cabrita, Nina Gazire, Paula Alzugaray, Paulo Lima, Ricardo Amorim, Ricardo Boechat, Ronaldo Herdy e Zeca Baleiro

DIAGRAMAÇÃO E ARTE

DIRETOR DE ARTE: João Carlos Alvarenga Freire

Editor de Arte: Edson Pereira da Cruz Diagramadores: Enelito P. da Cruz Jr., Nilton Spindola de Souza, Sueli Teruko Yokoyama, Talita Gomes de Teves

ILUSTRADORES: Fernando Brum (Chefe), Ricardo Franca Ramos, Rubens Angulo Neto

PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen e Cassio Leitão - TempoDesign

ISTOÉ ONLINE: Editor executivo: Hélio Gomes Editor: Edson Franco Reportagem: Izadora Rodrigues e Larissa Veloso Webdesign: Andressa Depieri e Nathalia Guerini

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor executivo: Cesar Ilber Editor: Frederic Jean

Editor-assistente: Max G Pinto Repórteres fotográficos: Adriano Machado, João Castellano, Masao Goto Filho, Pedro Dias e Rafael Huppel

Produção: Marili Tiemi Hirota e Marco Viana Pesquisa: Eduardo A Conceição Cruz

Digitalização: Denis Teixeira Estagiário: Rafael Filipe Ferreira

CT: Daniel Costa (Chefe), Daniel Freire, Thiago Azevedo e Romeu Ribeiro

COPY-DESK E REVISÃO Revisores: Giacomo Leone, Lourdes Maria A. Rivera, Mario Garrone Jr., Neusa Oliveira de Paula e Regina Grossi

SUCURSAIS

BRÁSILIA: Diretor: Octávio Costa Repórteres: Adriana Nicácio, Claudio Dantas Sequeira, Lúcio Vaz e Sérgio Pardellas Administrativo: Sueli Melo e Josiel Ferreira

RIO: Chefe: Eliane Lobato Editor: Francisco Alves Filho Repórteres: Adriana Prado, Juliana Dal Piva, Luciani Gomes, Michel Alecrim e Wilson Aquino Secretária: Sheila Marques Assistente de produção: Fernando C. Fonseca

APOIO ADMINISTRATIVO

Gerente: Maria Amélia Scarcello Secretária: Terezinha Scarparo

Assistente: Cláudio Monteiro Auxiliar: Lucio Fasan

SERVIÇOS GRÁFICOS: Gerente Industrial: Fernando Rodrigues

Coordenador gráfico: Ivanete Gomes

OPERAÇÕES

Diretor: Gregório Franca Gerente de Operações: Thomy Pernoni Assistente: Luiz Massa Assistente Jr.: Fábio Rodrigo e Paulo Sergio

LOGÍSTICA E DISTRIBUIÇÃO DE ASSINATURAS

Coordenadora: Vanessa Mira Coordenadora Assistente: Regina Maria Assistente: André Barbosa, Karina Pereira e Dany's Ferreira

VENDA AVULSA

Gerente: Rosemeire Vitória Coordenador: Jorge Burgatti Analista: Cleiton Gonçalves Assistente: Sandra Sabino

Atendimento ao Leitor e Vendas pela Internet: Fernando Damas e Dayane Aguiar

MARKETING

Diretor: Rui Miguel Gerentes: Debora Huzian e Wanderley Klingner Assistente de Marketing: Marciana Martins e Marina Bonaldo

ASSINATURAS

Diretor: Edgardo A. Zabalá Diretor de Vendas Pessoais: Wanderley Quirino Gerente de Assinaturas: Marcelo Varal Supervisora de Ven-

das: Rosana Paoli Diretor de Telemarketing: Anderson Lima Gerente de Atendimento ao Assinante: Elaine Basilio Gerente de Trade

Marketing: Jake Neto Gerente de Planejamento e Operações: Reginaldo Marques Gerente de Operações e Assinaturas: Carlos Eduardo

Pamroni Gerente de Telemarketing: Renata Andréia Gerente de Call Center: Ana Cristina Teen Gerente de Projetos Especiais: Patricia

Santana Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566, de 2ª a 6ª feira das 09h00 às 20h30 Outras Capitais: 4002-7334

Demais Localidades: 0800-7750098

PUBLICIDADE

Diretor nacional: José Bello Souza Francisco Diretor de Publicidade: Maurício Arbex Secretária da diretoria de publicidade: Regina

Oliveira Gerentes executivos: Eduardo Nogueira, Erika Fonseca, Fabiana Fernandes, Katia Bertoli e Luiz Sergio Siqueira Executivos de

publicidade: Priscila Brinquilar e Rita Cintra Assistentes de publicidade: Valéria Esbano Coordenadora Adm. de Publicidade: Maria

Filho e Rosa Dias Contato: publicidade@editora.com.br RIO DE JANEIRO/RJ: Diretor de publicidade: Espedito Grossi. Gerentes execu-

tivos: Adriana Bouchardet, Armanda Barone e Silvia Maria Costa. Coordenadora de publicidade: Dilse Durmar. Fones: (21) 2107-6667.

Fax: (21) 2107-6669 BRÁSILIA/DF: Gerente: Marcelo Strufalidi. Fone: (61) 3223-1205/3223-1207. Fax: (61) 3223-7732. SP/Campinas:

Mário Estelita - Lúgino Assessoria de Mkt e Publicidade Ltda. Fone/Fax: (19) 3579-6000 SP/Ribeirão Preto: Andréa Gebin - Parlane

Maria de Oliveira - 1ª Página Publicidade Ltda. Fone/Fax: (16) 3236-0016/8144-1155 MG/BELO HORIZONTE: Célia

Publicitárias. Fone/Fax: (41) 3223-0060 RS/PORTO ALEGRE: Roberto Gianoni - RR Gianoni Comércio & Representações Ltda. Fone/Fax:

(51) 3388-7712 PE/RECIFE: Abércio Nicácio - Nova Representações Ltda. Fone/Fax: (61) 3227-3433 BA/SALVADOR: Idojucá

Negócios Ltda. Fone/Fax: (48) 3224-0044 ES/VILA VELHA: Didimo Benedito - Dikape Representações e Serviços Ltda. - Fone/Fax:

(71) 3229-1985 SE/ARACAJU: Pedro Amarante - Gabinete de Mídia - Fone/Fax: (79) 3245-4139/9978-8962 Marketing Publicitário:

Diretora: Isabel Povinelli Gerente: Maria Bernadete Machado Coordenadora: Simone F. Godini Assistentes: Anadine Pereira, Lailiane

Barreto e Marília Trindade 3PRO Diretor de Arte: Victor S. Forjaz Redator: Alessandro de Araújo

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editora Ltda. Redação e Administração: Rua William Speers, 1.068

São Paulo/SP, CEP: 05067-900. Fone: (11) 3618-4200 - Fax da Redação: (11) 3618-4324. São Paulo/SP Sucursal no Rio de Janeiro:

Av. Almirante Balthazar, 63, sala 1510 Fone: (21) 2107-6650 - Fax: (21) 2107-6661. Sucursal em Brasília: SCS, Quadra 2, Bloco D, Edifício

Oscar Niemeyer, sala 201 a 203. Fones: (61) 3221-7121 - Fax: (61) 3225-4062. Istoe não se responsabiliza por conceitos emitidos

nos artigos assinados. Comercialização: Três Comercio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1.212 - São Paulo/SP

Distribuição exclusiva em bancas para todo o Brasil: FC Comercial e Distribuidora S.A. Rua Dr. Kenkichi Shimomoto, 1678, Sala A,

Osasco - SP. Fone: (11) 3789-1623 Impressão: Editora Três Ltda. Rodovia Anhanguera, km 32,5/CEP 07750-000 - Cajamar/SP.

Profil Editora Gráfica Ltda. Av. Luigi Papalini nº 58/CEP 09931-610. Diadema/SP e

Gráfica Santa Marta Ltda. Rua Hortêncio Ribeiro de Luna nº 3333, Distrito Industrial/CEP 58081-400, João Pessoa/PB.



Cartas



>> Capa

Parabéns à ISTOÉ pela reportagem. Estudos mostram que o sentimento de fazer o bem ao próximo é melhor que o puro egoísmo. E que o homem

sempre deve buscar a sua felicidade.

“Os famosos e a cabala” (ISTOÉ 2177).

Isaac Soares de Lima

Maceió - AL

Apesar de não ser uma pessoa religiosa, admirei a cabala, não por seu status na mídia, mas pelos princípios que prega, como a humildade e o amor ao próximo.

Paulo Ricardo de Oliveira Ribeiro

Caetanópolis - MG

Gostei muito da reportagem. Ela se mostra oportuna nos dias de hoje, principalmente quando se refere ao controle do ego.

Renato Pereira Meireles

Niterói - RJ

>> Corrupção

A cada edição, ISTOÉ apresenta um novo escândalo envolvendo o uso do dinheiro público para beneficiar partidos. A revista cumpre o seu papel. Em vez de trabalhar para a sociedade, políticos usurpam direitos e sugam recursos em benefício próprio. A impunidade não pode continuar. “O esquema do PP no Ministério das Cidades” (ISTOÉ 2177).

Osny Martins

Joinville - SC

>> Saúde

O diagnóstico de uma doença grave influencia a dinâmica das interações sociais estabelecidas pelo indivíduo e afeta os seus relacionamentos em casa, no trabalho e na comunidade. É por meio de orientações como as da reportagem que podemos modificar as percepções e imagens associadas ao doente, além de diluir mitos culturais e crenças errôneas. Parabéns à repórter

Rachel Costa. "O que não dizer a um doente" (ISTOÉ 2177).

Elizabeth Nunes de Barros
São Paulo – SP

EUA

Está caíndo a máscara de Barack Obama. Não porque ele seja incapaz de reequilibrar as finanças dos EUA, mas porque o fardo é pesado demais para quem precisa carregá-lo. Agora, Obama está sendo crucificado pelo que não fez. A política a qualquer custo leva a fins trágicos. O caos financeiro era inevitável. "Quem ameaça Obama?" (ISTOÉ 2177).

Fabício Harket
São Carlos – SP

Amy Winehouse

A cantora era aplaudida, bêbada ou não, e o público reforçava nela o consumo de drogas. Quando essa excelente artista não pôde mais se apresentar, como aconteceu na Sérvia, esse mesmo público a vaiou. Ninguém se importou em olhar com seriedade a doença de Amy. Infelizmente, muita gente ainda é qualificada de sem caráter, em vez de ser vista corretamente como doente. Parabéns à ISTOÉ e ao jornalista Antonio Carlos Prado pela coragem do artigo. "O lado B de Amy Winehouse" (ISTOÉ 2177).

Edgar Santos
São Paulo – SP

A reportagem de ISTOÉ é uma verdadeira homenagem a Amy Winehouse: verdadeira no aspecto científico, verdadeira na ética de nos explicar que ela era uma enferma psiquiátrica que deveria ter sido tratada. Até agora eu não sabia o que era o Transtorno de Personalidade Borderline, expressão que nos últimos tempos tem surgido nos consultórios médicos. Agora eu sei.

Antonio Luiz de Oliveira
São Paulo – SP

Pela primeira vez uma publicação nacional abordou com seriedade o Transtorno de Personalidade Borderline. ISTOÉ também nisso torna-se pioneira. Deu-nos uma aula, com clareza e didatismo. Deu um sentido à morte prematura da cantora Amy Winehouse.

Noeli Souza Silva
Rio de Janeiro – RJ

A revista ISTOÉ e o signatário do artigo, o jornalista Antonio Carlos Prado, nos deram uma aula de psiquiatria e uma aula de humanidade ao descreverem a personalidade da genial Amy Winehouse.

Joaquim de Assis Silva
Belo Horizonte – MG

Anos de chumbo

Sou citado na reportagem "109 dias de tortura", junto com outra pessoa, como traidor e colaborador dos militares – infiltrado na Frente de Libertação Nacional – na prisão e consequente morte de Eduardo Leite, o Bacuri, em 1970. Trata-se de uma afirmação caluniosa e infamante da autora do livro, a jornalista Vanessa Gonçalves da Silva. Lutei contra a ditadura militar e sou também vítima dela, pois fui preso em diversas ocasiões, sendo reformado no Exército por Ato Institucional em julho de 1964. Tive atuação político-militar de 1964 até 1969, quando me convenci da inutilidade da minha atuação, recolhendo-me com minha família em uma pequena chácara do Rio da Ilha, no município gaúcho de Taquara, tratando de educar adequadamente os filhos. Nunca tive qualquer ligação com Eduardo Leite, o Bacuri, nem sequer o conheci. "109 dias de tortura" (ISTOÉ 2171).

Jorge Zuchowski
Florianópolis – SC

Cartas para esta seção, com endereço, número do RG e telefone, devem ser remetidas para: Diretor de Redação, ISTOÉ, Rua William Speers, 1.088, Lapa, São Paulo, CEP 05067-900. FAX: (11) 3618-4324. As cartas poderão ser editadas em razão do seu tamanho ou para facilitar a compreensão. CORREIO ELETRÔNICO: cartas@istoe.com.br

Sempre que
VOCÊ
precisar:
liberdade para ir e vir.



Alugue um carro:

R\$ **39,90***
Diárias a partir de + R\$ 0,46 por km rodado

Pagamento à vista ou em até 10x sem juros no cartão.**

Localiza
Vai com você

Reservas 24h:
0800 979 2000
www.localiza.com

Disponível para iPhone
App Store

*Não estão incluídas taxas (5% ou 10%, dependendo da agência de retirada e/ou de devolução do carro), coberturas de risco e extras. Consulte as condições no www.localiza.com. **Cartões de crédito American Express, Visa, Mastercard, Diners Club International e Elo emitidos no Brasil, exceto cartões Corporate.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Ana Paula Budde
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aulas 19 (11/11/11 – sexta-feira – 1ª aula – 1h/a):

Leitura-estudo de carta do leitor

Objetivo geral:

- Reconhecer os aspectos linguísticos e discursivos que compõem uma carta do leitor.

Objetivos Específicos:

- Identificar a forma de composição, os recursos expressivos, as marcas discursivas e linguísticas da carta de leitor pela análise de diferentes textos desse gênero;
- Identificar a posição do autor da carta e os argumentos que a sustentam;
- Reconhecer o papel dos recursos de argumentação na tomada de posição acerca do tema em questão nas cartas lidas.

Conhecimentos abordados:

- Carta do leitor: condições de produção, função social, forma de composição, recursos expressivos, marcas discursivas e linguísticas;
- Os recursos de argumentação;
- A escrita como recurso de tomada de posição em relação ao dizer do outro;
- Adequação da linguagem ao gênero.

Metodologia:

- Trabalhar com a leitura-estudo do gênero carta: aspectos discursivos (tema, estilo, marcas linguísticas, adequação da linguagem ao gênero) e textuais (estrutura: data, vocativo, argumentação, saudação, assinatura);
- Durante a exposição, os alunos deverão mapear, nas cópias recebidas de cartas de leitor, os aspectos textuais que estão sendo apontados pela professora.

Recursos necessários:

- Quadro Negro;
- Giz;
- Cópias de carta de leitor e de material produzido pela professora sobre o tema.

Avaliação:

- Serão avaliados o envolvimento e a participação dos alunos na atividade proposta, que poderão ser detectados por meio da escuta ativa da fala do outro e pela localização, feita pelos alunos, no texto, dos elementos expostos pela educadora.

Referências bibliográficas:

CUNHA, C.; CINTRA, L.F. **Nova gramática do português contemporâneo**. – 4.ed. – Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

Jornal Diário Catarinense. Florianópolis, 27 ago., 2011, **Cartas do leitor**, p. 4-5.

Revista Isto é. São Paulo, n. 2152, Seção **Carta do leitor**, ano 35, 9 fev/2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Ana Paula Budde
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aulas 20 e 21 (11/11/11 - sexta-feira –4ª e 5ª aulas – 2h/a):

Elaborando a carta do leitor

Objetivo geral:

- Fazer uso da escrita como recurso para tomar posição em relação ao dizer do outro.

Objetivos Específicos:

- Produção escrita de uma carta do leitor, considerando a adequação ao gênero e às convenções da variedade padrão escrita da Língua Portuguesa;
- Operar com esquemas de argumentação de modo a poder marcar a posição em relação ao dizer do outro.

Conhecimentos abordados:

- Escrita de carta do leitor;
- Recursos específicos próprios da argumentação.

Metodologia:

- Convocação dos alunos para a produção textual: solicitar que eles tenham em mãos o material referente à “carta do leitor” e, com base nas aulas anteriores, produzam uma carta do leitor, posicionando-se sobre alguma das reportagens apresentadas.

Avaliação:

- Esta aula atividade requer a produção de uma carta do leitor, sendo que, para avaliá-la, serão consideradas, além dos aspectos linguísticos e discursivos utilizados pelos alunos, a capacidade de argumentação, adequação ao gênero e criticidade frente às reportagens publicadas pela mídia impressa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Ana Paula Budde
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aula 22 (18/10/11 – sexta-feira – 1 e 4ª aulas – 2h/a):

Análise linguística

Objetivo geral:

- Refletir sobre as estratégias discursivas e linguísticas nas cartas do leitor produzidas pelos alunos na aula do dia 11/11/11.

Objetivos específicos:

- Reconhecer a função dos articuladores textuais na construção da argumentação na carta de leitor;
- Conhecer as regras da variedade padrão escrita da língua portuguesa relativas ao uso dos pronomes e da pontuação.

Conhecimentos abordados:

- Estratégias de argumentação;
- Domínio da variedade padrão escrita da Língua Portuguesa.

Metodologia:

- Aula expositivo-dialogada acerca dos problemas de uso da variedade padrão escrita da língua portuguesa nos textos produzidos pelos alunos;
- Estudo dos pronomes (a importância de evitar as repetições no texto);
- O uso dos articuladores textuais (conjunções, sinonímia, pronomes).

Recursos necessários:

- Texto produzido pelos alunos;
- Cópias do material produzido pela professora sobre o tem da aula;
- Quadro Negro;
- Giz.

Avaliação:

- Os alunos serão avaliados quanto à escuta ativa da exposição feita pela professora e à participação em relação às dúvidas que apresentarem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Adilson Pires
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aula 23 (18/11/11 – sexta-feira – 5ª aula – 1h/a):

Reescrita textual

Objetivo geral:

- Reescrever as cartas de leitor produzidas na aula do dia 11/11, tendo em vista a sua adequação ao gênero e às convenções da variedade padrão escrita da Língua portuguesa.

Objetivos específicos:

- Assumir a posição de leitor do próprio texto tendo em vista a adequação à função social e forma de composição do gênero;
- Identificar aspectos que não estão adequados ao gênero e às convenções da variedade padrão escrita da Língua portuguesa conforme indicações da aula do dia 18/11.

Conhecimentos abordados:

- O processo de reescrita textual;
- Domínio da variedade padrão escrita da Língua Portuguesa em relação ao gênero carta do leitor;
- Estratégias de argumentação.

Metodologia:

- Depois da aula de análise linguística e da entrega dos textos aos alunos, os alunos farão a reescrita de suas cartas do leitor;
- Essa atividade terá como base as observações feitas pelo professor durante a aula de análise linguística.

Avaliação:

- Esta aula requer que os alunos reescrevam sua carta do leitor, sendo que será feita uma comparação entre a primeira e a última versões entregues pelos alunos. Nesse processo, serão avaliadas as melhorias apresentadas nos textos e se elas são coerentes com as exposições feitas durante a aula de análise linguística.

Cartas do leitor produzidas pelos alunos

São José 18 de Novembro de 2011



Senhor diretor do Site é,

Sou leitora da revista e gostaria de criticar a reportagem "A Ciência de Comer Bem", pois ela fala que a maçã ajuda na perda de peso, não só por ser pouco calórica, mas também devido à presença de pectina, fibra que ajuda a saciedade.

Porém, não concordo com essa última informação, porque sempre que eu como a fruta sinto fome logo em seguida. Além disso, já conversei com pessoas que têm a mesma opinião que eu.

Sei que esta reportagem foi baseada em estudos, mas eu gostaria que sua revista publicasse reportagens que falem só sobre as maçãs.

Atenciosamente,




SMILEY


1 1

São José 18 de Novembro de 2011

Sr diretor do Diário Catarinense

Sou leitora do jornal e quero comentar sobre a reportagem "Combate ao Tabagismo", escrita por Lucas Balduino

Gostei de quase tudo ~~do~~ que se referia à reportagem ~~sobre~~ os benefícios que a corrida não proporciona, mas não concordei nem um pouco quando uma entrevistada Sr. Eliane Souza escolheu o esporte por um motivo diferente, ^{na qualidade de vida} deixar de fumar. Eu acho que ^{diminuiu o cigarro} correr pode até ajudar, mas não vai resolver muita coisa em relação a ^{isso} 

Então, eu sugiro que, em breve, vocês coloquem à disposição dos leitores sugestões sobre como deixar de fumar  sem deixar de fazer exercícios para ^{manter} a ^{qualidade de vida} ^{e os órgãos funcionando melhor,} ^{mas} evitar as ^{doenças} engorços porque vejo que algumas pessoas ^{não fumam} ^{porque tem medo de ganhar} o peso.

Atenciosamente,

São José, 11 de novembro de 2011.

Senhor diretor, ^{nova linha} eu gostaria de
 para finalizar ^{que fala} que a reportagem sobre
 "A Comida que emagrece" ^{pois} revela que
~~tem~~ alguns nutrientes tem a capaci-
 dade de aumentar a produção de de
 calor pelo corpo.

Esses nutrientes são as pimentas,
 pimentões amarelos, quersonia e chá verde.
^{para forma, pois saber que} esse argumento é bom ^{para} para quem
 precisa de uma certa dieta específica.

Atenciosamente,

São José, 11 de novembro de 2011.

Senhor diretor da revista ISTO É,

Sou leitor da sua revista e gostaria de agradecer as informações contidas na reportagem "o cardápio certo para ganhar energia" pois ^{ela} me ajudou muito no meu dia a dia, ^{avaliando-me} a ^{der} uma alimentação mais completa, ^{estou} procurando ^{comer} me alimentar de alimentos mais saudáveis, ~~o~~ como verduras, legumes e alguns carboidratos. ^{por isso} gostaria de ~~pedir~~ ^{pedir} para que ~~vos~~ ^{publicando} ~~me~~ ^{em sua revista} tenham essas informações nutricionais. ~~is~~ ^{is} pois ~~o~~ são coisas que deveriam ser para a nossa vida toda. Agradeço a compreensão.

Atenciosamente

S T Q Q S S D 2

□□□□□□□□



São José, 11 de novembro de 2011

Senhor Diretor da revista isto é,

Sou leitora da sua revista, e gostaria de parabenizá-lo por ela ser excelente. Gosto muito de ler e nela encontro tudo que preciso saber.

Mas gostaria de receber informações sobre um outro assunto, desencadeado por uma reportagem que foi divulgada sobre a carne brasileira, que é a mais saudável. Sempre soube que a carne vermelha é prejudicial à nossa saúde, então gostaria de saber se isso é um mito ou uma verdade.

Atenciosamente,

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENISNO
DISCIPLINA: Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PROFESSORA: Maria Izabel de Bortoli Hentz
C. E. M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade
Professora regente da turma: Karla Parmigiani
Estagiário responsável pela aula: Adilson Pires
Disciplina: Língua Portuguesa
Turma: 6ª série – EJA

Aulas 24 e 25 (22/11/11) – terça-feira – 2ª e 3ª aulas – 2h/a):

Interpretando a mídia impressa

Objetivo geral:

- Reconhecer, por meio da leitura de textos da esfera jornalística, os gêneros crônica, notícia e carta do leitor.

Objetivos específicos:

- Identificar os gêneros crônica, notícia e carta do leitor em periódicos (jornais e revistas);
- Cooperar com os colegas da equipe, nas atividades de leitura dos gêneros em estudo;
- Interpretar os textos selecionados;
- Socializar a interpretação acerca dos gêneros em estudo.

Conhecimentos abordados:

- As condições de produção dos gêneros abordados;
- O gênero crônica: função social e recursos de linguagem;
- A carta ao leitor e sua composição;
- A notícia e sua função social.

Metodologia:

- Exposição oral acerca do projeto *Interpretando a Mídia Impressa*;
- Divisão da classe em grupos;
- Distribuição de jornais/revistas a todos os alunos;
- Solicitação aos alunos para que identifiquem, por meio de leitura silenciosa, os gêneros crônica, notícia e carta do leitor.
- Análise dos objetivos dos textos em estudo;
- Socialização dos resultados da análise;
- Confecção de um mural com os textos selecionados pelos alunos.
- Considerações finais acerca do projeto *Interpretando a Mídia impressa*;
- Agradecimentos à turma e à professora regente.

Recursos necessários:

- Jornais/revistas;
- Cartolina;
- Tesoura;

- Cola.

Avaliação:

- Os alunos serão avaliados quanto ao seu empenho nas atividades propostas e quanto à sua colaboração com o grupo;
- Na atividade oral, serão consideradas a pertinência e adequação da análise do texto selecionado.

Recursos Bibliográficos:

- Jornais e revistas diversas.

4 REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Entender o estágio de docência como uma prática pedagógica efetiva e não apenas como um período de experiência docente é fundamental para que se possa fazer uma reflexão madura sobre esse processo. O estagiário que se propõe a estar em sala de aula é alguém que está preocupado não só com sua formação, mas também e principalmente com a formação daqueles para quem está lecionando. Nesse sentido, considerando a turma que acompanhamos (uma 6ª série da modalidade EJA), optamos por fazer um trabalho com a mídia impressa, e cujo objetivo final seria a produção de uma carta do leitor.

Para tal, partimos do pressuposto que a disciplina de Língua Portuguesa visa preparar o aluno para lidar com a linguagem em suas diversas situações de uso, sejam elas escritas ou orais, pois o domínio da língua materna revela-se fundamental à inserção do indivíduo em uma sociedade letrada e ao acesso às demais áreas do conhecimento. Nesse sentido, considerando-se os usos que o falante faz da língua, é importante considerar a concepção de língua assumida por pensadores da área da linguagem, como a do filósofo Mikhail Bakhtin. Para ele, a língua deve ser compreendida como manifestação social.

Assim, para que o sujeito esteja inserido em uma sociedade letrada, de maneira autônoma, não basta apenas ser alfabetizado, ele precisa refletir sobre a língua que usa em seu cotidiano e reconhecer as variedades textuais em todas as suas manifestações, bem como saber fazer uso delas em diferentes contextos. Para tal, como consta na Proposta Curricular de São José – SC,²⁸ o indivíduo precisa ser ativo e responsivo no uso que faz da linguagem, características fundamentais do sujeito *bakhtiniano*. Dessa forma, o interlocutor sempre toma uma postura de resposta em relação ao enunciado do outro, gerando assim uma cadeia discursiva.

Então, seguindo os preceitos de Bakhtin sobre o ensino de linguagem, nosso trabalho se iniciava, na maioria das aulas, com a leitura e estudo do gênero discursivo que iríamos trabalhar com a turma. Fugimos dessa ordem apenas quando havia poucos alunos em sala, antecipando no quadro negro as características do texto trabalhado. A oralidade também esteve muito presente durante o nosso trabalho: tendo em vista que esses estudantes sempre foram bastante participativos quando convidados a falarem, reservamos um espaço bastante significativo para a realização de debates e conversas

²⁸ (Proposta Curricular de São José, 2000, p.48)

sobre os textos trabalhados – crônica, notícia, entrevista e reportagem. Essa dinâmica parece ter funcionado bastante bem com os três primeiros gêneros, mas não com o último. Alguns alunos alegaram que o tema “qualidade de vida” – que foi a inspiração para a escolha dos textos – estava ficando um pouco redundante, pois sempre se voltava aos mesmos assuntos. Outras pessoas disseram ter dificuldades para ler textos muito extensos, como é o caso da reportagem, o que para nós é uma justificativa mais plausível do que a primeira – afinal, embora o tema fosse o mesmo, a reflexão ia aprofundando-se à medida que ia aumentando o grau de “complexidade” do gênero discursivo trabalhado.

Quanto ao resultado final de todo esse processo, podemos dizer que foi positivo. Durante o período de observação e de planejamento das aulas, que precedeu a docência, estávamos preocupados quanto à aceitação ou não da nossa proposta. Considerando que alguns alunos conversavam bastante ou demonstravam apatia, ficamos inseguros quanto ao rendimento da turma no trabalho com a mídia impressa. No entanto, como já relatado anteriormente, previmos bastante espaço para manifestações orais e leituras silenciosas, o que possibilitou que tanto alunos mais participativos quanto os mais tímidos pudessem se identificar com alguma dessas atividades.

No primeiro encontro, aulas 1 e 2, sob a responsabilidade professor/estagiário Adilson Pires, como já era esperado, houve um pouco de nervosismo e isso se deu pelo simples fato de essa ter sido a primeira vez que estávamos à frente de uma turma ministrando aulas. Contudo, com o passar do tempo, fomos ficando mais à vontade, pois estávamos preparados e muito bem orientados para estarmos ali.

Logo no início das aulas fizemos uma breve exposição acerca do projeto proposto para a turma, posteriormente apresentamos por meio de leitura oral uma crônica de Luis Fernando Veríssimo. A partir daí, organizamos a turma em grupos para que os mesmos lessem crônicas diferentes para, ao final, debatermos sobre esse gênero do discurso. Nesse debate foram consideradas as principais características da crônica, como sua função social, o espaço/esfera de circulação, a linguagem utilizada, a forma como os assuntos são abordados e as particularidades que conferem a esse texto o tom leve e descontraído.

Nesse primeiro encontro, conseguimos provocar o interesse da maior parte da turma para o nosso trabalho. Com isso, as aulas foram ministradas de acordo com os planos que havíamos definido, atingindo os objetivos pré-estabelecidos.

No segundo encontro, aulas 3, 4 e 5, também sob a responsabilidade

professor/estagiário Adilson Pires, já um pouco mais à vontade com a turma, conseguimos novamente e de maneira mais tranquila atingir os objetivos previstos. No início, houve certa preocupação, pois poucos alunos haviam chegado no horário regular e essas três aulas eram imprescindíveis para o entendimento efetivo acerca do gênero trabalhado. Devido a esse atraso na chegada de alguns alunos, optamos por fazer uma pequena inversão no que estava proposto no plano de aula. Essa inversão não trouxe prejuízos ao que estava planejado, apenas fizemos com que a parte mais importante dessas aulas fosse ministrada um pouco mais tarde, contemplando assim, um maior número de alunos (essa estratégia funcionou).

Estava previsto, em primeiro lugar, a retomada da leitura das crônicas (da aula anterior) pelos grupos, para que em seguida explicássemos aos mesmos as figuras de linguagem predominantes nas crônicas e, na sequência, os grupos identificassem essas figuras nos textos. Como no início da primeira aula havia poucos alunos, descrevemos no quadro negro, em uma tabela, as figuras de linguagem, para tal, vários exemplos e contextos foram citados.

Na segunda aula, já com um número considerável de alunos, dividimos a classe em quatro grupos e retomamos as crônicas lidas na aula anterior. Entregamos a cada grupo um roteiro/exercício de leitura previamente elaborado pelo professor. Os alunos procederam à busca pelas figuras de linguagem e pelas palavras ou expressões com sentido conotativo presentes em seus textos e também fizeram uma exposição oral acerca dos mesmos.

Contando com a colaboração das estagiárias Karine Schmidt e Ana Paula Budde, fizemos a exposição e os debates previstos, propusemos os exercícios e pudemos contar também com a participação efetiva de todos os alunos.

A aula 6, terceiro encontro com a turma, ainda sob a responsabilidade do professor/estagiário Adilson Pires, foi a aula mais descontraída até então. Talvez isso se deveu ao deslocamento da turma até a sala multimídia quebrando a rotina. Nos pareceu que eles estavam mais à vontade nesse novo ambiente. Nessa aula, os alunos tiveram contato com a apresentação em vídeo de alguns textos de cronistas consagrados. Foi uma aula breve, porém muito proveitosa, pois pudemos contar com a participação de grande parte da turma que, durante a exibição das narrativas se manteve em silêncio e quando solicitados davam respostas pertinentes aos nossos questionamentos.

Como essa seria a última aula expositiva acerca do gênero crônica, reforçamos novamente todos os aspectos que cercam esse gênero textual. Mais uma vez, auxiliado

pelas colegas estagiárias, conseguimos mostrar aos alunos, por meio da exibição de crônicas enriquecidas com imagens, as diferentes possibilidades de se tratar de assuntos do cotidiano e as diferentes linguagens na construção do sentido do texto.

Nas aulas 7 e 8, sob a responsabilidade da professora/estagiária Karine Schmidt, estava previsto fazermos uma interligação entre os gêneros *crônica*, *notícia* e *entrevista*. Para isso, começamos a aula com uma leitura silenciosa da notícia *Homem morre de fome no centro da cidade* e da crônica *A notícia de Jornal*, de Fernando Sabino. Em seguida fizemos um debate acerca dos dois textos lidos, com base em questionamentos previamente elaborados para a reflexão da turma sobre os mesmos. Nesse momento os alunos participaram bastante da aula. Já havíamos previsto esse interesse na discussão, pois trata-se de uma turma que se destaca pela participação em aulas em que são provocados a refletir. Depois disso, fizemos uma breve diferenciação entre o gênero notícia e o gênero crônica, através de uma atividade pautada na especulação sobre qual é o objetivo de um leitor ao ler uma crônica ou uma notícia de jornal. Para descontrair a turma, fizemos uma leitura em voz alta da crônica *Entrevista da TV*, de João Ubaldo Ribeiro. Os alunos divertiram-se muito. Em seguida, realizamos uma breve reflexão sobre como os gêneros *crônica*, *notícia* e *entrevista* podem ser relacionados e também os mostramos que a *ironia* está presente em quase todo o texto *Entrevista da TV*. O objetivo dessa aula foi, justamente, fazer uma conexão entre o assunto ministrado nas aulas anteriores, com os próximos que ainda serão tratados (notícia e entrevista). Acreditamos que conseguimos realizar com sucesso essa aula, assim como, atingir os objetivos previstos para a mesma.

A aula 9, ministrada pela professora/estagiária Karine Schmidt, teve como objetivo fazer com que os alunos tivessem conhecimento acerca do gênero notícia. A aula iniciou com a entrega da notícia *A vitória da carne vermelha* a todos os alunos, sendo que esse texto não tinha a manchete. Fizemos uma leitura em voz alta do texto e em seguida, uma discussão com os estudantes acerca do gênero. Como já prevíamos, quase todos participaram da discussão. A professora regente levantou a questão de que uma notícia pode ser escrita conforme a visão do seu autor, e aproveitando esse assunto foi feita uma breve discussão sobre esse assunto. Para exemplificar, lemos trechos de notícias retiradas do Jornal *Notícias do Dia*, da coluna do jornalista Hélio Costa, que se tratava de textos com uma linguagem bem informal e sobre fatos banais do cotidiano. Então, perguntamos a eles se sabiam quem era o autor? Apenas um aluno conseguiu identificar a autoria. Em seguida, perguntamos aos alunos se sabiam a razão de entre

tantos fatos que acontecem no mundo diariamente, por que apenas alguns aparecem nos jornais como notícias? Por que são escolhidos? Alguns responderam “os fatos que chamam a atenção”. Para complementar a reflexão, lemos trechos da crônica *Os jornais*, de Rubem Braga. Nessa aula estava programado um debate sobre quais seriam as possíveis manchetes da notícia entregue a eles anteriormente e a entrega da notícia *Da boca ao coração* com todas as partes da estrutura do texto destacadas: lide, manchete, corpo do texto, foto e legenda. Essa última atividade não estava prevista no plano de aula, mas a trouxemos para poder exemplificar melhor a estrutura de uma notícia para os alunos. Porém, devido ao curto espaço de tempo e também à intensa participação dos alunos nas discussões, essas duas atividades não foram realizadas.

O décimo encontro iniciou com uma retomada da aula anterior, assim, perguntamos aos alunos quais seriam as possíveis manchetes da notícia entregue a eles anteriormente. Porém, ninguém respondeu. Então apresentamos a eles a manchete da notícia *A vitória da carne vermelha* - e qual a sua relação com o texto da notícia. Após entregamos a notícia *Da boca ao coração* com todas as partes da estrutura do texto destacadas: lide, manchete, corpo do texto, foto e legenda. Lemos e falamos brevemente sobre cada parte da notícia. Essa atividade não estava prevista para essa aula, por isso, provocou o replanejamento do tempo previsto para falarmos do gênero *entrevista*, que era o objetivo desse encontro. Em seguida, exibimos um vídeo que mostrava um debate sobre educação no trânsito, com Alexandre Garcia. Depois da exibição foi feito um questionamento acerca do gênero discursivo *mesa redonda* e da discussão do vídeo visto anteriormente. Nesse momento, os alunos e a professora regente deram suas opiniões e tornaram a aula bem interessante. Depois da discussão, falamos sobre o gênero entrevista e quais os pontos fundamentais para que ela seja efetuada com sucesso. Feito isso, exibimos um vídeo do quadro “Repórter inexperiente”, do programa CQC, nesse momento os alunos se divertiram bastante. Para contrapor a essa entrevista “mal elaborada”, assistimos a mais um vídeo: Marília Gabriela entrevistando Jô Soares. Depois dos três vídeos, analisamos o comportamento de cada entrevistador para identificar as diferenças. Esses dois últimos vídeos não estavam previstos em nosso plano de aula, porém, achamos interessante trazê-los para que os alunos tivessem mais exemplos de *entrevistas*. Devido às atividades que não foram cumpridas na aula anterior, mas sim nessa, não conseguimos realizar a diferenciação de uma entrevista escrita e falada, que estava prevista no plano de aula.

Devido a um ajuste no calendário da escola, o décimo primeiro encontro aconteceu no mesmo dia da mesa redonda, o que não havíamos previsto. Por isso, a aula foi realizada muito às pressas, mas acreditamos que o objetivo foi alcançado. Após uma breve exposição sobre a atividade profissional de cada convidado da mesa redonda, elaboramos conjuntamente algumas perguntas no quadro negro. Informamos a todos para que anotassem pontos que achassem importantes na discussão, pois deveriam fazer um resumo do que aconteceu para entregar na próxima aula. A maioria dos alunos participou dessa atividade. Não deu para formar grupos como estava previsto, pois tomaria muito tempo e tínhamos apenas alguns minutos para elaborar a entrevista. Como foi dito anteriormente, o nosso objetivo foi realizado, que era o de que os alunos conseguissem elaborar as perguntas, porém planejamos fazer isso sem pressa e promovendo uma maior reflexão entre eles, que não foi o que aconteceu.

Nas aulas 12 e 13 foi realizada a mesa redonda. Por isso, a sala foi organizada de forma que todas as carteiras formassem um círculo. Assim, começamos a atividade com a apresentação das duas convidadas (a professora de natação, Kassandra Nunes Amaro e a nutricionista, Patrícia Paludo Bleyer). Patrícia começou sua apresentação mostrando os passos que devemos seguir para termos uma boa alimentação, e assim, tornar a vida mais saudável. Os alunos fizeram várias perguntas à nutricionista. Em seguida, a professora Kassandra começou sua apresentação e falou sobre como a atividade física está relacionada com a qualidade de vida. Novamente, os alunos questionaram bastante. Quase ao final, Kassandra propôs uma atividade recreativa, os estudantes participaram e se divertiram muito. Ao final, agradecemos sua participação e lhe entregamos uma flor, assim como foi feito com a nutricionista Patrícia, que teve sair um pouco antes do fim da palestra. A atividade foi um sucesso, tudo correu dentro do nosso planejamento.

Quanto às aulas ministradas pela professora/estagiária Ana Paula, primeiramente, é importante que se diga que as aulas de terça-feira, normalmente, ocorrem das 19h29min às 21h02min, com intervalo de 15 minutos entre elas. Porém, em virtude de um remanejamento do calendário escolar, este período foi adiantado para as 18h50min, sendo que a aula começou com um atraso de 20 minutos (decorrente dessa reestruturação dos horários).

Já no início das aulas 14 e 15, sob a responsabilidade da professora/estagiária Ana Paula Budde, os alunos foram encaminhados para a sala de vídeo, onde assistiram a uma reportagem sobre qualidade de vida, veiculada no programa global “Globo Repórter”. Após a exibição do vídeo, promovemos um debate que interligava os

gêneros notícia, entrevista e reportagem, todos presentes na reportagem assistida. Muitos alunos interagiram e lembraram alguns temas abordados na aula anterior pela nutricionista e pela profissional da educação física, o que fez com que a entrevista realizada tivesse um bom fechamento.

Findada essa conversa, aprofundamos a aula definindo, junto com os alunos, o gênero reportagem. Debates sobre seu espaço de circulação, sua função e características, tanto no que tange à mídia televisiva quanto impressa. Sobre esse assunto, chegou-se à conclusão que esse gênero procura informar seu leitor, aprofundando o conteúdo da notícia e trazendo relatos, tabelas e outras informações referentes ao fato que a originou.

Quanto à reportagem impressa, e para finalizar a aula, os alunos leram, silenciosamente, uma publicada pela revista Super Interessante, sublinhando as principais informações e os depoimentos de médicos e profissionais da área da nutrição, educação física e saúde. Importante observar também que, nesta aula e em relação ao plano de aula, estava previsto um debate sobre as reportagens. Como não houve tempo hábil, transferimos essa atividade para a aula seguinte.

As aulas 16, 17 e 18, ocorridas na sexta-feira, dia 04/11/11, foram reservadas ao debate da reportagem lida e a novas leituras, feitas em grupos. Novamente, como já havia acontecido na terça-feira, a aula das 18h50min começou atrasada, dessa vez porque o pessoal da limpeza ainda estava limpando a sala. Quando todos os alunos haviam entrado, decidimos, em virtude do pouco número de pessoas, adiantar uma atividade e registrar no quadro negro uma definição do gênero reportagem para que os alunos pudessem copiá-la. Findado esse exercício, outros alunos já haviam chegado e a educadora deu início ao debate referente ao texto lido na aula anterior. Alguns alunos participaram, fazendo relações entre as informações contidas na reportagem e os conteúdos trabalhados em encontros passados, principalmente aquelas recolhidas durante a entrevista com as profissionais de nutrição e de educação física. Porém, percebemos que a participação diminuiu em relação às aulas referentes aos outros gêneros do discurso, talvez porque alguns alunos disseram ter dificuldade para ler textos muito extensos.

Já nas aulas 19 e 20, iniciadas às 21h02min e terminadas às 22h20min, a turma foi separada em três grupos, sendo que cada um ficou encarregado da leitura e busca de informações de reportagens diferentes. Alguns alunos não demonstraram interesse, alegando que o assunto abordado – alimentação e qualidade de vida – já havia sido

muito debatido. Porém, ressaltamos que a reportagem é um gênero que trata os assuntos de modo mais aprofundado que a crônica e a notícia e que eles necessitariam lê-la porque nas próximas aulas a turma escreveria uma carta de leitor, gênero que os leitores utilizam para escrever para as revistas e jornais a fim de expressar sua opinião a respeito de algum assunto neles publicado.

Para a realização da leitura por busca de informações, entregamos um roteiro de leitura para os alunos, que sublinharam aquilo que mais lhes chamou a atenção e também os depoimentos de especialistas e pessoas que mudaram os hábitos alimentares. Essa atividade terminou por volta das 21h50min, quando se iniciou o debate e levantamento dos principais pontos dos textos lidos. Enquanto os alunos iam expondo as informações de que mais gostaram, a professora/estagiária ia registrando-as no quadro negro para que todos copiassem em seu caderno. Nos últimos minutos, a turma apontou, oralmente, os trechos em que estavam contidos relatos de médicos e nutricionistas, por exemplo. Quanto às atividades previstas no plano de aula, não houve tempo para o trabalho previsto com o gênero “carta do leitor”.

Com relação às atividades previstas para o dia 11/11/11, pode-se dizer que todas foram realizadas, inclusive aquela não completada na aula anterior. Iniciamos a aula distribuindo cópias de cartas do leitor do jornal Diário Catarinense e da revista IstoÉ, realizando, em seguida, uma leitura em voz alta que foi acompanhada pelos alunos. A cada tema abordado pelos leitores, os alunos manifestavam-se respondendo às perguntas da educadora: (i) qual o assunto da carta? (ii) o autor dos argumentos está discordando ou concordando com o assunto sobre o qual escreveu?

Em relação às aulas anteriores, pode-se dizer que o número de contribuições diminuiu. Mesmo que a professora/estagiária tenha incitado a turma através de perguntas mais pontuais, poucos alunos se manifestaram. Alguns demonstraram interesse na carta que tratava sobre o gasto de dinheiro na ponte Hercílio Luz, outros, naquelas referentes à morte de Amy Winehouse ou à Cabala, doutrina desconhecida dos alunos. A docente também chamou a atenção dos alunos sobre a não neutralidade dos meios de comunicação, lembrando que uma reportagem poderia ser veiculada de modo diferente pela Record e pela Globo, por exemplo, emissoras televisivas concorrentes. Ao final do debate, os alunos, quando questionados pela professora supervisora do estágio, afirmaram que não conheciam e nunca haviam reparado na seção “carta do leitor” presente em jornais e revistas. Findado esse debate, a professora/estagiária

passou, no quadro negro, a estrutura de uma carta, explicando cada item para que os alunos pudessem escrever a própria carta nos 50 minutos restantes de aula.

Dando continuidade ao trabalho com o gênero carta do leitor, na aula do dia 18/11/11, preparamos, com base na leitura das cartas escritas, uma aula de análise linguística. Inicialmente, falamos sobre a importância da utilização dos pronomes em um texto, já que eles evitam a repetição de palavras. O mesmo argumento foi usado para os sinônimos, palavras cujos significados são parecidos. Ao final dessa parte da aula, escrevemos duas frases no quadro e solicitamos que os alunos tentassem agrupá-las em uma só através do uso dos pronomes ou sinônimos. Uma das alunas usou o conectivo porque (O vento destelhou as casas porque soprava forte), dando uma prévia do próximo assunto que seria trabalhado com a turma: conectivos textuais.

Novamente, a docente foi ao quadro negro e os alunos copiaram a matéria referente aos articuladores textuais. Durante a explicação, os alunos ouviram-na atentamente a fim de reescreverem a carta do leitor. Considerando que alguns alunos faltaram à aula anterior, escrevemos novamente no quadro negro a estrutura de uma carta e atendemos individualmente os alunos que estavam com mais dificuldades para produzir seu texto. Um dos alunos, mesmo que tenhamos conversado com ele, preferiu não escrever e aproveitou que os professores/estagiários estavam ajudando alguns de seus colegas para ir embora. Ao findar da aula, todos os alunos que se propuseram a produzir ou reescrever sua carta haviam-na terminado, restando ao nosso grupo de estágio avaliar a produção deles.

As aulas 24 e 25 foram planejadas de modo que dessem conta de todos os gêneros estudados até então. Sob a responsabilidade do professor/estagiário Adilson Pires, iniciamos os trabalhos com uma exposição oral acerca do projeto *Interpretando a Mídia Impressa*. Relembramos as características básicas de cada gênero, dividimos a turma em duplas, para que, nos jornais e revistas entregues a eles, identificassem tais gêneros. Com o auxílio das colegas estagiárias, todas as duplas conseguiram atingir o objetivo. Em seguida propusemos a eles que socializassem alguns gêneros encontrados. Alguns mostraram certa desenvoltura em suas exposições, outros, mesmo acanhados, conseguiram nos mostrar o que haviam entendido/lido. Depois da socialização, cada dupla confeccionou um cartaz com os textos selecionados e, junto a esses colocaram a carta do leitor que haviam produzido em aula anterior. Esses cartazes foram expostos no corredor das salas de aula.

Essas foram as aulas de fechamento do projeto *Interpretando a Mídia Impressa*, nesse dia esperávamos um número maior de alunos, no entanto só compareceram onze deles. Mesmo assim a equipe de professores/estagiários avaliou como positivo este fechamento. Conseguimos colocar em prática tudo o que havíamos planejado em nosso projeto. Ao longo do percurso pudemos contar com a participação da maioria dos alunos na sala de aula, com o apoio da professora regente Karla Parmigiani, e também com o empenho e prestatividade da professora/orientadora Maria Izabel de Bortoli Hentz.

5 A DOCÊNCIA NO PROJETO EXTRACLASSE

5.1 Projeto extraclasse I: Cursinho pré-vestibular Solidário

Professoras/estagiárias: Ana Paula Budde, Lucia Izabel Telexa Rediss e Karine Schmidt

5.1.1 Problematização

Devido a um convite do presidente do Centro Comunitário de Areias para lecionarmos algumas aulas no projeto *Cursinho pré-vestibular Solidário*, resolvemos fazer um estudo das três últimas provas do vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina, pois o ingresso nesta universidade é o objetivo da maioria dos alunos participantes do curso pré-vestibular. Portanto, baseados nos resultados das análises realizadas nas provas de Língua Portuguesa e Literatura dos anos de 2009, 2010 e 2011, elaboramos este projeto.

As aulas aqui relatadas pretenderam levar em conta a importância da interpretação de textos, pois na análise das provas encontramos essa atividade em todas as disciplinas e não somente na prova de Língua Portuguesa e Literatura. Pensando nisso, todos os nossos estudos partiram do texto, sendo que a própria atividade de análise e reflexão linguística foi realizada a partir de redações produzidas pelos alunos.

Fez parte desse projeto, também, aulas sobre o estudo dos livros de literatura indicados para o vestibular da UFSC 2012. As aulas de literatura foram focadas na relação entre autor da obra, escolas literárias a que a obra se vincula, o gênero, o tema da obra e a estrutura narrativa.

Sabendo que o *Curso pré-vestibular Solidário* tratava-se de um projeto que visava atender estudantes que não possuíam condições financeiras para pagar um curso pré-vestibular, tentamos auxiliá-los da melhor maneira possível, trazendo para a sala de aula todos os recursos necessários (materiais e pedagógicos) para que o ensino-aprendizado da Língua Portuguesa para esta situação específica fosse satisfatório.

5.1.2 Escolha do tema

Considerando-se a necessidade de propor novas metodologias para o ensino de Língua Portuguesa nos cursinhos pré-vestibulares - cujos professores, muitas vezes, utilizam macetes para que seus alunos memorizem as regras da gramática normativa -, optou-se, neste projeto, por fazer um levantamento das últimas provas do vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina, como indicado anteriormente. Com base nesses dados, tentamos promover uma reflexão e a análise linguística

condizente com as reais necessidades dos alunos quanto a esse concurso e quanto ao uso da sua língua em diferentes situações, assim como proporcionar aos discentes aulas de literatura focadas na relação entre autor da obra, escolas literárias a que a obra se vincula, o gênero, o tema da obra e a estrutura narrativa.

5.1.3 Fundamentação teórica

A disciplina de Língua Portuguesa visa preparar o aluno para lidar com a linguagem em suas diversas situações de uso, sejam elas escritas ou orais, pois o domínio da língua materna revela-se fundamental à inserção do indivíduo em uma sociedade letrada e ao acesso às demais áreas do conhecimento. Nesse sentido, considerando-se os usos que o falante faz da língua, é importante considerar a concepção de língua assumida por pensadores da área da linguagem, como a do filósofo Mikhail Bakhtin. Para ele, a língua deve ser compreendida como manifestação social.

Assim, para que o sujeito esteja inserido em uma sociedade letrada, de maneira autônoma, não basta apenas ser alfabetizado, ele precisa refletir sobre a língua que usa em seu cotidiano e reconhecer as variedades textuais em todas as suas manifestações, bem como saber aplicá-las em diferentes contextos. Para tal, como consta na Proposta Curricular de São José – SC,²⁹ o indivíduo precisa ser ativo e responsivo no uso que faz da linguagem, características fundamentais do sujeito *bakhtiniano*. Nesse sentido, o interlocutor sempre toma uma postura de resposta em relação ao enunciado do outro, gerando assim a cadeia discursiva.

Para Bakhtin, os enunciados são únicos, particulares e individuais. Porém, há *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais são denominados gêneros do discurso. Os gêneros do discurso são marcados socio-historicamente e estão diretamente relacionados às diferentes situações de interação e às relações sociais que nelas se estabelecem: “é cada uma dessas situações que determina, pois, um gênero, com características temáticas, composicionais e estilísticas próprias”.³⁰

O emprego da língua se dá em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção

²⁹ (Proposta Curricular de São José, 2000, p.48)

³⁰ (KOCH, 2003, p. 54)

dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional.³¹

Logo, ensinar os alunos a fazer uso da língua nas mais diferentes situações de interação é ensiná-los dominar gêneros do discurso, o que significa dar-lhes poder de atuação autônoma sobre a linguagem escrita, podendo adaptar-se a qualquer situação comunicativa particular. O processo de aprendizagem do saber linguístico implica, assim, leitura compreensiva e crítica de textos exemplares de diversos gêneros do discurso; produção escrita de textos em diferentes gêneros da variedade padrão; análise e manipulação da organização estrutural da língua e percepção de diferentes linguagens (literária, visual, etc.), todas vistas como formas de compreensão do mundo. Com base nesses pressupostos, entende-se que as habilidades a serem trabalhadas no ensino da Língua Portuguesa envolvem, além das práticas orais (fala e escuta), as de leitura e escrita.

Sei que muita gente acaba escolhendo a pedagogia tradicional do certo e do errado porque não tem formação adequada para trabalhar com os novos conceitos de educação linguística (letramento, variação, discurso, pragmática etc.). Além disso, os livros didáticos mais escolhidos pelos professores ainda são, infelizmente, os de perfil mais gramatiquero. No entanto, já está provado que não tem cabimento nenhum despejar em sala de aula a doutrina gramatical tradicional em vez de ocupar o precioso tempo da escola com o que realmente interessa: ler e escrever.³²

A gramática, segundo Perini (2002), é considerada uma disciplina de difícil entendimento e tem um alto índice de rejeição. Alguns professores, pais e alunos querem a extinção do ensino gramatical; outros advogam pela permanência de tal ensino. As controvérsias sobre o ato de suprimir ou não a gramática do ensino, o fato de se concluir o ensino médio sem entendê-la e a falta de interesse dos jovens por cursos que os tornariam professores de língua são sintomas do fracasso associado a essa matéria curricular. Segundo esse autor, três defeitos inutilizam a gramática como disciplina: objetivos mal colocados, metodologia inadequada e falta de organização lógica.

Essas reflexões sugerem que a língua portuguesa, como disciplina curricular, deve passar por uma reformulação para que seja estudada com o mesmo entusiasmo com que se estudam outras matérias, considerando a língua em seu uso, como ela é, não

³¹ (BAKTHIN, 2003, p. 261)

³² (BAGNO, 2011)

como deveria ser. É preciso assumir novas e melhores metodologias, mais coerentes, preocupadas com as descrições da língua, que façam sentido e cujas definições sejam compreensíveis, despertando, assim, um maior interesse pela apropriação dessas regras tão importantes para o domínio da variedade padrão. Importa

[...] fazer com que o ensino de português deixe de ser visto como a transmissão de conteúdos prontos, e passe a ser uma tarefa de construção de conhecimentos por parte dos alunos, uma tarefa em que o professor deixa de ser a única fonte autorizada de informações, motivações e sanções. O ensino deveria subordinar-se à aprendizagem.

³³

A confusão estabelecida entre o que seja saber uma língua e saber sua gramática é o que dificulta, em grande medida, o ensino do português nas escolas. O motivo para que tal fato ocorra parece ser a falta de uma revolução no ensino de gramática nas escolas, rompendo com o método tradicional de ensino. Acredita-se que um dos grandes problemas do ensino de língua portuguesa fundamenta-se na falta de acesso aos Parâmetros Curriculares por parte de muitos professores, assim como das teorias que o fundamentam: embora a Proposta Curricular de São José – SC ³⁴ relate que 86% dos professores leem frequentemente artigos e livros que auxiliam sua prática profissional, 34% deles não sabem referenciar essas leituras ou citam títulos que não são referentes à área da educação.

Sobre isso, é importante ressaltar a importância do acesso aos documentos oficiais e a outras publicações referentes ao ensino, já que são eles que estabelecem diretrizes para o trabalho do professor em sala de aula.

Possenti (1996), por exemplo, problematiza essa questão, entendendo que o estudo da gramática e o domínio ativo da língua são realidades distintas. Os vários tipos de gramáticas escolares tradicionais confirmam essa diferença. Para muitas pessoas, ensinar a língua é o mesmo que ensinar gramática, sendo que o ensino da gramática é entendido como a soma de duas atividades: o estudo de regras de construção de estruturas e a análise de determinadas construções. Essas duas atividades podem não estar relacionadas; a primeira pode ser usada sem o auxílio da segunda e vice-versa. A finalidade do primeiro tipo visa consolidar o uso de uma variedade mais prestigiada e por isso é mais importante do que o segundo, que é justificado por critérios independentes do ensino da língua.

³³ (POSSENTI, 1996, p.95)

³⁴ (Proposta Curricular de São José, 2000, p.42)

Sob a ótica de Possenti (1996), os conceitos de gramática, assim como os conceitos de regra, de língua, e de erro não são unívocos. As regras são concebidas em dois sentidos: um deles fundamenta-se na ideia de obrigação, deve ser obedecido sob pena de alguma sanção. O outro carrega o sentido de regularidade e constância, próximo à noção de lei, no sentido de “lei da natureza”. Tais regras se aproximam das regras de etiqueta.

A língua, segundo a gramática normativa, em Possenti (1996), é representada pelas formas de expressão observadas, produzidas por pessoas eruditas. Essas formas, além de variarem com o tempo, variam também com fatores como faixa etária, classe social, idade, etc. Pesquisas referidas pelo autor mostram que, com o passar do tempo, pessoas escolarizadas começam a usar formas que antes eram consideradas erradas, sendo que essas variações acabam sendo incluídas no rol de formas “corretas”.

Como o dialeto padrão é uma das variações de uma língua, as gramáticas normativas dão conta de um subconjunto de fatos inerentes a essa variedade, ignorando outras variantes que são consideradas linguisticamente inferiores, erradas e incapazes de expressar o pensamento. Para a gramática normativa, é considerado erro tudo aquilo que foge à variedade que foi eleita como exemplo de boa linguagem. Duas considerações são importantes para esclarecer esse fato: a primeira é que os exemplos de boa linguagem têm como base os escritores do passado; a segunda é que há mudanças de padrão através da história.

Possenti (1996) afirma que saber uma língua é dominar um conjunto de regras que são acionadas conforme as circunstâncias. Alguns falantes interiorizam e acionam hipóteses equivocadas no que se refere à forma e à significação das palavras, cometendo equívocos no que concerne à variedade ideal para determinado contexto. Talvez isso seja reflexo do trabalho realizado na escola, onde os professores perdem muito tempo com erros de ortografia decorrentes da falta de correspondência entre sons e letras.

Para Possenti (1996), ensinar gramática pode continuar sendo um objetivo válido, sendo que o aluno pode e deve ter acesso às regras da gramática normativa. Porém, o papel da escola é abrir os horizontes do aluno para as variedades ainda não conhecidas e, sendo a linguagem do aluno extremamente complexa, a escola deve considerar o capital lingüístico que ele traz, não desperdiçando esse material tão relevante.

Nesse sentido, uma metodologia bem sucedida para o aprendizado de qualquer língua ou variedade requer a exposição do aluno ao maior número possível de

experiências linguísticas, tanto na sua variedade quanto na padrão. Para este trabalho, é preciso priorizar a leitura, a escrita e a narrativa oral, e excluir as lições de nomenclatura de análise sintática e de morfologia.

É importante ressaltar que essa metodologia não trata de suprimir das tarefas da escola a reflexão sobre a linguagem, mas sim de estabelecer prioridades. Pelo que foi exposto, seria incoerente concordar com formas de ensino que reduzam a língua a uma única variedade; o ensino deve dar prioridade à língua como conhecimento interiorizado. A reflexão sobre valores sociais e situações das variantes linguísticas deveria receber preferência sobre a análise da estrutura. Ensinar a gramática é ensinar a língua em toda sua plenitude, bem como suas regras e o domínio efetivo delas. É o conhecimento da leitura que faz com que compreendamos aquilo que os compêndios gramaticais dizem a seu respeito, e a falta de domínio de algumas estruturas faz com que os alunos apresentem dificuldades durante a escrita e análise linguística.

Esses problemas de aprendizado, relacionados pelo senso comum ao fracasso escolar, nada mais são do que reflexos de um trabalho equivocado no que se refere ao ensino de leitura e escrita em sala de aula. Muitas vezes, segundo Soares (2001), os alunos são convidados a produzirem textos cujo único interlocutor é o professor, que neste caso é visto como um revisor, um apontador de “erros”. Além disso, bastantes alunos têm dificuldades para escrever por “não terem o que dizer”, o que ocasiona o uso de chavões e até de incoerências. Sobre isso, é importante questionar: será mesmo que a dificuldade desses estudantes está na falta de conteúdo? Em geral, não.

Sabe-se que, frequentemente, o texto produzido pelo aluno é visto apenas como mais um objeto de avaliação. Em muitos casos, solicita-se que a turma escreva um texto baseando-se em um modelo formal, sendo que as reflexões sobre o tema proposto aparecem, muitas vezes, fragmentadas e desarticuladas. Nesse tipo de proposta, não se parte das experiências vividas por aqueles estudantes, das situações reais, em que eles podem se manifestar oralmente e envolverem-se na temática. Sobre isso, é necessário que, segundo Geraldi (2010), se pense o ensino “não como aprendizagem do conhecido, mas como produção de conhecimentos, que resultam, de modo geral, de novas articulações entre conhecimentos disponíveis.”³⁵ Assim, a produção textual precisa ser entendida como um trabalho de escrita que não segue regras predeterminadas: “A

³⁵ (GERALDI, 2010, p. 97-98)

escrita se caracteriza pela singularidade de seus gestos. A esta singularidade corresponde outra singularidade, a da leitura enquanto construção de sentidos.”³⁶

Assim, para que um indivíduo escreva, ele precisa ter o que dizer, ter razões para dizer e saber para quem ele está escrevendo. Muitas vezes, na escola, a produção de textos é feita apenas para o professor, o que leva muitos alunos a escreverem aquilo que eles acham que seu mestre gostaria de ler. Para fugir desse círculo vicioso, é preciso que o docente desenvolva com sua turma estratégias de dizer, que dependem do interlocutor, do assunto e dos motivos que levam alguém a escrever. Além disso, é necessário, também, que o professor seja um “co-enunciador, um leitor privilegiado e atento, um colaborador capaz de encorajar o outro a continuar buscando a melhor forma de dizer o que quer dizer para quem está dizendo pelas razões que o levam a dizer o que diz.”³⁷

Depois, lendo os textos produzidos por seus alunos, o docente pode, por exemplo, detectar quais são os problemas mais frequentes da turma e promover uma atividade de análise e reflexão linguística com ela. Nesse sentido, pode-se sugerir que os estudantes pensem na lógica de determinadas construções, como é o caso do uso do “x” e do “ch” em determinadas palavras. Através do processo de observação, formulação de hipóteses (e suas informações e confirmações), o aluno demonstrará uma compreensão intuitiva de um processo gramatical, chegando a conhecimentos já sistematizados da ortografia de sua língua, neste caso.

Dessa forma, pode-se dizer que o trabalho com a Língua Portuguesa, seja com a gramática ou com a leitura e a escrita, precisa passar por um processo em que cada sujeito reflita sobre as suas experiências (de vida e de falante do português), escrevendo textos, estabelecendo novas relações com o já produzido e refletindo sobre as regularidades de uma língua que ele já conhece e domina em sua oralidade. Afinal, só assim cada sujeito poderá ser, de fato, um autor que tem consciência daquilo que escreve.

5.1.4 Avaliação

A avaliação possibilita ao professor perceber em que medida os seus objetivos foram alcançados, fornecendo-lhe elementos para a revisão do plano de ensino. De acordo com Libâneo (2008), as atividades de avaliação ajudam no desenvolvimento

³⁶ (GERALDI, 2010, p.98)

³⁷ (GERALDI, 2010, p. 98-99).

intelectual, social e moral dos alunos, além de identificar em que medida a escola e os professores estão contribuindo para que isso ocorra. “O objetivo do processo de ensino e de educação é que todos os alunos desenvolvam suas capacidades físicas e intelectuais, seu pensamento independente e criativo, tendo em vista tarefas teóricas e práticas, de modo que se preparem positivamente para a vida social”.³⁸

Por isso, a avaliação deve ajudar todos a crescerem, independente de serem ativos ou apáticos, espertos ou lentos, interessados ou não. Sabemos que os alunos são diferentes uns dos outros e a avaliação nos possibilitará identificar essas diferenças, dando-nos bases para melhor elaborar as atividades de ensino aprendizagem.

Consideramos que uma das melhores ferramentas de avaliação é a observação diária de caráter diagnóstico, contudo, não deixamos de lado as avaliações pontuais como produções textuais, análises linguísticas e outros instrumentos avaliativos. Nesse sentido, optamos por realizar, além da observação diagnóstica, mais as seguintes atividades de avaliação:

- Produção escrita de uma crônica;
- Produção escrita de dois textos dissertativos-argumentativos;
- Participação e envolvimento na resolução de exercícios.
- A participação e o envolvimento pela escuta atenta às explicações do professor e pela proposição de questionamentos e a compreensão dos conteúdos pela adequação das respostas às questões propostas.

5.1.5 Objetivo Geral

Promover aos alunos do Cursinho Pré-Vestibular Solidário de Areias, aulas direcionadas aos conteúdos solicitados nas provas de Língua Portuguesa e Literatura do ENEM e do vestibular da UFSC, para que assim, obtenham sucesso nessas seleções.

5.1.6 Objetivos Específicos

- Reconhecer elementos e características fundamentais para o entendimento e elaboração de textos de opinião e crônicas;
- Produzir dois textos de opinião e uma crônica, considerando os parâmetros estabelecidos pela UFSC para o seu vestibular;

³⁸ (LIBÂNEO, 2008, p. 102)

- Estabelecer relações entre os temas abordados nos textos lidos e questões da realidade;
- Aprimorar a escrita por meio da observação das aulas de análise linguística e da reescrita de textos;
- Identificar o foco narrativo das obras literárias indicadas para o Vestibular da UFSC-2012;
- Reconhecer as características das obras de literatura indicadas para o vestibular da UFSC-2012;
- Estabelecer a relação entre as obras de literatura indicadas para o vestibular da UFSC-2012 e a época histórica em que foram produzidas;
- Estabelecer a relação entre as obras indicadas para o vestibular da UFSC 2012 e as escolas literárias a que se vinculam;
- Resolver exercícios sobre as obras literárias indicadas para o vestibular da UFSC 2012.

5.1.7 Conhecimentos Trabalhados

- Interpretação de textos;
- O gênero do discurso crônica sua função social seus espaços de circulação e sua forma de composição;
- Questões gramaticais mais abordadas nos últimos vestibulares (variedade linguística, uso dos pronomes e dos articuladores textuais, concordância verbal e nominal, uso dos porquês, regência verbal, uso da crase);
- Necessidades gramaticais dos alunos (encontradas em suas produções textuais);
- O foco narrativo das obras indicadas para o vestibular UFSC 2012;
- O Romantismo (1836 – 1881) e a Literatura Contemporânea (1960 até a atualidade).

5.1.8 Recursos Necessários

Recursos Materiais:

Quadro negro, giz, projetor multimídia e cópia de textos;

Referências bibliográficas:

- ANGELO, Ivan. **Crônica Sobre a crônica**. Revista Veja - São Paulo, 25/04/2007, disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/revista/edicao-2005/sobre-cronica> acesso em 20/10/2011.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.
- GOMES, Dias Alfredo. **O pagador de promessas**. 36ª ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. Companhia das Letras, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.
- MIRANDA, Ana. **Amrik**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MIGUEL, Salim; CARDOZO, Flávio José (Orgs.). **13 Cascaes**. Florianópolis: Autores Catarinenses, 2008.
- SILVEIRA, Cláudia Regina. **Estudos de Textos, obras de Literatura**. Postmix serviços Editoriais, 2012.
- TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. Porto Alegre: L& PM, 1999
- TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. Volume único. São Paulo: Scipione, 2007.
- VERÍSSIMO, L. Fernando. **Desabafo de um bom marido**. Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/e8h4xmy8lnu8/desabafo-de-um-bom-marido---luis-fernando--verissimo-0402356AC4C92326?types=A> acesso em 07/09/2011.
- Material didático cedido pelo curso pré-vestibular GAIA – Florianópolis/SC.*
- www.inep.gov.br
- www.vestibularufsc.coperve.ufsc.br

5.1.9 Metodologia

Os conhecimentos trabalhados foram abordados em 17 aulas, divididas entre os membros desta equipe, sendo que, cada aula teve a duração de 2 horas. O *Curso pré-vestibular Solidário* ocorreu no Centro Comunitário de Areias e as aulas foram ministradas entre os dias 03 de Outubro e 05 de Dezembro de 2011. A seguir, faremos um detalhamento de cada uma dessas aulas, mostrando não só como foram desenvolvidas como também os conteúdos que foram trabalhados, os recursos que foram utilizados e como foi o processo de avaliação.

5.1.10 Desenvolvimento das aulas

Aula 1 (03/10/2011 – segunda-feira – 2h/a)

O texto de opinião

Objetivo geral:

- Reconhecer as condições de produção, função social, elementos e características fundamentais de textos de opinião, tendo em vista a elaboração de textos dessa natureza em provas como as do ENEM e em concursos vestibulares.

Objetivos específicos:

- Identificar o uso da argumentação em diferentes textos de opinião;
- Reconhecer as marcas discursivas e linguísticas e os recursos expressivos em diferentes textos de opinião;
- Identificar palavras, expressões e frases cuja função é estabelecer articulação entre tese e argumento em textos de opinião;
- Aprender a fazer planejamento de ideias (esquema);
- Elaborar textos de opinião com base em temas pré-determinados e em esquemas de planejamento da construção textual;
- Empregar mecanismos básicos de coesão textual na escrita de textos de opinião;
- Estabelecer a articulação entre tese e argumento pelo emprego adequado de operadores argumentativos.

Conhecimentos abordados:

- Leitura e interpretação de textos de opinião;
- Elementos argumentativos;
- O texto de opinião;
- Coesão e coerência textual.

Metodologia

Texto dissertativo

- Entrega de questões de interpretação com base em textos argumentativos;
- Correção das questões de interpretação;
- Aula expositivo-dialogada, fazendo uso do projetor multimídia, sobre:
 - Elementos que caracterizam os textos argumentativos;
 - A estrutura da dissertação;
 - Formas que facilitam a organização de ideias (esquema);
 - Elementos que são fundamentais para o bom desenvolvimento desses textos;

- Exercício sobre a importância da interpretação do texto (principalmente para entender o tema da redação na prova do vestibular)
- Interpretação de temas de redação de provas de vestibulares da UFSC dos anos 2008, 2009, 2010;

Recursos Necessários:

- Cópias das questões de interpretação com base em textos argumentativos;
- Projetor multimídia.

Avaliação: A participação dos alunos nas discussões propostas, a pertinência de suas respostas aos questionamentos apresentados e a adequação do texto ao gênero e às convenções da variedade padrão escrita da Língua Portuguesa.

Referências bibliográficas:

FARACO, Carlos Alberto. **Prática de texto para estudantes universitários** / Carlos Alberto Faraco. Cristovão Tezza. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação** / José Luiz Fiorin. Francisco Platão Savioli. – São Paulo: Ática, 1993.

TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Linguagens no século XXI: língua portuguesa, 7ª série**: Heloísa Harue Takazaki; ilustradores Reinaldo Aparecido Rosa, Silmara Simone Egg. – 1. Ed. – São Paulo: IBEP, 2002. (Coleção vitória-régia)

TERRA, Ernani. **Práticas de linguagem: leitura & produção de textos: ensino médio: volume único** / Ernani e Nicola – São Paulo: Scipione, 2001.

Vários colaboradores. **Pontos de vista: caderno do professor: orientação para produção de textos** / [equipe de produção Egon de Oliveira Rangel, Eliana Gagliardi, Heloísa Amaral]. – São Paulo: Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada)

ANEXOS AULA 1

**QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO
COM BASE EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS**

Texto 1

A “skrita” na internet

O internetês é conhecido como o português digitado na internet, caracterizado por simplificações de palavras que levariam em consideração, principalmente, uma suposta interferência da fala na escrita. O vocábulo aponta ainda para a prática de escrita tomada como registro divergente da norma culta padrão.

Os avessos a essa prática de escrita consideram que os adeptos do internetês são “assassinos da língua portuguesa”. Nesse contexto, perguntas como “Há um processo de transformação da escrita com o uso da internet?” ou “Há degradação da escrita com a introdução da internet na vida das pessoas?” são cada vez mais frequentes. É, pois, com base nesse critério de pureza projetada como ideal da escrita que muitos indivíduos fazem a crítica ao internetês, tomando-o como “a não-língua portuguesa”. A imagem de degradação da escrita (e, por extensão, da língua) pelo uso da tecnologia digital é resultado da idéia de que há uma modalidade de escrita pura, associada seja à norma culta padrão, seja à gramática, seja à imagem de seu uso por autores literários consagrados. Haveria, assim, um tipo de escrita sem “interferências da fala”, que deveria ser seguido por todos, em quaisquer circunstâncias.

As idéias correntes de pureza da escrita e de empobrecimento do português podem ser encontradas em inúmeros materiais que circulam na sociedade, incluídos comentários dos próprios usuários da internet. Na rede de relacionamentos Orkut, há quase uma centena de comunidades com títulos como “Odeiu gnti ki ixcrevi axim!!!”, em referência às práticas de escrita na internet. Para os que participam dessas comunidades, a escrita na internet seria uma forma rude de comunicação, algo parecido com os grunhidos que o ser humano fazia nos tempos da caverna. Assim concebida, a escrita da/na internet é vista como empobrecimento do idioma. Esse mesmo conceito é o que, muitas vezes, se atribui aos usos que fazem os indivíduos não dotados da tecnologia da escrita alfabética, ditos analfabetos ou não letrados.

Extraído de: KOMESU, Fabiana C. A “skrita” na internet. *Discutindo Língua Portuguesa* [especial]: ano 1, n. 1, p. 56-57, 2008.

1. Considerando o Texto 1, assinale a(s) proposição(ões) CORRETA(S). (UFSC 2009)

01. Trata-se de um texto expositivo, em que a autora contrapõe argumentos favoráveis e argumentos desfavoráveis à prática do internetês.
02. O número crescente de indivíduos analfabetos e de usuários da internet é responsável pelo processo de degradação da língua portuguesa que se verifica atualmente.
04. A idéia principal do texto é que o desenvolvimento da tecnologia digital deve ser contido, caso contrário a língua portuguesa estará fadada a desaparecer num futuro relativamente próximo.

08. Do quarto parágrafo do texto, deduz-se que os críticos do internetês que fazem parte da rede de relacionamentos Orkut acreditam que as práticas de escrita na internet sejam semelhantes às formas primitivas de comunicação entre os seres humanos.
16. Tanto a palavra destacada no título do texto quanto a frase-título destacada no quarto parágrafo (linha 20) podem exemplificar, adequadamente, a definição de internetês presente no primeiro parágrafo.
32. Apesar de o texto abordar um tema polêmico, a autora não se posiciona claramente em relação ao internetês, limitando-se a defini-lo e a expor algumas críticas feitas bem como razões para tais posicionamentos.
64. A autora do texto defende a idéia de que fala e escrita são modalidades completamente independentes uma da outra, e de que nenhum tipo de escrita deve apresentar interferências da fala.



Texto 2

O transtorno do comer compulsivo vem sendo reconhecido, nos últimos anos, como uma síndrome caracterizada por episódios de ingestão exagerada e compulsiva de alimentos, porém, diferentemente da bulimia nervosa, essas pessoas não tentam evitar ganho de peso com os métodos compensatórios. Os episódios vêm acompanhados de uma sensação de falta de controle sobre o ato de comer, sentimentos de culpa e de vergonha. Muitas pessoas com essa síndrome são obesas, apresentando uma história de variação de peso, pois a comida é usada para lidar com problemas psicológicos. O transtorno do comer compulsivo é encontrado em cerca de 2% da população em geral, mais frequentemente acometendo mulheres entre 20 e 30 anos de idade. Pesquisas demonstram que 30% das pessoas que procuram tratamento para obesidade ou para perda de peso são portadoras de transtorno do comer compulsivo.

Disponível

em: <http://www.abcdasaude.com.br>. Acesso em: 1 maio 2009 (adaptado).

2. Considerando as ideias desenvolvidas pelo autor, conclui-se que o texto tem a finalidade de (ENEM 2010)

- A. descrever e fornecer orientações sobre a síndrome da compulsão alimentícia.
- B. narrar a vida das pessoas que têm o transtorno do comer compulsivo.
- C. aconselhar as pessoas obesas a perder peso com métodos simples.
- D. expor de forma geral o transtorno compulsivo por alimentação.
- E. encaminhar as pessoas para a mudança de hábitos alimentícios.

Texto 3**Ciência e aquecimento global**

O que até recentemente parecia ficção tomou forma na realidade como desafio que exige – se não solução imediata, algo bem pouco provável – ao menos encaminhamento promissor.

O aquecimento global, como conseqüência da liberação crescente na atmosfera de gases de efeito estufa, é o maior impacto ambiental da história da civilização, o que não significa que aponte para o final dos tempos.

[...]

O conhecimento científico tem participação ampla e profunda tanto no processo de aquecimento da Terra como nos encaminhamentos para evitar uma tragédia de proporções inéditas para a humanidade. Foram avanços de natureza científica – particularmente na termodinâmica, o estudo das transformações da energia – que permitiram a substituição de músculos humanos e animais pelas engrenagens das máquinas. Este mesmo conhecimento advertiu, já no século XIX, para o praticamente inevitável aquecimento futuro da atmosfera por elementos tão insuspeitos quanto vapor d'água e dióxido de carbono.

As manchetes dos jornais, anunciando a identificação do aquecimento global a partir de atividades humanas, fizeram do dióxido de carbono um vilão quase indefensável ao longo dos últimos meses. A verdade, no entanto, é que este gás é imprescindível para a vida como a conhecemos e, além disso, atua como cobertor químico, para fazer da Terra o mundo aconchegante que ela é.

Quais as possibilidades de o atual conhecimento científico permitir uma reversão deste processo, ainda que nem tudo volte a ser como antes?

A identificação do aquecimento global como de origem antrópica, devidamente separada de causas naturais que já foram responsáveis por esta ocorrência mais de uma vez na história da Terra, certamente não deve passar despercebida. Assim, o obstáculo maior, ao que tudo indica, não está no estoque de conhecimentos – promissores ainda que não ilimitados – mas na necessidade de mudança de hábitos, pela primeira vez na história da civilização, de toda a humanidade.

PONTO DE

VISTA. *Scientific American Brasil*, São Paulo, n. 19, p. 7, dez. 2003. Ed. especial.

Considerando o texto 1, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**. (UFSC 2008)

01. Existe uma relação de causa e conseqüência entre o conhecimento científico e o aquecimento global.
02. Causas naturais são as principais responsáveis pelo chamado efeito estufa.
04. O aumento gradativo do aquecimento global é irreversível.
08. O dióxido de carbono é totalmente prejudicial ao meio ambiente.
16. Somente os cientistas podem reverter o processo de aquecimento global.
32. [...] *uma tragédia de proporções inéditas* [...] (linhas 9-10) significa “uma catástrofe de dimensões sem precedentes”.

64. A dificuldade maior para tentar reverter o processo de aquecimento da Terra está na necessidade de mudança de hábitos do homem.

Aula 2 (10/10/2011 – segunda- feira – 2h/a) (Ver anexos das aulas 2, 4 e 6)**Coesão Textual**

Objetivo geral:

- Aprofundar estudos acerca dos fenômenos gramaticais mais recorrentes em provas recentes do vestibular da UFSC e em provas recentes do ENEM.

Objetivos específicos:

- Resolver questões de interpretação textual que constavam da prova do vestibular da UFSC/2011 e da prova do ENEM 2010 que requerem conhecimento discursivo, linguístico e gramatical acerca do emprego de determinadas palavras e expressões;
- Revisar os conteúdos da gramática normativa que mais foram requeridos nas últimas três provas do vestibular da UFSC e do ENEM.

Conhecimentos abordados:

- O emprego dos pronomes pessoais e relativos como referenciadores;
- As conjunções e advérbios como articuladores textuais;

Metodologia:

- Retomar o tema “coesão” abordado na aula anterior;
- Trabalhar com os alunos, através de material impresso e entregue a eles, as palavras referenciais e os articuladores textuais;
- Distribuir aos alunos cópias de algumas das questões do vestibular da UFSC e da prova do ENEM, resolvendo a primeira questão conjuntamente com a turma;
- Ler, atentamente, cada proposição, analisando-a e fazendo com que os alunos reflitam sobre as regularidades da sua língua materna. Ao final de cada item somatório, a educadora explanará sobre o assunto de que ele trata e buscará, junto com a turma, uma resposta para a questão;
- Propor que a turma tente resolver a próxima questão sozinha. Quando todos estiverem terminado a atividade, repetir-se-á o modo como foi feita a análise da questão anterior: a cada proposição, a educadora fará uma análise e explanará sobre os conteúdos gramaticais presentes em cada proposição. Para as próximas questões que os alunos resolverão, será adotada a mesma metodologia.

Recursos necessários:

- Cópias das questões dos últimos vestibulares, selecionadas pela professora.

Avaliação:

- A turma foi avaliada de acordo com sua participação, que também foi manifestada por meio de fala e da escuta atenta.

Referências bibliográficas:

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. Volume único. São Paulo: Scipione, 2007.

Material didático cedido pelo curso pré-vestibular GAIA – Florianópolis/SC.

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2010/AZUL_Domingo_GAB.pdf

<http://www.vestibular2012.ufsc.br/index.php?s=anteriores>

Aula 3 (24/10/2011 – segunda-feira – 2h/a)

A crônica e o conto

Objetivo geral:

- Reconhecer as condições de produção, função social, elementos e características fundamentais de crônicas e contos, tendo em vista a elaboração de textos dessa natureza em concursos vestibulares.

Objetivos específicos:

- Reconhecer os recursos expressivos e as marcas discursivas e linguísticas de crônicas e contos.
- Identificar palavras, expressões e frases cuja função complementar ideias, caracterizar personagens e cenários, marcar o espaço e tempo da narrativa.
- Estabelecer relações entre os temas abordados nas crônicas e contos lidos e situações da realidade;
- Distinguir crônica e conto com base na análise das especificidades de cada um desses gêneros;
- Elaborar crônicas com base em temas pré-determinados, considerando os elementos e características que constituem esse gênero;
- Operar com esquemas temporais próprios à construção de uma narrativa;
- Empregar adjetivos, na construção de personagens e cenários.

Conhecimentos abordados:

- Conto e crônica: elementos e características;
- Os adjetivos na construção de personagens e cenários;
- As marcas de tempo e espaço na narrativa.

Metodologia

- Leitura, por parte da professora, da crônica *Desabafo de um bom marido*, de Luis Fernando Veríssimo.
 - O que acharam da crônica? Qual sentimento ela despertou em vocês?
 - Pelo título, dá para imaginar o assunto da crônica?
 - A linguagem era atual?
 - O autor fazia parte da situação narrada ou estava como observador, de fora?
- Entrega da crônica *Sobre a crônica*, de Ivan Ângelo;
- Leitura silenciosa;
- Questionamentos quanto à relação dos alunos com o gênero crônica;
 - Vocês leem crônicas?
 - Quais autores vocês conhecem?
 - Onde podemos encontrar esse gênero?

- Aula expositivo-dialogada, fazendo uso do projetor multimídia, sobre:
 - Elementos que caracterizam o gênero crônica;
 - As várias abordagens possíveis de uma crônica;
 - Diferença entre conto e crônica;
 - A estrutura de uma crônica;
- Entrega do Conto *Uma Galinha*, de Clarice Lispector;
- Discussão acerca do texto e das diferenças entre conto e crônica;
- Produção escrita de uma narrativa com base em uma situação-problema, a ser entregue no final da aula.

Recursos necessários:

- Cópias da crônica *Sobre a crônica*, de Ivan Ângelo;
- Cópias do conto *Uma galinha*, de Clarice Lispector;
- Projetor multimídia;

Avaliação: Foi avaliada a participação dos alunos nas discussões, a pertinência de suas respostas aos questionamentos apresentados e a adequação do texto ao gênero e às convenções da variedade padrão escrita da língua portuguesa.

Referências bibliográficas:

ANGELO, Ivan. **Crônica Sobre a crônica**. Veja - São Paulo, 25/04/2007.

CUNHA, Celso. **Nova gramática do português contemporâneo** / Celso Cunha, Luís F. Lindley Cintra. – 4. Ed. – Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. 6ª Ed. São Paulo: Ática, 1991.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Linguagens no século XXI: língua portuguesa, 7ª série**: Heloísa Harue Takazaki; ilustradores Reinaldo Aparecido Rosa, Silmara Simone Egg. – 1. Ed. – São Paulo: IBEP, 2002. (Coleção vitória-régia)

TERRA, Ernani. **Práticas de linguagem: leitura & produção de textos: ensino médio: volume único** / Ernani e Nicola – São Paulo: Scipione, 2001.

Vários colaboradores. **A ocasião faz o escritor: caderno do professor: orientação para produção de textos** / [equipe de produção Maria Aparecida Laginestra, Maria Imaculada Pereira]. – São Paulo: Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada)

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Crônica Desabafo de um bom marido**. Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/e8h4xmy8lnu8/desabafo-de-um-bom--marido---luis-fernando--verissimo-0402356AC4C92326?types=A>

ANEXOS AULA 3

Desabafo de um bom marido (Luis Fernando Veríssimo)

Minha esposa e eu temos o segredo para fazer um casamento durar: duas vezes por semana, vamos a um ótimo restaurante, com uma comida gostosa, uma boa bebida, e um bom companheirismo. Ela vai às terças-feiras, e eu às quintas. Nós também dormimos em camas separadas. A dela é em Fortaleza e a minha em São Paulo. Eu levo minha esposa a todos os lugares, mas ela sempre acha o caminho de volta. Perguntei a ela onde ela gostaria de ir ao nosso aniversário de casamento. "Em algum lugar que eu não tenha ido há muito tempo!" ela disse. Então eu sugeri a cozinha.

Nós sempre andamos de mãos dadas. Se eu soltar, ela vai às compras.

Ela tem um liquidificador elétrico, uma torradeira elétrica, e uma máquina de fazer pão, elétrica. Então ela disse: "Nós temos muitos aparelhos, mas não temos lugar para sentar. Daí, comprei para ela uma cadeira elétrica".

Lembrem-se, o casamento é a causa número um para o divórcio. Estatisticamente, 100 % dos divórcios começam com o casamento. Eu me casei com a Sra. Certa. Só não sabia que o primeiro nome dela era "Sempre". Já faz 18 meses que não falo com minha esposa. É que não gosto de interrompê-la. Mas tenho que admitir, a nossa última briga foi culpa minha. Ela perguntou: "O que tem na TV?" E eu disse "Poeira".

No começo Deus criou o mundo e descansou. Então, Ele criou o homem e descansou. Depois, criou a mulher. Desde então, nem Deus, nem o homem, nem Mundo tiveram mais descanso. Quando o nosso cortador de grama quebrou, minha mulher ficava sempre me dando a entender que eu deveria consertá-lo. Mas eu sempre acabava tendo outra coisa para cuidar antes: o caminhão, o carro, a pesca, sempre alguma coisa mais importante para mim. Finalmente ela pensou num jeito esperto de me convencer. Certo dia, ao chegar em casa, encontrei-a sentada na grama alta, ocupada em podá-la com uma tesourinha de costura. Eu olhei em silêncio por um tempo, me emocionei bastante e depois entrei em casa.

Em alguns minutos eu voltei com uma escova de dentes e lhe entreguei. - Quando você terminar de cortar a grama, eu disse, você pode também varrer a calçada. Depois disso não me lembro de mais nada. Os médicos dizem que eu voltarei a andar, mas mancarei pelo resto da vida. "O casamento é uma relação entre duas pessoas na qual uma está sempre certa e a outra é o marido..."

UMA GALINHA

Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi pois uma surpresa quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou — o tempo da cozinheira dar um grito — e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que não se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos. Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou, respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno num prato, solevava e abaixava as penas, enchendo de tepidez aquilo que nunca passaria de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu a tudo estarrecida. Mal porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos:

— Mamãe, mamãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre, nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já há algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

— Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

— Eu também! jurou a menina com ardor. A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em

quando ainda se lembrava: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos fundos, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícius da grande fuga — e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse: mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho — era uma cabeça de galinha, a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

Clarice Lispector

Extraído do livro *Laços de Família*, Editora Rocco — Rio de Janeiro, 1998.

Sobre a crônica

Ivan Ângelo

Uma leitora se refere aos textos aqui publicados como "reportagens". Um leitor os chama de "artigos". Um estudante fala deles como "contos". Há os que dizem: "seus comentários". Outros os chamam de "críticas". Para alguns, é "sua coluna".

Estão errados? Tecnicamente, sim – são crônicas –, mas... Fernando Sabino, vacilando diante do campo aberto, escreveu que "crônica é tudo que o autor chama de crônica".

A dificuldade é que a crônica não é um formato, como o soneto, e muitos duvidam que seja um gênero literário, como o conto, a poesia lírica ou as meditações à maneira de Pascal. Leitores, indiferentes ao nome da rosa, dão à crônica prestígio, permanência e força. Mas vem cá: é literatura ou é jornalismo? Se o objetivo do autor é fazer literatura e ele sabe fazer...

Há crônicas que são dissertações, como em Machado de Assis; outras são poemas em prosa, como em Paulo Mendes Campos; outras são pequenos contos, como em Nelson Rodrigues; ou casos, como os de Fernando Sabino; outras são evocações, como em Drummond e Rubem Braga; ou memórias e reflexões, como em tantos. A crônica tem a mobilidade de aparências e de discursos que a poesia tem – e facilidades que a melhor poesia não se permite.

Está em toda a imprensa brasileira, de 150 anos para cá. O professor Antonio Candido observa: "Até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e pela originalidade com que aqui se desenvolveu".

Alexandre Eulálio, um sábio, explicou essa origem estrangeira: "É nosso familiar essay, possui tradição de primeira ordem, cultivada desde o amanhecer do periodismo nacional pelos maiores poetas e prosistas da época". Veio, pois, de um tipo de texto comum na imprensa inglesa do século XIX, afável, pessoal, sem cerimônia e no entanto pertinente.

Por que deu certo no Brasil? Mistérios do leitor. Talvez por ser a obra curta e o clima, quente.

A crônica é frágil e íntima, uma relação pessoal. Como se fosse escrita para um leitor, como se só com ele o narrador pudesse se expor tanto. Conversam sobre o momento, cúmplices: nós vimos isto, não é leitor?, vivemos isto, não é?, sentimos isto, não é? O narrador da crônica procura sensibilidades irmãs.

Se é tão antiga e íntima, por que muitos leitores não aprenderam a chamá-la pelo nome? É que ela tem muitas máscaras. Recorro a Eça de Queirós, mestre do estilo antigo. Ela "não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando".

A crônica mudou, tudo muda. Como a própria sociedade que ela observa com olhos atentos. Não é preciso comparar grandezas, botar Rubem Braga diante de Machado de Assis. É mais exato apreciá-la desdobrando-se no tempo, como fez Antonio Candido em "A vida ao rés-do-chão": "Creio que a fórmula moderna, na qual entram um fato miúdo e um toque humorístico, com o seu quantum satis de poesia, representa o amadurecimento e o encontro mais puro da crônica consigo mesma". Ainda

ele: "Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas".

Elementos que não funcionam na crônica: grandiloquência, sectarismo, enrolação, arrogância, prolixidade. Elementos que funcionam: humor, intimidade, lirismo, surpresa, estilo, elegância, solidariedade.

Cronista mesmo não "se acha". As crônicas de Rubem Braga foram vistas pelo sagaz professor Davi Arrigucci como "forma complexa e única de uma relação do Eu com o mundo". Muito bem. Mas Rubem Braga não se achava o tal. Respondeu assim a um jornalista que lhe havia perguntado o que é crônica:

– Se não é aguda, é crônica.

24) 10) 11)

Um dia comum...

Enquanto volteava para casa, um tanto quanto distraída, ouvindo meu mp3 como de costume, me deparei com uma cena um pouco inacreditável naquele momento.

Um jovem casal, apaixonados eu diria, sentados naquela praça conversando, porém, havia um clima estranho no ar, talvez algo estivesse atrapalhando a felicidade dos dois, pois até estar enganado, mas quem sabe poderia ser um trabalho final da faculdade, ou até mesmo uma não aceitação de alguma das famílias.

Havia um certo clima de choro no ar, de insatisfação, entretanto um ar doce do puro amor dos dois que me carregado aos quatro cantos através do vento.

Talvez, para mim seria somente mais um dia cansativo de trabalho, e para eles, um momento que decidiria o caminho que seria traçado dali em diante.

Adeus, Joqueline!

Bem, pática sua narrativa...

Professora Karine

Aluna: Joqueline Martins



/ /

Nome: Luana de Oliveira Souza

... foi uma cena inacreditável, um senhor
foi de idade tentando atravessar a rua,
mas ele apresentava uma certa dificuldade
de, pois estava com uma perna quebrada,
usando muletas para conseguir andar. Até
que passou uma linda criança a ajudar
aquele pobre senhor a atravessar a rua, os-
sim os dois saíram felizes.
24/10/11.

Bea narrativa, Luana.
Professora Karine

Aula 4 (31/10/11 – segunda-feira – 2h/a) (Ver anexo das aulas 2, 4 e 6)**Variedades Linguísticas**

Objetivo geral: Aprofundar estudos acerca dos fenômenos gramaticais mais recorrentes em provas recentes do vestibular da UFSC.

Objetivos específicos:

- Reconhecer o fenômeno da “variedade linguística” com base na análise de questões da prova do vestibular da UFSC;
- Resolver questões de interpretação textual que constavam da prova do vestibular da UFSC/2011 que requerem conhecimento discursivo, linguístico e gramatical acerca do emprego de determinadas palavras e expressões;
- Revisar os conteúdos da gramática normativa referentes à concordância verbal e nominal.

Conhecimentos abordados:

- O fenômeno da variedade linguística;
- Interpretação textual;
- A diferença entre as gramáticas internalizada, normativa e descritiva;
- O correto uso da concordância verbal e nominal.

Metodologia:

- Abordar o tema “variedades linguísticas”;
- Propor a resolução das questões da UFSC não resolvidas na aula anterior;
- Ler, atentamente, cada proposição, analisando-a e fazendo com que os alunos reflitam sobre as regularidades da sua língua materna. Ao final de cada item somatório, a educadora explanará sobre o assunto de que ele trata e buscará, junto com a turma, uma resposta para a questão;
- Expor, no quadro negro e com posterior explicação, o conteúdo relativo à concordância verbal e nominal.

Recursos necessários:

- Cópias das questões dos últimos vestibulares, selecionadas pela professora.

Avaliação:

- A turma foi avaliada de acordo com sua participação, que também foi manifestada por meio de fala e da escuta atenta.

Referências bibliográficas:

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. Volume único. São Paulo: Scipione, 2007.

Material didático cedido pelo curso pré-vestibular GAIA – Florianópolis/SC.

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2010/AZUL_Domingo_GAB.pdf

<http://www.vestibular2012.ufsc.br/index.php?s=anteriores>

Aula 5 (07/11/11 - segunda-feira – 2h/a)

A redação

Objetivo geral:

- Redigir texto dissertativo-argumentativo sobre um tema previamente definido em um determinado espaço de tempo, como forma de vivenciar experiências que exigem esta competência de uso da linguagem.

Objetivos específicos:

- Elaborar um texto dissertativo-argumentativo com tema e tempo pré-determinados;
- Empregar mecanismos básicos de coesão textual na escrita de textos de opinião;
- Estabelecer a articulação entre tese e argumento pelo emprego adequado de operadores argumentativos;
- Estabelecer relações entre os temas da proposta de redação e situações da realidade;
- Ler e interpretar um texto de opinião;
- Identificar palavras, expressões e frases cuja função é estabelecer articulação entre tese e argumento em textos de opinião.

Conhecimentos abordados:

- Produção de um texto dissertativo-argumentativo;
- Leitura e interpretação de um texto de opinião;
- Elementos argumentativos;
- O texto de opinião;
- Coesão e coerência textual.

Metodologia:

- Produção escrita de um texto dissertativo-argumentativo com tema e tempo pré-determinados;
- A atividade deve ser entregue em 1 hora;
- Entrega de um texto dissertativo-argumentativo;
- Análise e interpretação do texto.

Recursos necessários:

Caderno, giz, quadro-negro e cópias do texto dissertativo-argumentativo.

Avaliação:

- Foram avaliados o envolvimento dos alunos na realização da redação, da leitura do texto dissertativo-argumentativo, a participação dos alunos nas discussões acerca do texto e a pertinência de suas respostas quanto aos questionamentos propostos.

Referências bibliográficas:

TERRA, Ernani. **Práticas de linguagem: leitura & produção de textos: ensino médio**: volume único / Ernani e Nicola – São Paulo: Scipione, 2001.

Vários colaboradores. **Pontos de vista: caderno do professor: orientação para produção de textos** / [equipe de produção Egon de Oliveira Rangel, Eliana Gagliardi, Heloísa Amaral]. – São Paulo: Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada)

TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Linguagens no século XXI: língua portuguesa, 7ª série**: Heloísa HarueTakazaki; ilustradores Reinaldo Aparecido Rosa, Silmara Simone Egg. – 1. Ed. – São Paulo: IBEP, 2002. (Coleção vitória-régia)

ANEXO AULA 5**INSTRUÇÕES GERAIS PARA A REDAÇÃO**

- A redação deve ter no mínimo 20 e no máximo 30 linhas escritas;
- Não deixe de dar um título a sua redação.
- Faça uma revisão do texto antes de passá-lo à folha definitiva.
- Não faça rasuras ou emendas em seu texto.
- Qualquer redação, por mais bem feita que esteja, terá nota zero de fugir, completamente, da orientação proposta.
- Use caneta preta ou azul escuro;

TEXTO 1

Depois de 3.519 dias, duas guerras e 1,18 trilhão de dólares em gastos militares, "a justiça foi feita". Foi assim que o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, anunciou a morte do homem mais procurado do planeta, o terrorista mais famoso da história e o mandante do maior atentado já cometido no mundo. O saudita Osama bin Laden, de 54 anos, foi executado com um tiro na cabeça, numa operação militar realizada nos arredores de Islamabad, capital do Paquistão, a poucos meses do décimo aniversário do 11 de Setembro.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/tema/osama-bin-laden>

TEXTO 2

"Depois da queda das Torres Gêmeas, o mundo definitivamente se transformou. Se, durante a Guerra Fria, havia o medo de uma guerra atômica, agora os países mais avançados sofrem com o medo de atentados - o inimigo pode estar ao seu lado. As consequências disso são os radicalismos, os cuidados com segurança e o medo de voar, que paradoxalmente foram reforçados depois da morte do homem considerado o 'cabeça' do terrorismo. O mundo está com medo da reação da Al-Qaeda".

Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/vestibular/noticias/0,,O15145727-E112889,00-Osama+Bin+Laden+e+assunto+certo+nos+vestibulares+leia+dicas.html>

Obama garante: Al Qaeda foi decapitada e será vencida

Presidente viajou para cumprimentar pessoalmente forças especiais envolvidas na operação que matou Osama bin Laden

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, declarou nesta sexta-feira que os EUA "decapitaram" a Al Qaeda com a morte de **Osama bin Laden** e que acabarão por derrotar o grupo extremista. Embalado por uma onda de aprovação popular após a morte de Osama bin Laden, o presidente americano viajou nesta sexta-feira a uma base militar para agradecer às forças especiais envolvidas na operação que matou o líder da Al Qaeda em território paquistanês.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/obama-al-qaeda-foi-decapitada-e-sera-vencida>

Tendo como base as informações apresentadas nos textos acima e em seus conhecimentos acerca do assunto, escreva uma **dissertação-argumentativa** sobre o tema:

“Morte de Osama Bin Laden: fim do terrorismo?”

> L eitura



Reprodução

Exaltar os heróis e enjaular as feras

A lição que uma briga de cães deixa para os cidadãos

por Zuenir Ventura

Mais ou menos como nas fábulas de La Fontaine, em que os animais eram divertidos pretextos para a descrição da sociedade francesa do século 17, com suas paixões, virtudes e pecados, o desassombro de uma cadela vira-lata tem servido hoje para se falar simbolicamente dos humanos.

Tudo começou quando Catita, recém-parida, ainda em processo de amamentação, enfrentou dois exemplares da temível raça pit bull, que estavam atacando um menino de 4 anos, em Campos, no norte do estado do Rio. Como consequência, ela perdeu uma boa parte da orelha, saiu toda ferida, foi parar numa clínica, mas impediu que as feras estraçalhassem Lucas Marins – e virou heroína.

Em compensação, recebeu como prêmio duas crônicas de Luis Fernando Veríssimo defendendo sua candidatura à Presidência da República em 2002, apareceu no programa do Faustão, foi condecorada com medalha e teve o reconhecimento de todos os homens e animais de bem (no momento em que escrevo, ela está internada de novo, agora com suspeita de septicemia; espera-se que não venha a acontecer o pior).

O heróico feito de Catita levantou pelo menos uma questão no reino dos racionais, onde o hábito de matar criança violentamente não chega a ser raro. O que teria levado essa cachorra de rua aparentemente sem consciência e sem educação a abandonar por instantes os próprios filhos que amamentava para arriscar sua vida e salvar um filho que não era seu?

Além de suscitar essa reflexão, Catita levou a prefeitura do Rio a agilizar uma série de medidas para reprimir a ação violenta dos pit bulls, que ultimamente têm aterrorizado os cariocas. No ano passado, um deles, chamado Saddam, levou o pânico a um ponto de encontro de mães

e babás em Copacabana, atacando seis pessoas e ferindo todas. Hoje já existe uma lista de vítimas desses animais na cidade, não se conhecendo ninguém que tenha sido punido por isso.

Os pit bulls (e os filas e os rottweillers e os huskies siberianos) continuam andando pelos calçadões da orla, frequentemente sem coleira, focinheira ou mordada, às vezes conduzidos por lutadores de jiu-jitsu – o que é uma perigosa combinação –, às vezes levados por frágeis adolescentes, quando se sabe que um pit bull é capaz de puxar até duas toneladas de peso. E há ainda os que são criados especialmente para lutar em rinhas até a morte.

O projeto da prefeitura prevê, a longo prazo, a erradicação da espécie por meio da castração e proibição da venda e importação dos animais, o que está provocando protestos de alguns proprietários. Um alega que a culpa não é dos animais, mas de seus donos, estes sim os violentos; outro, para desmentir a índole irascível de seu cão, mostrou como o filho de um ano brinca ao lado da cadela pit bull que ele cria.

É até possível, mas o problema é que os pit bulls não avisam quando vão atacar e podem ferir até o dono, como ocorreu com o já citado Saddam: ele mordeu a própria menina de 15 anos que o conduzia na coleira.

Do jeito que estão as coisas, esses animais indomáveis constituem uma praga urbana que precisa ser contida. Já chega a violência dos humanos. Catita, a doce vira-lata que só vira fera quando tentam matar criança perto dela, não arriscou sua vida em vão. A sua fábula, como as de La Fontaine, tem uma moral: nada mais bonito do que exaltar os heróis, mas nada mais justo e urgente do que enjaular os vilões – sejam as feras ou os criadores das feras, ou os dois.



Ilustrações/Reprodução

VENTURA, Z. Exaltar os heróis e enjaular as feras. Época, Globo, São Paulo, ano 1, n. 45. 15. mar. 1999.

> A nalisando

1. Zuenir Ventura parte de um acontecimento real para escrever seu texto de opinião.

a) Que fato serviu de ponto de partida para esse texto?

Catita, uma vira-lata, salvou um menino de quatro anos das garras de dois pit bulls que o atacavam.

b) Em que parágrafo narra-se o episódio?

No segundo parágrafo.

> **Todo texto de opinião tem um ponto de partida. Ele não nasce do nada. Geralmente, opina-se sobre um problema que afeta a população, sobre uma lei que está para ser votada, sobre um fato ocorrido e que gerou polêmica.**

2. Releia o título. Qual é a função dele?

Antecipar a opinião do articulista sobre o assunto de que vai tratar.

3. Em que parte do texto, o autor retoma a tese do título?

No último parágrafo – a conclusão cumpre a função de reforçar a tese que está sendo defendida.

4. O que é uma fábula? Qual é a finalidade desse tipo de texto? Por que a história narrada foi comparada a uma fábula?

Uma fábula é uma narrativa de ficção cujos personagens principais costumam ser animais. A fábula geralmente descreve atitudes e desejos humanos e muitas vezes tem como finalidade ensinar uma lição de cunho moral. O fato narrado no texto, segundo Zuenir Ventura, pode ser comparado a uma fábula no sentido que deixa uma lição para os seres humanos.

5. Qual é a idéia defendida no texto?

As feras (os cães ou os donos deles) devem ser enjaulados.

> **A tese é a opinião ou ponto de vista defendido no texto.**

A tese pode aparecer no texto argumentativo de diferentes maneiras:

- pode ser expressa claramente nas primeiras orações do texto.
- não se menciona explicitamente em nenhum momento, mas o interlocutor a deduz a partir da argumentação.
- a tese é expressa ao longo do texto e o leitor é quem deve reconstituí-la.

6. De que maneira a tese é expressa no texto “Exaltar os heróis e enjaular as feras”?

Está expressa no título.

7. Que argumentos são usados para defender a tese?

Os pit bulls tem atormentado os cariocas. Muitas pessoas tem sido atacadas. Os cães perigosos continuam andando pelas calçadas da orla sem coleira, facinheira ou mordaca. Muitos são criados especialmente para rinhas.

8. O autor também expõe os argumentos daqueles que são contra o extermínio da raça. Que argumentos são esses?

A culpa não é dos animais, mas de seus donos violentos. Os cães pit bulls não possuem índole irascível – para provar, um dono de pit bull exibiu o filho de um ano brincando com seu cão.

9. De que maneira o autor contesta esses argumentos?

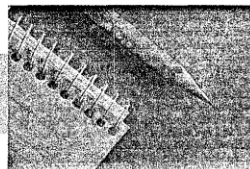
Afirmando que os pit bulls não avisam quando vão atacar e podem ferir até o dono, como já aconteceu.

10. O autor se mostra favorável às medidas para reprimir a ação violenta dos pit bulls?

Ou considera que apenas os donos dos cães devem ser responsabilizados?

O autor afirma que tanto os cães quanto seus donos devem ser punidos; ele considera que tais animais “são uma praga que deve ser contida” e que “nada mais justo e urgente do que enjaular as vilões, sejam as feras ou os criadores das feras...”

> **Os argumentos são os fatos, provas, dados que se usam para defender uma opinião.**



Correi

Lucas Corrêa de Melo.

Terrorismo, O medo contínuo

Há muito tempo o mundo sofre com guerras que matam e acabam com nações. O medo e a tensão não sendo presente no cotidiano de vários povos, levando todos a estarem sempre alertas.


Durante a guerra fria, todos viveram sob grande pressão, e maior temor era o confronto direto entre as duas grandes potências bélicas da época. Todo esse período de pressão ficou muito marcado com a corrida armamentista, corrida espacial, entre outras ações que sempre levantavam dúvidas sobre quais eram seus objetivos reais.

Na briga dos EUA x URSS, os EUA ajudaram todos que estavam ao seu lado (logo todos que eram contra a URSS), armando até os dentes os revolucionários que defendiam seu país da ameaça soviética.

A guerra fria acabou, o medo da URSS sumiu, porém, surgiram os terroristas, que são os revolucionários que eram ajudados pelos EUA e agora lutam contra a política Americana aplicada em seus países. Um dos grupos mais famosos de terroristas é a Al Qaeda, que tinha como líder Osama Bin Laden. Esse terrorista fez coisas que ninguém podia imaginar, uma delas foi o atentado as Torres Gêmeas, deixando-o no topo da lista dos mais procurados do FBI. Como atentado, começou uma busca por justiça que deu

degraves e teve fim com a captura e execução do maior terrorista da história.

Para muitos esse pode ter sido o fim do Terrorismo, para outros foi só mais um capítulo, mas a pergunta que ficará é: Será que o Terrorismo terá forças sem seu principal líder? Isso só o tempo e a história poderão nos responder.

07	11	11	
S	T	G	E

Name: João Marcos Sant' Ana

Yim do Terrorismo Mundial?

Orama bim laden esta morto! Será o fim do terrorismo? Os Estados Unidos vai tirar as suas base militar do Paquistão?

Bem com base na historia recente entre os E.U.A e o oriente principalmente por parte da Al-Qaeda o terrorismo "Nio" vai acabar, pode sim ter enfraquecido mas já tem vidies mostrando a nova chefe dos terroristas no Paquistão.

Essa guerra não começou só por causa do atentado das torres gemias mas também com o grande interesse do país norte americano nas regiões petrolílicas do oriente por isso podemos entender que os americanos não vão tirar suas bases militares dessa região muito bem vista para fins lucrativos.

O terrorismo não vai ser vencido tão facilmente nos os estadunidenses já tiveram um grande porro para a gloria sendo que isso esta longe do fim.

 eckô unltd.

Aula 6 (14/11/11 – segunda-feira – 2h/a) (Ver anexo das aulas 2, 4 e 6)
O uso da crase; regência verbal e concordância (verbal e nominal)

Objetivo geral: Aprofundar estudos acerca dos fenômenos gramaticais mais recorrentes em provas recentes do vestibular da UFSC.

Objetivos específicos:

- Trabalhar a concordância verbal exigida pelos verbos *haver* e *existir*;
- Compreender os processos de regência verbal para saber usar, adequadamente, a crase;
- Resolver questões de interpretação textual que constavam da prova do vestibular da UFSC/2011 e que requerem conhecimento discursivo, linguístico e gramatical acerca do emprego de determinadas palavras e expressões;
- Revisar os conteúdos da gramática normativa referentes ao adequado uso dos porquês.

Conhecimentos abordados:

- Concordância verbal dos verbos *haver* e *existir*;
- A regência verbal e o uso da crase;
- O Uso dos porquês;

Metodologia:

- Retomar o tema “concordância verbal,” abordado na aula anterior, dando ênfase aos casos do verbo *haver* e *existir*;
- Propor a resolução das questões da UFSC não resolvidas na aula anterior;
- Ler, atentamente, cada proposição, analisando-a e fazendo com que os alunos reflitam sobre as regularidades da sua língua materna. Ao final de cada item somatório, a educadora explanará sobre o assunto de que ele trata e buscará, junto com a turma, uma resposta para a questão;
- Expor, no quadro negro, material referente à regência verbal e ao consecutivo uso da crase;
- Trabalhar o uso dos porquês.

Recursos necessários:

- Cópias das questões dos últimos vestibulares, selecionadas pela professora.

Avaliação: A turma foi avaliada de acordo com sua participação, que também foi manifestada por meio de fala e da escuta atenta.

Referências bibliográficas:

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. Volume único. São Paulo: Scipione, 2007.

Material didático cedido pelo curso pré-vestibular GAIA – Florianópolis/SC.

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2010/AZUL_Domingo_GAB.pdf

<http://www.vestibular2012.ufsc.br/index.php?s=anteriores>

ANEXO DAS AULAS 2, 4 E 6

Os articuladores textuais orientam a sequência do discurso, tornando-o coeso e coerente. É por meio deles que é possível encadear os períodos e os argumentos contidos no texto.

- **ADIÇÃO:** somam argumentos a favor de uma mesma conclusão. Ex.: Ela foi ao cinema e ao teatro.
- **FINALIDADE:** indicam relação de finalidade. Ex: Encheu-se de coragem para falar com Maria.
- **CAUSA E CONSEQUÊNCIA:** iniciam uma oração **SUBORDINADA**, denotando causa. Ex.: Ela trabalhava com mais vontade, uma vez que precisava do dinheiro.
- **EXPLICAÇÃO:** introduzem uma justificativa ou explicação relativa ao período anterior. Ex.: É melhor colocar o casaco porque está fazendo muito frio lá fora.
- **OPOSIÇÃO:** contrapõe argumentos voltados para conclusões contrárias. Ex.: Posso respeitar uma pessoa estranha, embora nunca vá amá-la.
- **CONDIÇÃO:** indicam uma hipótese ou uma condição necessária para a realização ou não de um fato. Ex.: Ela irá viajar se o namorado for junto.
- **TEMPO:** indicam uma circunstância de tempo. Ex.: Ela foi à escola, depois voltou pra casa.
- **PROPORÇÃO:** iniciam uma oração em que se faz referência a um fato realizado ou que irá realizar-se simultaneamente a outro. Ex.: Na Inglaterra, os jovens são polidos, ao passo que, no Brasil, eles são efusivos.
- **CONFORMIDADE:** exprimem ideia de conformidade ou acordo em relação a um fato expresso na oração principal. Ex.: Segundo um ditado popular, “a esperança é a última que morre”.

- **CONCLUSÃO:** introduzem uma conclusão relacionada a argumentos apresentados anteriormente. Ex.: João disse que se parasse de trabalhar entraria em estado de depressão, portanto trabalhava para não ficar deprimido.
- **ALTERNATIVOS:** introduzem elementos alternativos, levando a posições opostas ou diferentes. Ex.: Ou brincava ou estudava: era impossível fazer as duas coisas ao mesmo tempo.
- **COMPARAÇÃO:** estabelecem relações de comparação entre elementos. Ex.: Em dias quentes, a luz do sol queimava a pele como fogo.
- **EXCLUSÃO:** indicam uma relação de exclusão entre dois elementos ou períodos. Ex.: Ao cair da noite, a praça se esvazia, permanecendo nela apenas as flores que se espalhavam pelo chão.
- **CONCESSÃO:** introduzem uma ideia de rompimento com os argumentos anteriores, podendo ser substituível por embora e apesar de, por exemplo. Ex.: Apesar de João ter insistido, Maria não foi à festa dele.
- **ÊNFASE:** indicam que o autor está querendo enfatizar um argumento, destacá-lo. Ex.: Acima de tudo, é preciso considerar que há brasileiros passando fome.
- **RETIFICAÇÃO:** têm o objetivo de retificar, esclarecer um argumento anterior. Ex.: O brasileiro é carismático, ou melhor, quase todos o são.
- **MEDIAÇÃO:** estabelecem uma relação de intermediação entre elementos da sentença. Ex.: João conseguiu o dinheiro por meio de um empréstimo bancário.
- **RELAÇÃO:** indicam que os argumentos estão relacionados. Ex.: A fome é um problema mundial. Acerca disso, pode-se dizer que é necessário repensar a produção e a distribuição de alimentos no mundo.

ARTICULADORES TEXTUAIS

1. **ADIÇÃO:** e, nem, mas também, mas ainda, além de, mais que, ademais, além disso, não só, também;
2. **FINALIDADE:** a fim de que, para que, com o objetivo de, com o intuito de, com a finalidade de, objetivando a, com vistas a;
3. **CAUSA/CONSEQUÊNCIA:** pois, porque, já que, uma vez que, considerando que, levando-se em conta que, graças a, devido a, haja vista que, em virtude de, de modo que, de maneira que;
4. **EXPLICAÇÃO:** pois, porque, que, por exemplo, por sua vez, isto é, ou seja, a saber, ou melhor;
5. **OPOSIÇÃO:** mas, porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto;
6. **CONDIÇÃO:** se, caso, contanto que;
7. **TEMPO:** quando, enquanto, logo que, desde que, assim que, depois de, antes de, em seguida, após isso;
8. **PROPORÇÃO:** ao passo que, à medida que, na medida em que, à proporção que, quanto mais...menos;
9. **CONFORMIDADE:** como (afirma fulano), conforme, para (fulano), segundo, de acordo com;
10. **CONCLUSÃO:** logo, pois, portanto, então, destarte, com isso, dessa forma, desse modo, assim;
11. **ESCOLHA/ ALTERNÂNCIA:** ou, ora...ora, quer...quer, seja...seja...;
12. **COMPARAÇÃO:** como, mais que, menos que, pior que, melhor que, diferentemente de, distintamente de, ao contrário de, semelhantemente a, em semelhança a;
13. **EXCLUSÃO:** apenas, somente, salvo, menos, exceto, com exceção de;

14. CONCESSÃO: embora, se bem que, mesmo que, conquanto que, não obstante que, apesar de;
15. ÊNFASE: inclusive, sobretudo, principalmente, mais que isso, acima de tudo, especialmente, mesmo, de fato;
16. RETIFICAÇÃO: aliás, quer dizer, ou melhor, isto é;
17. MEDIAÇÃO: por meio de, através de, mediante a, por intermédio de, por.
18. RELAÇÃO: sobre, quanto a, em relação a, no que tange a, a respeito de, no que diz respeito a, acerca de.

TEXTO 4(UFSC – 2011)

[...] As primeiras vezes as aulas foram difíceis. Eles pouco entendiam e eu ficava irritada:

– Vocês têm mesmo certeza de que nasceram no Brasil?

– Ia, ia Wol.

Isso me enfurecia. Parecia mesmo que o meu alemão melhorava, enquanto o português deles ia para trás. Senti isso numa tarde em que olhava o rio Itajaí-Açu, numa cheia. Era impetuoso, arrastava tudo, os troncos, as tábuas, os toros de madeira. Precisava de muita fibra, para conter essa força de um contingente linguístico, com tão pouca gente falando a língua da pátria. Por isso lutava ainda. Eu representava aqui uma célula, um átomo que teria de se desenvolver a qualquer custo, para, num milagre, realizar o quase impossível.

LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. p. 35.

Questão 07

Ainda considerando o texto 4, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. A conjunção *enquanto* (linha 5) expressa, simultaneamente, as noções de *ao mesmo tempo em que* e *ao passo que*.

02. Em “o português deles” (linha 5), a palavra *deles* é uma contração da preposição *de* com o pronome pessoal *eles*, sendo empregada como pronome possessivo correspondente à terceira pessoa do discurso.

04. A vírgula colocada após a palavra *tudo* (linha 7) pode ser adequadamente substituída por dois pontos, anunciando uma enumeração.

08. A preposição *para* indica direção nas duas ocorrências sublinhadas no texto (linhas 8 E 11).

16. Nas linhas 5 e 10, o vocábulo *que* funciona como pronome relativo, pois retoma um termo antecedente e, ao mesmo tempo, liga orações.

32. As formas verbais *era* (linha 7) e *lutava* (linha 9) se encontram no mesmo tempo verbal e expressam, respectivamente, estado e ação que se prolongam no tempo.

Questão 130 (ENEM 2010)

O Flamengo começou a partida no ataque, **enquanto** o Botafogo procurava fazer uma forte marcação no meio campo e tentar lançamentos para Victor Simões, isolado entre os zagueiros rubro-negros. **Mesmo** com mais posse de bola, o time dirigido por Cuca tinha grande dificuldade de chegar à área alvinegra **por causa do** bloqueio montado pelo Botafogo na frente da sua área.

No entanto, na primeira chance rubro-negra, saiu o gol. **Após** cruzamento da direita de Ibson, a zaga alvinegra rebateu a bola de cabeça para o meio da área. Kléberson apareceu na jogada e cabeceou por cima do goleiro Renan. Ronaldo Angelim apareceu nas costas da defesa e empurrou para o fundo da rede quase que em cima da linha: Flamengo 1 a 0.

Disponível em: <http://momentodofutebol.blogspot.com> (adaptado).

O texto, que narra uma parte do jogo final do Campeonato Carioca de futebol, realizado em 2009, contém vários conectivos, sendo que

- a) **após** é conectivo de causa, já que apresenta o motivo de a zaga alvinegra ter rebatido a bola de cabeça.
- b) **enquanto** tem um significado alternativo, porque conecta duas opções possíveis para serem aplicadas no jogo.
- c) **no entanto** tem significado de tempo, porque ordena os fatos observados no jogo em ordem cronológica de ocorrência.
- d) **mesmotraz** ideia de concessão, já que “com mais passe de bola”, ter dificuldade não é algo naturalmente esperado.
- e) **por causa de** indica consequência, porque as tentativas de ataque do Flamengo motivaram o Botafogo a fazer um bloqueio.

TEXTO 1(UFSC 2011)

Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem terra, sem escola, sem teto, sem trabalho, sem saúde, também existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e pelos jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os *sem-língua*. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português padrão, o tomam como referência ideal – por isso podemos chamá-los de *sem-língua*. O que muitos estudos empreendidos por diversos pesquisadores têm mostrado é que os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua-padrão. Como diz Maurizio Gnerre em seu livro *Linguagem, escrita e poder*, a Constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma pequena parcela dos brasileiros consegue entender. A discriminação social começa, portanto, já no texto da Constituição. É claro que Gnerre não está querendo dizer que a Constituição deveria ser escrita em língua não-padrão, mas sim que todos os brasileiros a que ela se refere deveriam ter acesso mais amplo e democrático a essa espécie de língua oficial que, restringindo seu caráter veicular a uma parte da população, exclui necessariamente uma outra, talvez a maior. Muitas vezes, os falantes das variedades desprestigiadas deixam de usufruir diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a língua empregada pelos órgãos públicos. [...] É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística de nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão. BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000. p. 16-19.

Questão 1

Com base na leitura do texto 1, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Milhões de brasileiros, os sem-língua, são incapazes de falar qualquer língua de forma clara e padronizada e, portanto, não conseguem se comunicar eficientemente.

02. A afirmação de que existem milhões de brasileiros sem-língua só é cabível se crermos no mito de que no Brasil se fala uma língua única, a qual coincide com a norma padrão.

04. O pronome *eles* (linha 8) refere-se a *escritores, jornalistas, instituições oficiais e órgãos do poder*.

08. No trecho “uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular” (linhas 9-10), o termo *gramática* refere-se às regras de bom uso da língua, respeitando a norma culta.

16. No trecho “mas essa mesma lei é redigida numa língua que só uma pequena parcela dos brasileiros consegue entender” (linhas 19 a 20), o verbo *conseguir* poderia ser conjugado na terceira pessoa do plural, sem que houvesse erro de concordância verbal, considerando a norma culta escrita.

Texto 7(UFSC 2010)

TIÃO – [...] Bem, gente... Hoje é meu dia... Já ganhei presente de noivado...

ROMANA – Saiu o aumento?

OTÁVIO – Que aumento! Sem greve não sai aumento!

ROMANA (*repreendendo-o*) – Otávio!...

TIÃO – Aumento nada... Tive minha chance no cinema!...

[...]

OTÁVIO – Seu pai vai ficar irritado com esse recado, mas eu digo. Seu pai tem outro recado pra você. Seu pai acha que a culpa de pensar desse jeito não é sua só. Seu pai acha que tem culpa...

TIÃO – Diga a meu pai que ele não tem culpa nenhuma.

OTÁVIO (*perdendo o controle*) – Se eu te tivesse educado mais firme, se te tivesse mostrado melhor o que é a vida, tu não pensaria em não ter confiança na tua gente...

GUARNIERI, Gianfrancesco. *Eles não usam black-tie*. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 36-37; 105.

Questão 09

Considerando o texto 7, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

01. Se a fala de Otávio “Sem greve não sai aumento!” (linha 3) fosse substituída por “Só com greve sai aumento!”, haveria considerável alteração de significado no contexto.

02. Ambas as construções: “Se eu te tivesse educado mais firme” (linha 11) e “tu não pensaria” (linha 12) apresentam o mesmo nível de formalidade e revelam que a personagem tem alto nível de escolaridade.

04. Os dois trechos de diálogo apresentam um registro coloquial, mas o segundo trecho (linhas 7-12) evidencia mais marcas de oralidade que o primeiro.

08. No segundo trecho (linhas 7-12), pai e filho mantêm um diálogo no qual simulam a intermediação de uma terceira pessoa; assim, as expressões seu pai e meu pai remetem ao mesmo referente – Otávio; da mesma forma, os pronomes você e tu remetem ao mesmo referente – Tião.

16. A frase “Diga a meu pai que ele não tem culpa nenhuma” (linha 10) pode ser reescrita, sem prejuízo de significado, como “Diga a meu pai que ele não tem culpa alguma”.

32. A palavra gente (linhas 1 e 12) está funcionando como pronome de primeira pessoa do plural, com o mesmo sentido de nós.

TEXTO 3(UFSC 2011)**Sexa**

- Pai...
 - Hmmm?
 - Como é o feminino de sexo? [...]
 - Não tem.
 - Sexo não tem feminino?
 - Não.
 - Só tem sexo masculino?
 - É. Quer dizer, não. Existem dois sexos. Masculino e feminino.
 - E como é o feminino de sexo?
 - Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
 - Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
 - O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra “sexo” é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
 - Não devia ser “a sexa”? [...]
 - A *palavra* é masculina.
 - Não. “A palavra” é feminino. Se fosse masculina seria “O pal...”
 - Chega! Vai brincar, vai. O garoto sai e a mãe entra.
- O pai comenta:
- Temos que ficar de olho nesse guri...
 - Por quê?
 - Ele só pensa em gramática.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Apresentação e seleção de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 53-54.

Questão 5

Ainda considerando o texto 3, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

- 01. A forma verbal *tem* apresenta o mesmo sentido nas duas frases: “Sexo não tem feminino?” (linha 5) e “Só tem sexo masculino?” (linha 7).
- 02. A construção “Mas tu mesmo disse” (linha 11) contém um desvio de uma regra gramatical, que é inaceitável no texto, pois a escrita requer sempre um registro formal, em conformidade com a norma culta da língua.
- 04. Se a palavra *só* em “Ele só pensa em gramática” (linha 22) for deslocada para o início da oração, o sentido da frase muda.
- 08. A resposta final do pai à pergunta “Por quê?” (linha 21) poderia ter sido: “Porque ele só pensa em gramática”, sem entrar em desacordo com a norma culta da língua.
- 16. Em “Temos que ficar de olho nesse guri” (linha 20), *temos que* funciona como um verbo auxiliar, podendo ser substituído por *devemos*, em conformidade com a norma culta da língua e sem prejuízo de sentido.

32. A construção verbal “Vai brincar” (linha 18) está no tempo futuro do presente do modo indicativo.

64. Os verbos *existir* e *ter* podem ser substituídos um pelo outro em “Existem dois sexos. Masculino e feminino” (linha 8) e “tem sexo masculino e feminino” (linha 11), sem prejuízo de sentido.

Aula 7 – (21/11/11 – segunda-feira – 2h/a)

Conhecendo o Universo das obras literárias do Romantismo e a Literatura Contemporânea.

Objetivo geral:

- Conhecer as obras literárias *Inocência* de Visconde de Taunay, *Memórias de um sargento de Milícias* de Manoel Antônio de Almeida e *O pagador de Promessas* de Dias Gomes, indicadas para o vestibular da UFSC/2011.

Objetivos específicos:

- Identificar o foco narrativo existentes nas obras literárias *Inocência* de Visconde de Taunay, *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manoel Antônio de Almeida e *O Pagador de Promessas* de Dias Gomes.
- Reconhecer as características da obra *Inocência* de Visconde de Taunay, *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manoel Antônio de Almeida e *O Pagador de Promessas* de Dias Gomes.
- Fazer a relação entre as obras *Inocência* de Visconde de Taunay, *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manoel Antônio de Almeida e *O Pagador de Promessas* de Dias Gomes e a época histórica em que foram produzidas.
- Estabelecer a relação entre as obras *Inocência* de Visconde de Taunay, *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manoel Antônio de Almeida e *O Pagador de Promessas* de Dias Gomes e as escolas literárias a que se vinculam.
- Resolver exercícios sobre as obras literárias *Inocência* de Visconde de Taunay, *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manoel Antônio de Almeida e *O Pagador de Promessas* de Dias Gomes.

Conhecimentos abordados:

- O foco narrativo das obras *Inocência* de Visconde de Taunay, *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manoel Antônio de Almeida e o *Pagador de Promessas* de Dias Gomes.
- As escolas literárias, Romantismo (1836 – 1881) e a Literatura Contemporânea (1960 até a atualidade).

Metodologia:

- Apresentação dos focos narrativos das obras literárias propostas.
- Exposição do livro *Inocência* de Visconde de Taunay e suas características literárias.
- Exposição do livro *Memórias de um Sargento de Milícias* e suas características literárias.
- Exposição do livro *O Pagador de Promessas* e suas características literárias.
- Exercícios sobre as obras literárias.

Recursos didáticos:

- Projetor multimídia.
- Livro Estudos de Textos e Xerox dos exercícios.

Avaliação:

- Foram avaliadas a participação e o envolvimento pela escuta atenta e pela proposição de questionamentos e a compreensão dos conteúdos pela adequação das respostas às questões propostas.

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, Antônio Manuel de. **Memórias de um sargento de milícias**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 2001.

GOMES, Dias Alfredo. **O pagador de promessas**. 36ª ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

SILVEIRA, Cláudia Regina. **Estudos de Textos, obras de Literatura**. Postmix serviços Editoriais, 2012.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. Porto Alegre: L& PM, 1999.

ANEXO AULA 7

EXERCÍCIOS

Assinale a(s) proposição(ões) verdadeira(s) em relação à obra *Inocência*.

- 01. Na obra, é possível encontrarmos as seguintes temáticas: o sofrimento, o amor impossível, a questão da honra, a beleza, a vida rude e bela do sertão.
- 02. *Inocência* morava com o pai, Pereira, desde pequena. A mãe os abandonara fugindo com um viajante que se hospedara na casa deles.
- 04. Pereira guardava *Inocência* dos olhos dos viajantes, pois já havia dado sua palavra que ela seria mulher do tropeiro Manecão, que viajava negociando gado e cuidando dos papéis do casamento.
- 08. A história é narrada em primeira pessoa, pelo narrador-personagem Pereira.
- 16. No Romantismo, havia quatro tipos de romance: regionalista, histórico, indianista e urbano. *Inocência* pertence a esse último tipo.

2. Faça o somatório da(s) opção(ões) correta(s) em relação ao romance *Inocência*.

- 01. Apesar dos grandes impedimentos em que vivia *Inocência*, Cirino, tomado pelo desespero, bate a sua janela numa noite de luar e revela-lhe sua paixão.
- 02. Após a revelação feita por Tico, Manecão segue Cirino por três dias. Ao encontrá-lo, ele enforca o mocinho. Quando o padrinho de *Inocência* chega, ele ainda tem tempo de conversar com Cirino, mas o rapaz não resiste e morre.
- 04. Cirino percebe rapidamente que, à medida que cura *Inocência*, torna-se ele enfermo, acometido pelo mal grave e incurável da paixão.
- 08. Pereira e Meyer representam as contradições entre o meio rural brasileiro e o meio urbano europeu.
- 16. *Inocência* pode ser considerada a obra-prima do romance regionalista (Sertão do Mato Grosso) do nosso Romantismo. Visconde de Taunay, soube unir ao seu conhecimento prático do país, adquirido em inúmeras viagens na condição de militar, o seu agudo senso de observação da natureza e da vida social do Sertão brasileiro.

3. Indique a(s) alternativa(s) verdadeira(s).

- 01. Quanto à linguagem, o romance registra, na voz das personagens, a linguagem coloquial, popular, característica da região.
- 02. Dentre os costumes regionais típicos, apresentados no romance de Taunay, podemos destacar: a hospitalidade, a preservação da honra, o casamento como acordo entre famílias, a credence e o juramento.

04. Ao final da história, Cirino é assassinado por Manecão e Inocência definha-se, morre de amor.

08. Taunay critica o patriarcalismo do mundo rural. No decorrer da narrativa, ele ironiza a visão machista na voz do personagem Pereira.

16. Meyer percebe que Pereira não gostava quando ele elogiava Inocência. Por isso, logo tratou de parar de falar da beleza da moça.

Sobre a obra Memórias de um sargento de milícias, indique a (s) opção(ões) verdadeira(s)

01. A obra apresenta-se dividida em duas partes: na primeira, tem-se a descrição de um Leonardo

criança e, na segunda, um Leonardo juvenil.

02. A linguagem utilizada é do tipo culta, caracterizando a sociedade burguesa da época.

04. A história se passa no começo do século XIX, ocasião em que a família real portuguesa se refugiou no Brasil.

08. Leonardo acaba sendo o vilão da história, pois suas atitudes são sempre imorais e em todos os capítulos são relatadas algumas das peripécias do rapaz.

16. Apesar do título de “memórias”, o romance não é narrado pelo personagem Leonardo, e sim por um narrador onisciente em terceira pessoa, que tece comentários e digressões no desenrolar dos acontecimentos.

32. Maria da Hortaliça queria ir embora com o filho, mas Leonardo-Pataca não permitiu.

Indique as opções corretas em relação ao romance Memórias de um sargento de milícias.

01. O romance de Manuel Antônio de Almeida, escrito no período do romantismo, retrata a vida do Rio de Janeiro no início do século XIX e desenvolve pela primeira vez na literatura nacional a figura do malandro.

02. Memórias de um sargento de milícias diverge dos exageros sentimentais e imaginativos do “mal-do-século”, bem como da idealização heroica e galante dos romances históricos e dos “perfis de mulher”, que eram as correntes majoritárias na poesia e na ficção, e tinham em Álvares de Azevedo e José de Alencar os melhores paradigmas.

04. Obra “excêntrica”, destoante, original, não logrou sucesso junto ao leitor de sua época, mas antecipou algumas linhas do realismo, do Modernismo, da Literatura Contemporânea e do folclore nacional.

08. O romance trata de aventuras e desventuras de Leonardo, o primeiro “malandro” da nossa literatura, ancestral de Macunaíma, “herói – sem – nenhum caráter”,

16. A escassa trama romanesca (a relação Leonardo-Luisinha) serve de suporte à fixação dos costumes da época e à caracterização dos tipos populares: os meirinhos, as saloias, as súcias,

as maltas, o barbeiro, a parteira, as festas e procissões, a música e a dança, a vida forense e religiosa, padres libidinosos, pais-de-santo e fofoqueiras.

A respeito dos personagens de Memórias de um sargento de milícias, assinale a(s) opção(ões) correta(s).

01. As seguintes características: "... era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que dava e distribuía penas e, ao mesmo, o guarda que dava caça aos criminosos..." são atribuídas ao Major Vidigal.

02. D. Maria representa uma classe social mais estável; ela possui diversas escravas, é instruída e tem dinheiro.

04. O padre que aparece na história é amante da cigana, paixão de Leonardo-Pataca.

08. Chiquinha, filha da comadre, casa-se com Leonardo-Pataca e tem verdadeiro amor maternal pelo filho do marido.

16. Vidinha é abandonada por Leonardo na porta da igreja.

32. Maria Regalada era uma moça muito distinta apaixonada pelo Major Vidigal, que lhe correspondia o amor.

Assinale as alternativas corretas em relação à obra " O pagador de promessas".

01. A obra apresenta-se classificada como literatura contemporânea e pertence ao gênero dramático.

02. Zé – do- Burro ganhou esse nome depois que fez a promessa a Santa Bárbara.

04. A peça apresenta-se dividida em 3 atos, o local é a cidade de Salvador e o tempo de duração da narrativa é de aproximadamente um dia.

08. A história mostra a ingenuidade de um homem simples, Zé-do-Burro, que faz uma promessa à Santa Bárbara para que cure seu amigo, o burro Nicolau, que fora atingido por um raio.

16. O padre não queria deixar Zé cumprir a promessa porque ela fora feita em um terreiro de Candomblé.

32. Rosa, apesar de insatisfeita com o tumulto causado, mostra-se sempre favorável ao marido e o apóia em todas as suas decisões.

Indique as alternativas verdadeiras.

01. Dias Gomes trata de temas, como corrupção, mesquinharia, política e intolerância na obra "O pagador de promessas".

02. Iansã e Santa Bárbara são as mesmas divindades, uma, porém, pertence ao candomblé (ou umbanda) e a outra, à Igreja católica.

04. Ao ver tremenda agitação, Minha Tia aconselha Zé a levar a cruz no terreiro de lansã, mas ele não aceita.

08. A linguagem usada pelo autor é a linguagem simples, coloquial. Isso pode ser comprovado em: “Eu, se fosse você,” guardava” ele por uns dias...”

16. A narrativa, em “O pagador de promessas” se dá em terceira pessoa, por um narrador observador.

32. O trecho “ O padre ficou apavorado quando viu ele, reparou?” apresenta-se em tom coloquial. Se passarmos essa frase para a linguagem culta ficará: “O padre ficou apavorado quando lhe viu, reparou?”

Assinale as alternativas verdadeiras acerca da obra “ O pagador de promessas”.

01. Ingenuidade de Zé-do-Burro e a sua obstinação em cumprir a promessa acabam levando-o à sua própria destruição.

02. Padre Olavo, só não deixou Zé entrar na igreja com a cruz porque ficou sabendo que a promessa havia sido feita para a recuperação de um burro, Nicolau.

04. A peça de Dias Gomes tem nítidos propósitos de evidenciar certas questões sócio-culturais da vida brasileira, em detrimento do aprofundamento psicológico de seus personagens.

08. Zé-do-Burro e Rosa, apesar de casados, têm muita diferença entre si; Rosa, inclusive, afirma que casou-se com Zé porque queria um marido e certa estabilidade financeira. Agora, sentia-se ameaçada por causa da doação das terras feita pelo marido.

16. Na obra, Zé-do-Burro é o retrato da opressão, da exclusão e da injustiça, por isso as pessoas acabam se identificando com ele e torcendo a seu favor.

32. Bonitão, apesar de cafetão e explorador de mulheres, viu em Rosa sua grande paixão e diz que pretende ficar com a moça para que ela seja sua mulher.

Assinale as alternativas que condizem com o romance Jorge, um brasileiro.

01. A missão de Jorge era buscar oito carretas carregadas de milho na Bahia e levá-las até Belo Horizonte.

02. A narrativa é escrita em linguagem simples, mas culta, com inúmeras figuras de linguagem.

04. Jorge é o empregado de confiança do senhor Mário.

08. Sandra é a esposa de Jorge. O caminhoneiro a trai com uma garçonete e, depois, com dona Helena.

16. O caminhoneiro Luís foi quem mandou um telegrama ao senhor Mário, avisando-lhe da impossibilidade de seguir com os caminhões a partir de Caratinga.

32. Jorge não consegue cumprir sua missão e o patrão o demite.

Indique a(s) opção(ões) correta(s) e faça o somatório.

- 01. Luís, Toledo, Oliveira, Fábio e Altair são caminhoneiros que dirigiram as carretas do senhor Mário, liderados por Jorge.
- 02. Dona Helena era uma mulher fina e elegante a qual Jorge admirava muito.
- 04. Jorge narra suas aventuras como se estivesse batendo um papo com alguém.
- 08. Jorge, apesar de não achar correto, gostava muito da amante do senhor Mário.
- 16. O uso excessivo da conjunção “e” indica um romance fragmentado; esse estilo usado pelo narrador era muito comum na época em que o romance foi escrito
- 32. O acidente sofrido pelo ônibus em que Jorge estava ocorreu em Governador Valadares.

Sobre a obra Jorge, um brasileiro, faça o somatório das assertivas verdadeiras.

- 01. A carga de milho saía da Bahia e deveria chegar a Belo Horizonte, mas ficou parada em Caratinga devido às fortes chuvas que impediram os caminhoneiros de prosseguir viagem.
- 02. Altair foi quem conseguiu uma carona a Jorge, para que ele chegasse a Caratinga.
- 04. A garçonete por quem Jorge se apaixonara morava em Ipatinga, e ele foi embora sem se despedir dela quando a ponte ficou pronta, pois precisava levar a carga ao senhor Mário.
- 08. Os oito caminhoneiros que viajaram no comboio da carga de milho foram: Toledo, Oliveira, Luís, Teo, Murta, Lauro, Fábio e Antonino.
- 16. Ao chegar a Belo Horizonte, Jorge reencontra Sandra e a pede em casamento.
- 32. Fefeu era um amigo de Jorge que roubara uma correia do caminhão do senhor Mário. Jorge lamentou-se, mas teve de chamar a polícia para prender o rapaz.

AULA 8 (28/11/2011– segunda-feira – 2h/a)

O Universo da Literatura Contemporânea

Objetivo geral: Conhecer as obras literárias *Jorge um Brasileiro* de Osvaldo França Junior, *Amrik* de Ana Miranda, *A Cidade Ilhada* de Miltom Ratoum, indicadas para o vestibular da UFSC/2011.

Objetivos específicos:

- Identificar o foco narrativo existentes nas obras literárias *Jorge um Brasileiro* de Osvaldo França Junior, *Amrik* de Ana Miranda, *A Cidade Ilhada* de Miltom Ratoum
Reconhecer as características da obra *Jorge um Brasileiro* de Osvaldo França Junior, *Amrik* de Ana Miranda, *A Cidade Ilhada* de Miltom Ratoum
- Estabelecer a relação entre as obras *Jorge um brasileiro* de Osvaldo França Junior, *Amrik* de Ana Miranda, *A Cidade Ilhada* de Miltom Ratoum e a época histórica em que foram produzidas.
- Estabelecer a relação entre as obras *Jorge um Brasileiro* de Osvaldo França Junior, *Amrik* de Ana Miranda, *A Cidade Ilhada* de Miltom Ratoum e as escolas literárias a que se vinculam.
- Resolver exercícios sobre as obras literárias *Jorge um brasileiro* de Osvaldo França Junior, *Amrik* de Ana Miranda, *A Cidade Ilhada* de Miltom Ratoum.

Conhecimentos abordados:

- O foco narrativo das obras *Jorge um brasileiro* de Osvaldo França Junior, *Amrik* de Ana Miranda, *A Cidade Ilhada* de Miltom Ratoum.
- A escola literária Literatura Contemporânea (1960 até a atualidade).

Metodologia:

- Exposição do livro *Jorge um Brasileiro* de Osvaldo França Junior e suas características literárias.
- Exposição do livro *Amrik* de Ana Miranda e suas características literárias.
- Exposição do livro *A cidade Ilhada* de Miltom Ratoum e suas características literárias.
- Exercícios sobre as obras literárias.

Recursos didáticos:

- Projetor multimídia.
- Livro Estudos de Textos

Avaliação:

- Foram avaliadas a participação e o envolvimento pela escuta atenta e pela proposição de questionamentos e a compreensão dos conteúdos pela adequação das respostas às questões propostas.

Referências bibliográficas:

HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. Companhia das Letras, 2009

MIRANDA, Ana. **Amrik**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OSWALDO, França Júnior. **Jorge um brasileiro**. 10 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

SILVEIRA, Cláudia Regina. **Estudos de Textos, obras de Literatura**. Postmix serviços Editoriais, 2012.

Aula 9 (05/12/2011– segunda-feira – 2h/a)

O Universo da Literatura Catarinense e Boa Sorte vestibulandos.

Objetivo geral:

- Conhecer a obra literária *13 Cascaes* de Salim Miguel e Flávio José Cardozo, indicada para o vestibular 2011.

Objetivos específicos:

- Identificar o foco narrativo do conto *13 Cascaes* de Salim Miguel e Flávio José Cardozo.
- Resolver exercícios sobre a obra literária *13 Cascaes* de Salim Miguel e Flávio José Cardozo.

Conhecimentos abordados:

- O foco narrativo do conto *13 Cascaes* de Salim Miguel e Flávio José Cardozo.
- A escola literária Literatura Contemporânea (1960 até a atualidade).

Metodologia:

- Exposição do livro de contos *13 Cascaes* de Salim Miguel e Flávio José Cardozo e sua característica literária.
- Resumo de todas as obras literárias apresentadas e exercícios sobre o conto *13 Cascaes* de Salim Miguel e Flávio José Cardozo.

Recursos didáticos:

- Projetor multimídia.
- Livro Estudos de Textos

Avaliação:

- Foram avaliadas a participação e o envolvimento pela escuta atenta e pela proposição de questionamentos e a compreensão dos conteúdos pela adequação das respostas às questões propostas.

Referências bibliográficas:

MIGUEL, Salim; CARDOZO, Flávio José (Orgs.). **13 Cascaes**. Florianópolis: Autores Catarinenses, 2008.

SILVEIRA, Cláudia Regina. **Estudos de Textos, obras de Literatura**. Postimix serviços Editoriais, 2012.

5.1.11 Reflexão sobre a prática pedagógica

Sabe-se que o vestibular é uma etapa importante na vida de muitos adolescentes. Assim, o ensino de Língua Portuguesa precisa estar conectado às exigências dessas provas sem deixar de lado as concepções *bakhtinianas* de linguagem. Nesse projeto, então, intercalou-se o trabalho de produção textual com o de gramática normativa, buscando nos textos dos alunos (e nas provas da UFSC e ENEM) as maiores necessidades deles. Sobre isso, é importante lembrar que ensinar gramática, para Possenti (1996), é um objetivo válido, sendo que o aluno pode e deve ter acesso às regras da gramática normativa. Porém, o papel do professor é abrir os horizontes do aluno para as variedades ainda não conhecidas e, sendo a linguagem do aluno extremamente complexa, devemos considerar o capital linguístico que ele traz, não desperdiçando esse material tão relevante.

Nesse sentido, é importante ressaltar que essa metodologia não trata de suprimir a reflexão sobre a linguagem, mas sim de estabelecer prioridades. Ensinar a gramática é ensinar a língua em toda sua plenitude, bem como suas regras e o domínio efetivo delas. É o conhecimento da leitura que faz com que compreendamos aquilo que os compêndios gramaticais dizem a seu respeito, e a falta de domínio de algumas estruturas faz com que os alunos apresentem dificuldades durante a escrita e análise linguística.

No que se refere ao ensino de literatura, foram preparadas três aulas nas quais foram apresentadas as obras da lista da UFSC para o vestibular. No primeiro dia de aula a professora orientadora apresentou a estagiária. Logo após a apresentação, esta começou a falar sobre as obras com o auxílio de slides. Nesse primeiro encontro as obras apresentadas foram: *Inocência*³⁹, *Memórias de um sargento de milícias*⁴⁰ e *O pagador de promessas*⁴¹. Durante a exposição foram abordadas as escolas literárias, o espaço, o tempo, os autores, as personagens e o resumo das obras. Ao término das explicações em slides a estagiária dialogou com os alunos e entregou uma folha com exercícios das obras apresentadas. No segundo dia, a estagiária abordou as obras: *Jorge um brasileiro*⁴², *Amrik*⁴³ e também retomou as explicações sobre *Memórias de um sargento de milícias*, por entender que esta obra ainda não havia ficado bem entendida na primeira aula. Os alunos participaram das leituras. Neste dia também foram

³⁹ Visconde de Taunay

⁴⁰ Manuel Antonio Gonzaga

⁴¹ Dias Gomes

⁴² Oswaldo França Junior

⁴³ Ana Miranda

corrigidos os exercícios da aula anterior. Terminadas as explicações das obras, a estagiária entregou novos exercícios para serem corrigidos na aula seguinte. Na terceira aula foram apresentadas as obras *A cidade ilhada*⁴⁴ e *13 Cascaes*⁴⁵. Também foram apresentados alguns vídeos sobre as obras lidas.

Em relação ao papel do professor no projeto extraclasse, podemos dizer que, ao contrário do estágio realizado no Ensino Fundamental, as estagiárias foram as professoras regentes da turma, pois eram as principais responsáveis pelo aprendizado da turma que assumiram, o que aumentou o nível de ansiedade delas. Ainda assim, os objetivos foram alcançados, pois deu-se conta do conteúdo previsto e os alunos mostraram-se bastante interessados.

Em relação ao andamento das aulas, foi planejado de modo que a responsável pela parte gramatical pudesse se basear na produção textual dos alunos. No começo da primeira aula foi entregue aos alunos três questões de interpretação retiradas das últimas provas do ENEM e do vestibular da UFSC. Foi dado um tempo de 20 minutos para a conclusão da atividade e logo em seguida, feita a sua correção. Em seguida, a professora/estagiária Karine, começou a exposição sobre textos dissertativos com o auxílio de *slides* e propôs uma atividade em que seriam avaliadas as habilidades dos alunos em argumentar a favor de uma tese. Essa produção textual teve a duração de uns 20 minutos, porém, nem todos nos entregaram seus textos. Logo em seguida, a professora continuou a apresentação dos *slides*, só que dessa vez o foco foi mais voltado para o texto-argumentativo, com dicas e elementos que são fundamentais para o sucesso na elaboração de uma redação de vestibular. Expusemos a eles a importância de elementos como coesão e coerência e da interpretação do tema das propostas de redação nos vestibulares. A aula foi realizada dentro do tempo e como havíamos planejado.

Antes de iniciar a segunda aula, a professora/estagiária Ana Paula se apresentou aos alunos que não compareceram à aula anterior, dizendo que seu trabalho é uma continuidade daquele iniciado pela colega Karine, diferenciando-se do dela apenas pelo fato de o seu foco ser a gramática normativa. Porém, a professora ressaltou que esse eixo seria trabalhado de acordo com os conteúdos que caem nas provas da UFSC e do ENEM e com a forma como eles são abordados. Assim, os alunos não deveriam se preocupar em decorar as definições de cada classe gramatical, mas sim saber identificá-las e usá-las em suas respostas e produções textuais.

⁴⁴ Milton Hatoum

⁴⁵ coletânea de contos de vários autores

Findada essa apresentação, a docente iniciou seu trabalho falando sobre coesão, assunto já abordado na aula anterior pela professora Karine. Primeiramente, explicou-se o que é a coesão (relações de sentido que ocorrem no texto) e quais são os elementos gramaticais (palavras referenciais e articuladores textuais) responsáveis por ela. Ao término dessa explicação, a professora solicitou que os alunos copiassem, em seu caderno, as palavras referenciais (pronomes pessoais, demonstrativos e relativos, sinônimos, hiperônimos e hipônimos) que ela listaria no quadro negro. Durante essa atividade, alguns alunos conversaram, mas a maioria copiou atentamente e, ao término, alguns alunos chamaram a professora para tirar dúvidas (sobre o uso dos pronomes *esse* e *este* e sobre o uso do pronome relativo *cujos*). A professora, ao explicar o conteúdo escrito no quadro, socializou as perguntas feitas por alguns alunos.

Quando foi chegada a hora da explicação referente aos articuladores textuais, os pré-vestibulandos receberam um material, preparado pela professora, relativo a este assunto. Nessas folhas, está contida uma lista de articuladores, contextualizados através de seus usos em alguns enunciados. Sobre a explicação, a docente explicou que os articuladores textuais servem para orientar a sequência do discurso, encadeando os argumentos presentes nos textos.

Para ilustrar a função que os articuladores e as palavras referenciais exercem, a professora escreveu, no quadro negro, quatro frases, que deveriam ser transformadas em uma única através do uso desses elementos coesivos. Os períodos eram:

- 1) Eu passeava naquele shopping.
- 2) O shopping estava vazio.
- 3) O shopping poderia explodir.
- 4) O subsolo do shopping estava contaminado por metano.

Com o auxílio dos alunos, a professora articulou os quatro enunciados em um só e explicou o uso de cada palavra referencial ou articulador textual. Além disso, aproveitou-se o conteúdo das frases para discutir-se um tema ambiental bastante atual, o da contaminação do subsolo de um shopping paulistano. Assim, embora a prova da UFSC e do ENEM já tenham sido elaboradas, os alunos poderão usar esse exemplo para embasarem seus textos caso a proposta de redação seja referente ao meio ambiente. Em seguida, a professora repetiu a atividade anterior, enumerando três períodos que deveriam ser articulados em um só:

- 1) As portas do shopping são inteligentes.
- 2) As portas dos shoppings não tem chaves.
- 3) As portas dos shopping funcionam por sensores.

Dessa vez, os alunos tiveram dez minutos para resolverem sozinhos o exercício e depois socializarem as respostas. Durante a resolução da atividade, bastantes alunos solicitaram a ajuda das professoras, e o mesmo aconteceu no momento de socialização das respostas: a participação efetivou-se.

Findada essa primeira etapa da aula, a docente solicitou que os alunos resolvessem a questão 07, referente ao texto 04 do vestibular da UFSC 2011. Essa questão foi escolhida, para aquele momento da aula, pois trabalha essencialmente com o uso das conjunções e dos pronomes no texto. Embora dois grupos conversassem bastante, a maioria dos alunos se concentrou na atividade e solicitou a ajuda da professora, dando sua contribuição no momento em que as questões estavam sendo solucionadas e explicadas pela docente.

Ao término dessa atividade, solucionou-se outra, agora relativa ao ENEM de 2010. Mais uma vez a questão foi escolhida por abordar o uso dos articuladores textuais, denominados naquela prova de “conectivos”. Durante a resolução dessa atividade, alguns alunos demonstraram dificuldade em resolver questões do tipo “múltipla escolha”, uma vez que geralmente ficavam em dúvida entre duas opções. No caso dessa questão, especificamente, muitos alunos erraram por considerarem apenas a primeira metade da resposta, que era referente à nomenclatura dos articuladores textuais. Porém, a atividade exigia também o exercício da interpretação textual, que estava descrita na segunda parte da resposta, após a vírgula.

Ao término da aula, a professora agradeceu a presença de todos e solicitou que trouxessem sempre o material por ela disponibilizado, já que ele seria utilizado durante as outras aulas ministradas por ela.

A terceira aula, sob a responsabilidade da professora/estagiária Karine, teve início com a leitura da crônica *Desabafo de um bom marido*, de Luis Fernando Veríssimo. Depois da leitura, foi realizado um questionamento acerca dos conhecimentos dos alunos sobre o gênero *crônica*. Quando a professora perguntou a eles “quem lia crônica?”, apenas um aluno manifestou-se, dizendo que já tinha lido Veríssimo e Fernando Sabino. Na verdade, nesse momento da aula, os alunos não tinham se dado conta de que muitos dos textos que leram na escola principalmente,

tratavam-se de *crônicas*. Quando a professora começou a contar a história do texto *A última crônica*, de Fernando Sabino, muitos alunos disseram que já tinham lido esse texto, porém, não sabiam, ou não lembravam do seu gênero.

Depois dessa breve discussão, a docente começou a exposição sobre a composição e as características das crônicas, como por exemplo, os *tipos de crônicas*, sua *estrutura* e as *figuras de linguagem*. Em seguida, foi entregue o texto *Sobre a crônica*, de Ivan Ângelo e solicitado para que fizessem uma leitura silenciosa da mesma. Terminada a leitura, foram realizadas algumas perguntas e esclarecimentos acerca do texto lido, retomando as características das crônicas apresentadas anteriormente. Depois disso, foi entregue o conto *Uma galinha*, de Clarice Lispector, e os alunos novamente fizeram uma leitura silenciosa. Terminada a leitura, a professora utilizou-se do conto de Clarice para mostrar as diferenças entre uma crônica e um conto. Quase no final da aula foi feita uma atividade, na qual eles deveriam terminar uma narrativa, que tinha sido exposta em um dos slides. Nessa aula havia em torno de trinta alunos, porém apenas dez deles entregaram a atividade. O mesmo aconteceu com a redação (tema: Copa do mundo de 2014) que era para ser feita em casa e entregue nessa aula, ou seja, apenas seis alunos entregaram seus textos.

Já a quarta aula começou com uma explicação, feita pela professora, sobre variedades linguísticas. Embora os vestibulares não cobrem as nomenclaturas referentes a cada tipo de variação, a professora solicitou que os alunos registrassem em seus cadernos que as variedades de cada língua estão relacionadas a modalidades como fala e escrita, a regiões onde nasceram e onde vivem os falantes, à classe social ou nível de escolaridade ou à época/faixa etária de cada usuário da língua. Nesse sentido, a docente explicou que não há um modo certo ou errado de falar, mas sim formas adequadas de se usar a linguagem de acordo com a situação em que o falante se encontra: em casa, no trabalho, e assim por diante.

Ao término dessa explicação, os alunos resolveram, em silêncio, uma questão da UFSC cujo texto foi elaborado por Marcos Bagno, linguista que escreve, dentre outras coisas, sobre preconceito linguístico. Quando a resolução da atividade foi socializada, alguns alunos participaram, justificando as respostas que deram às proposições. Além do tema “variedades linguísticas”, a atividade também requeria conhecimento sobre concordância verbal e nominal, assunto trabalhado pela professora até o final dessa aula.

A quinta aula teve início com a entrega de uma proposta de redação sobre o terrorismo, em que os alunos deveriam escrever um texto dissertativo-argumentativo

acerca do assunto. Foi explicado a todos que a nossa intenção era, justamente, proporcionar a eles um “clima de vestibular”, ou seja, teriam que escrever uma redação com tema e tempo pré-determinados (1 hora). Enquanto eles faziam a atividade, a professora/estagiária Karine, foi escrevendo no quadro negro algumas questões de interpretação que seriam trabalhadas em seguida. Alguns alunos foram acabando suas redações antes do previsto, então a docente entregou-lhes textos como crônicas, cartas de leitor, artigos, para que fossem lendo enquanto os colegas terminavam suas dissertações.

Passada uma hora, quase todos os alunos já tinham entregado a atividade, porém, alguns não conseguiram acabar a tempo, por isso, resolvemos deixá-los escrevendo, enquanto os outros faziam a próxima tarefa. Foi entregue um texto dissertativo-argumentativo para que eles fizessem a leitura silenciosa. Logo em seguida, foi feita a discussão, conjuntamente, das questões de interpretação passadas no quadro negro. O intuito dessa atividade foi, justamente, trazer um exemplo concreto de um texto de opinião, ou seja, não só explicar a eles “como se deve fazer”, mas também mostrar-lhes um modelo para que possam se orientar ao elaborar uma dissertação. Essa atividade foi efetuada antes do tempo previsto, por isso, foi exposto no quadro negro uma tabela com *tipos de argumento*, assunto importante para a produção de textos desse gênero. Quanto à entrega das redações, foi recolhido vinte textos, sendo que na sala tinham em torno de trinta alunos, e aqueles que não conseguiram terminá-los pediram para entregar na próxima aula. Diante desse número e do decorrer das atividades, acredita-se que a proposta de aula foi efetuada com sucesso.

Já a sexta aula, devido a pouca quantidade de alunos (três), foi menos dinâmica, já que houve pouca participação dos estudantes. Considerando-se que essa data antecedia o feriado da República, poucas pessoas compareceram, e esperou-se até as 20h20 para que se desse início às atividades. Como só havia três pessoas, a professora, ao invés de resolver as questões dos últimos vestibulares da UFSC em frente ao quadro negro, sentou-se com os alunos. Em princípio, acreditamos que essa pudesse ser uma boa ideia, mas parece que essa ação “intimidou” um pouco os alunos, que quase não se arriscaram a responder as proposições analisadas. Devido ao fato de uma das questões exigir conhecimento sobre o correto uso dos porquês, a professora escreveu e explicou essa matéria no quadro negro, resolvendo, em seguida, a proposição que requeria que os alunos dominassem esse conteúdo.

Quando todas as questões foram resolvidas, a docente passou para os estudantes, no quadro negro, conteúdo

relativo à regência verbal e nominal, cujo entendimento é essencial para o entendimento do fenômeno da crase. A professora explicou que muitos verbos, na oralidade, são usados sem preposição ou com uma preposição diferente daquela que é exigida pela escrita, listando alguns dos usos mais cobrados pelos vestibulares. A turma não manifestou dúvidas, então se deu prosseguimento ao assunto. Fazendo uma ponte com a regência verbal, a docente explicou que a crase é a junção da preposição a (que acompanha um verbo) e um artigo feminino (que acompanha um substantivo de igual gênero) e voltou a um exemplo já citado durante a explicação da regência do verbo ir: quem vai, vai a algum lugar. Novamente os alunos

não manifestaram suas dúvidas, então a professora, para finalizar a aula, escreveu uma frase, sem pontuação, no quadro negro: Oi sua piranha está pronta. Ela aproveitou a ambiguidade, gerada pela falta de vírgulas e pontos, para ilustrar o quanto a pontuação é importante para a interpretação textual. Assim, pontuou-se a frase de todas as maneiras que eram possíveis e terminou-se a aula, quinze minutos antes do normal em virtude do pouco número de presentes.

5.2 Projeto extraclasse II: Minicurso O Novo Acordo Ortográfico

Professores/estagiários: Adilson Pires e Stefany Miguel Bueno

5.2.1 Problematização

Neste minicurso explicamos aos participantes que as mudanças propostas no novo acordo ortográfico afetaram apenas a ortografia e não a língua falada como muitos, erroneamente, pensam. A língua falada não é passível de mudança por meio de leis, decretos e outras formas de intervenção. De acordo com Marcos Bagno (2011), em entrevista concedida à revista IHU⁴⁶,

[...] o uso da língua, numa sociedade coesa, passa por regulações. No caso da escrita, ou mais restritamente, da ortografia, ela é unificada para que haja uma possibilidade de comunicação mais eficiente entre os milhões de falantes da língua. A ortografia, no entanto, não tem como regular a língua falada. Todos nós escrevemos “porta”, mas sabemos que o segmento sonoro [r] dessa palavra é produzido foneticamente de diversas maneiras em diversos lugares diferentes. A ortografia pode ser uniformizada, mas a fala jamais.

⁴⁶ Instituto Humanitas Unisinos.

Muitas pessoas se assustam por ter que, a partir de determinada data, estarem aptas a utilizar as novas regras. Procuramos desmistificar as alterações implementadas pelo novo acordo ortográfico de maneira simples e de fácil entendimento, pois muitos acreditam que ocorrerá uma grande revolução na ortografia, no entanto, essas mudanças atingiram aproximadamente 3% da nossa ortografia.

Consideramos este minicurso como uma ferramenta de atualização para aqueles que já não fazem mais parte do sistema educacional e, também, de formação continuada, pois, professores e pessoas envolvidas com a educação precisam estar atentos a essas mudanças.

5.2.2 Escolha do tema

Acreditamos que conhecimento acerca das mudanças ortográficas da nossa língua deve estar ao alcance de todos e que, todas as ações que visam difundi-las no meio social devem ser incentivadas.

5.2.3 Justificativa

Diante das inúmeras atividades extraclasse oferecidas pelo Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade (Barreirão) aos alunos e à comunidade circundante e também diante do sucesso/aceitação desses projetos, com a participação efetiva dos interessados, percebemos que havia possibilidade de sucesso nesse empreendimento. Este minicurso será de grande valia para todos os alunos, comunidade e também para os professores que ainda tenham alguma dúvida acerca das mudanças propostas pelo novo acordo ortográfico.

Estamos passando por um período de transição e para que todos possamos nos adaptar às novas regras, assim como aprofundar conhecimentos acerca delas, empreendimentos dessa natureza se apresentam como importantes e necessários. De acordo com o decreto nº 6.583, de 29 de setembro de **2008**, “a implementação do acordo obedecerá ao período de transição de 1º de janeiro de 2009 a 31 de dezembro de 2012, durante o qual coexistirão a norma ortográfica atualmente em vigor e a nova norma estabelecida”. Com isso, essas regras passarão a ser cobradas em todos os documentos oficiais, pré-vestibulares e outros concursos. Todos devem estar atentos às mudanças sob pena de estarem incorrendo em erro ortográfico sempre que precisarem lançar mão dos diferentes usos sociais da escrita.

Entendemos que o conhecimento acerca das mudanças ortográficas da nossa língua deve estar ao alcance de todos e que todas as ações que visam difundi-las no meio social devem ser incentivadas.

5.2.4 Fundamentação teórica

Um conjunto de normas oficiais rege a ortografia da língua portuguesa. A preocupação em unificar essas normas entre os países de língua portuguesa surgiu no início do século XX. Buscava-se com isso uma convergência ortográfica estabelecendo-se, assim, um modelo que pudesse ser usado como referência nas publicações oficiais desses países. Vários acordos já foram firmados na busca desse objetivo.

Em setembro de 2008, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva promulgou o decreto que trata do acordo ortográfico da Língua Portuguesa. Esse acordo terá efeito apenas sobre a modalidade escrita da língua, pois o uso oral como já mencionado anteriormente, não se sujeita a intervenções “mecânicas”.

Nossa vida é movida por mudanças. Tudo o que faz parte do contexto social passa por mudanças, de uma forma ou de outra. A língua faz parte do contexto social, portanto, com o passar do tempo, passou por diversas transformações. Algumas palavras são acrescentadas ao nosso léxico, outras caem em desuso, outras, ainda, sofrem modificações. Nossa língua não para. Está em constante movimento. A cada momento surgem novidades, e estas surgem em nossa língua de acordo com a necessidade.⁴⁷

Cabe ressaltar que muitas diferenças ainda continuarão a existir. Aos poucos, com acordos desta natureza, pretende-se atingir uma universalização das grafias, instituindo-se uma ortografia oficial única, aumentando-se também o prestígio internacional da Língua Portuguesa. Após a unificação total, um dos benefícios para os falantes será o livre acesso às literaturas dessa língua, sem a necessidade de revisões ortográficas.

Os acordos ortográficos também apresentam seus lados negativos. Dificilmente essas novas regras chegarão a todas as pessoas alfabetizadas (que já deixaram a escola) do país. Desde o início século XX, vários acordos já aconteceram, no entanto, não se têm notícias de nenhuma ação do governo que visasse levar esses novos conhecimentos acerca da língua para essa clientela. Consideramos esse fato um dos principais motivos,

⁴⁷ (TAFNER, p.3, 2011).

para que as pessoas não percam a oportunidade de participar de eventos como o que estamos propondo. As escolas (todas) como espaço público e de educação, deveriam oferecer esta atualização a toda comunidade.

5.2.5 Objetivo

Possibilitar aos participantes desse minicurso conhecimentos teórico-práticos acerca das novas regras da ortografia da Língua Portuguesa, tendo em vista o acordo ortográfico firmado entre Brasil, Portugal e demais países lusófonos.

5.2.6 Conhecimentos trabalhados

Foram trabalhadas as mudanças ortográficas na língua portuguesa promovidas pelo novo acordo ortográfico firmado entre Brasil, Portugal e demais países lusófonos.

Dentre os aspectos a serem abordados estão:

- 1) A razão de ser do novo acordo ortográfico;
- 2) O uso do hífen;
- 3) Acentuação gráfica;
- 4) Trema;
- 5) O uso de letras maiúsculas;
- 6) A inserção de novas letras no alfabeto português (brasileiro).

5.2.7 Metodologia

O minicurso foi ofertado para os alunos do Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade, para alunos da Escola de Educação Básica Wanderley Junior e também para a comunidade em torno das escolas (ver anexo 1). Foram oferecidas duas oficinas do minicurso com duração de 3 horas cada.

Cada oficina foi dividida em três momentos. Num primeiro momento trabalhamos a história da reforma (uma breve introdução) explicando aos ouvintes que as mudanças alteram somente a língua na sua modalidade escrita. Tendo feito isso, começamos a explicar as mudanças propriamente ditas. Explicamos sobre a mudança no alfabeto, o trema e as novas regras de acentuação. No segundo momento abordamos o uso do hífen, parte mais “difícil” de memorizar, a nosso ver. O terceiro momento da oficina foi reservado para a prática de exercícios e para que os participantes tirem quaisquer dúvidas. Foi feita uma apresentação com o auxílio de *slides*. Todas as oficinas

do minicurso foram expositivas, mas permitindo a participação dos ouvintes. Os ministrantes irão atuar conjuntamente, complementando suas falas. Todos os alunos receberam uma cópia dos exercícios que foram realizados e também um resumo do que foi trabalhado na oficina (ver anexo 2).

5.2.8 Recursos necessários

O minicurso foi oferecido em uma sala de aula do Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade. Para tanto, precisamos da autorização do colégio.

Recursos materiais

- Computador e projetor multimídia.

Recursos bibliográficos

- Cópias (xerox) dos exercícios;
- Cópias do resumo das novas regras.

5.2.9 Referências

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Acordo Ortográfico.** Disponível em: <<http://www.alesc.sc.gov.br/portal/ortografia/>>. Acesso em: 12 set.2011.

ENTREVISTA COM MARCO BAGNO. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3891&secao=363-Entrevista>. Acesso em 08 set.2011.

DECRETO nº 6.583. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm> Acesso em 08 set. 2011.

LEDUR, Paulo Flávio. **Guia prático da nova ortografia:** as mudanças do Acordo Ortográfico. 5ª ed., Porto Alegre/RS: AGE, 2009.

TAFNER, Malcon Anderson. **Curso de Nivelamento de Reforma Ortográfica.** SC: Grupo UNIASSELVI, 2011.

5.2.10 Anexos

Anexo 1



Primeira edição do minicurso



Segunda edição do minicurso

OFICINA 01

O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

CEM Professora Maria Iracema Martins de Andrade

Lista de presença
OFICINA 01 - O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

	NOME	TURMA	ASSINATURA
1.	Anderson de Souza	?	
2.	Nivaldo B S Junior	?	
3.	Pra. Mônica B Moretti	?	
4.	Camilo de Souza	5ª série	
5.	Willian Ricardo	5ª série	
6.	Felipe Caitano Freitas	6ª série	
7.	Suellen ?	6ª série	
8.	Alan Rodrigues de Costa Rosa	7ª série	
9.	Aline Vieira Goulart	7ª série	
10.	Camila P Silvano	7ª série	
11.	Cleusa F da Silva	7ª série	
12.	Guilherme B da Luz	7ª série	
13.	Joice Elenice Schuller do Porto	7ª série	
14.	Lucas Emerson Smith	7ª série	
15.	Paloma Feitosa Coutinho	7ª série	
16.	Diogo Rocha de Souza	8ª série	
17.	Silvia Conceição Rodrigues	8ª série	
18.	Cátia Simone S Martins	Turma 101	
19.	Cleonice A Lara	Turma 101	
20.	Gelbanise Barbosa Sant'ana	Turma 101	
21.	Marcelo Pires	Turma 101	
22.	Cátia Simone S Martins	Turma 103	
23.	Elsângela M de Souza	Turma 103	
24.	Belice ? Oliveira dos Santos	Turma 202	
25.	Carmem S Meurer	Turma 202	
26.	Claudete Mattos	Turma 202	
27.	Edna Cristina C	Turma 202	
28.	Mari R dos Santos	Turma 202	
29.	André Fabricio Ramos	Turma 302	
30.	Josimar C F da Silva	Turma 302	
31.	Maicon Carvalho	Turma 302	
32.	Marcio de Buono	Turma 302	

CEM Profª Maria Iracema Martins de Andrade – CEMIA (Barreirão)

OFICINAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Oficina 1- O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

As mudanças propostas pelo novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa entrarão em vigor no ano de 2012 e serão cobradas em concursos públicos e vestibulares. Venha conhecer mais sobre esse tema tão atual!

Oficina 2- A LÍNGUA PORTUGUESA E O MUNDO DO TRABALHO

Saiba como redigir um curriculum vitae, uma carta de apresentação e outros textos que são de grande importância para a sua vida pessoal e profissional.

As oficinas serão oferecidas pelos Estagiários do Curso de Letras da UFSC no dia 19/11/2011 (sábado), das 8h30min às 11h30min, no Barreirão.

PARTICIPE! VOCÊ É NOSSO(A) CONVIDADO(A)!

Os participantes receberão declaração de participação.

Participante: _____

Aluno Pai, mãe ou responsável Aluno de outra escola
 Professor Outro

Oficina 1
 Oficina 2

CEM Profª Maria Iracema Martins de Andrade – CEMIA (Barreirão)

OFICINAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Oficina 1- O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

As mudanças propostas pelo novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa entrarão em vigor no ano de 2012 e serão cobradas em concursos públicos e vestibulares. Venha conhecer mais sobre esse tema tão atual!

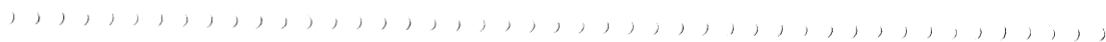
Oficina 2- A LÍNGUA PORTUGUESA E O MUNDO DO TRABALHO

Saiba como redigir um curriculum vitae, uma carta de apresentação e outros textos que são de grande importância para a sua vida pessoal e profissional.

As oficinas serão oferecidas pelos Estagiários do Curso de Letras da UFSC no **dia 19/11/2011** (sábado), das 8h30min às 11h30min, no Barreirão.

PARTICIPE! VOCÊ É NOSSO(A) CONVIDADO(A)!

Os participantes receberão declaração de participação.



Anexo 2**Minicurso Nova Ortografia****Resumo****Trema**

O trema foi extinto.

Exceção: o trema permanece em nomes estrangeiros e nos seus derivados.

Exemplos: Müller, mülleriano / Hübner, hübneriano

Acento diferencial

Deixa de ser usado para diferenciar os pares: pára / para, péla / pela, pólo / polo, pélo / pêlo e pêra / pera.

Antes	Agora
Ela PÁRA a bicicleta	Ela PARA a bicicleta
O PÓLO Sul é frio	O POLO Sul é frio
Ele joga PÓLO	Ele joga POLO
O cão tem PÊLO negro	O cão tem PELO negro
A PÊRA é uma fruta	A PERA é uma fruta

Facultativo

O acento diferencial será opcional em FÔRMA e FORMA.

Exemplos: A FÔRMA do bolo / FORMA do atleta

Segue valendo:

No verbo PÔR, para diferenciar da preposição POR.

Exemplo: A atriz vai PÔR um fim no namoro.

No verbo PÔDE (passado) para diferenciar de PODE (presente).

Exemplo: O ator PÔDE filmar ontem.

Acento circunflexo

Perdem o acento as palavras com o hiato OO.

Antes	Agora
-------	-------

abenção	abenção
dão	dão
enjão	enjoo
magão	magoo
perdão	perdo
vãos	voos
zão	zoo

Perdem o acento as palavras com o hiato EE.

Antes	Agora
crêem	creem
dêem	deem
lêem	leem
vêem	veem
prevêem	preveem

Nada muda no plural de TER e VIR e seus derivativos.

Exemplos:

Ele TEM um carro.

Eles TÊM dois carros.

Ela VEM hoje.

Elas VÊM hoje.

Ele MANTÉM a palavra.

Eles MANTÊM a palavra.

Ela DETÉM a força.

Elas DETÊM a força.

Ela INTERVÉM na aula.

Elas INTERVÊM na aula.

Acento Agudo

Perdem o acento as PAROXÍTONAS com os ditongos abertos EI e OI.
Grafa-se Coreia, plateia, assembleia.

Antes	Agora	Antes	Agora
andróide	Androide	estóico	estoico
apóia (verbo apoiar)	Apoia	estréia	estreia
assembléia	Assembleia	geléia	geleia
asteróide	Asteroide	heróico	heroico
Bóia	Boia	idéia	ideia
celulóide	Celuloide	jibóia	jiboia
clarabóia	Claraboia	jóia	joia
Colméia	Colmeia	odisséia	odisseia
Coréia	Coreia	paranóia	paranoia
debilóide	Debiloide	platéia	plateia
Epopéia	Epopéia	tramóia	tramoia

No entanto, continuam sendo acentuadas as OXÍTONAS terminadas em Éi, Éu e Ói, inclusive no plural.

herói (s)	troféu (s)	anzóis
céu (s)	chapéu (s)	papéis
réu (s)	Anéis	

Perdem o acento as paroxítonas com I e U tônicos depois de ditongo. São casos raros:

Antes	Agora
feiúra	feitura
feiúme	feiume
baiúca	baiuca

Perde acento o U tônico das formas que/qui e gue/gui de verbos como apaziguar, arguir, averiguar, redarguir, obliquar.

Antes	Agora
apazigúe (s)	apazigue (s)
argúem	arguem

Observação: Quando, na sequência do hiato UI, a vogal mais forte for I, este é acentuado.
Ex.: Arguí todas as circunstâncias do fato. (Tu arguíste, nós arguímos)

Hífen

Prefixos comuns (pré, pós, pró, vice, ex, sem...)

O hífen é mantido com os prefixos:		
Além	Pós	recém
Aquém	Pré	sem
Ex	Pró	vice

Exemplos:	
sem-terra	pós-graduação
ex-senador	pré-vestibular
vice-governador	pró-reitor
recém-nascido	além-mar

Palavras compostas:

O hífen é abolido quando se perdeu a noção de que a palavra é composta, e mantido em todos os demais casos.

Antes	Agora
pára-queda	paraqueda
manda-chuva	mandachuva
pára-brisa	parabrisa

Hiper, inter, super + R

Usa-se hífen com os prefixos: hiper – inter – super apenas quando combinados com elementos iniciados por R.

Exemplos:	
hiper-requintado	inter-relacionado
inter-racial	super-revista

Sub

Palavras com o prefixo sub recebem hífen apenas quando combinadas com elementos iniciados por B e R.

Exemplos:	
sub-regra	sub-reptício
sub-bibliotecário	

Letra H

Com prefixos, usa-se sempre o hífen diante de palavra iniciada por H.

Exemplos:	
anti-higiênico	micro-história
extra-humano	semi-hospitalar

super-homem	intra-hepático
neo-humanismo	ultra-hiperbólico

ATENÇÃO:

Mantém-se a grafia sem hífen com os prefixos des, dis, in, re, trans, entre outros de uso consagrado. A extensão da regra das palavras compostas é determinada pela publicação do novo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Vogal + S ou R

Quando o prefixo termina em vogal e a segunda palavra começa com S ou R, não há hífen e a consoante é duplicada.

Antes	Agora
anti-religioso	Antirreligioso
contra-regra	Contrarrega
ultra-som	Ultrassom

Vogal + vogal igual

Usa-se hífen se o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa pela mesma vogal.

Antes	Agora
antiimperialista	anti-imperialista
contra-ataque	contra-ataque
microondas	micro-ondas
semi-integral	semi-integral

Vogal + vogal diferente

O hífen deixa de ser usado quando o prefixo termina em vogal e a segunda palavra começa com vogal diferente.

Antes	Agora
auto-escola	Autoescola

auto-estrada	Autoestrada
extra-oficial	Extraoficial

Exercícios

1 – Identifique a alternativa em que há um vocábulo cuja grafia não atende ao previsto no Acordo Ortográfico:

- a) aguentar – tranquilidade – delinquente – arguir – averiguemos;
- b) cinquenta – aguemos – linguística – equestre – eloquentemente;
- c) apaziguei – frequência – arguição – delinquência – sequestro;
- d) averigui – inconsequente – bilíngue – linguça – quinquênio;
- e) sequência – redargüimos – lingueta – frequentemente – bilíngue.

2 – Identifique a alternativa em que um dos vocábulos, segundo o Acordo Ortográfico, recebeu indevidamente acento gráfico:

- a) céu – réu – véu;
- b) chapéu – ilhéu – incréu;
- c) anéis – fiéis – réis;
- d) mói – herói – jóia;
- e) anzóis – faróis – lençóis.

3 – Identifique a opção em que todas as palavras compostas estão grafadas de acordo com as novas regras:

- a) anti-higiênico – antiinflamatório – antiácido – antioxidante – anti-colonial – antirradiação – antissocial;
- b) anti-higiênico – anti-inflamatório – antiácido – antioxidante – anticolonial – antirradiação – anti-social;
- c) anti-higiênico – anti-inflamatório – antiácido – antioxidante – anticolonial – antirradiação – antissocial;
- d) anti-higiênico – anti-inflamatório – anti-ácido – anti-oxidante – anticolonial – antirradiação – antissocial;
- e) anti-higiênico – anti-inflamatório – anti-ácido – anti-oxidante – anti-colonial – antirradiação – antissocial.

4 – O uso do acento diferencial, consoante as novas regras, é facultativo nos seguintes casos, exceto em:

- a) fôrma (significando molde)
- b) pôde (no pretérito perfeito do indicativo);
- c) cantámos (no pretérito perfeito do indicativo);
- d) amámos (no pretérito perfeito do indicativo);
- e) dêmos (no presente do subjuntivo).

5 – Identifique a alternativa em que todas as palavras compostas estão grafadas de acordo com as novas regras:

- a) miniquadro – minissubmarino – minirretrospectiva – mini-saia;
- b) sub-bibliotecário – sub-humano – sub-hepático – sub-região;
- c) infra-assinado – infra-estrutura – infra-hepático – infravermelho;
- d) hiperácido – hiperespaço – hiper-humano – hiperrealista;
- e) contra-acusação – contra-indicação – contraespionagem – contra-harmônico.

6 – Todos os termos compostos estão corretamente grafados na opção:

- a) ultraconfiança – paraquedas – reestruturar – sub-bibliotecário – super-homem;
- b) hiperativo – rerratificar – subsecretário – semi-hipnotizado – manda-chuva;
- c) interregional – macroeconmia – pontapé – ressintetizar – sub-horizontal;
- d) superagasalhar – arquimilionário – interestadual – passa-tempo – sub-rogar;
- e) paraquedístico – panamericano – mini-herói – neo-hebraico – sem-teto.

7 – Deveriam ter sido acentuadas as palavras alistadas na opção:

- a) azaleia – estreia – colmeia – geleia – pigmeia;
- b) benzoico – dicroico – heroico – Troia – urbanoide;
- c) chapéu – coroneis – heroi – ilheu – lençois;
- d) alcaloide – reumatoide – tabloide – tifoide – tipoia;
- e) apneia – farmacopeia – odisseia – pauliceia – traqueia.

8 – O hífen foi indevidamente empregado em:

- a) capim-açu;
- b) anajá-mirim;
- c) abaré-guaçu;
- d) tamanduá-açu;
- e) trabalhador-mirim.

9- Marque a opção em que ambos os termos estão incorretamente grafados:

- a) coabitar – coerdeiro;
- b) coexistência – coindicado;
- c) cofundador – codominar;
- d) co-ordenar – co-obrigar;
- e) corresponsável – cossignatário.

10 – Assinale a opção em que há erro de ortografia:

- a) arco e flecha;
- b) arco de triunfo;
- c) arco de flores;
- d) arco da chuva;
- e) arco da velha.

11 – Marque a opção incorreta:

- a) bem-educado;
- b) mal-educado;
- c) bem-comportado;
- d) mal-comportado;
- e) bem-vindo.

12 – Os prefixos que são seguidos de hífen quando o segundo termo da palavra composta inicia-se com h, m, n ou vogal são:

- a) hiper-, inter- e super-;
- b) circum- e pan-;
- c) sub- e sob-;
- d) ab- e ob-;
- e) recém- e aquém-.

13 – Marque a opção incorreta:

- a) inter-humano;
- b) inter-hemisférico;
- c) inter-relacionar;
- d) interrelacionar;
- e) intersocial.

14 – Marque a opção incorreta:

- a) sub-bosque;
- b) sub-humano;
- c) sub-reitor;
- d) subdiretor;
- e) sub-epidérmico.

15 – Identifique a alternativa em que há erro de ortografia:

- a) mandachuva;
- b) salário-família;
- c) vagalumear;
- d) vaga-lume;
- e) bóia-fria

5.2.11 Reflexão sobre a prática pedagógica

Na primeira edição do minicurso, posto em prática no CEMIA, pudemos contar com a participação de 32 alunos. Talvez esse alto número de participantes esteja relacionado à “obrigatoriedade” da presença dos mesmos, exigida pela direção do colégio. Mesmo assim, houve muita participação e empenho, principalmente na resolução dos exercícios. A segunda edição ocorreu em um sábado no período matutino. Como já era esperado, tivemos um número relativamente baixo de participantes. Contudo, nos pareceu que o minicurso foi mais dialogado que o anterior e os questionamentos vindos dos participantes foram mais pertinentes. Pudemos dar mais atenção a cada um deles de modo individual. Concluímos que essa dinâmica diferente da ocorrida na primeira edição, se deu pelo real interesse dos participantes que compareceram nesse dia.

Quando assumimos a regência das turmas nos minicursos (e também no projeto de docência), colocamos em prática toda a teoria aprendida na universidade até então. Adotando a concepção de língua assumida por Bakhtin, procuramos sempre ser bem claros e objetivos, em nossas exposições, sempre alertando para a importância da língua em nossas relações sociais.

Podemos dizer que esses trabalhos foram marcados pelo aprendizado que tivemos e por esse primeiro contato com jovens e adultos que buscam, com muito esforço, através dos estudos, “um lugar ao sol”. Nessa trajetória vimos muitos alunos dedicados, vimos também aqueles que não têm consciência da importância dos estudos em suas vidas, mas são apenas jovens. Desejamos a todos, muito sucesso em suas jornadas. Quanto a nós, seguiremos refletindo sobre essas questões e esperamos alcançar uma prática educativa que atinja a todos os alunos, tornando, para alguns, o aprendizado de língua portuguesa, uma tarefa menos “árdua”.

6 ANEXOS GERAIS


**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
 Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
 Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-930
 Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 360907

O(A) Prefeitura Municipal de São José, CNPJ 82.892.274/0001-05, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Geraldo Anderson Silva, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Diva Zandomenego, e o(a) estagiário(a) Ana Paula Budde, CPF 867.517.009-20, telefone 4838791542, e-mail anapb86@hotmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 7292004 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/05/2011 e vinculado à disciplina MEN7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) C.E.M. Professora Maria Iracema Martins de Andrade, de 09/08/2011 a 09/12/2011, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Karla Parmigiani.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> | <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 10 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 360907

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

O estágio será realizado por meio das seguintes atividades: primeiramente, serão feitas as observações das aulas ministradas pela professora de português da escola. Depois, serão elaborados os projetos de estágio e os planos de aula. Por último, será realizado o estágio de docência, em que os alunos colocarão em prática as atividades planejadas para a turma com a qual vêm trabalhando; avaliação de todas as etapas; relatório final e socialização dos resultados na comunidade escolar.

Local e Data:

Florianópolis, 15 de agosto de 2011.

Geraldo Anderson Silva - Representante na CONCEDENTE

Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Ana Paula Budde
Ana Paula Budde - Estagiário

Diva Zandomenego - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Karla Parmigiani - Supervisor(a) no local de Estágio



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional**

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferreira Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 353674

O(A) Prefeitura Municipal de São José, CNPJ 82.892.274/0001-05, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Geraldo Anderson Silva, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Diva Zandomenego, e o(a) estagiário(a) Adilson Pires, CPF 612.582.379-20, telefone 4833446062, e-mail adilsonprs1@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 7292001 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cun/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

- | | |
|--|---|
| <p>Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/05/2011 e vinculado à disciplina men7001.</p> <p>Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).</p> <p>Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) Centro Educacional Municipal Professora Maria Irac, de 09/08/2011 a 09/12/2011, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Karla Parmigiani.</p> <p>Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02).</p> <p>Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.</p> | <p>Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão.</p> <p>Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.</p> <p>Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 10 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE.</p> <p>Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.</p> <p>Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo: conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.</p> <p>Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.</p> |
|--|---|

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 353674

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação, elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula, estágio de docência, relatório das atividades e socialização dos resultados.

Local e Data:

Florianópolis de 10 de 2011.

Adilson Pires
Adilson Pires - Estagiário

Geraldo Anderson Silva
Geraldo Anderson Silva - Representante na CONCEDENTE

Diva Zandomenego
Diva Zandomenego - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Maria Izabel De Bortoli Hentz
Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Karla Parmigiani Pereira
Karla Parmigiani - Supervisor(a) no local de Estágio

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Departamento de Integração Acadêmica e Profissional

Prédio da Reitoria - Campus Prof. João David Ferrelra Lima, Florianópolis - SC - Brasil, CEP 88040-900
Fone +55 (48) 3721-9446 - Fax +55 (48) 3721-9296 | www.reitoria.ufsc.br/estagio | estagiopreg@reitoria.ufsc.br

TERMO DE COMPROMISSO DE ESTÁGIO OBRIGATÓRIO - TCE Nº 354007

O(A) Prefeitura Municipal de São José, CNPJ 82.892.274/0001-05, doravante denominado(a) CONCEDENTE, representado(a) pelo(a) sr(a). Geraldo Anderson Silva, a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, CNPJ 83.899.526/0001-82, representada pelo(a) Coordenador(a) de Estágios do Curso, Prof.(a) Diva Zandomenego, e o(a) estagiário(a) Karine Schmidt, CPF 002.280.680-61, telefone 4896177184, e-mail schmidt.ka@gmail.com, regularmente matriculado(a) sob número 7292022 no Curso de Letras - Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na forma da Lei nº 11.788/08, da Resolução 009/Cum/98 e das normas do Curso, acertam o que segue:

Art. 1º: O presente Termo de Compromisso de Estágio (TCE), fundamentado no Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e no convênio firmado entre a CONCEDENTE e a UFSC em 03/05/2011 e vinculado à disciplina men7001.

Art. 2º: O(A) Prof.(a) Maria Izabel De Bortoli Hentz, da área a ser desenvolvida no estágio, atuará como orientador(a) para acompanhar e avaliar o cumprimento do Programa de Atividades de Estágio (PAE), definido em conformidade com a área de formação do(a) estagiário(a).

Art. 3º: A jornada semanal de atividades será de 14 horas (2 horas diárias), a ser desenvolvida na CONCEDENTE, no(a) C. E. M. Prof. Maria Iracema Martins de Andrade, de 09/08/2011 a 09/12/2011, respeitando-se horários de obrigações acadêmicas do estagiário e tendo como supervisor(a) o(a) Karla Parmigiani.

Art. 4º: O(A) estagiário(a), durante a vigência do estágio, estará segurado(a) contra acidentes pessoais pela apólice Nº 0000231 da seguradora Gente Seguradora S/A (CNPJ 90.180.605/0001-02).

Art. 5º: O estagiário(a) deverá elaborar relatório, conforme descrito no Projeto Pedagógico do Curso, devidamente aprovado e assinado pelas partes envolvidas.

Art. 6º: O estágio poderá ser rescindido por uma das partes a qualquer tempo após o gozo do recesso, através de Termo de Rescisão.

Art. 7º: O(A) estagiário(a) realizará o presente estágio sem remuneração.

Art. 8º: O(A) estagiário(a) tem direito a 10 dias de recesso, a ser exercido durante o período de realização do estágio, preferencialmente durante férias escolares, em período(s) acordado(s) entre o(a) estagiário(a) e o(a) supervisor(a). Caso o estágio seja interrompido antes da data prevista, o número de dias será proporcional e deverá ser usufruído antes da rescisão do TCE.

Art. 9º: O(A) estagiário(a) não terá, para quaisquer efeitos, vínculo empregatício com a CONCEDENTE, desde que observados os itens deste TCE.

Art. 10º: Caberá ao(a) estagiário(a) cumprir o estabelecido no PAE abaixo; conduzir-se com ética profissional; respeitar as normas da CONCEDENTE, respondendo por danos causados pela inobservância das mesmas, e submeter-se à avaliação de desempenho.

Art. 11º: As partes, em comum acordo, firmam o presente TCE em 5 vias de igual teor.

PROGRAMA DE ATIVIDADES DE ESTÁGIO (PAE) do TCE Nº 354007

Durante a vigência do TCE, o(a) estudante desenvolverá as seguintes atividades:

Estágio de observação, elaboração de projeto de estágio, elaboração dos planos de aula, estágio de docência, relatório das atividades e socialização dos resultados.

Local e Data:

São José, 01 de Setembro de 2011.

Karine Schmidt
Karine Schmidt - Estagiário

Geraldo Anderson Silva - Representante na CONCEDENTE

Divia Zandomenego
Divia Zandomenego - Coord. Estágios do Curso - UFSC

Maria Izabel de Bortoli Hentz
Maria Izabel De Bortoli Hentz - Prof.(a) Orientador(a)

Karla Parmigiani Pereira
Karla Parmigiani - Supervisor(a) no local de Estágio

7 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Antônio Manuel de. **Memórias de um sargento de milícias**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 2001.
- ANGELO, Ivan. **Crônica Sobre a crônica**. Veja - São Paulo, 25/04/2007.
- ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Acordo Ortográfico**. Disponível em: <<http://www.alesc.sc.gov.br/portal/ortografia/>>. Acesso em: 12 set.2011.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo/SP: Hucitec, 2002.
- _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. Lei n.º 9394, de 20.12.96, “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”. In Diário da União, ano CXXXIV, n. 248, 23.12.96.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa** /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 2001.
- BETTO, Frei. **O Hipocondríaco**. Disponível em <sitenotadez.net/crônicas> Acesso em 29/09/2011.
- CASTIEL, Marcos. **Corre, corre... Santa Catarina**. Diário Catarinense. Florianópolis, 27 ago., 2011, Reportagem Especial, p. 4-5. Rio de Janeiro, 4 set., 1994. Caderno B, p. 7.
- Centro Educacional Municipal Professora Maria Iracema Martins de Andrade. **Projeto Político Pedagógico**, 2010.
- COSTA, Rachel. **O cardápio certo para ganhar energia**. Isto é. São Paulo, n. 2152, p. 76-82, ano 35, 9 fev/2011.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova **Gramática do Português Contemporâneo**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.
- DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural**. Artigo publicado em 17/01/2007. Disponível em <http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=1068> Acesso em 13/09/2011.
- DAYRELL, Juarez. **A sociedade como espaço sócio-cultural**, artigo publicado no livro *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Ed. da UFMG, Belo Horizonte, 1996.

DECRETO nº 6.583. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm> Acesso em 08 set. 2011.

DELORS, Jacques. **Os Quatro Pilares da Educação**. Disponível em: <http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm#EC> acesso em 07/09/2011.

ENTREVISTA COM MARCO BAGNO. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3891&secao=363-Entrevista >. Acesso em 08 set.2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Prática de texto para estudantes universitários** / Carlos Alberto Faraco. Cristovão Tezza. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação** / José Luiz Fiorin. Francisco Platão Savioli. – São Paulo: Ática, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GERALDI, W. João. **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1982.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GOMES, Dias Alfredo. **O pagador de promessas**. 36ª ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

HATOUM, Milton. **A cidade ilhada**. Companhia das Letras, 2009

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 8. ed. São Paulo: Pontes, 2001.

KOCH, I. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo/SP: Cortez, 2003.

LEDUR, Paulo Flávio. **Guia prático da nova ortografia: as mudanças do Acordo Ortográfico**. 5ª ed., Porto Alegre/RS: AGE, 2009.

LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e modernidade: Presente e futuro da escola**. In: GHIRALDELLI Jr., Paulo (org.). *Infância, escola e modernidade*. São Paulo, Cortez, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 28. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Material didático cedido pelo curso pré-vestibular GAIA – Florianópolis/SC.

MORETTO, Vasco Pedro. **Avaliar com eficácia e eficiência**. In: *Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas*. Rio de Janeiro: DP&A. 2001, p. 93 – 122.

- MIGUEL, Salim; CARDOZO, Flávio José (Orgs.). **13 Cascaes**. Florianópolis: Autores Catarinenses, 2008.
- MIRANDA, Ana. **Amrik**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- OSWALDO, França Júnior. **Jorge um brasileiro**. 10 ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- PERINI, Mário A. Sofrendo a gramática. In:____. **Sofrendo a gramática**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002, p. 47-56.
- POSSENTI, Sírio. Segunda parte. In:____. **Por que (não) ensinar gramática na escola**.
- PRATA, Mário. **Guarda Chuva**. Disponível em <sitnotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.
- SÃO JOSÉ. **Proposta curricular da Rede Municipal de São José**. Secretaria da educação da prefeitura municipal de São José, Santa Catarina, 2000.
- SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Didáticas: Alfabetização e Letramento - EJA** – São Paulo: SME / DOT, 2008.
- SILVEIRA, Cláudia Regina. **Estudos de Textos, obras de Literatura**. Postmix serviços Editoriais, 2012.
- Site do C. E. M. Maria Iracema Marins de Andrade, disponível em: <http://cemia-sj.vilabol.uol.com.br/historia.html> acesso em 07/09/2011
- SOARES, Magda. **Que professor de português queremos formar?** Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiiisenefil/07.html> . Acesso em 22/09/2011.
- SOALHEIRO, Bárbara. **A ciência de comer bem**. Super Interessante. São Paulo, edição 204, p. 56-65, set/2004.
- TAFNER, Malcon Anderson. **Curso de Nivelamento de Reforma Ortográfica**. SC: Grupo UNIASSELVI, 2011.
- TARANTINO, Monica. **A comida que emagrece**. Isto é. São Paulo, n. 2178, p. 90-96, ano 35.
- TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Linguagens no século XXI: língua portuguesa, 7ª série**: Heloísa HarueTakazaki; ilustradores Reinaldo Aparecido Rosa, Silmara Simone Egg. – 1. Ed. – São Paulo: IBEP, 2002. (Coleção vitória-régia)
- TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. Porto Alegre: L& PM, 1999.
- TERRA, Ernani. **Práticas de linguagem: leitura & produção de textos: ensino médio**: volume único / Ernani e Nicola – São Paulo: Scipione, 2001.

TERRA, Ernani. **Curso Prático de Gramática**. Volume único. São Paulo: Scipione, 2007.

Vários colaboradores. **Pontos de vista: caderno do professor: orientação para produção de textos** / [equipe de produção Egon de Oliveira Rangel, Eliana Gagliardi, Heloísa Amaral]. – São Paulo: Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada)

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Exigências da Vida Moderna**. Disponível em <sitnotadez.net/crônicas> acesso em 29/09/2011.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Desabafo de um bom marido**. Disponível em: <http://mais.uol.com.br/view/e8h4xmy8lnu8/desabafo-de-um-bom--marido---luis-fernando--verissimo-0402356AC4C92326?types=A>

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2010/AZUL_Domingo_GAB.pdf

<http://www.vestibular2012.ufsc.br/index.php?s=anteriores>

